

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Educação**  
**Mestrado Profissional em Educação e Docência – PROMESTRE**

Cleomar Poletto

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM NARRATIVAS ORAIS NO VALE DO**  
**JEQUITINHONHA – MG**

Belo Horizonte

2025

Cleomar Poletto

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM NARRATIVAS ORAIS NO VALE DO  
JEQUITINHONHA – MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação e Docência

**Linha de pesquisa:** Ensino e Humanidades

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Gorete Neto

Belo Horizonte  
2025

P765v  
T Poletto, Cleomar, 1980-  
Variação linguística em narrativas orais no Vale do Jequitinhonha -- MG  
[manuscrito] / Cleomar Poletto. -- Belo Horizonte, 2025.  
285 f. : enc., il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Educação.  
Orientadora: Maria Gorete Neto.  
Bibliografia: f. 141-147.  
Apêndices: f. 148-169.  
Anexos: f. 170-285.

1. Educação -- Teses. 2. Sociolinguística -- Teses. 3. Linguística na  
literatura -- Teses. 4. Comunicação oral -- Teses. 5. Tradição oral -- Teses.  
6. Literatura -- Teses. 7. Jequitinhonha, Rio, Vale (MG e BA) -- Tradição oral -  
- Teses. 8. Jequitinhonha, Rio, Vale (MG e BA) -- Literatura -- Teses.  
I. Título. II. Gorete Neto, Maria, 1973-. III. Universidade Federal de  
Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 306.44

## Página Folha de Aprovação (obrigatório)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FAE - COLEGIADO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO ALUNO CLEOMAR POLETTO

Realizou-se, no dia 27 de março de 2025, às 14 horas, Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 585ª defesa de dissertação, intitulada "*VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM NARRATIVAS ORAIS NO VALE DO JEQUITINHONHA - MG*", apresentada por CLEOMAR POLETTO, número de registro 2023658700, graduado no curso de FILOSOFIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof<sup>ª</sup>(a) Maria Gorete Neto - Orientador(a) (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof<sup>ª</sup>(a) Josiley Francisco de Souza (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof<sup>ª</sup>(a) Sirleine Brandão de Souza (Universidade Federal de Minas Gerais) e Dra. Maria das Dores Pimentel Nogueira (Universidade Federal de Minas Gerais).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada.

Reprovada.

Título do Recurso Educacional: Narrativas em rede.

Relatório:

A banca destaca o rigor na elaboração da pesquisa, do recurso educacional e da apresentação. Destaca-se a relevância para o território do Vale do Jequitinhonha e para a preservação de saberes e memórias. Além disso, o processo de construção da pesquisa e do recurso constituiu-se como uma referência para o Promestre (Mestrado Profissional em Educação e Docência).

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 27 de dezembro de 2024.

Prof<sup>ª</sup>(a) Maria Gorete Neto ( Doutora )

Prof<sup>ª</sup>(a) Josiley Francisco de Souza ( Doutor )

Prof<sup>ª</sup>(a) Sirleine Brandao de Souza ( Doutora )

Maria das Dores Pimentel Nogueira ( Doutora )



Documento assinado eletronicamente por **Sirleine Brandao de Souza, Professora do Magistério Superior**, em 28/03/2025, às 11:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Gorete Neto, Professora do Magistério Superior**, em 28/03/2025, às 12:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Josiley Francisco de Souza, Professor do Magistério Superior**, em 01/04/2025, às 14:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria das Dores Pimentel Nogueira, Técnica em Assuntos Educacionais**, em 02/04/2025, às 11:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 4086023 e o código CRC 899F1B84.

## Dedicatória

*Aos contadores do Vale pela genuína arte  
de narrar. Homens e mulheres guardiões  
da memória.*

## **AGRADECIMENTOS**

A professora Dra. Maria Gorete Neto pela orientação, ensinamentos, confiança, generosidade, leveza e pela liberdade concedida na pesquisa. Agradeço também aos professores que compuseram a banca pelo olhar criterioso sobre o trabalho.

Ao meu filho Augusto P. Poletto, a esposa Bruna Albano e Cauã Albano, que sempre estiveram comigo nesta caminhada.

A amiga Dra. Maria das Dores Pimentel Nogueira, coordenadora do Polo Jequitinhonha UFMG e a professora Dra. Sônia Queiroz, que muito me apoiaram nesta pesquisa. A todos aqueles que se dedicaram a gravar, transcrever as narrativas orais do Vale, especialmente à Vera Lúcia Felício Pereira e Reinaldo Martiniano Marques, pioneiros.

Ao professor Fernando Mencarelli, Pró-reitor de Cultura, pelo apoio.

Aos colegas do Promestre FAE pelos diálogos, partilhas, alegrias vivenciadas durante estes dois anos.

E finalmente, aos amigos que nos trazem alegria e nos dão confiança, especialmente à Anderson Perdigão Faleiro, pela revisão e trocas. A Sérgio Renato Diniz e André Luiz Resende pelas trocas.

*“Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, a margem da língua” (BAGNO, 2008).*

## RESUMO

A presente pesquisa teve como propósito investigar variações linguísticas em narrativas orais gravadas no Vale do Jequitinhonha – MG entre os anos de 1987-1997. O corpus sobre o qual se deu as investigações foi produzido por dois projetos de pesquisa, Literatura Oral e Projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto, que por longos anos se dedicaram a gravar e transcrever contos de ensinamento, magia, encanto, em dez municípios do Vale do Jequitinhonha, distribuídos pelo Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha entre os anos de 1987 a 1997. A pesquisa deu-se a partir dos pressupostos epistemológicos da sociolinguística Laboviana que investiga variedades linguísticas em uso ao lado da variedade norma-padrão. O presente estudo, de natureza sincrônica, buscou evidenciar e sistematizar a variedade em uso na década da pesquisa, tendo por base os registros das narrativas gravadas de 1987-1997. Assim, espera-se ter um panorama da língua em uso na década do estudo. No percurso da pesquisa, de natureza exploratória qualitativa, foi se evidenciando variações na língua em uso. Desta forma, descortinou-se quinze fenômenos recorrentes que foram objetos de investigação e sistematização. Os achados evidenciam fenômenos genuínos daquele território do Vale, contudo, não somente deste. Por ter base epistemológica na sociolinguística, discutiu-se categorias relacionais à língua e fatores extralinguísticos que podem ter contribuído para a configuração da língua do Vale. Por fim, tendo em vista que se trata de um Mestrado Profissional, foi criado um produto educacional, com o nome Narrativas em Rede, que recebeu o conjunto total das narrativas e transcrições. O corpus disponível no site, com mais de 168 mil palavras, está acessível para pesquisas futuras no campo da linguística e da sociolinguística.

**Palavras-chave:** variação linguística; Vale do Jequitinhonha; narrativas orais; Sociolinguística.

## ABSTRACT

The purpose of this research was to investigate linguistic variations in oral narratives recorded in Vale do Jequitinhonha – MG between the years 1987-1997. The corpus on which the investigations took place was produced by two research projects, Oral Literature and Projeto Quem Conta Um Conto Increase Um Ponto which for many years dedicated themselves to recording and transcribing tales of teaching, magic, charm, in ten municipalities of the Jequitinhonha Valley, distributed across the Upper, Middle and Lower Jequitinhonha between the years 1987 to 1997. The research was based on the epistemological assumptions of sociolinguistics Laboviana that investigates linguistic varieties in use alongside the standard variety. The present study, of a synchronic nature, sought to highlight and systematize the variety in use in the decade of research, based on records of recorded narratives from 1987-1997. Thus, we hope to have an overview of the language in use in the decade of study. During the research, which was qualitative and exploratory in nature, variations in the language in use became evident. In this way, fifteen recurring phenomena were discovered that were objects of investigation and systematization that are presented in this dissertation. The findings highlight genuine phenomena in that territory of the Valley, but not only in this one. As it has an epistemological basis in sociolinguistics, categories related to the language and extralinguistic factors that may have contributed to the configuration of the Vale language were discussed. Finally, considering that this is a Professional Master's Degree, an educational product was created, called Narrativas em Rede which received the total set of narratives and transcriptions. The corpus available on the website, with more than 168 thousand words, is accessible for future research in the field of linguistics and sociolinguistics.

**Keywords:** linguistic variation; Jequitinhonha Valley; oral narratives; Sociolinguistics.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fitas e embalagens.....	28
Figura 2: Mapa Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil.....	43
Figura 3: Foto: Monocultura de Eucalipto.....	62
Figura 4: Fitas cassetes e embalagens.....	136

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Contadores por sexo .....	73
Gráfico 2: Distribuição por sexo: Alto Jequitinhonha .....	74
Gráfico 3: Distribuição por sexo: Médio Jequitinhonha.....	75
Gráfico 4: Distribuição por sexo: Baixo Jequitinhonha.....	75
Gráfico 5: Distribuição por sexo e regiões.....	76
Gráfico 6: Contadores com e sem idade.....	77
Gráfico 7: Frequência por faixa etária.....	79
Gráfico 8: Rotacismo.....	112
Gráfico 9: Despalatização.....	115
Gráfico 10: Desnasalização.....	117
Gráfico 11: Desnasalização: pretérito mais-que-perfeito.....	118
Gráfico 12: Perda da consoante final R.....	121
Gráfico 13: Degeneração do gerúndio.....	123
Gráfico 14: Alçamento de vogais.....	125
Gráfico 15: Metaplasmos.....	128
Gráfico 16: Concordância nominal.....	129

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Identificação dos contadores.....	68
Quadro 2: Mediana e moda das idades .....	78
Quadro 3: Frequência de ditongos: norma-padrão e variedade.....	106
Quadro 4: Marcação de concordância verbal.....	110
Quadro 5: Dados alteração pronominal.....	131
Quadro 6: Dados fraseologia.....	132

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>PUC – Minas</b>	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
<b>FAE</b>	Faculdade de Educação da UFMG
<b>UFMG</b>	Universidade Federal de Minas Gerais
<b>Polo</b>	Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha – Polo Jequitinhonha UFMG
<b>CLG</b>	Curso de Linguística Geral

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA</b> .....	21
2.1 O Projeto Literatura Oral.....	23
2.2 O Projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto.....	25
2.3 O percurso da pesquisa .....	26
2.4 A perspectiva variacionista da língua .....	32
2.5 Por que pesquisar variação linguística .....	35
<b>3 A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO VALE DO JEQUITINHONHA</b> .....	39
3.1 O Espaço Geográfico como categoria de análise.....	40
3.2 O ciclo do ouro e das pedras preciosas .....	44
3.3 O sistema se reinventa: crise e novas configurações produtivas no Vale.....	54
3.4 O campesinato e o ciclo desenvolvimentista.....	58
<b>4 O PERFIL DO CONTADOR: CARACTERIZAÇÃO</b> .....	67
4.1 Narradores-contadores por sexo e por região .....	73
4.2 Faixa etária dos narradores-contadores .....	77
<b>5 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA</b>	
<b>VARIACIONISTA</b> .....	81
5.1 Pressupostos e a metodologia da sociolinguística.....	84
5.2 Etapas da pesquisa em Sociolinguística.....	87
5.2.1 A seleção dos informantes .....	88
5.2.2 A Coleta de dados.....	91
5.2.3 O Envelope de Variação.....	93
5.2.4 O Levantamento de hipóteses para explicação do fenômeno.....	94
5.2.5 A Análise de dados.....	96
<b>6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	98
6.1 O universo da pesquisa .....	99
6.2 Do recorte da pesquisa: origem dos dados.....	100
6.3 Codificação e coleta de dados.....	101
6.4 Envelope de Variação e fichas de dados.....	102

<b>7 7 DADOS: ANÁLISES E ACHADOS</b> .....	104
7.1 Fenômeno F1: Apagamento do ditongo.....	104
7.2 Fenômeno F2: Retenção Linguística.....	108
7.3 Fenômeno F3: Marcação de uso singular para concordância verbal: 1 <sup>a</sup> e 3 <sup>a</sup> pessoa do plural.....	109
7.4 Fenômeno F4: Rotacismo.....	112
7.5 Fenômeno F5: Despalatização.....	114
7.6 Fenômeno F6: Desnasalização.....	116
7.7 Fenômeno F7: Nasalização.....	118
7.8 Fenômeno F8: Perda da consoante final R em léxicos verbais e nominais.....	120
7.9 Fenômeno F9: Degeminação do gerúndio.....	122
7.10 Fenômeno F10: Alçamento.....	124
7.11 Fenômeno F11: Metaplasmos: prótese, aférese, paragoge e metátese.....	126
7.12 Fenômeno F12: Marcação de uso plural com concordância nominal no singular.....	128
7.13 Fenômeno F13: Degeneração, S por CH, V por B.....	130
7.14 Fenômeno F14: Alteração pronominal.....	130
7.15 Fenômeno F15: Fraseologia.....	131
<b>8 PRODUTO EDUCACIONAL</b> .....	135
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	138
<b>10 REFERÊNCIAS</b> .....	141
APÊNDICE A – Envelope de variação.....	148
APÊNDICE B – Identificação de contadores .....	150
APÊNDICE C – Ficha apagamento do ditongo .....	152
APÊNDICE D – Ficha retenção Linguística .....	153
APÊNDICE E – Ficha marcação de uso singular para 1 <sup>a</sup> e 3 <sup>a</sup> do plural.....	154
APÊNDICE F – Ficha rotacismo .....	155
APÊNDICE G – Ficha despalatização .....	156
APÊNDICE H – Ficha desnasalização.....	157
APÊNDICE I – Ficha nasalização .....	158
APÊNDICE J – Ficha perda da consoante R em léxicos verbais e nominais.....	159
APÊNDICE K – Ficha degeminação do gerúndio.....	160

APÊNDICE L – Ficha alçamento de vogal .....	161
APÊNDICE M – Ficha metaplasmos.. .....	162
APÊNDICE N – Ficha marcação de plural com concordância no singular.....	163
APÊNDICE O – Ficha degeneração, S por CH, V por B.....	164
APÊNDICE P – Ficha alteração pronominal.....	165
APÊNDICE Q – Ficha fraseologia.....	167
APÊNDICE R – Identificação dos contadores, narrativas, municípios.....	168
ANEXO – Narrativas orais referenciadas no texto.....	170

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada busca analisar e sistematizar variações linguísticas em narrativas orais no Vale do Jequitinhonha – MG. Trata-se de um estudo sincrônico a partir da perspectiva da sociolinguística laboviana que procura a sistematização de variações linguísticas na língua daquele território. As investigações se dão a partir de um conjunto de narrativas orais que foram gravadas em dez municípios do Vale entre os anos de 1987 a 1997 pelos projetos de pesquisa Literatura Oral da PUC – Minas e o projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto, executado na estrutura do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha – Polo Jequitinhonha.

Durante os dez anos de pesquisas no Vale, os projetos citados gravaram em fitas cassetes um total de 255 narrativas de encantamento, magia, causos e lendas. Tal acervo – convertido por este pesquisador para o formato MP3 e disponível no site **Narrativas em Rede**, acesso <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/narrativas-em-rede/>, torna-se um corpus que servirá de base para novas pesquisas e contato com o português típico da região.

Como requisito para conclusão do Mestrado Profissional da Faculdade de Educação da UFMG, foram desenvolvidos esta dissertação e o produto educacional que a integra com o nome de **Narrativas em Rede**. Trata-se de site criado para abrigar os áudios gravados, transcrições<sup>1</sup>, e toda a memória dos projetos, dos contadores e das contadoras. No site **Narrativas em Rede**, profissionais da educação e outros interessados poderão ter acesso à diversidade linguística que envolve o Vale do Jequitinhonha; conhecerão um pouco dos (as) contadores (as) de causos de encanto e magia. A tarefa de criar este site para situar as narrativas é dedicado à memória de homens e mulheres que mantêm viva a riqueza da tradição oral.

Das 255 narrativas convertidas em MP3 e disponíveis no produto educacional **Narrativas em Rede**, 200 narrativas foram transcritas pelo projeto Quem Conta Um

---

1 A transcrição pode ser conceituada como técnica de escrita da fala. Tudo que é falado é transformado em palavras fielmente, sem acréscimos, recortes ou supressões. Procura-se por meio de recursos aproximar ao máximo a escrita da fala. Por exemplo, para expressar dúvidas, silêncios, hesitações num processo de transcrição usa-se reticências... risos devem ser identificados com a palavra (risos) entre parênteses.

Conto Aumenta Um Ponto e estão disponíveis na página. Destaca-se, de antemão, que as transcrições realizadas pelo projeto Quem Conta Um Conto se deram a partir dos pressupostos da sociolinguística que busca capturar e preservar a naturalidade da fala. Assim, as transcrições constituem-se em um acervo sociolinguístico de grande valor para pesquisas nesta perspectiva.

Debruçando-se sobre os áudios e as transcrições, chegou-se à conclusão que o corpus das narrativas tem mais de 168 mil palavras. O registro da fala materializada nas transcrições possibilitou um panorama da língua tal qual veiculada e registrada nos anos de gravação.

Tendo em vista o grande volume do corpus, a presente dissertação deu-se a partir de um corpus de 50 narrativas orais em áudio e suas respectivas transcrições. O recorte abarca a totalidade dos contadores identificados, 50 no total, com uma narrativa por contador, englobando dez municípios do Vale do Jequitinhonha, distribuídos pelas regiões do Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha. O recorte realizado indica que a pesquisa se deu num corpus que soma mais de 43 mil palavras, o que é considerado uma amostra razoável para pesquisas em sociolinguística. A análise indicou fenômenos linguísticos típicos da região pesquisada.

O todo desta dissertação se constitui de oito capítulos, incluso nestes a introdução como capítulo I e o produto educacional como capítulo VIII. Destaca-se que o Programa de Pós-Graduação Educação e Docência – PROMESTRE / FAE / UFMG, tem como requisito para a obtenção do título de mestre, a elaboração da dissertação e do produto educacional.

O capítulo II sistematiza como se deu a pesquisa empreendida pelos projetos Literatura Oral e pelo projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto em municípios do Alto, Médio e Baixo Vale do Jequitinhonha de 1987 a 1997. Em síntese, os projetos conseguiram inventariar e gravar um total de 255 narrativas orais, que podem ser tipificadas por contos de encantamento, ensinamento, magia, causos e lendas, que estão identificados por contadores, por município, por data de gravação. Destas 255 narrativas gravadas, duzentas (200) foram transcritas pelo projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto. Deste produto surge **Narrativas em Rede** agora disponibilizado no site <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/narrativas-em-rede/>.

No capítulo III descrevemos o território do Vale do Jequitinhonha e sua conformação histórica, pois entende-se que são indissociáveis categorias como língua e sociedade. Neste capítulo tentamos assinalar, sobretudo para os adeptos da sociolinguística, a ideia segundo a qual os fatores sociolinguísticos, culturais, históricos, são passíveis de influir mudança no curso da língua. Por isso, trabalhamos a conformação histórica do Vale a partir de três movimentos socioeconômicos distintos, a saber: a) as primeiras Entradas e as Bandeiras; b) a descoberta do ouro e das pedras preciosas, principalmente em Diamantina e, por fim, c) a expansão das fronteiras agrícolas, já no século XX, no início dos anos 60.

O capítulo IV tornou-se um refinamento do capítulo II, visto que se buscou a caracterização do contador, a idade, a profissão, o modo de vida, tarefa até então não empreendida nem pelos projetos nem por pesquisadores que se debruçaram sobre o corpus, uma lacuna de pesquisa que procuramos preencher neste trabalho, de maneira não exaustiva. Para Tarallo (2000) tal tarefa torna-se essencial, visto que “fatores condicionadores” são chaves para descrição de variedades linguísticas. Pontuam-se, desde então, os desafios postos à tarefa de caracterizar o contador sem diminuir sua significância e importância.

No capítulo V explanou-se os pressupostos metodológicos da sociolinguística variacionista e etapas da pesquisa nesta perspectiva.

O capítulo VI apresenta os procedimentos da pesquisa realizada, bem como sua base epistemológica de natureza qualitativa. Apresentamos o recorte de estudo, seus processos, métodos, a descrição de fenômenos linguísticos que estão sob análise. Assim, a pesquisa foi desenvolvida em 50 narrativas, de 50 contadores que estão distribuídos pelas três regiões do Vale do Jequitinhonha em 10 municípios distintos. A amostra tem mais de 43 mil palavras e a análise da variação linguística teve áudio e transcrições analisadas simultaneamente.

O capítulo VII apresenta os fenômenos pesquisados, sendo 15 ao total. E, por fim, o capítulo VIII dedica-se a apresentar o produto educacional, Narrativas em Rede.

Destacou-se como objetivo geral desta pesquisa sistematizar variações linguísticas em narrativas orais no Vale do Jequitinhonha, a partir da sociolinguística variacionista, visando um panorama da língua no Vale de 1987-1997. Alinhado à

perspectiva geral, estabeleceu-se como meta converter as narrativas orais, que estavam em fita cassete, para o formato MP3 e criar um site para que as narrativas transcritas e os áudios possam ser armazenados e disponibilizados para professores, alunos e profissionais da educação, tendo em vista que o formato MP3 permite o acesso por meio de tecnologias móveis e computadores.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Minha primeira ida ao Vale do Jequitinhonha se deu no ano de 2000. Fui<sup>2</sup> na condição de um jovem, cristão-católico que acreditava que tinha algo a ensinar sobre fé, religião, ritos. Após alguns dias no município, minha cabeça começou transformar-se. O que sabia vinha de livros e de algumas leituras. Essa minha ideia etnocêntrica, de quem sai do seu território, acreditando que pode ensinar, transmitir algo para o povo, vem, penso, da imaturidade juvenil, de quem acredita que o conhecimento se forma e se consolida na academia.

Contudo, quis a sabedoria popular do povo do Vale me demonstrar em poucos dias que eu nada sabia. Ali, numa comunidade do interior de Minas Novas, vivenciei na Páscoa o que era a partilha, a multiplicação de pães e peixes. Numa comunidade formada majoritariamente por idosos, crianças e mulheres, e alguns homens adultos, pois estes saíam para trabalhar nas culturas de café e cana-de-açúcar em outras partes de Minas Gerais e São Paulo, experimentei que menos é mais e que pouco é muito. O pouco de muitos pode ser muito para todos. Descobri que naquelas terras existiam “viúvas de maridos vivos”, expressão popular para designar o êxodo rural muito comum no Vale do Jequitinhonha, fenômeno antigo na região, e ainda presente, deixando cidades esvaziadas e casas abandonadas nas zonas rurais e às margens das rodovias que cortam a região.

O tempo foi passando. Entre idas e vindas ao Vale, nos anos que se sucederam, seja a passeio ou a trabalho como técnico-administrativo servidor da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, fui compreendendo que o Vale é um centro irradiador de cultura, de arte, de “sabença”. A persistência histórica das dicotomias (riqueza x pobreza) contrasta com a vasta produção cultural existente neste território. Alguns nomes muito contribuíram com a produção cultural da região: músicos como Paulinho Pedra Azul, Tadeu Franco, Pereira da Viola, Rubinho do Vale, os versos de roda dos Trovadores do Vale, fundado por Frei Chico (in memoriam); artistas artesãos como Ulisses Pereira, Lira Marques, Ulisses Mendes,

---

2 Quando me coloco na dissertação como alguém que experiencia vivências ou fatos, coloco-me deliberadamente na primeira pessoa do discurso, por entender que tal linguagem aproxima leitor e pesquisador, agregando maior afetividade ao texto e à dissertação. Entende-se que tal escrita não reduz a importância do trabalho e nem conflita com padrões acadêmicos de escrita.

Josefa Alves dos Reis (Zefa), Mestra Dona Pretinha de Itaobim, João Alves, Armando Pereira Ribeiro, mestres (as) como Noemisa Batista, Mestre Antônio, Mestra Zezinha, Mestra Dona Isabel e tantos outros.

No campo ainda desta vasta produção cultural, ganha destaque a oralidade, as narrativas orais que são transmitidas de geração em geração entre contadores do Vale. Tais narrativas, gravadas, documentadas entre 1987 a 1997 e transcritas por inúmeros pesquisadores serão objeto de análise nesta dissertação, a partir da sociolinguística variacionista. Nas páginas subseqüentes explicarei quando e quem as gravou e qual recorte usamos nesta pesquisa, tendo em vista que se trata de um conjunto bem grande de narrativas, que podem ser tipificadas como contos, causos e lendas.

Nos dizeres de Pereira (1996),

O conto maravilhoso, há séculos transmitidos oralmente, exerce uma função social. Seu enredo oferece conselhos, auxílios, e preenchendo carências satisfaz expectativas dos que leem e dos que não leem [...] e deixa entrever aos ouvintes e leitores formas mais satisfatórias de vida e o modo de alcançá-las (PEREIRA, 1996, p. 51).

Segundo Benjamin (1985, p. 200), o “conselho” - referindo-se às mensagens transmitidas pelas narrativas orais - “tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria”. O que é falado é tecido, é construído, é vivido. Nas palavras dos narradores pesquisados no Vale é comum encontrar no início ou no fim das narrativas as máximas: “falo porque vi, falo porque experimentei, é verdade, aconteceu mesmo”.

Walter Benjamin considera que “a arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção”<sup>3</sup>. Esse processo vem de muito longe. “Nada seria mais tolo que ver nele um sintoma de decadência ou uma característica moderna” (BENJAMIN, 1985, p. 201).

Benjamin (1985, p.198), em *O Narrador*, descreve dois tipos arcaicos de narradores que metaforicamente prospectam os demais: o narrador-viajante - “quem viaja tem muito a contar” - metaforicamente associado a figura do marinheiro

---

3 Esse processo que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo, que é vivido, baseado na experiência, vem ocorrendo ao longo do tempo com a evolução secular de forças produtivas e de inventos. O surgimento do romance, segundo Benjamin, e a invenção da imprensa é o primeiro indício da morte das narrativas no início do período moderno.

comerciante e o narrador camponês sedentário, que vive da terra, que tem raízes e histórias no seu território. Por semelhança, ao se analisar o conjunto dos narradores, dos contadores de contos e causos que nos propomos à análise, a metáfora de Benjamin se conforma muito bem aos contadores do Vale do Jequitinhonha. Tem-se o narrador-viajante, que vai para São Paulo e outras regiões de Minas e traz o saber do outro; e o narrador-artesão, que preservando casos, tradições das comunidades, por meio da narrativa mágica, do conto maravilhoso, é um guia nas orientações, dá conselhos, projeta modos de se viver, de realizar os sonhos, de interpretar o futuro e viver o presente. Esses narradores não estão em oposição, mas se complementam:

Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, foram os artífices que aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário (BENJAMIN, 1985, p. 199).

As narrativas aos quais nos referimos compõem um corpus de 255 narrativas orais que foram gravadas em dez anos de pesquisa, de 1987 a 1997, a muitas mãos, respectivamente pelos projetos Literatura Oral e pelo projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto, em municípios do Alto, Médio e Baixo Vale do Jequitinhonha, com inúmeros contadores de causos.

## **2.1 Projeto Literatura Oral**

O projeto Literatura Oral no Vale do Jequitinhonha foi desenvolvido pela professora Vera Lúcia Felício Pereira, pelo professor Reinaldo Martiniano Marques e por estudantes bolsistas, entre os anos de 1987 a 1990. Contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-Minas. A pesquisa, de acordo com Pereira (1996, p. 18), “consistiu na primeira fase, em ganhar a aquiescência” dos contadores-narradores para “depois conversar com eles e poder ouvi-los”. De acordo com a autora, tomavam-se notas, gravavam-se e faziam-se os registros, “somente com o consentimento destes e se isso não os desagradasse” (PEREIRA, 1996, p. 18).

Marques e Pereira (1988), em artigo conjunto publicado no periódico o Eixo e a Roda, reiteram que as gravações sucederam-se a momentos anteriores de contatos prévios.

Numa primeira etapa dos trabalhos de campo, já realizada, procuramos localizar informantes – os contadores de contos, casos e histórias. Empenhamo-nos em estabelecer com eles uma relação de confiança. Cumprida essa primeira etapa, mais de contatos, de conhecimento de campo, de entrosamento com lideranças, estamos entrando numa fase mais efetiva e objetiva de coleta do material (MARQUES; PEREIRA, 1988, p.174).

Tal artigo detalha os objetivos e metas da pesquisa sobre Literatura Oral no Vale do Jequitinhonha. Segundo Marques e Pereira (1988, p.173), “trata-se de uma pesquisa sobre a literatura popular do Vale, empenhada na recolha e análise de contos, casos, histórias e lendas da região”. Envolve, segundo os pesquisadores, o problema da memória. Para os autores, a pesquisa tem por justificativa a intensa e relevante produção cultural na cultura popular do Vale do Jequitinhonha; a preservação da identidade cultural da região; e a criação de uma relação mais efetiva entre sociedade e universidade (MARQUES; PEREIRA, 1988, p. 173-174).

O projeto, de acordo com os autores, objetivava identificar contos no Jequitinhonha; caracterizar o processo de produção, circulação e recepção; determinar as recorrências temáticas e as preocupações formais nela presentes e divulgar a literatura popular do Vale, partindo inicialmente em cinco municípios, Diamantina, Serro, Minas Novas, Turmalina e Araçuaí e posteriormente para outras cidades (MARQUES; PEREIRA, 1988).

Quando me pus a ouvir fita por fita para a realização da presente dissertação percebi a presença constante de Vera Lúcia Felício Pereira e Reinaldo Martiniano Marques no inventário das narrativas orais que foram gravadas nos municípios em questão entre os anos de 1987, início do projeto Literatura Oral, e 1990, fim das gravações em campo desse projeto.

Das análises que empreendi foi possível constatar que os dois pesquisadores gravaram o total de 177 narrativas orais. Foi observada a constante presença destes nas gravações, seja diretamente dialogando com os contadores ou rindo de suas narrativas, juntos em cena, gravando e dialogando. Isso significa que juntos gravaram 69,4% das narrativas e posteriormente o projeto “Quem Conta Um Conto

Aumenta Um Ponto” gravou de 1995 a 1997 o total de 78 narrativas orais, o que corresponde a 30,6% do total de 255. Ainda sobre o projeto Literatura Oral, este conseguiu inventariar narrativas em nove municípios, no Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha. No Alto, Capelinha, Diamantina, Itamarandiba, Minas Novas, Serro, Turmalina. No Médio, Araçuaí e Chapada do Norte. No Baixo Jequitinhonha, o município de Rubim.

O projeto Quem Conta Um Conto inventariou em Araçuaí, Minas Novas e Turmalina. Expandiu a pesquisa também para Jenipapo de Minas e Malacacheta. Ressalta-se que Malacacheta pertence ao Vale do Mucuri. Faz divisa com o Vale do Jequitinhonha pelo município de Angelândia. As narrativas de Malacacheta não serão analisados pela perspectiva da Variação Linguística, pois a cidade não pertence ao território do recorte da pesquisa, que se dá no Vale do Jequitinhonha. No entanto, objetivando salvaguardar este rico patrimônio oral, narrativas e contadores compõem o produto educacional que foi elaborado, pois entendemos que este patrimônio linguístico deve ser registrado e disponibilizado por meio do sítio que foi criado.

## **2.2 Projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto**

De acordo com o Boletim da UFMG nº 1321, do ano de 2001, o Projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto, foi criado no ano de 1995, pela professora Sônia Queiroz, da faculdade de Letras da UFMG. Contou durante todo o período com financiamento da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG – PROEX. Sua execução se deu dentro do escopo do programa Polo Jequitinhonha, que visa articular iniciativas de desenvolvimento regional para integrar universidade e comunidades do Vale.

Existente desde 1996, o Polo Jequitinhonha desenvolve inúmeros projetos e em diferentes áreas como educação, meio ambiente, geração de renda, direitos humanos, direitos das mulheres, preservação e gestão das águas, valorização e desenvolvimento da cultura regional, artesanato, música, canto, dança e literatura oral, entre outros.

O projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto gravou de 1995 a 1997

o total de 78 novas narrativas orais em Araçuaí, Minas Novas e Turmalina. Expandiu a pesquisa para Jenipapo de Minas e Malacacheta, municípios que o projeto Literatura Oral não havia pesquisado de 1987 a 1990. Convém frisar que antes de iniciar novas gravações, o Projeto Quem Conta Um Conto recepcionou as 177 narrativas gravadas pelo projeto Literatura Oral. Estas foram doadas à UFMG pelos professores da PUC-Minas, professora Vera Lúcia Felício Pereira e pelo professor Reinaldo Martiniano Marques que se tornou professor da UFMG posteriormente.

Assim, atuando em 10 anos de pesquisas, de 1987 a 1997, os projetos Literatura Oral e o Quem Conta Um Conto conseguiram gravar um total de 255 narrativas orais, que podem ser tipificadas como contos de encantamento, ensinamento, magia, causos e lendas que estão identificados por contadores, por município, por data de gravação, sendo que 200 (duzentas) narrativas foram transcritas pelo Projeto Quem Conta Um Conto e se encontram no site Narrativas em Rede, <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/narrativas-em-rede/>, que é o produto educacional da dissertação.

Como o escopo do Mestrado Profissional em Educação e Docência da FAE / UFMG envolve esta dissertação e um produto educativo, as narrativas foram convertidas por este pesquisador para o formato MP3, cuja finalidade é salvaguardá-las, e ao mesmo tempo, possibilitar sua socialização, podendo ser acessadas de qualquer lugar do Brasil ou de outros países para eventuais usos educativos.

Se ao projeto Literatura Oral coube gravar 69,4% das narrativas, coube ao projeto Quem Conta Um Conto ampliar a busca por novos contadores, novas narrativas e transcrevê-las. Das transcrições, surgiram inúmeros trabalhos publicados, que falaremos um pouco no decorrer da dissertação.

### **2.3 O percurso da pesquisa.**

O início da pesquisa exploratória nas narrativas orais do Vale se deu de forma peculiar. O primeiro contato foi um encontro casual. Diga-se acidental. Deu-se no início de 2019. Peculiar, casual, acidental, eureka foi de fato localizar 57 fitas

cassetes em um depósito que pertence atualmente à Pró-Reitoria de Cultura<sup>4</sup> da UFMG – PROCULT unidade ao qual estou vinculado como servidor da Universidade.

A localização destas fitas ocorreu quando eu organizava um dos depósitos que são utilizados pela pró-reitoria para guardar diversos materiais usados em eventos como Festival de Inverno, Festival Verão, Feiras do Vale do Jequitinhonha, Exposições, etc. As fitas encontravam-se no meio de um cenário de riscos físicos, químicos e biológicos. Junto com ferramentas (martelo, marreta, alicate, furadeira, serrotes, prensa, ceguetas); mobiliários (cadeiras, mesas, tablados para montagem de palco e exposições), fios, extensões, tomadas (para instalações elétricas em eventos e em feiras) tintas, solventes, vernizes, xadrez, e outras substâncias utilizadas em eventos.

Apesar deste cenário ruim de riscos físicos, químicos e biológicos, observa-se que estas encontravam-se acondicionadas dentro de uma caixa plástica – de uso de hortifrúti – misturadas à miudezas, em embalagens fechadas, salvaguardadas de alguns riscos como os físicos (poeiras, luz, sol), pois estavam protegidas nestas embalagens de capa preta plástica que lhes garantiram a integridade física e a preservação do conteúdo, conforme pode-se observar na imagem abaixo.

---

4 Em 2019 ainda não existia a A Pró-reitoria de Cultura. As ações, hoje desta Pró-Reitoria, eram realizadas pela Diretoria de Ação Cultural da UFMG.

**Figura 1 – Fitas e embalagem**



Fonte: elaborado pelo autor.

De início não me dei conta do que acabara de localizar, somente depois de alguns minutos percebi que era um inventário de narrativas orais. Pensei que fosse produto de alguma oficina do Festival de Inverno ou do Festival de Verão organizados pela Diretoria de Ação Cultural da UFMG. Mas, logo tomei consciência de que eram as narrativas do Projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto, aquelas que diretamente inventariou no Vale e as que recepcionou do projeto Literatura Oral. Tratava-se de 40 fitas cassetes que contêm as gravações das narrativas feitas pelo Projeto Literatura Oral de 1987 a 1990 e de 17 fitas cassetes gravadas pelo Projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto de 1995 a 1997, conforme imagem acima.

Posterior à localização das fitas ainda em 2019, este pesquisador deu início a

uma pesquisa exploratória das narrativas orais<sup>5</sup>, primeiramente com aquelas que foram utilizadas em algumas publicações do Polo Jequitinhonha, como os livros: *7 histórias de encanto e magia (livro e CD)* de Queiroz et al (1999); *No tempo em que os bichos falavam (livro e CD)*, de Queiroz et al (2009); e outras obras que direta ou indiretamente tiveram como substrato de pesquisa as narrativas orais gravadas e transcritas pelo Polo Jequitinhonha, como a de Antunes e Ferraz (2013), intitulada *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha*; e de Souza (2014), audiolivro *Negros pelo Vale*.

No início de 2022, com retorno ao trabalho presencial pós-pandemia, com grande incentivo da coordenadora do Polo Jequitinhonha desde sua criação, Dra. Maria das Dores Pimentel Nogueira e com apoio da professora Dra. Sônia Queiroz, que coordenou o projeto Quem Conta Um Conto, lancei-me à leitura das 200 narrativas transcritas, pesquisei o catálogo e coloquei-me à escuta dos áudios.

Dos 255 áudios que agora compõem o produto educacional, havia apenas 49 narrativas disponíveis em formato MP3 e acessíveis para consulta e/ou pesquisa. Pode-se citar os 35 contos que foram trabalhados por Souza (2014) no audiolivro *Negros pelo Vale*, gerando uma análise descritiva do papel e identidade do negro no território. Souza (2014) considera que:

Com suas contribuições culturais, o negro transformou-se em um personagem de grande relevância no Vale do Jequitinhonha, percorrendo vozes que preservam viva a arte milenar de contar histórias. Por meio dessa arte, memória, saberes e experiências são entrelaçados num tecido de narrativa que se transmitem por gerações de boca a ouvido (SOUZA, 2014, p. 18).

De acordo com Souza (2014), nas 35 narrativas pesquisadas, na maioria o negro aparece como escravizado, condição que marcou sua entrada no Vale. Em outras, apesar de não aparecer como escravizado, o negro é situado em uma posição inferior na hierarquia social, sendo visto em algumas sob um ângulo estereotipado.

Das narrativas que estavam disponíveis em formato MP3, havia outras 14 narrativas, sendo sete (07) que foram gravadas e estão disponíveis em CD anexo ao

<sup>5</sup> Inicialmente a pesquisa se deu nas narrativas de acesso público que se encontravam disponíveis em sites, cds e em livros que foram publicadas.

livro *No tempo em que os bichos falavam* e sete faixas do CD anexo ao livro *7 histórias de encanto e magia*, ambos publicados pelo Polo Jequitinhonha UFMG.

O livro *7 histórias de encanto e magia* apresenta o conto transcrito na íntegra, os áudios e ao mesmo tempo os contos são recriados na perspectiva da transcrição<sup>6</sup>. Já o livro *No tempo em que os bichos falavam* preserva a transcrição na íntegra, procurando ser fiel aos áudios, desenvolve a transcrição dos contos para o padrão culto da língua, além de apresentar todo o léxico encontrado. Pontua-se que as duas publicações trabalham com os pressupostos da sociolinguística, que tem como objetivo preservar as marcas da oralidade.

Antunes et al (2009) publica *Recontos do Jequitinhonha e alhures*. Desenvolve com outros autores a transcrição e reescrita de 15 contos gravados pelo projeto Literatura Oral. Faz readaptações aos contos originais. Cria novos personagens, novos enredos, novos contadores, novas histórias em novos tempos.

Outro trabalho que surgiu a partir dos contos do projeto foi a publicação de Antunes e Ferraz (2013), *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha*. A autora, junto com colaboradores, registra dos corpora de referência uma nomenclatura de mais de 1.000 unidades léxicas, sendo um número considerável de verbetes para representar a lexicografia regional. A obra registra a lexicografia da cultura oral no Vale. Envolve conhecimentos linguísticos, históricos e sociais. Segundo Maria Cândida Trindade Costa Seabra prefaciadora de Antunes e Ferraz (2013, p. 11) a produção da obra “dá existência escritural à fala”.

Cite-se ainda os trabalhos de Souza (2006): *Pedro Braga: uma voz no Vau* que foi contador gravado e documentado pelo projeto Quem Conta um Conto Aumenta Um Ponto; e ainda em Souza (2012, p. 84), especificamente a história do pai Jacarandá e Pai Urubu, também gravadas e transcritas.

O contato com os áudios, as transcrições, as publicações de Pereira (1996);

---

6 Diferentemente da transcrição que procura preservar na escrita todas as marcas da oralidade, portanto preservando a estilística própria do narrador, a transcrição envolve outros processos. Ela pode preservar também na escrita as marcas da oralidade, mas como também pode ir além, adaptando a narrativa oral, a fala para outro padrão linguístico, alterando assim, a estilística do narrador. Pode, por exemplo, transitar para a variante norma-padrão da língua, preservando o enredo do conto-narração; como também pode criar personagens, adaptar a narrativa para outros tempos, lugares e situações. Enquanto a transcrição busca preservar a fala, a transcrição explora a criatividade a partir de um enredo existente na narrativa, alterando-o, adaptando-o, expandindo-o. Quem quiser aprofundar no assunto ver: CAMPOS, Haroldo. Transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2013.

Souza (2006, 2012, 2014); Queiroz et al (1999); Queiroz et al (2009); Antunes e al (2009); Antunes e Ferraz (2013), Campos et al (1998) conduziu-me às seguintes conclusões:

- a) Os projetos Literatura Oral e Quem Conta Um Conto produziu no Vale, em determinados municípios, com um número específico de narradores, um corpus de narrativas que é composto por áudios;
- b) Diferentes atores começam a pesquisar as narrativas, transcrevem, transcrevem contos, os adaptam à língua padrão. As narrativas transcritas tornam-se objetos de dissertações. Materializam-se em livros, CDs, dicionário de verbetes e léxicos. Desta forma, passa-se do estágio de corpus para um corpora, servindo de base para diversas pesquisas.

Posto isso, nesta pesquisa investigaremos, sob a perspectiva da sociolinguística, variações linguísticas produtivas na língua do Vale, tendo os áudios e as transcrições como objeto de estudo.

No presente trabalho, essa dissertação se propõe a demonstrar a ocorrência de alguns fenômenos linguísticos. Assim, pode ser perguntado: por que se atribui à variedade de prestígio maior privilégio em detrimento a outras variedades produzidas? Por que atribui-se valor à variedade de prestígio e preconceito à variedade como o dialetal caipira? Para responder a tais questões nos apropriaremos das contribuições epistemológicas da sociolinguística e trabalharemos com a perspectiva variacionista.

## 2.4 A perspectiva variacionista da língua

Segundo Antunes e Ferraz (2013), para descrever possibilidades de variação linguística, faz-se necessário ter ao menos dois parâmetros básicos por meio dos quais a variante linguística pode ser descrita: a) parâmetro geográfico e b) social.

O geográfico diz respeito à localidade, ao território, ao lugar<sup>7</sup>. No caso deste projeto, diz respeito a 10 municípios onde ocorreram as gravações de 1987 a 1997, totalizando o corpus oral convertido em MP3 e o conjunto de 200 narrativas transcritas.

O social, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores referentes à identidade dos falantes e à organização da comunidade que fala, aí envolvendo escolaridade, acesso à leitura / escrita, isolamento social, redes sociais, grupos homogêneos, heterogêneos e outros.

Bagno (2012), na obra *a Língua de Eulália*, defende que “toda língua varia”. Além de variar por questões geográficas, varia por questões do tempo. A mudança no tempo chama-se “mudança diacrônica”, a variação pelo critério geográfico, chama-se “variação diatópica” (BAGNO, 2012, p.22).

Partindo do princípio de que a língua varia, ainda de forma exploratória, foi realizada uma análise em alguns contos dentre os transcritos e foi possível perceber processos como: **perda do dígrafo** / lh / com pronúncia de semivogal / i /: ex: trabaivava, (trabalhava) trabaio (trabalho), muie, (mulher), paia (palha), caoio (caolho); **perda consoante final** / r / em morfemas (verbais ou nominais), com alteração fonética ao final: labutá (labutar), amô (amor), vendê (vender), comê (comer); **supressão da consoante** / d / do gerúndio: ex: ele foi ino, foi ino, ino... ai, tropeçô e foi caino, caino... sua ropa caiu tudo, dispois foi pono tudo no sacco; **vocalização**, transformação do fonema consonantal em vocálico: ex: córrego para coigo; **desnasalização**, transformação de fonema nasal em oral: ex: bestagem, (bestage), homem (home), garagem (garage), coragem (corage).

Essa análise inicial apontou para outros tantos fenômenos que merecem ser tratados a partir da sociolinguística, uma vez que tal corpus ainda não recebeu um

---

<sup>7</sup> O aspecto territorial e social serão desenvolvidos no CAPÍTULO III onde será detalhado o território e as implicações indissociáveis da cultura, língua, história e território.

tratamento de dados nesta perspectiva. A constatação da variação como posta acima provoca inquietações: por que convencionou-se chamar de erro fenômenos de variações criativas como os constatados acima? Será que aqueles que criticam o estilo e as variações percebem que dentro desse processo pode ou não existir um padrão ordenado de variações? Isso é ensinado nas aulas de literatura nas escolas ou simplesmente são tratados como erros nos processos fonéticos, semânticos e sintáticos? Por que é importante discutir isso nas escolas? Por que não se ensina o que é dígrafo a partir do fenômeno da perda do dígrafo como constatado em trabalho (por trabalho) muié (por mulher), paia (por palha)? Por que não se discute o que é consoante a partir da perda final do / r / em morfemas, com inclusive, alteração fonética de palavras como labutá (por labutar), vendê (por vender), comê (por comer)?

Tais questões nos remetem a Bagno (2003). Para o autor, a chamada norma culta é mais um processo imaginário que real, é antes de tudo, um processo de construção social que envolve poder, saber. O autor defende a variação. Afirma que esta se dá em todas as variedades, inclusive nas variedades de prestígio. Certos julgamentos que se fazem sobre determinada variedade têm suas origens nas relações de poder e preconceito. A norma culta é, nesta lógica, usada para reforçar relações de saber-poder.

Para Gnerre (2009), as relações de poder se estabelecem via linguagem num contexto de fala, pois a linguagem na comunicação não tem apenas a função de veicular informação, mas também para comunicar ao ouvinte a posição que ocupa na sociedade a pessoa que fala. Assim, as produções linguísticas e suas variedades adquirem valor ao se realizar num contexto social e cultural apropriado. Tal pensamento pode ser explicitado pelas ideias de Gnerre (2009, p. 7) em que “uma variedade linguística vale o que valem na sociedade os seus falantes, isto é, como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

Para Foucault (1986), tudo se manifesta por meio de práticas discursivas e essas práticas estão relacionadas a relações de poder. Na lógica foucaultiana o discurso ultrapassa a simples relação “palavra coisa”, indo para além da mera utilização de letras, palavras, frases. As articulações discursivas devem ser concebidas como uma prática discursiva com regularidade intrínseca a si mesma,

que põe em funcionamento outras práticas discursivas.

De acordo com Foucault (1986, p. 32) “o enunciado é sempre um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”. Ainda para o autor, ele é “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que estas apareçam com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 1986, p. 99).

Pereira e Marques (1988) afirmam que existe uma contradição “linguística assentada na oposição entre língua oral e língua escrita”. Enquanto a primeira pertence aos estratos populares e é destituída de prestígio, a segunda é expressão de segmentos dominantes, “dotada de prestígio, valorizada pela escola, constituindo-se em meio de ascensão de classe”. Assim, a solução encontrada para a contradição linguística passa pelo

Privilégio concedido à escrita, em detrimento da língua oral, nada mais que uma forma de assegurar os privilégios da classe e cultura dominantes, impedindo que a maioria dos falantes veja reconhecido e valorizado o seu projeto linguístico (PEREIRA; MARQUES, 1988, p. 175).

Gnerre (2009) reitera tal pensamento ao considerar que a afirmação de uma variedade sobre as outras se dá pela sua associação à escrita, e conseqüentemente, sua transformação em uma variedade usada na transmissão de informações de ordem política e cultural. Considera o autor que a diferenciação política parece ser fundamental para a diferenciação linguística, tendo em vista que as línguas europeias começaram a ser veiculadas dentro de círculos limitados de poder, em cortes de nobres, de príncipes, de bispos, de reis e imperadores.

Ainda para Gnerre (2009), umas das formas de manter, acessar ou restringir os círculos do poder é por meio da linguagem. Segundo o autor, foi somente no começo da expansão colonial, fim do século XV, que Portugal e Espanha começaram a tradição de sistematizar suas línguas e a afirmação de suas variedades linguísticas era – no caso destas nações – uma dupla afirmação de poder.

Em termos internos, em relação a outras variedades linguísticas usadas na época que eram quase que automaticamente reduzidas a dialetos e, em termos externos, em relação às línguas dos povos que ficavam na área de

influência colonial (GNERRE, 2009, p. 13).

Desta forma, registrar e sistematizar variedades linguísticas se torna importante, considerando que instituições e organizações tendem a veicular, por meio do ensino e de meios de comunicação, variedades de prestígio, o que pode gerar homogeneização e padronização da língua à variedade “cultura”, pois, de acordo com Camacho (2008) como os detentores da variedade de prestígio controlam o poder político das instituições, que emana das relações econômicas e sociais, são também detentores da autoridade de vincular a língua à variedade que empregam.

Bagno (2012, p.122) emprega, por analogia, conceitos da física para explicar os movimentos e alterações da língua. Diz o autor que a “língua tem forças internas que impulsionam mudanças, forças centrífugas” que fazem a linguagem fugir do agenciamento, do controle e do modelo padrão. Contudo, há também forças “centrípetas” que agem sobre a língua, “puxando-a para o centro”. Assim, há instituições sociais, escolas, igrejas, associações “que de maneira explícita ou não, oficial ou não, tentam impor algum controle sobre o destino do idioma”.

Desta forma, ao se assumir mudanças, há que se observar quais as forças que impulsionam as mudanças e quais variantes estão agindo para alterar a língua.

## **2.5 Por que pesquisar variação linguística**

Nasci em 1980, numa comunidade rural no interior do Estado do Espírito Santo. O que mais me encantava era o encontro de idosos (pai, tios, tios-avôs) adultos, jovens e crianças, reunidos para prostrar, contar casos e contos. Falava-se das colheitas, do tempo dos mutirões comunitários para plantar, limpar e colher. No meio das prosas surgiam contos e causos, longos, contados lentamente, com recursos infinitos da estilística, da semiótica, poéticos. Cheios de recursos de linguagem. A oralidade era uma base de transmissão de conhecimento e de práticas sociais na região. A oralidade carregava naquele contexto, inúmeras variedades linguísticas. No meio delas cresci e tornei-me adolescente e no meio destas cresci e vivi.

Aos 17 anos, analfabeto funcional, lia e não compreendia. Resolvi retomar os

estudos. Era o ano de 1997, com muita raiva e decepção com a cadeia produtiva ao qual estavam submetidos os produtores rurais, abandonei o ofício em maio. Num estouro de raiva, frustração e falta de perspectiva, lancei gropa abaixo, uma plantadeira de feijão. E naquele maio frio, resolvi retomar os estudos, consciente de que não entendia o que lia, que não sabia escrever. Fui à cidade e matriculei-me no supletivo na 5ª série e no supletivo concluí o ensino médio no ano de 2000, com posterior ingresso em 2001 no curso de filosofia na PUC-Minas, seguidos de especializações e início de trabalho na Prefeitura de Belo Horizonte e em 2013 na UFMG.

Nesse percurso, sucintamente resumido, cheio de lapsos históricos, aprendi algumas coisas, o suficiente para mudar um pouco meu modo de falar. Aprendi, depois da zombaria dos “letrados” a transitar entre a estilística dos “nóis fomu” para nós fomos; do “nóis come” para nós comemos. Aprendi na marra e com dor, porque dói sofrer preconceito linguístico. Aprendi que se diz “liga a bomba” e não “aliga a bomba”. Eu, no meu mundo, “aligava tudo” e funcionava: aligava a bomba, aligava a tomada de energia, aligava o trator, aligava a tobata e até aligava o carro e tudo funcionava e aligava direitinho. Aligava e as máquinas “funcionava mémo”.

O preconceito que vivi nos anos que se seguiram na escola e posteriores, obrigou-me a transitar da variedade regional para outras variedades de menor preconceito ou de prestígio, a depender de onde me encontro num ato de comunicação. Nesse quesito acredito que a escola cumpriu sua missão ao me possibilitar esse trânsito entre variedades, pois de acordo com Gnerre (2009, p. 22) “a linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder”. Embora tenha empregado a palavra acesso, dando a entender mobilidade social a partir da linguagem, penso que devemos nos preocupar mesmo é com processos de exclusão social, que além de não possibilitar mobilidade social inviabilizam processos inclusivos.

Por isso, acredito que investir tempo e recursos para pensar variedades linguísticas, no caso do Vale do Jequitinhonha, seja profícuo para contribuir com a redução do preconceito linguístico, vivido por mim e por milhões de brasileiros que não falam no seu dia a dia a língua de prestígio.

Para Bagno (2012, p. 25), “no momento em que se estabelece uma norma-

padrão, ela ganha tanta importância e tanto prestígio social que todas as demais variedades são consideradas impróprias, inadequadas, feias, erradas e deficientes, pobres”. No melhor dos casos, são adjetivadas como “engraçadas e divertidas” (BAGNO, 2012, p. 27). Ainda em Bagno (2003, p. 27-28), o que está por trás da norma (o)culta é um jogo ideológico, preconceituoso, “disfarces linguísticos” de uma “discriminação que é, de fato, social”.

Em outras palavras, a contradição linguística fundada na oposição entre língua oral e língua escrita, fundamenta-se no privilégio concedido à escrita em detrimento da língua falada, contradição esta que é acima de tudo ideológica, pois veiculam a língua dos que detém o poder e o saber, como apontam os autores Gnerre (2009); Bagno (2003, 2012); Foucault (1986).

No contexto atual, quando se vive uma inflexão conservadora, repensar a língua a partir da perspectiva da sociolinguística variacionista torna-se deveras importante, tendo em vista o aumento de preconceitos vividos por minorias. Faz-se necessário, ainda, pensar tal fenômeno, pois segundo o IBGE 2022, o Brasil tem cerca de 16 milhões de pessoas que vivem em favelas. Nestes espaços, por exemplo, verifica-se o uso de outras variedades linguísticas muitas vezes desprestigiadas. Assim, faz-se necessário pensar novos caminhos e estratégias para a educação no Brasil. Nas palavras de Bortoni-Ricardo (2005) é importante:

Estudar a língua nos espaços geográfico e social, propor soluções para o impasse do anacronismo da gramática normativa, combater o estigma atribuído às variedades denominadas incultas, levantar as atitudes dos falantes em relação à língua, determinar as etapas evolutivas dos traços em processo de mudança, e, principalmente, apontar caminhos e estratégias para a educação no Brasil é tarefa da sociolinguística (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 38).

Acredito ser de extrema relevância pensar o fenômeno da variação linguística como posto, tendo em vista o anacronismo entre gramática normativa e língua em uso; tendo em vista o preconceito e os estigmas atribuídos às normas denominadas “incultas”; e ainda, haja vista a necessidade de se registrar a língua e seus percursos e apontar caminhos e estratégias para a educação brasileira.

Considerando o exposto, tem-se como **OBJETIVO GERAL** nesta dissertação de mestrado profissional analisar contos transcritos e gravados pelos projetos já

citados com foco no fenômeno da variação linguística, e **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- a) Sistematizar variações linguísticas em narrativas orais no Vale do Jequitinhonha a partir da sociolinguística variacionista visando um panorama da língua no Vale de 1987-1997;
- b) Converter as narrativas que estão em fita cassete para o formato MP3;
- c) Criar site para que as narrativas transcritas e os áudios possam ser armazenados para acesso de professores, alunos e profissionais da educação, por meio de tecnologias móveis e computadores;
- d) Criar um catálogo das narrativas por narradores e municípios.

Lançados os objetivos, passamos agora a configurar o Vale do Jequitinhonha, seu contexto de formação, desenvolvimento e ocupação, pois acredita-se que fatores extralinguísticos como a história de formação da região e a cultura podem influenciar o curso linguístico de uma comunidade de fala.

### 3 A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO VALE DO JEQUITINHONHA

Acredita-se que a formação do Vale do Jequitinhonha, desde suas origens, deve ser concebida historicamente a partir dos processos econômicos implementados na região em diferentes contextos históricos. Tentar conceber o Vale a partir de processos econômicos empreendidos pode elucidar fenômenos recentes. Dentre estes fenômenos, nos afeta a questão da variação linguística. Tomaremos para análise três movimentos históricos levados a cabo por processos econômicos em épocas e contextos distintos que pode nos ajudar na difícil tarefa de apreensão de um território como o Vale.

Num primeiro momento, analisaremos o Vale a partir de sua ocupação já nas primeiras Entradas e nas Bandeiras, metade do século XVI, em que se buscavam conhecer, domar, ocupar, explorar o território. Pontua-se de antemão, que tais Entradas foram permeadas de conflitos, pois o território não era, no contexto das Entradas e Bandeiras, uma paisagem natural livre de relações de poder. Neste contexto, a ocupação é permeada por lutas, mortes, violência e pelo genocídio dos povos originários que já ocupavam os territórios.

Pode-se dizer que o empreendimento econômico levado a cabo neste contexto era a descoberta – séculos XVI e XVII, e posterior retirada, em escala, de minerais de alto valor como ouro e diamante já no início do século XVIII na Vila do Príncipe (Serro), Arraial do Tejuco, Minas Novas, dentre outros locais. Tal período histórico foi importante para a concepção do Vale, a formação de cidades e povoados, bem como a configuração de redes de cidades que viria a se formar a partir do início do século XVIII em torno do ciclo do ouro e diamantes.

Num segundo momento – não dissociado do ciclo do ouro – analisaremos como a agricultura de subsistência implementada no início do século XIX por “posseiros” se consorcia com fazendas de gado curraleiro no fim do século XIX propiciando uma nova forma de ocupação do território onde prevalece como modo de produção a relação de “agregação”, numa constante interação que alterna cordialidade / hostilidade, perpassadas por relações de poder, num momento em que minerais como ouro e diamante já não eram mais a centralidade da região.

Na última etapa deste capítulo, analisaremos o fim do modo de produção de

“agregação” e o início dos conflitos por terra com a crise de tal sistema e implementação de empreendimentos econômicos e projetos de desenvolvimento gestados na estrutura do Estado e empreendidos em nome do desenvolvimento da Região, já na metade do século XX.

Por fim, torna-se relevante tentar compreender o Vale do Jequitinhonha a partir dos três movimentos postos acima, pois linguagem e sociedade estão interligadas de modo inquestionável. Ademais, nos dizeres de Alkmim (2001, p. 21) “a história da humanidade é a história de seres humanos organizados em sociedade e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua”. Dessa forma, acredita-se que um olhar histórico para a formação da região pode trazer algumas luzes que podem contribuir para explicar fenômenos linguísticos que serão investigados.

### **3.1 O Espaço geográfico como categoria de análise**

Segundo Antunes e Ferraz (2013), para descrever possibilidades de variação linguística, faz-se necessário ter ao menos dois componentes básicos por meio do qual a variante linguística pode ser descrita: a) o componente geográfico e b) o componente social, indissociáveis como categoria de análise. Assim, para o desenvolvimento deste capítulo, nos apropriaremos de conceitos oriundos da ciência geográfica, que epistemologicamente traz luz à possíveis equívocos semânticos quanto às categorias de espaço geográfico e território, componentes essenciais para se compreender fenômenos linguísticos.

Raffestin (1980, p. 143) parte do princípio que espaço geográfico e território não são termos equivalentes, sendo o espaço anterior ao território. O território se forma a partir do espaço e no espaço, sendo produto da ação humana e de atores em constante relação. Para o autor, um “ator que realiza um programa” num determinado espaço ajuda a formar territórios. Desta forma ao se “apropriar de espaço, concreta ou abstratamente, por exemplo, pela representação, o ator territorializa o espaço”. Raffestin (1980) se utiliza de metáforas para definir os conceitos, sendo espaço geográfico concebido como uma “prisão original” e o território uma “prisão construída”.

Para o autor, o espaço é uma prisão original,

Portanto anterior, preexistente a qualquer ação. O espaço é, de certa forma dado como se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação. Local de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar. (RAFFESTIN, 1980, p. 144).

O território, por sua vez, “é a prisão que os homens constroem para si” permeado de relações de poder e de saber. É uma produção a partir do espaço. “Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle” (RAFFESTIN, 1980, p. 144). Ademais, todo projeto se sustenta por um conhecimento e uma prática que pressupõe para o autor a “posse de códigos, sistemas sêmicos”. “É por esses sistemas que se realizam as objetivações do espaço, que são processos sociais” (RAFFESTIN, 1980, p. 144-145).

Para Milton Santos, o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e contraditório de sistemas de objetos e de ações, que não podem ser considerados isoladamente, mas como imagem única no qual se dá a história. Pondera que no “começo era natureza selvagem”, “formada por objetos naturais” que, ao longo da história, vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Pela presença de incrementos técnicos, “hidrelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico” (SANTOS, 1996, p. 19).

Haesbaert (2014) pondera que conceitos como – espaço geográfico, região/regionalização, território, lugar, paisagem, ambiente, meio – se conectam e alimentam interdependências entre si. Assim, dentro de um espaço geográfico (na relação espaço-tempo), configuram-se em algum lugar (espaço-vivido) territórios (espaço-poder) mediado por paisagens (espaço-representação) num ambiente/meio (sociedade-natureza). Ou seja, essas categorias espaço-tempo, espaço-poder,

espaço-vida, espaço-representação, sociedade-natureza ocorrem, simultaneamente, num processo de retroalimentação, tangenciando todas as categorias no conceito de regionalização, que é o espaço-recorte, a diferenciação.

A pesquisa em questão dá-se, no espaço-recorte, Vale do Jequitinhonha. Enquanto região, está localizada no nordeste do Estado de Minas Gerais, banhado pelas águas do Rio Jequitinhonha que nasce no município do Serro, na Serra do Espinhaço, a aproximadamente 1400 metros de altitude. O Rio que nasce na Serra do Espinhaço, deságua no Atlântico no município de Belmonte, estado da Bahia, após percorrer em torno de 1100 quilômetros. No percurso da nascente até a foz contribuiu para formação de inúmeras cidades como Coronel Murta, Araçuaí, Itinga, Jequitinhonha, Almenara, Itaobim, Jacinto, Salto da Divisa e outras tantas comunidades que estão em suas margens.

Falar deste rio é importante, tendo em vista que deu nome a uma região do Estado de Minas Gerais, que é composta atualmente por 54<sup>8</sup> municípios distribuídos nas microrregiões do Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha.

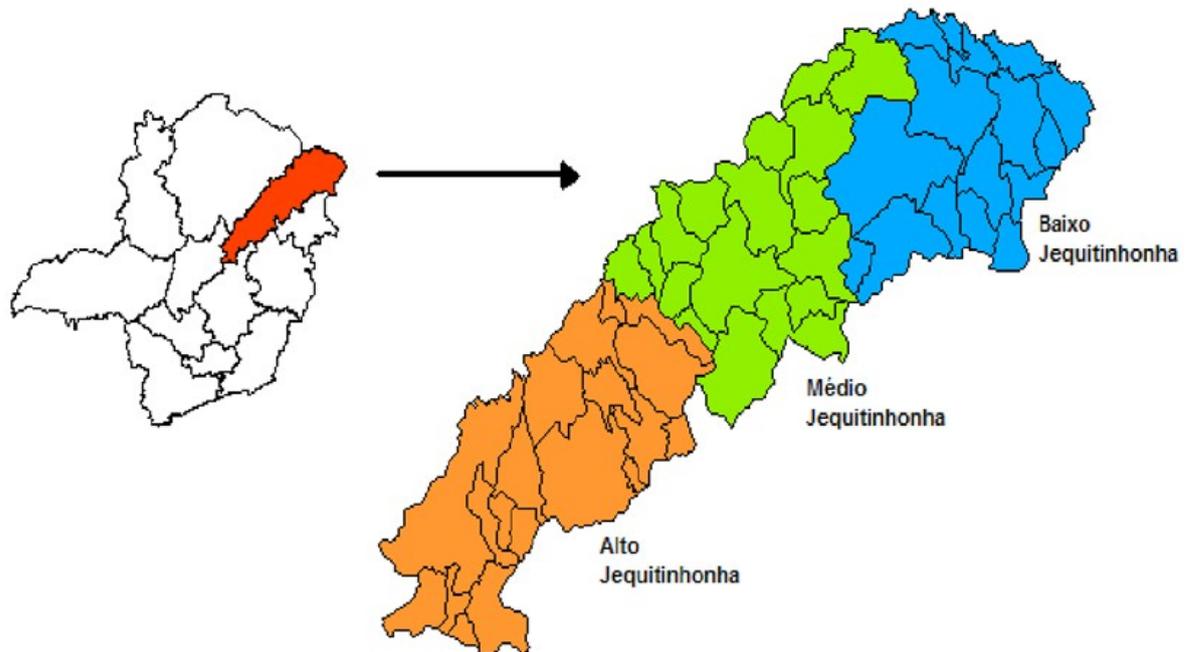
Durante o século XX, o Vale do Jequitinhonha passou por quatro subdivisões, ora expandindo seu território, ora tendo-o reduzido em detrimento de outras regiões. A atual configuração deu-se no ano de 1990, quando o IBGE substituiu as categorias de Microrregiões Homogêneas pelo conceito de Microrregião Geográfica, que são unidades fundamentais de Mesorregiões Geográficas e pela emancipação de municípios nos anos de 1992 e 1995.

Uma mesorregião pode ser definida por uma área individualizada, em uma unidade da federação, que apresenta formas de organização do espaço geográfico definidas pelas seguintes dimensões: a) “processo social determinante; b) quadro natural condicionante; c) rede de comunicação como elemento de articulação espacial” (IBGE, 1990, p.8). Essas três características possibilitam, que o espaço assim delimitado, a mesorregião, tenha uma identidade regional.

---

8 Informação extraída do documento Cidades do Jequitinhonha, elaborado pela Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Disponível em: [http://www.ufvjm.edu.br/formularios/doc\\_view/1612-lista-cidades-jequitinhonha.html?lang=pt\\_BR.utf8%2C+pt\\_BR.UT](http://www.ufvjm.edu.br/formularios/doc_view/1612-lista-cidades-jequitinhonha.html?lang=pt_BR.utf8%2C+pt_BR.UT). Acesso em: 10 jan. 2025

**Figura 2 – Mapa do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil.**



Fonte: Microrregiões Geográficas do IBGE e Censo Demográfico 2000

A imagem acima mostra a mesorregião do Vale do Jequitinhonha, uma das 12 do IBGE que compõe o Estado de Minas Gerais, com as microrregiões. Isso significa que essa área tem semelhanças econômicas e sociais que a diferencia e a singulariza de outras. Ela é dividida em Alto, Médio e Baixo Vale do Jequitinhonha, sendo:

**a) Alto Jequitinhonha:** microrregião que tem início na Serra do Espinhaço compreende 22 municípios, sendo: Alvorada de Minas, Coluna, Diamantina, Gouveia, Datas, Presidente Kubitschek, Serro, Couto de Magalhães de Minas, São Gonçalo do Rio Preto, Felício dos Santos, Senador Modestino Gonçalves, Itamarandiba, Carbonita, Aricanduva, Capelinha, Veredinha, Turmalina, Leme do Prado, Minas Novas, Angelândia, Rio Vermelho e Serra Azul de Minas;

**b) Médio Jequitinhonha:** microrregião formada por 15 municípios que abrange Chapada do Norte, Novo Cruzeiro, Jenipapo de Minas, Francisco Badaró, José Gonçalves de Minas, Berilo, Virgem da Lapa, Araçuaí, Caraí, Padre Paraíso, Ponto

dos Volantes, Itinga, Coronel Murta, Itaobim, Comercinho e Medina;

**c) Baixo Jequitinhonha**, composto por 17 municípios como Joáima, Cachoeira do Pajeú, Jequitinhonha, Felisburgo, Rio do Prado, Palmópolis, Pedra Azul, Rubim, Almenara, Divisópolis, Mata Verde, Bandeira, Jordânia, Jacinto, Salto da Divisa, Santa Maria do Salto e Santo Antônio do Jacinto.

Realizada essa demarcação do espaço que atualmente compreende o Vale do Jequitinhonha, passa-se agora para a conformação histórica deste território, em três momentos específicos que configurarão a paisagem e característica do Vale hoje.

### 3.2 O ciclo do ouro e das pedras preciosas

A região conhecida atualmente como Vale do Jequitinhonha foi uma das primeiras a ser ocupada em Minas Gerais e remonta ainda ao período Colonial. Assim, muito antes de se descobrir pedras preciosas em Diamantina, há relatos de bandeirantes percorrendo a região do Vale do Jequitinhonha ainda nas primeiras Entradas do século XVI.

De acordo com Carneiro (2013), a primeira expedição de reconhecimento do interior de Minas Gerais foi ordenada por Martim Afonso de Souza em 1531, partindo do Rio de Janeiro, alcançando provavelmente a região central de Minas Gerais.

Pereira (1902) faz o relato desta primeira expedição que consta no Diário da Navegação de Pero Lopes de Souza:

Daqui (perto do Rio de Janeiro) mandou o capitão (Martin Afonso) 4 homens pela terra adentro; e foram e vieram em 2 meses; e andaram pela terra 115 léguas; e 65 delas foram por montanhas muito grandes e as 50 foram por um campo muito grande de onde trouxeram muito cristal e deu novas como no Rio Paraguay havia muito ouro e prata [...] ora, em seguida às 65 léguas por montanhas mui grandes (Serras do Mar e da Mantiqueira), as 50 léguas por um campo mui grande acham de ser Minas Geraes, região do campo. (PEREIRA, 1902, p. 550-551).

Assim, se a primeira exploração para o interior de Minas Gerais se deu a partir do Rio de Janeiro em 1531, foi da Bahia e de Pernambuco que se deram, majoritariamente, as Entradas rumo ao sertão, como eram chamadas as missões de reconhecimento, posse e domínio dos territórios do interior do Brasil.

Carneiro (2013), Velloso e Matos (2008) e a literatura especializada demonstram que para manter as fazendas de engenho, os portugueses da Bahia, Porto Seguro, Ilhéus e de outras capitanias do norte organizavam expedições para os interiores do Brasil para aprisionar indígenas para escravização nos engenhos. Assim, as entradas que partiram para o interior, num primeiro momento, deram-se para atender necessidades conjunturais de demandas de escravos da terra para manutenção do engenho.

Gândavo (2008, p. 35), autor que escreveu o *Tratado da Terra do Brasil* em 1576, se dirigindo ao príncipe Dom Henrique, Infante de Portugal, descreve que cada engenho da capitania de Pernambuco “faz três mil arrobas de açúcar cada ano [...] e houve anos que passaram de cinquenta mil arrobas”. Continua o autor dizendo que alguns moem nos engenhos com bois e que nestes se produz menos que em outros. Outros tantos moem com água, contudo, há outros meios de produção. Segundo o autor, em Pernambuco

Se acha uma das ricas terras do Brasil, tem muitos escravos índios que é a principal fazenda da terra. Daqui os levam e compram para todas as outras capitanias, por que há nesta muitos e mais baratos que em toda a costa (GÂNDAVO, 2008, p. 35).

Observa-se que o autor pontua que a fazenda mais produtiva não era a que usava boi ou água, mas a que explorava indígena escravizado. Considera o autor que a principal “fazenda da terra”, ou seja, o principal meio de gerar riquezas era a exploração do nativo.

Otoni (2002, p. 41), mineiro do Serro, liberal, de visão mais humanista, também pontua a prática de capturar indígenas nas terras de Minas Gerais e a denuncia:

É tradição constante que antes da introdução da escravatura africana, o tráfico dos indígenas se fazia em Minas de um modo atroz quanto é possível. Os traficantes davam caça aos indígenas como a animais ferozes. Diz-se mesmo, que para adestrar os cães na caçada, dava-se lhes de comer carne dos selvagens assassinados, e que foi em represália destes horrorosos atentados, que os selvagens se deram à antropofagia, devorando as vítimas que lhes caíam nas mãos (OTONI, 2002, p.41).

Gândavo (2008, p. 44-46) descreve que os aimorés estavam presentes desde

a capitania de Pernambuco, passando pela Bahia de Todos os Santos, Ilhéus e Espírito Santo. Relata conflitos vividos com os senhores de engenho. Destaca que a presença desses “índios, muito ferozes e cruéis”, causava danos aos moradores, “matam português e escravos” (GÂNDAVO, 2008, p. 41). Todavia, “também os portugueses matam alguns deles, e tem muitos destruídos, principalmente nesta Capitania dos Ilhéus” (GÂNDAVO, 2008, p. 42).

Otoni (2002) aponta que os “botocudos”<sup>9</sup> estavam presentes em diversas regiões de Minas, como Vale do Mucuri, Vale do Jequitinhonha, rio Doce e Espírito Santo.

Em linhas gerais, Gândavo (2008) e outros de sua época, com uma visão etnocêntrica, centrada no europeu, branco, colonizador, denomina os povos indígenas como “selvagens, primitivos, ferozes, cruéis, bárbaros, brutos animais, canibais, desalmados, preguiçosos, multidão de bárbaro”. Nota-se que tais adjetivos foram extraídos do *Tratado da Terra do Brasil em 1576* (GÂNDAVO, 2008). E ademais, sobre os povos originários diz:

E assim como são muitos, permitiu Deus que fossem contrários uns dos outros, e que houvesse entre eles grandes ódios e discórdias, porque se assim não fosse os portugueses não poderiam viver na terra nem seria possível conquistar tamanho poder de gente (GÂNDAVO, 2008, p. 64).

Embora ainda representante de uma visão etnocêntrica, centrada no europeu colonizador, com objetivos de domar territórios, o mineiro Teófilo Otoni tornou-se para o período, meados do século XIX, um crítico ferrenho à forma como se davam as relações entre portugueses e povos originários. Acreditava e defendia que as reações violentas que os botocudos tinham em relação aos portugueses desde a época do descobrimento, e em sua época, eram devidas às violências sofridas durante os quase trinta anos que vigorou a Carta Régia, quando D. João VI declara a guerra aos “botocudos” do Vale do Rio Doce e região.

Eram as consequências do tratamento bárbaro que tinha recebido os selvagens desde o tempo da conquista. Eram as consequências da Carta Régia de triste recordação declarando guerra de extermínio aos botocudos. Eram especialmente as consequências do tráfico dos kurucas (OTONI,

---

9 Otoni (2002) usa o termo botocudos para designar os povos indígenas da região do Vale do Mucuri e outras regiões do Brasil e de Minas.

2002, p.45)

Otoni (2002), em *Notícias Sobre os Selvagens do Mucuri*, relata que,

Desde 1837 a 1847 não cessaram as reclamações das autoridades e moradores de Minas Novas, pedindo providências contra as excursões dos selvagens no alto Mucuri e Jequitinhonha. As providências que se pediam, e que o governo dava, resumem-se no laconismo destas duas palavras – pólvora e bala (OTONI, 2002, p.45).

Otoni (2002, p. 46) relata acontecimentos de 1830 no Distrito do Calhau, provavelmente Araçuaí hoje, onde “os selvagens por desforço de sofrimentos que sofreram, assassinaram diversas pessoas de uma família residente no Córrego Novo. A paixão não sabe racionar, e o sangue derramado pede sangue”.

Como consequência dessa cadeia de violência, “do sangue derramado que pede sangue”, vizinhos se reuniram, e como a política do governo era pólvora e bala, assim clamaram a vingança. Com ajuda de dois indígenas Cró e Crahy mataram uma aldeia inteira.

Mas quando se trata de matar uma aldeia, façanha que de tempos em tempos se repete [...] Isso. Matar uma aldeia! Não passe a linguagem despercebida. Por mais horrorosa que pareça nada tem de hiperbólica. É uma frase técnica na gíria da caçada dos selvagens (OTONI, 2002, p. 46-47).

Ainda em *Selvagens do Mucuri*, no ano de 1854 num lugar chamado Guariba, à margem do Jequitinhonha, após assassinato de Antônio do Carmo, soldados Cró e Crahy fizeram uma hecatombe de selvagens. E foi assim, nos dizeres do autor, anos após anos, “matavam-se aldeias no Jequitinhonha, no Mucuri e no Rio Doce, em Minas e no Espírito Santo” (OTONI, 2002, p. 48).

Moreira (2020) defende a perspectiva que no século XIX ocorreu em Minas, Espírito Santo e Bahia, principalmente, uma macropolítica genocida dos botocudos, realizado a partir assassinado de aldeias e do comércio dos kurucas (crianças) que afetou profundamente os povos que habitava as regiões. Inclui-se nestas regiões o Vale do Jequitinhonha, como já descrito, o Vale do Mucuri e Rio Doce.

Segundo Moreira (2020), os kurucas foram tratados como despojo de guerra.

Podia-se obter um kuruca no mercado por 100 mil-réis ou em troca de uma espingarda em São Mateus; muitos roceiros da região tinham seus próprios kurucas para utilizar como escravos ou vender; e algumas comunidades pobres viviam quase inteiramente do tráfico de kurucas, como as de São José de Porto Alegre (MOREIRA, 2020, p. 390; OTONI, 2002, p. 49-50)

Se dos contatos estabelecidos surgiram inúmeros conflitos, guerras, extermínio de etnias, de línguas, de culturas e de perda de territórios, foi também por meio dos contatos que desde a chegada dos portugueses que o “sertão” começou a ser explorado.

Felipe de Guilherme escreve a Dom João III, em 1550, que “negros indígenas” como eram chamados, dão notícias de ouro e pedras preciosas no interior das Gerais.

O primeiro anno que a esta baía cheguei me disserão que por Porto Seguro (**homens**) entravão pela terra adentro, e andavão lá cinco, e seis mezes pela qual razão me foi a Porto Seguro, e tirei um extrumento que mandei a Vossa Alteza dezejando seo favor para buscar e dar maneira como fossem descobrir as minas d’ouro que os negros (alusão aos indígenas) dizião que havia [...] Sucedeo agora que este Março passado vierão a Porto Seguro negros (os indígenas) dos que vivem junto de hum grande Rio (Jequitinhonha) alem do qual dizem que está uma serra junto delle, que resprandece muito e que hé muito amarella, da qual serra vão ter ao dito Rio pedras da mesma cor a que nós chamamos pedaços de ouro, que della caem [...] eles apanhão do dito Rio os ditos pedaços, de que dizer que fazem gamellas para nellas darem de comer aos porcos... Com esta nova, esteve toda a gente de Porto Seguro demovida para ir buscar o ouro (PEREIRA, 1902, p.582-583).

Em busca do ouro saíram ainda, de acordo com Pereira (1902), outras expedições, entre estas pode-se citar a expedição equivocada que se deu via Rio São Francisco<sup>10</sup>, quando se devia, em 1550, partir pela foz do Rio Jequitinhonha rumo às minas das serras. Assim, esperançosos de encontrar a serra do ouro por via fluvial, o rio que deveria ser procurado era o Grande (atual Jequitinhonha), que deságua no mar ao sul da Bahia, portanto, do lado oposto àquele para onde se mandou a galé.

---

10 Em 1550, Miguel Henriques saiu com um galé para explorar o rio Grande (atual Jequitinhonha), contudo, por desconhecimento da região entrou na foz do Rio São Francisco e antes mesmo de chegar atual cachoeira de Paulo Afonso, o galé naufragou. O galé partiu aos 05 de novembro de 1550 e dele não se teve mais notícias (PEREIRA, 1902, p. 557). Nos mapas do período colonial, o nome Jequitinhonha referenciava apenas o trecho desse rio desde sua nascente, no Serro do Frio, até o encontro com o rio Araçuaí. Após a junção desses dois cursos d’água, figurava os nomes rio Grande ou Belmonte até a foz. Belmonte é uma cidade da Bahia, provida de porto, onde deságua o rio Jequitinhonha.

Cita-se também a expedição partindo de Porto Seguro, 1553<sup>11</sup>, chefiada por Francisco Bruza de Espinosa, que após três anos de marcha, chegaram ao Vale do Jequitinhonha. A expedição foi narrada pelo padre Jesuíta João Aspilcueta Navarro. A expedição de Espinosa, acompanhada do jesuíta padre Navarro, talvez tenha sido a primeira a penetrar as terras do Jequitinhonha. A entrada de Espinosa-Navarro, acompanhando o Rio Jequitinhonha, chegou à Serra do Espinhaço, na região do Serro, Diamantina e Minas Novas, alcançando também a foz do Rio, no município de Belmonte.

Outras entradas ocorreram sentido a atual região do Vale do Jequitinhonha, contudo, com partida pela foz Rio Doce, no estado do Espírito Santo, até chegar a Serra do Espinhaço, onde nasce o rio Suaçuí.

A narrativa que descreve a entrada pelo Rio Doce está presente no Tratado Descritivo do Brasil, de Gabriel Soares Souza, em 1587<sup>12</sup>. Após encontrar “ouro, prata e pedras preciosas, a gente se retornou para o mar pelo Rio Grande abaixo” (SOUZA, 1587, p. 60), ou seja, pelo Rio Jequitinhonha.

Uma curiosidade é que, se já nas primeiras entradas fora encontrado ouro e pedras preciosas, nos perguntamos então por que os chamados sertanistas não se empenharam e exploraram as riquezas que ali eram encontradas? Segundo

---

11 Relato da expedição feito pelo padre Navarro. “A expedição compunha-se de doze homens cristãos aos quais acompanhou o padre João de Aspilcueta Navarro. Que esses homens eram mandados pelo sertão, por ordem de Sua Alteza [...] Partindo de Porto Seguro, a expedição entrou pela terra adentro 350 léguas, sempre por caminhos poucos descobertos; por serras mui fragosas e inúmeras passagens de rios; por terras muito humidas e frias, que assim eram por causa do mato grosso e alto [...] atravessaram uma serra muito grande, que corre do norte ao sul e nela acharam rochas de pedra de mármore [...] Desta serra nascem muitos rios [...] Dois deles passamos que vão sair ao mar entre Porto Seguro e Ilhéus, chama-se um Rio Grande e o outro Rio das Orinas” (PEREIRA, 1902, p. 563-563).

12 A entrada em questão se deu em 1573, quando Sebastião Fernandes Tourinho saiu com uma diligência composta por mais de 400 homens com intuito de descobrir pedras preciosas. Isso foi descrito por SOUZA (1587, p. 59-60) “Este rio Doce vem de muito longe e corre até o mar oeste-leste, pelo qual Sebastião Fernandes Tourinho fez uma entrada [...]. Após subir pelo rio que chamam Aceci [Suassui Grande], a expedição encontrou umas pedreiras. O gentio aí vizinho afirmou que no cimo do monte se tiravam pedras muito azuis, e que havia outras que, segundo sua informação, tem ouro muito descoberto. E quando esta gente passou o Aceci a derradeira vez, dali cinco ou seis léguas da banda do norte, achou Sebastião Fernandes uma pedreira de esmeraldas e outra de safiras, as quais estão ao pé de uma serra cheia de arvoredo do tamanho de uma légua, e quando esta gente ia do mar por este rio Doce acima, sessenta ou setenta léguas da barra, acharam umas serras ao longo do rio de arvoredo, e quase todas de pedra, em que também acharam pedras verdes; e indo mais acima, quatro ou cinco léguas da banda do sul, esta outra serra, em que afirma o gentio haver pedras verdes e vermelhas, tão compridas como dedos, e outras azuis, todas muito resplandecentes (SOUZA, 1587, p. 59-60). O tratado em questão foi acessado via internet no site <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242787>, dia 27 de maio de 2024.

Carneiro (2013, p. 94) a explicação para tais questionamentos pode estar na “própria característica geográfica do sertão”, visto que a maior dificuldade não era tão somente “penetrá-lo, devassá-lo, mas, principalmente, explorá-lo com certa regularidade de permanência, com segurança”, visto que ainda não existiam estruturas de apoio às expedições. Outro ponto apontado pelo autor é que existia outro tipo de riqueza, mais útil, já mencionado, que era o aprisionamento de indígenas para a atividade no engenho, que naquela ocasião era a fonte de renda da Coroa.

Se a infraestrutura de apoio, alimentação, pousadias temporárias eram um problema para as bandeiras, o desafio só poderia ser superado com implementação de alternativas ao esgotamento de recursos naturais da região, haja vista que estas explorações sertão adentro poderiam levar meses e anos.

Desta forma, coube a Fernão Dias a tarefa de preparar as bases para que se pudesse avançar sertão adentro. Assim, “diferentemente de outros exploradores”, Fernão Dias mandou “preparar mantimentos em feitorias por diversas partes, mandou plantar roças de milho de distância em distância” (ABREU, 1921, p. 12). Tal método, garantiria a subsistência das bandeiras, tendo em vista o grande tempo despendido, geralmente meses e anos, nos percursos de ida e volta.

Estima-se que a bandeira de Fernão Dias tenha saído de São Paulo em 1674 e que tenha durado sete anos. Segundo Abreu (1921), por onde passava implementava benfeitorias e ao chegar em Minas Gerais, Fernão Dias fixou morada no Quinta do Sumidouro<sup>13</sup> por quatro anos até 1678. Neste período, enquanto esperava por recursos, armas, munições no Quinta do Sumidouro fora explorando o território do entorno, estabelecendo povoações, até prosseguir rumo ao seu destino, o nordeste mineiro longínquo.

Em 1678, refeita a bandeira, saem em direção ao nordeste, atravessando o Serro do Frio, atingindo ‘Tucumbira’ (provavelmente Itacambira) e depois para Itamarandiba e chega à famosa Vupabuçu<sup>14</sup>, em cujos arredores recolhe as esmeraldas.

De acordo com os relatos de Garcia Rodrigues Paes, o pai ao encontrar o

---

13 A Quinta do Sumidouro está localizada hoje no distrito de Fidalgo – Pedro Leopoldo – MG.

14 Trata-se de mito que povoava o imaginário coletivo da época. Em algum lugar dos sertões havia uma lagoa repleta de diamantes e pedras preciosas. Esmeraldas verdes e cristalinas.

Serro das esmeraldas, retirou amostras com muita cautela e não consentiu que pessoa alguma desencaminhasse uma só pedra, e vindo-se a recolher junto a Feitoria do Sumidouro, distrito de Sabarabuçu adoeceu de peste, do que faleceu, junto com quase todos os índios que o acompanhavam (ABREU, 1921, p. 13).

Segundo relatos de 1690 a distância até as pedras preciosas equivale de São Paulo a Sabarabuçu<sup>15</sup>. Garcia Rodrigues Paes fala que percorreram 150 léguas até chegar a Tucumbira de onde retiraram muito ouro (Abreu, 1921, p. 15). Isso daria em torno de 720 quilômetros de distância atualmente, o que poderia facilmente alcançar a região do Baixo Jequitinhonha.

Se o ouro estava se tornando centralidade da Coroa, um produto que até então era a menina dos olhos do rei entrara em declínio. De acordo com Ferlini (1988) e Schwartz (1988), o açúcar esteve no seu auge em 1630 e em franca decadência no final da década do século XVII. Se em 1630 oitenta por cento do açúcar consumido em Londres vinha do Brasil, em 1660, correspondia a apenas dez por cento, o que demonstra a crise do sistema. Todavia, a crise não dizia respeito apenas a quantidade produzida, mas também quanto ao preço, conforme Ferlini (1988).

Diante dessa reconfiguração da colônia, o ciclo do ouro e das pedras ganha espaço na agenda da Coroa com incentivos para ser explorado e foi neste cenário que surgiram as redes de cidades de Minas Gerais que remonta ao início do século XVIII<sup>16</sup>, depois das descobertas do ouro e das pedras.

---

15 Em 1700 Artur de Sá e Menezes, em sua primeira visita às Minas, embora informado por Borba Gato da não existência de prata ou pedras verdes naquele lugar, redige ata de criação do **Arrayal de Sabarabuçu**, atual cidade de Sabará. Por um simples ato, o governador faz surgir a cidade de Sabará. No lendário Sabarabuçu – equiparado miticamente ao El Dorado – jamais foi avistado prata e esmeralda. No relatório apresentado em Lisboa por Garcia Rodrigues Paes é citada *Serababassú*, sem no entanto localizá-la, referindo-se ora ao “Serro”, ora a “região”, ora ao “distrito”, sem precisão. Mais adiante informa ter adentrado ao “*Serro do Sebarabassú*”, chamada Minas dos Catagoás ou Serra das Esmeraldas. O relato encontra-se em (ABREU, 1921, p. 15-16).

16 Serro, Diamantina e Minas Novas foram as primeiras cidades do Vale que surgiram ainda no início Séc. XVIII. A Vila do Príncipe no Serro era a cidade-sede da Comarca Cabeça do Serro Frio desde 1720. O arraial do Tejuco (1713) foi elevado a Vila em 1831 (Diamantina) tornando-se o centro administrativo da Demarcação Diamantina. Minas Novas era arraial e fora elevado a Vila ainda em 1729. Importante destacar que Minas Novas, embora pertencente à Comarca do Serro, esteve administrativa e militarmente vinculada a Comarca da Bahia até 1757. Esteve em disputa por anos devido sua importância no ciclo do ouro, na agricultura de subsistência e como rota para escoar as riquezas do Alto Vale. Pode-se citar ainda o surgimento de outras cidades como Berilo, Chapada do Norte, Itamarandiba, Rio Pardo.

A notícia da descoberta do ouro na região central de Minas e dos diamantes na região do Serro Frio se espalha rapidamente por toda a colônia e na Coroa, atraindo um contingente populacional para a região em busca de enriquecimento fácil e rápido.

Marquese (2006) é reticente em dizer que as minas de ouro e diamante criaram um deslocamento interno na Colônia, bem como uma quantidade maior de imigrantes portugueses, calculada em todo século XVIII em 400 mil indivíduos. Todavia, maior ainda fora a imigração compulsória escravagista que duplicou na metade de setecentos, somando aproximadamente 960 mil enviados para a mineração em Minas.

Furtado (2020) destaca que uma quantidade também muito grande de escravizados (bantus e angolenses) passaram a chegar na terceira década do século XVIII e se dedicavam mais à lavoura de abastecimento, que se desenvolvia na região para alimentar a população que crescia em ritmo vertiginoso em função das minas. O estudo de Furtado (2020) demonstra distribuição de escravizados por região de origem, em que atividades eram realocados ao chegarem no Brasil e ainda o papel da mulher escravizada no contexto da mineração do século XVIII.

Botelho (2019) aponta que de 1701-1800 vieram forçadamente para a colônia quase dois milhões de pessoas escravizadas, processo acentuado no decorrer do século XIX com mais de dois milhões.

Segundo o autor,

O século XIX caracteriza-se por assistir à vinda para o Brasil de 61% de todos os africanos traficados do Atlântico [...] Nas cinco décadas em que perdurou no século XIX, o Brasil importou mais cativos africanos do que em todo o século XVIII, quando do rush aurífero no interior da colônia (BOTELHO, 2019, p.140).

Segundo Furtado (2008, p. 43), a configuração da sociedade em Diamantina, no ciclo de exploração de diamantes, era dada por “uma camada expressiva de escravos, outra menor de homens e mulheres libertos, muitos deles pardos, e uma pequena classe dominante branca, em sua maioria portugueses”. A autora ainda aponta que diante da configuração do Arraial do Tejuco, a Coroa estabeleceu medidas para regular a exploração e a cobrança de impostos, que de 1729 a 1734,

Foi aberta a todos os que possuíssem escravos e capital para investir; no entanto, era cobrada uma taxa sobre cada escravo empregado nas lavras – a chamada taxa de capitação – que em várias ocasiões foi elevada para dificultar o acesso aos terrenos de mineração e aumentar a arrecadação de impostos (FURTADO, 2008, p. 30).

Furtado (2006), em um estudo sobre o universo dos escravos no arraial do Tejuco, tendo o censo de 1772 como recorte, demonstra a existência de 3.610 cativos distribuídos em 510 domicílios, ou seja, cerca de sete escravos por senhor.

Ferreira e Matos (2000) apontam que o processo de formação da região, com o aumento do dinamismo econômico que girou em torno dos diamantes e do ouro, ajudou a consolidar um conjunto estruturado de cidades, entre as quais havia relações econômicas significativas. Estima-se que a rede de cidades de região do Vale do Jequitinhonha fora se expandindo mediante a intensificação da fiscalização / proibição da mineração em áreas que compõem a região dos diamantes do Arraial do Tejuco.

A procura de outras áreas, distantes dos lugares mais fiscalizados ou mesmo fora da área demarcada, resultou num movimento centrífugo de parte da população concentrada no Alto Jequitinhonha, em direção a outras áreas, notadamente aquelas localizadas nas proximidades de Minas Novas e ao longo do curso do Médio Jequitinhonha (FERREIRA; MATOS, 2000, p. 13).

O processo de fiscalização imposto pela Coroa, o esgotamento das Minas, e a alta concentração de população nas regiões mineradoras parecem ter sido uma força centrípeta que contribuiu para a formação de vilas e cidades pelo Vale do Jequitinhonha, que se dá primeiramente no Alto Jequitinhonha e mais lentamente para o Médio e Baixo Vale, em virtude de obstáculos naturais: relevo, paisagem e vegetação.

De acordo com Nunes (2001), Ribeiro et al (2007), Neto Graziano (1983), o declínio da mineração desencadeou dois processos distintos: o esvaziamento das áreas urbanas da mineração; e reorganização produtiva do Vale com atividades agrícolas (agricultura familiar)<sup>17</sup> situado acima da foz do rio Araçuaí, prevalente no

---

17 NETO GRAZIANO, Francisco (1983), no artigo **As condições de reprodução camponesa no Vale do Jequitinhonha**, faz uma análise importante sobre o campesinato rural do Vale do Jequitinhonha, principalmente o Alto e Médio após a crise da mineração. Destaca que o modo de vida campesino do povo foi prevalente desde os tempos da mineração. Embora em franco conflito com a

Médio e Alto Jequitinhonha e pecuária bovina, principalmente no Baixo Jequitinhonha que se deu a partir da Bahia, com criação de gado curraleiro, o que passaremos a discutir agora na segunda etapa deste capítulo.

### **3.3 O sistema se reinventa: crise e novas configurações produtivas no Vale**

Toda cultura tem seu ciclo de desenvolvimento. Assim como a vida parece ser destinada a trilhar seus ciclos de nascimento-crescimento-morte, assim ocorre com processos econômicos. Ao mesmo modo do ciclo açucareiro que o antecedeu, a exploração do ouro e das pedras preciosas apresentou seu início, auge e declínio produtivo já na terceira década do século XIX.

Ferreira e Matos (2000), Carneiro (2013), Matos e Velloso (2008) sinalizam que a queda gradativa da diminuição do ouro, do diamante e da mineração fez surgir outras formas de subsistência na região do Vale. Todavia, não se pode atribuir exclusivamente à decadência do ciclo da mineração como causa de novas formas de ocupação do território, mas também como consequência do auge destes períodos, haja vista que concomitante à mineração, tais atividades foram se constituindo por causa da alta concentração populacional das cidades mineradoras: Diamantina, Serro, Minas Novas e também posteriormente Chapada do Norte.

Para Matos e Velloso (2008, p. 59), havia permanente necessidade de fornecimento de carne nas áreas de mineração, sendo que o “o consumo anual no período da mineração implicava no abate de cerca de 18 a 20 mil bois / ano”. Para atender as cidades, tendo em vista que o entorno não supria a demanda da região, o governo assinava contratos de fornecimento externo à capitania, principalmente da Bahia que conseguia atender melhor, devido à localização mais próxima e tendo

---

fazenda bovina desde meados do século XIX, foi no século XX, na década de 70 que o processo de expropriação capitalista alterou as condições fundamentais para a reprodução social do campesinato ali historicamente estabelecido por mais de um século. Segundo o autor, a pesquisa de campo, geradora de uma etnografia extremamente importante, permitiu afirmar que a alimentação sadia, a água farta, o lazer social, as festas religiosas, a propriedade de meios de produção essenciais configuravam um modo de vida estável e relativamente rico, social e materialmente. São essenciais para entendimento da agricultura familiar anterior a década de 70 a compreensão de como a terra era ocupada individualmente como propriedade e coletivamente como comunidade. A apropriação privada se dava nas regiões de terras mais férteis e úmidas das grotas onde se estabelece moradia. É coletiva das áreas planas e altas chapadas onde tudo que a chapada produz, pertence a todos. É coletivo também o uso da água localizado nas chapadas e cabeceiras.

caminho para o nordeste de Minas por meio do Rio Jequitinhonha (Matos e Velloso (2008).

De acordo com os autores, a expansão dos engenhos pelo litoral nordestino vinha acompanhada da expansão da criação da raça bovina “vacum”, a partir principalmente da Bahia e de Pernambuco. Assim, na última década do século XVI a penetração da pecuária alcançava terras do sertão baiano e depois atingia o norte e o nordeste de Minas. No Vale a ocupação se deu no final do século XIX em escala mais comercial, principalmente a partir das planícies do rio Jequitinhonha, depois do encontro com o Rio Araçuaí. Assim,

No médio e baixo Jequitinhonha foi notável a expansão da pecuária a partir da instalação de fazendas por baianos, portugueses e mineiros, os quais beneficiaram-se de condições naturais favoráveis à formação de pastagens e expansão da pecuária de corte, além de contarem com a presença de um comércio dinâmico ao longo do rio Jequitinhonha e com a proximidade do tradicional mercado de consumo baiano. (MATOS; VELLOSO, 2008, p. 70).

Ribeiro (2003) também discute a ocupação da região do baixo Jequitinhonha, principalmente a partir do início do século XIX. Aponta como fatores para sua ocupação: a) a extraordinária fertilidade da terra; b) salinidade do solo em função da cobertura pela mata atlântica; c) e mais ao final do século XIX a expansão do Cacau no Sul da Bahia que impulsionou a busca por novas terras no nordeste mineiro.

Segundo Ribeiro (2003), a abertura das matas, de início, começou com famílias de agricultores “posseantes com suas lavouras de tocos”, que migravam para a região em busca da terra de mata sadia e descansada. De ciclo em ciclo, estação a estação iam abrindo espaços mata adentro sempre à procura de terra descansada. Neste processo, segundo Ribeiro (2003), estavam mais à procura da fertilidade da terra do que da apropriação fundiária propriamente dita.

Porque esses lavradores e posseantes não se fixavam, nem se registravam, nem sabiam ler e escrever, não eram patrões de ninguém, nem pagavam impostos ou recebiam atenção de escritores ou funcionários; por isto, a história da terra da região nunca registrou sua presença (RIBEIRO, 2003, p. 13).

Posteriormente, no final do século XIX, o mesmo autor assinala que fazendeiros baianos começaram a implantar fazendas de gado curreleiro em grande escala na

região, apropriando-se da terra por expropriação, grilagem ou aquisição das melhores áreas para pastagens. Desse processo de ocupação, parte dos posseantes ficaram na própria região ocupando geralmente terras que não interessavam à fazenda, por serem pouco férteis, pouco sadias para a criação de gado, ou acabavam por associar a exploração da agricultura à grande fazenda, por conta dos vastos espaços que a pecuária ocupava.

Por conta dos vastos espaços que a pecuária demandava, a exploração rural foi associada à grande fazenda, mesmo quando ela não foi pioneira e instalava-se sobre terras expropriadas ou adquiridas a posseiros, que seguiam adiante numa sucessão de derrubadas, plantio, expropriação, empastamento afazendamento que só iria acabar no extremo Leste, no Oceano Atlântico, ao fim dessa trilha e ao final da mata atlântica (RIBEIRO, 2003, p.14).

Esse processo de exploração da agricultura pelos agregados dentro da grande fazenda, associado à exploração agropecuária bovina extensiva ficou conhecido como um sistema de produção por agregação que desaparecerá por completo antes do fim do século XX e que gerará inúmeros conflitos por terra no Vale do Jequitinhonha.

Ribeiro (2003) pesquisou por mais de 10 anos na década de 90 do século XX a relação existente entre fazendas e agregação no baixo Vale do Jequitinhonha. Segundo o autor, ser agregado ou ter agregados fez parte do cotidiano da maioria das famílias da região. Para este, a agregação baseava-se na exploração da fazenda com pousios longos com relação duradouras entre fazendeiros e agregados, e simultaneamente, com o esgotamento dos recursos naturais vem a ruptura das relações de agrego.

Franco (1997, p.98) considera que a agregação é uma “dádiva de seus superiores para com os dependentes”, portanto, uma vida vivida de favor. Considera ainda que o surgimento do agregado fez desaparecer o pequeno lavrador independente e em seu lugar surgiu o morador em terra alheia. As terras menos produtivas podiam, sem prejuízo para o proprietário, ser cedidas de favor. “E eis aí estabelecido o morador em terra alheia, nela vivendo por sua própria conta e risco”. Franco (1997) fala de uma relação de cordialidade entre agregado e fazendeiro.

O ajustamento entre proprietário e morador baseou-se em uma afirmada cordialidade. Esta era condição para que o agregado fosse acolhido: se ia agradando, dava um jeitinho de ficar na terra. O fazendeiro também ia gostando dele, ia-lhe fazendo as vontades e ele acabava encostando na fazenda (FRANCO, 1997, p.100).

O agregado era uma pessoa que trabalha na terra alheia para si mesmo, num pedacinho de terra cedida, a menos produtiva, como já dito. E era ao mesmo tempo um trabalhador sem vínculo de emprego que prestava serviço para o fazendeiro onde se instalara ou para terceiros, na ausência de serviços na fazenda. Em situações de crise, era suprido pelas benesses do fazendeiro ao qual, por sua vez, colocava-se numa posição de subserviência, com anulação quase completa de sua vontade (FRANCO, 1997).

Embora haja leituras benéficas da relação de agrego, estas devem ser compreendidas dentro das relações de poder e mando. As relações dentro do agrego são absolutizadas, e o agregado vive em função dos interesses do mando de uma família (RIBEIRO, 2003). Daí vem as histórias de agregados feitos eleitores, jagunços, defensores de divisas de terras. O significado que recebem dentro da fazenda só tem sentido na relação de poder que é estabelecida.

O poder interno da fazenda foi originado do controle sobre a terra: o direito de receber terrenos para o plantio, a condição para proteger agregados, aceitar recebê-los em agrego, o poder de distribuir justiça dentro dos horizontes daquelas cercas de divisas; essas foram as bases do mando [...] sendo assim, muito diferentes do poder puramente econômico que existe na fazenda nas últimas décadas do século XX (RIBEIRO, 2003, p. 19).

Diversos autores pensaram a relação de agrego e pode-se dizer que sua compreensão é polissêmica. Assim, o agrego recebe diversos sentidos na medida que se dá entre pessoas e famílias muitas distintas, podendo ser:

- a) relação de benesses e favor, dádivas para com os agregados;
- b) relações de poder e mando;
- c) modos de apropriação da terra aí incluídos usos simultâneos – direitos reconhecidos como extensão dos direitos de fazendeiros;
- d) relações de trocas – pessoa sem vínculo empregatício que trabalhava para si mesma, num pedacinho de terra cedida, a menos produtiva – ao mesmo tempo presta serviços para fazendeiro em forma de compensação pela terra cedida;

e) relação de reciprocidade.

Não nos interessa esgotar as discussões em torno da relação de agrego, mas nos parece pertinente pontuar que existem relações, agregações (no plural), sendo um modo de produção que vigorou no Vale do Jequitinhonha e em diversas regiões do Brasil, por muito tempo, contudo com formações distintas em lugares e tempos diferentes.

As relações de agrego, associado à fazenda do Jequitinhonha até por volta dos anos 1970, era uma “organização policultora e produtora de quase tudo que consumia” (RIBEIRO, 2003).

Na fazenda existiam graus variados de campesinato: vaqueiros, empreiteiros, gerentes e, principalmente agregados, eram lavradores que produziam seus próprios mantimentos, e mais que isso, eram famílias que extraíam da fazenda quase todos os bens que consumiam. Desse modo, a fazenda era como um conjunto de unidades camponesas, com alguma centralização de decisões e exigências mais ou menos bem definidas (RIBEIRO, 2003, p. 18).

O esgotamento desse modelo de produção e a substituição da relação de agregação ocorreu no Vale entre as décadas de 1950-1970 com empreendimentos econômicos e projetos de desenvolvimento gestados na estrutura do Estado e empreendidos em nome do desenvolvimento da Região.

### **3.4 O campesinato e o ciclo desenvolvimentista**

A associação da imagem da mesorregião do Jequitinhonha como o Vale da pobreza foi construída na década de 60/70 no tempo do milagre econômico e dos programas de desenvolvimento. Nesta época, os estudos para o planejamento regional demonstraram os baixos níveis em indicadores sociais e econômicos locais, se comparados as outras regiões de Minas. Contudo, tal associação foi deslocada do modo de produção e de subsistência que imperava até então: modo de agregação nas fazendas, já em declínio, mas ainda existente; e agricultura camponesa de subsistência e comércio local/regional de produtos excedentes.

Segundo Ribeiro et al (2007, p.1088) riqueza e pobreza não devem apenas ser medidos e indicados a partir de indicadores econômico-sociais quantitativos pois,

“pobreza é um conceito impreciso para definir sua condição” – condição do homem do Vale – “porque confunde essa com outras populações – particularmente aquelas que não dispõem de recursos naturais para reprodução social da existência” (RIBEIRO et al, 2007, p.1088). Assim, aferir riqueza e pobreza a partir de indicadores quantitativos, de quanto se produz por hectare/terra, de quanto se aufer de renda per capita pode ser um equívoco epistemológico, sem analisar o contexto social de reprodução da existência humana em que o homem do campo consegue, em alguns casos, produzir o suficiente para uma vida modesta e simples.

A existência do homem do Vale, anterior ao ciclo desenvolvimentista implementada no país após o golpe de Estado de 1964, dava-se na relação com ciclos da natureza, especificamente estações inverno/verão e indissociavelmente correlacionados com o uso da terra grotas-chapadas de forma individual-coletiva. A compreensão do que foi o campesinato no Vale perpassa pela análise dos pares grotas-chapadas que alternam concepções de uso na complementaridade (privado/coletivo) e estações climáticas inverno/verão, pois destes modos de usos provêm a subsistência de comunidades, famílias, homens e mulheres.

Neto Graziano (1983) faz uma análise importante sobre o campesinato rural do Vale do Jequitinhonha, principalmente o Alto e Médio, após a crise da mineração. Destaca que o modo de vida campesino do povo foi prevalente desde os tempos da mineração. Não obstante o aberto conflito com a fazenda bovina desde meados do século XIX – onde o processo hegemônico expandiu o domínio dos grandes proprietários sobre a pequena produção de agricultura familiar – fora somente no século XX, na década de 70, que o processo de expropriação capitalista alterou profundamente as condições fundamentais e essenciais para a reprodução social do campesino. Ou seja, alterou a correlação grotas-chapadas; o uso da terra de forma individual-coletivo, inviabilizando a exploração das chapadas.

Quem percorre o Vale percebe nitidamente que a vegetação demarca o fim da grotas e o início da chapada. As áreas planas, na maioria das vezes limitadas em recursos hídricos, têm vegetação típica de cerrado. São chamadas na região de “chapadas”. As grotas, por sua vez, com diferentes inclinações, levam ao encontro dos rios, riachos, ribeirões e tem a vegetação mais robusta. São lugares de vertentes de águas e nascentes que se formam a partir das águas que se infiltram nas

chapadas. Claro que tal descrição não é a melhor para o atual contexto, tendo em vista que a maioria dos ribeirões e riachos da região são hoje intermitentes: secos no inverno e com um pouco de água no verão.

As “grotas” para Neto Graziano (1983) ou “lugares de cultura” para Galizoni e Ribeiro (2007) configuram-se como áreas onde as famílias cultivam na estação das secas, criam gados, porcos, galinhas e onde constroem casas.

Neto Graziano (1983) a define como:

O lugar de moradia, meu lugar, minha propriedade e envolve a casa de moradia, uma fonte de água, agricultura de hortaliças, frutas diversas, um chiqueiro, um curral com pasto natural e cercado. A obtenção dessa área de “grotas” pode se dar pela compra, posse ou pela herança” (NETO GRAZIANO, 1983, p.89).

Desse modo, do espaço “grotas” decorre a apropriação individual do uso da terra e a maximização do seu uso no período das secas, tendo em vista a escassez de águas nas chapadas e diminuição consequente de seus recursos.

Para Galizoni e Ribeiro (2007), área de “culturas” são lugares para as lavouras de verão e inverno; lugar para o gado passar o inverno; áreas frias, férteis, de vegetação alta e densa; áreas para se plantar, colher, construir casa, geralmente com nascentes de águas, delimitada por áreas de pastagens e cercadas.

Se nas áreas de culturas e grotas o gado sobrevivia no inverno, dado que sua vegetação era mais densa, era nos campos e nas chapadas que eles ganhavam peso. “No fim da seca, emagrecido nos pastos já estiolados da cultura, o gado consertava o peso quando era solto nos campos requeimados” (GALIZONI; RIBEIRO, 2007, p. 118). Leia-se também dos pastos degradados das grotas, já esgotados pela seca e pela exploração reiterada do solo que sem reposição de nutrientes se desgasta.

O campo ou a chapada – independente do nome que se atribui, a depender das regiões, no Vale Chapada – é um local onde a apropriação do campesinato se dá de forma coletiva. Estes espaços, quentes, de relevo alto, plano e coberto por vegetação mais rala, é o local que antes da primeira chuva se fazia queimada para o refazimento da pastagem para a engorda de gado no verão. Para Galizoni e Ribeiro (2007), a criação de gado, claro, era apenas o uso mais visível e comum nestes

locais. Produzem também “água, frutos, plantas medicinais, caça, madeira, lenha, látex da mangaba, pequi, óleo-de-copaíba” e outros frutos (GALIZONI; RIBEIRO 2007, p. 118).

Grota-chapada, cultura-campo, a depender dos autores, formam no campesinato um par indissociável com formas de uso privado e coletivo. Assim, tais conceitos unificam duas espacialidades que se complementam, sazonalmente, em usos individual e comunitário. O primeiro apontando para um dimensionamento da posse a partir do trabalho, “pois para a concepção camponesa é o trabalho humano que dá origem a posses e direitos sobre determinado bens” e o segundo para uma dimensão coletiva “pois tudo que o campo ou a chapada produz ou é produzido pertence a todos” (NETO GRAZIANO, 1983, p. 90).

Segundo Neto Graziano (1983), o modus de vida do povo era autossustentável. Isso ficou evidente a partir de pesquisas de campo empreendidas.

Geradora de uma etnografia extremamente importante, permitiu afirmar que a alimentação sadia, a água farta, o lazer social, as festas religiosas, a propriedade de meios de produção essenciais configuravam um modo de vida estável e relativamente rico, social e materialmente (NETO GRAZIANO, 1983, p. 87).

Neto Graziano (1983); Galizoni e Ribeiro (2007); Ribeiro et al (2007); Moreira e Souza (2017); Fávero e Monteiro (2014), e outros autores apontam que a implementação do modelo desenvolvimentista da monocultura causou impactos no modo de sobrevivência camponês do Vale ao se apropriar principalmente das chapadas ou campos para áreas de cultura de eucalipto.

Fávero e Monteiro (2014) analisam as disputas territoriais do Vale do Jequitinhonha. Destacam a diversidade étnica e cultural da região, com presença histórica de povos indígenas, quilombolas, portugueses, descendentes, e comunidades camponesas tradicionais. Segundo os autores, a cultura dessa região vai muito além das expressões artísticas como a música, festas, artesanato. Ela se manifesta também na forma de ocupação do espaço e usos dos elementos da natureza (FÁVARO; MONTEIRO, 2014, p. 8).

Assim, a territorialidade dessas comunidades e povos combinam usos diversos. A roça, o quintal, a criação de animais nas grotas, e nas chapadas se dá a

coleta, o pousio para o descanso das terras de cultura e plantio.

Dois fatores têm ameaçado fortemente o modo de sobrevivência no Vale, o primeiro é a monocultura de eucalipto que desde a década de 1970, na esteira desenvolvimentista dos governos militares tem se intensificado nas chapadas a custo da destruição do Cerrado, a ponto da região ser considerada o maior maciço de eucalipto da América Latina (FÁVARO; MONTEIRO, 2014). O segundo, como consequência da expansão da monocultura, é a “criação e implantação de parques naturais que se dão de forma autoritária desrespeitando os povos e comunidades tradicionais e seus direitos previstos em lei” (FÁVARO; MONTEIRO, 2014, p.9).

Silveira (2014) pesquisa as configurações fundiárias implementadas na região do Vale e no Norte de Minas. De acordo com autora, a década de 90 marca um novo ciclo para a região. A implantação de “Unidades de Conservação Permanente inaugura um novo tempo e uma nova configuração fundiária na região, desencadeando novos desafios e conflitos para as comunidades rurais da região” (SILVEIRA, 2014, p. 47). Assim, as unidades criadas revelam a produção contraditória do capital, primeiro destroem, depois consorciam-se. Estado e Capital, juntos, dão início a processos de compensação ambiental por empreendimentos de alto impacto levados outrora a cabo com apoio financeiro, fiscal, técnico-tecnológico do próprio Estado.

**Figura 3 – Foto: Monocultura de Eucalipto**





Fonte: Foto extraída da internet

Moreira e Souza (2017) destacam que a modernização do Vale, comandada pela ditadura militar, marcou, a partir de 1960, a expansão monopolista do território com expropriação de terras de posseiros. Para o Vale, construiu-se a imagem da pobreza e da miséria, que necessitava ser superada a partir da ideia do desenvolvimento. Desta forma, nesse processo de expansão das fronteiras agrícolas, restou para o Jequitinhonha a transformação de “terras devolutas, mas não desocupadas, em grandes áreas de reflorestamento” (MOREIRA; SOUZA, 2017, p. 114). Disso tudo resultaram diversos processos de natureza econômica, política, cultural e social: a) reestruturação de fazendas ora regidas pelo campesinato e agrego com a conseqüente perda de chapadas; b) monopolização da terra que passou a ser comandada, principalmente, por grandes corporações, como Arcelor Mittal e Acesita; c) expulsão de trabalhadores agregados; d) expropriação e violência sobre posseiros e pequenos proprietários de terra; e) destruição dos usos e costumes já consagrados nas terras das chapadas, que eram de uso comum, devolutas.

Silva (1999) e Moura (1988) consideram que o processo de ocupação do Vale pela monocultura de eucalipto causou a fragmentação das relações e das condições de trabalho da agricultura familiar, transformando parte expressiva dos camponeses em boias-frias em São Paulo e Sul de Minas Gerais, principalmente.

As migrações temporárias forçadas na região, são, portanto, resultantes por um lado, do monopólio privado da terra pelo capital monopolista espoliador e, por outro, da necessidade de sobrevivência enquanto família camponesa, o que os obriga à venda da força de trabalho em outras regiões (MOREIRA; SOUZA, 2017, p. 114).

Em Minas Gerais, o processo de monopolização das terras se deu com o apoio do Estado, por meio da Fundação RuralMinas criada pela Lei Estadual Nº 4.278/1966. Segundo o art. 4º da referida lei, todas as “terras devolutas” do Estado, passam a compor o patrimônio da referida Fundação e está sobre o escopo desta. O artigo 3º da lei prevê que a colonização e o desenvolvimento rural no Estado de Minas Gerais, na conformidade das disposições da Lei Federal n. 4.504, de 30 de novembro de 1964 – Estatuto da Terra, fica a cargo da citada Fundação.

Dos marcos regulatórios – Lei Estadual Nº 4.278/1966 e Lei Federal n. 4.504, de 30 de novembro de 1964 – Estatuto da Terra, decorre um retrocesso no estatuto do usucapião utilizado por posseiros para garantir a propriedade em decorrência do uso. Moreira e Souza destacam que,

A RuralMinas, criada pelo estado de Minas Gerais, mudou a concepção de domínio das terras devolutas no estado, de modo que o usucapião, que antes garantia a posse de terras devolutas deixou de se aplicar. Somente a compra das terras daria legitimidade a sua posse e propriedade (MOREIRA; SOUZA, 2017, p. 115).

Para Silva (1999), o Estatuto da Terra significou, em nível nacional, uma resposta às necessidades burguesas de regulação da propriedade e usufruto das terras consideradas devolutas, sendo que o Estatuto foi um dos primeiros atos do governo militar após o golpe de 1964. Foi, na verdade, uma forte reação a movimentos dos trabalhadores rurais que reivindicavam reforma agrária e melhor redistribuição de terras na região.

Assim, as leis produzidas, baseadas nos princípios do mercado, compra e venda, foram imprescindíveis ao mascaramento do processo de violência e, nesse sentido elas pareciam ser justas, já que a tomada das terras não se fez abertamente por meio da grilagem de dos pistoleiros, métodos utilizados em outras partes do país. Ao contrário, tudo foi feito, seguindo o “documento”, dentro da lei e da ordem, logo, por meio da legitimidade, da armadura jurídica ideológica (SILVA, 1999, p. 59).

Vicente Nica, liderança comunitária de Turmalina, denunciou o processo de

ocupação das terras pela monocultura de eucalipto.

Eles compravam as terras do lado, iam cercando o sujeito. Plantava eucalipto e cercavam a área. Eles queriam terra plana. Passava com o trator nas terras do sujeito que não queria vender, e ai iam destruindo tudo. Foi o jeito de forçar a venda. Vendia pelo preço que eles queriam [...] ninguém entendia de valor de terra (NICA *apud* SILVA, 1999, p. 59).

Esse processo de ocupação das terras devolutas, principalmente as de chapadas, ainda é corrente e vigente. Se deu por expropriação ou por arrendamento. De acordo com Bispo (2020) até o ano de 2019 existia no Vale e no entorno próximo, principalmente no Norte de Minas, 94 contratos de arrendamento de terras devolutas, somando um total de 258.682 hectares de terras arrendadas (BISPO, 2020, p. 125), sendo que 78 contratos encontram-se vencidos / expirados e 16 em vigor, contudo “embora expirados, as empresas, em sua grande maioria, permanecem explorando as terras”, segundo o Subsecretário de Assuntos Fundiários da SEAPA, Sr. José Ricardo Ramos Roseno (BISPO, 2020, p. 126).

Deste modo de ocupação para expansão das fronteiras agrícolas decorreu o que SILVA (1999) denomina de massa de errantes em busca de trabalho e sobrevivência, migrantes boia-fria. Ademais, o processo ocorrido não foi apenas a perda da terra, mas a perda das condições de reprodução de sobrevivência que ocorria com o modo de apropriação da terra, com o uso indissociável da grota e da chapada. Neste sentido, a expropriação deve ser compreendida também a partir dos aspectos simbólicos, culturais e tradicionais.

Convém destacar que apesar dos avanços sobre as terras devolutas, o campesinato persiste no Vale como modo de reprodução da existência, consorciados na contemporaneidade com outras formas de aquisição de renda. Galizoni et. al (2014) demonstra que famílias camponesas no Vale se alimentam, atualmente, melhor que a média da população urbana do Brasil. Fazem em média quatro refeições diárias, incluindo alimentos diversificados e produzidos pela família. A autora realizou pesquisa em 2010 sobre a alimentação dos camponeses em três municípios do vale (Turmalina, Veredinha e Minas Novas) e constatou que em média as famílias fazem quatro refeições por dia, sendo: *a) tira-jejum, tirijum ou desjejum* com café, leite, pão caseiro, biscoito, broa, queijo, mandioca cozida, requeijão e

ovos; *b) almoço* com feijão, arroz, carne, verdura crua ou cozida em molho; *c) merenda* com café, leite, quitanda, mandioca cozida; e *d) jantar* com cardápio do almoço, com alimentos de fácil digestão (GALIZONI et. al, 2014, p. 374).

Quanto à produção do campesinato, a pesquisa de Galizoni et. al (2014), realizada em nove municípios do Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha, revela que 69,88% do que é produzido no campesinato, ainda forte na região, é para o próprio autoconsumo exclusivamente; 29,55% consorciavam autoconsumo e venda, e apenas 0,57% destinam sua produção exclusivamente para venda.

Por esta breve apresentação, cheia de lacunas históricas, ficou evidente que o campesinato persiste frente as tentativas de destruição de seu modo de apropriação e reprodução em que se considerou – para implementar o desenvolvimento das fronteiras agrícolas da década de 60/70 – apenas indicadores quantitativos em que a pobreza era considerada apenas a ausência de renda ou de produção, desconsiderando que em tais comunidades vigorava uma forte agricultura de subsistência.

#### 4 O PERFIL DO CONTADOR: CARACTERIZAÇÃO

Como já fora dito, busca-se encontrar e sistematizar variações linguísticas em narrativas orais que foram gravadas de 1987 a 1997 pelos projetos Literatura Oral e pelo Projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto. Como pontuado, a base epistemológica do estudo se apoia nos pressupostos da sociolinguística variacionista. Desta forma, busca-se variações a partir da escuta dos áudios e leitura das narrativas que foram transcritas pelo projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto. Pontua-se, novamente, que o projeto buscou preservar nas transcrições a naturalidade da língua, tal qual fora produzida no cenário de gravação, *in loco*, no Vale do Jequitinhonha.

Neste capítulo, demonstraremos quem eram esses contadores de causos e contos, seu perfil, modo de vida, trabalho, sua inserção na comunidade. Convém destacar que inúmeros são os desafios para esta tarefa, tendo em vista que os projetos em questão buscaram, aparentemente, mais o registro da narrativa do que constituir o perfil do narrador.

Isso ficou evidente quando me pus a ouvir as fitas cassetes e ao ler as produções e publicações que decorreram dos registros das narrativas e suas transcrições. Cita-se os trabalhos de Queiroz et al (1999), *7 histórias de encanto e magia* (livro e CD); Queiroz et al (2009), *No tempo em que os bichos falavam* (livro e CD); e Antunes e al (2009), *Recontos do Jequitinhonha e alhures*. Esses três livros, publicados com narrativas dos (as) contadores (as), não se ocuparam em descrever ou caracterizá-los (as), ainda que sucintamente. Os (as) narradores (as), no contexto das publicações, não foram o foco dos trabalhos publicados. Deu-se destaque à riqueza da narrativa, ao dialeto do Vale e à transcrição.

Pereira (1996), no livro *Artesão da Memória*, é a autora que diretamente fala sobre a vida de seis narradores-contadores que gravou pelo projeto Literatura Oral. Assim, perante a lacuna existente, faremos um exercício para constituir o perfil destes a partir de publicações que surgiram exteriores aos projetos em questão e ao término destes.

Primeiramente, nomearemos os contadores por município e por projeto, para posteriormente criar um perfil geral, o mais heterogêneo possível, tendo em vista que

não se encontram atualmente informações de todos. Assim, as considerações que se tecem sobre estes é uma tentativa de resgate, sempre parcial, da história de suas vidas. Todavia, acreditamos ser importante perfazê-la para preservação da memória destes, tendo em vista que são suas narrativas e as transcrições que compõem o produto educacional *Narrativas em Rede*, no site <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/narrativas-em-rede/>.

Deste modo, para suprir tal falta, estabeleceu-se meios de busca sendo: a) pesquisa no catálogo de narradores-contadores dos projetos *Literatura Oral* e *Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto*; b) escuta das fitas cassetes na ausência de informações no catálogo; c) busca em livros, em dissertações, na rede de computadores, sites, portal de prefeituras, de notícias do Vale e outras.

Cabe destacar que alguns narradores-contadores não apresentam idade e nem mesmo sobrenome completo, dado que segundo Pereira (1996) o foco da pesquisa empreendida inicialmente pelo projeto *Literatura Oral* era “despertar o interesse para que se resgate um patrimônio literário que corre sérios riscos de se perder e, mais ainda, apreender a vocação popular para a arte de contar” (PEREIRA, 1996, p. 22). Esse argumento ficou evidenciado quando ouvi as fitas cassetes gravadas. Na busca pela “vocação popular de narrar”, os pesquisadores sempre apresentavam para o narrador a recorrente pergunta: “com quem você aprendeu a contar histórias”?

O quadro abaixo apresenta os narradores-contadores (as) por município, por nome, suas idades, ano da gravação e projeto que realizou a gravação.

#### Quadro 1: Identificação dos contadores

IDENTIFICAÇÃO DOS CONTADORES POR NOME, MUNICÍPIO, ANO E PROJETO DE GRAVAÇÃO.				
LEGENDA: o número 1 indica que foi o projeto <i>Literatura Oral</i> quem gravou. O nº 2 indica que foi o projeto o <i>Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto</i>				
MUNICÍPIO	NOME	IDADE	PROJETO	ANO DE REGISTRO
Araçuaí	Generina Isidora da Silva	72	2	1996
	Geni Maria de Jesus	SI	2	1996
	Josefa Alves Reis	72	2	1996
	Neném	38	1	1987
	Paçada	SI	1	1987
	Sá Luíza	80	1	1987
Capelinha	José Maria Santana	61	1	1989
	José Souza da Cruz	78	1	1989
Chapada do Norte	José Rodrigues Soares	76	1	1990

	Maria Cirino	65	1	1990
	Maria Joana	40	1	1990
Diamantina	Francisco Feliciano de Souza Maia	58	1	1987
	José Aguiar de Paula (Zé da Sé)	81	1	1987
	Pe. Celso de Carvalho	74	1	1987
	Pedro Cordeiro Braga	70	1	1987
	Ana Benzedeira	SI	1	1990
Itamarandiba	Antônio	82	1	1990
	José Pereira	78	1	1990
	Maria Alves Oliveira	63	1	1990
	Pedro dos Anjos Barbosa	SI	1	1990
	Serapião	68	1	1990
	Tereza de Souza	38	1	1990
	Vicente	SI	1	1990
	Jenipapo de Minas	Generoso Lemos de Oliveira	84	2
Malacacheta	Abel Tareco	SI	2	1996
	Júlio Vieira dos Santos	SI	2	1996
	Sandro	SI	2	1996
	Sebastião Preto	SI	2	1996
	Zé Maria	SI	2	1996
Minas Novas	Cristina Rodrigues Mendes	68	1	1989
	João de Deus Vaz	87	1	1987
	Joaquim Soares Ramos	78	1,2	1988, 1997
	Joel	SI	1	1990
	Maria Conceição Costa	SI	1	1988
Rubim	Glicélio Gavião	SI	1	1989
	Isnaldo Pedro Dias	37	1	1989
	Maria do Ipe	49	1	1989
	Silvânio	25	1	1989
Serro	Alcides	SI	1	1988
	Gervásio José Pacheco	87	1	1988
	João Maria Batista	57	1	1989
	Oliveira	81	1	1988
	Ivo Silvério Rocha	45	1	1989
Turmalina	Américo Gonçalves Mendes	84	1	1987
	Faustino Gonçalves dos Santos	SI	1	1988
	Francisco Lourenço Borges	78	1	1987
	Joana Antunes	SI	2	1995
	Maria Gomes	SI	1	1987
	Mariza Terezinha Orsini Almeida	SI	2	1995
	Maria Augusta Orsini Lopes	SI	2	1995
	Norma Lopes	SI	1	1987
	Onofre Cordeiro de Azevedo	SI	1	1988
	Otaviano Godinho de Castro	78	1	1988
	Vicente Nica	56	1	1988
Vitor Bento de Carvalho	73	1	1988	

Fonte: elaborada pelo autor

Adianta-se, de antemão, que o conjunto dos 50 narradores identificados é bastante heterogêneo em sua configuração e diverso são os modos como os narradores-contadores reproduzem sua existência. Em sua grande maioria, constituem-se por agricultores (as), alguns poucos servidores públicos, tropeiro,

garimpeiros, comerciantes, artesãos (ãs), domésticas, benzedadeiras, padre, turmeiro<sup>18</sup> e boias-frias que alternavam intersafras com agricultura no Vale.

A tentativa de definir o narrador-contador a partir de seu ofício é reducionista, pois o ser humano não se constitui apenas a partir de sua profissão e de seu ofício, não obstante, constitui-se também por meio dele. Deste modo, Vicente Gonçalves Afonso – mais conhecido como Vicente Nica, nascido em 1932 na Grota do Barreiro, em Turmalina, posseante em fazenda posteriormente reivindicada por fazendeiros – não se tornou Vicente Nica apenas pela forma como lavrava a terra enquanto agricultor, mas enquanto agricultor que lutou e denunciou a expropriação das terras no ciclo desenvolvimentista empreendido na década de 60/70.

É histórica a luta travada por Vicente Nica e outros posseiros de Mato Grande e São Miguel para manter suas posses quando a família França reivindicava para si a propriedade de 14 mil hectares de terra, já ocupados por lavradores que de geração em geração faziam uso delas (LEITE, 2015, p. 66-83). Além do mais, Vicente Nica denunciou a ocupação das chapadas pela monocultura do eucalipto que se alastrava pelo Vale, encurralando os agricultores nas grotas pela tomada das áreas de uso comum. Destacou-se por pensar um modelo de agricultura que procurava consorciar uso do solo com proteção ao meio ambiente (LEITE, 2015, p. 66-83).

Já Ivo Silvério Rocha – menos conhecido pelo modo como reproduz sua existência, também agricultor, foi boia-fria e também garimpeiro – gravado em 1989 é, segundo Queiroz e Freitas (2015, p. 39), “capitão ou contramestre, ou patrão do Catopê de Milho Verde, é um dos últimos (senão o último) mestre de vissungos de enterro”<sup>19</sup>. Também é um “guardião da tradição oral banto em Minas” (QUEIROZ; FREITAS, 2015, p. 37).

---

18 Turmeiro é um mediador da relação de trabalho que existe em diversas regiões do país e também no Vale do Jequitinhonha. É o responsável por selecionar e recrutar mão de obra para o trabalho, no caso do Vale, recrutar os “boias-frias” para o trabalho nas fazendas.

19 Quem tiver interesse na matéria ler Queiroz e Freitas (2015). Uma boa ideia da sonoridade do Vissungo de Enterro pode ser vista no CD Congado Mineiro, V.1, ver faixa 1 com Ivo Silvério da Rocha. Acesso: <https://discografia.discosdobrasil.com.br/discos/documentos-sonoros-brasileiros-acervo-cachueira-vol-01-congado-mineiro>, ou pode ver também em [https://youtu.be/1HmSXcVqaWg?si=y1\\_fuoC7DZHOKPDU](https://youtu.be/1HmSXcVqaWg?si=y1_fuoC7DZHOKPDU).

O próprio Ivo Silvério se intitula o último mestre de vissungo de enterro<sup>20</sup>. Ivo Silvério faleceu em 2024, no curso desta dissertação (in memoriam).

Em alguns casos, o narrador-contador é um agricultor, poeta, comerciante, artesão, como é o caso de Abel Tareco. Borges (2008) fez uma dissertação sobre a vida, musicalidade e poesia de Abel Tareco.

Por sua vez, a narradora-contadora é artesã como Mestre Zefa, que migrou de Sergipe fugindo da seca, vindo a refugiar-se em Araçuaí em 1962. Constituiu-se artesã num processo. Inicialmente começou com obras em barro e na madeira tornou-se mestra, “sabendo como poucos explorar em suas peças as características das madeiras da região<sup>21</sup>. Atualmente tem obras espalhadas com colecionadores e amigos na Alemanha, Itália, França, Áustria, Holanda, Estados Unidos e por todo o Brasil.

Outras narradoras são benzedeadas como Sá Luíza (Luíza Ramalho) e Generina Isidoro da Silva, de Araçuaí-MG, mulheres de fé e uma vida a serviço do povo. Senhora Generina faleceu com 106 anos em 22 de abril de 2024, com direito a luto oficial do município por três dias. De acordo com o decreto nº 082 de 23 de abril de 2024, art. 1º “Sua história foi abençoada com o dom da generosidade. Suas palavras de bênçãos tocaram inúmeras vidas por meio de sua reza, dedicou-se à religiosidade, fé e amor ao próximo”. Sá Luíza também falecera já centenária. Conta-se, em Araçuaí, que Sá Luíza vivera em três séculos e é conhecida como “a fada de Deus”.

O contador é agricultor, lavrador, boia-fria como Neném de Araçuaí, um itinerante que retorna com outros saberes. É tropeiro, como João Vaz de Deus, 87 anos quando gravado, “quarenta e dois vividos como tropeiro” (PEREIRA, 1996, p. 20). De acordo com João Vaz de Deus,

A tropa saía daqui, a tropa num tinha massa grande. Só tropa pequena de três léguas. A massa maior de tropa era quatro léguas. Daí pra trás. Daqui a Teófilo Otoni são doze ponto de arrancha. De volta a mesma coisa. Doze

---

20 Ver documentário produzido pelo Núcleo Coletivo das Artes, título: Vissungos e Afrobrasilidades – por Mestre Ivo da Rocha (2021), acesso dia 19/06/2024, em <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=iT175U-xeH4>. Ivo Silvério da Rocha publicou em 2015 o livro Memórias de um Catopê.

21 Saberes Plurais – Museu Virtual – UFMG, acesso <https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/saberesplurais/blog/homenagem-a-mestra-zefa/>.

dia pra cá, doze dia pra lá (PEREIRA, 1996, p. 21).

O narrador-contador é “andarilho, migrante, que trabalhou a vida toda como turmeiro em sítios e fazendas até se estabelecer, aos dezoito anos, na cidade em que vive”, como o é seu Oliveira, 81 anos, gravado no Serro em 1988 (PEREIRA, 1996, p. 20).

O narrador é garimpeiro, agricultor, poeta, escritor, é inspiração, é trabalhador no serviço público dos correios como Pedro Braga, que para não deixar cair no esquecimento as lembranças do Vau, passou a registrar tudo em papel. De acordo com Pereira (1996),

No seu objetivo de não deixar que sua terra caia no esquecimento total, ele registra cuidadosamente nos seus cadernos toda a história do lugar. As lendas referentes aos pontos topográficos, as famílias proprietárias e sua descendência e os casos dos escravos [...] os cadernos de Seu Pedro são preciosidades à espera de estudiosos que, admitindo o espaço da diversidade e do conflito, sempre presentes, queiram dar-lhes agora a voz (PEREIRA, 1996, p. 21).

Souza (2006) foi um destes pesquisadores a que se refere a autora. Com seus trabalhos ajudou a “dar voz” a Pedro Braga. Localizou junto à família do contador quatorze cadernos manuscritos em verso e prosa, dos quais muitos compõem a sua dissertação de mestrado. Ainda de acordo com Souza (2018, p.8-9) Pedro Braga inspirou Eliane Caffé a criar o personagem Antônio Biá, do filme *Narradores de Javé*, de 2003. Eliane Caffé tomou conhecimento de Pedro Braga por meio do livro *Artesão da Memória*, de Vera Lúcia Felício Pereira e com ele trocou correspondência<sup>22</sup>.

Sobre Pedro Braga, disserta Pereira (1996),

Seu Pedro é, no Vau, agente dos Correios e, ao sentir-se na obrigação de manter o posto aberto, único fio de comunicação e vínculo com o progresso, escreve cartas aos que conhece ou de quem já ouviu falar. Como muitas pessoas o procuram, atraídas pela sua fama de contador, solicita aos visitantes o endereço na esperança de que, enviando e recebendo muitas cartas, consiga impedir o fechamento da única instituição que liga sua terra ao resto do país (PEREIRA, 1996, p. 30).

22 Eliane Caffé tomou conhecimento de Pedro Braga quando gravava Kenoma também no Vale do Jequitinhonha, em Araçuaí, na comunidade do Itira, cravada no encontro das águas dos rios Araçuaí e Jequitinhonha, para mais informações ver <https://www.cineduc.org.br/cineaula---narradores-de-jave.html>.

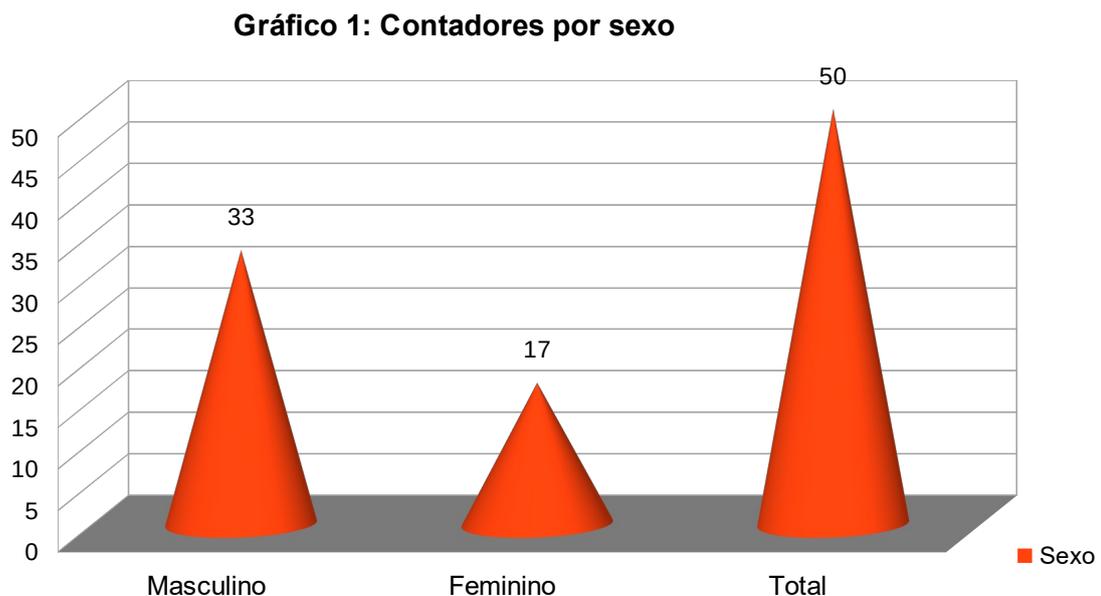
O narrador-contador do Vale tem muitas faces, muitas histórias e é impossível descrevê-lo sem incorrer em reducionismos ou dicotomias. Assim, nas palavras de Walter Benjamin:

Por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo distante, e que se distancia ainda mais. Descrever um Leskov como narrador não significa trazê-lo mais perto de nós, e sim, pelo contrário, aumentar a distância que nos separa dele (BENJAMIN, 1985, p. 197).

Esperamos ter contribuído para o conhecimento, ainda que aproximado, destes contadores-narradores do Vale do Jequitinhonha, a quem somos gratos pela arte de narrar e por ser inspiração. Passamos agora a caracterizar os contadores a partir de categorias como sexo, região do Vale, municípios e outras informações.

#### 4.1 Narradores-contadores por sexo e por região

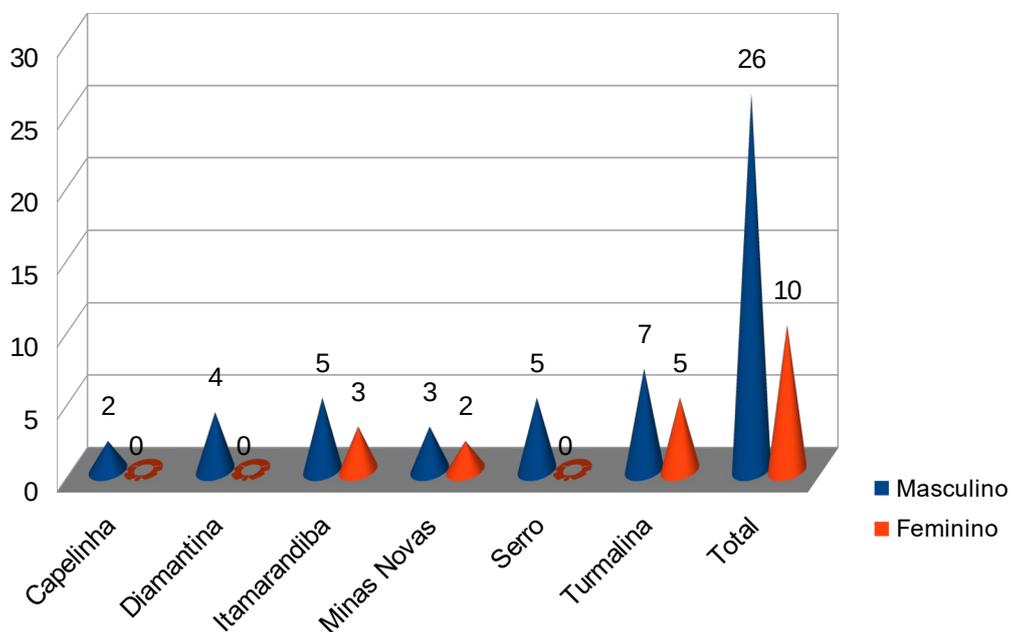
Quanto ao sexo, num universo de 50 contadores inventariados pelos dois projetos no Vale do Jequitinhonha, 33 são homens e 17 são mulheres, conforme gráfico abaixo.



Fonte: elaborado pelo autor

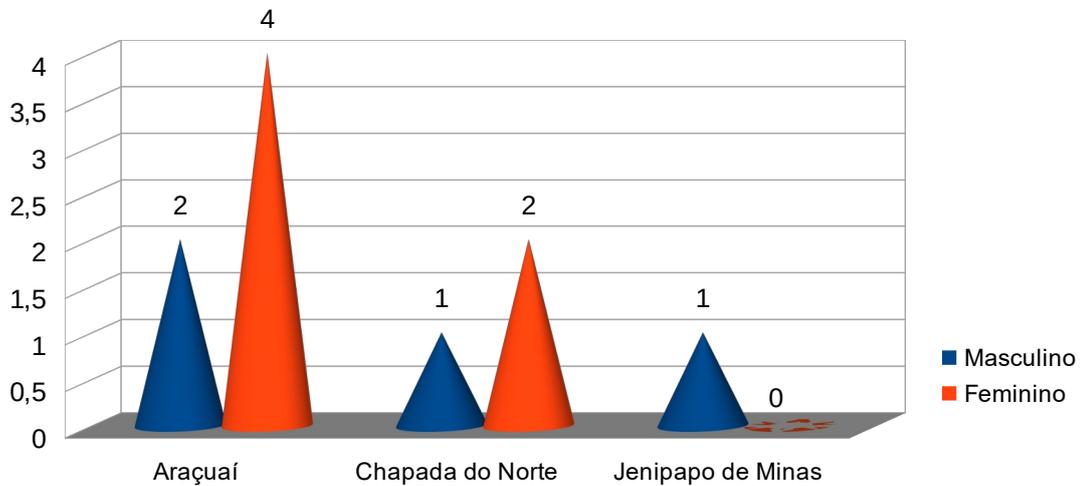
Quanto à distribuição por região, percebe-se uma maior concentração destes nas partes mais altas do Vale, sobretudo nos municípios de Diamantina, Serro e Turmalina. Destaque-se que em Diamantina, Serro e Capelina, 100% dos contadores gravados são do sexo masculino. As mulheres se encontram em um maior percentual em Itamarandiba, Minas Novas e Turmalina, respectivamente representam 40%, 37,5% e 41,6% das contadoras gravadas.

**Gráfico 2: Distribuição por sexo: Alto Jequitinhonha**



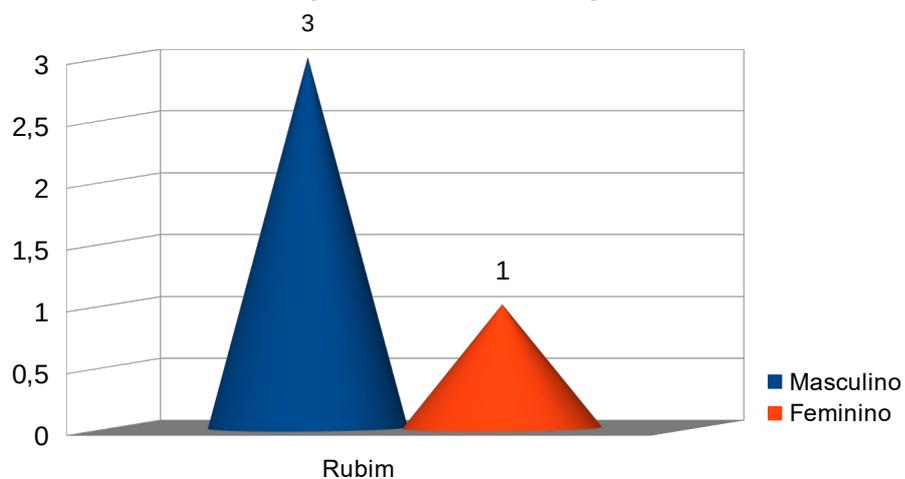
Fonte: elaborado pelo autor

Interessante que a proporção de mulheres em relação aos homens gravados se inverte totalmente no médio Vale do Jequitinhonha, onde se tem expressivamente mais mulheres que homens registrados, somando em Araçuaí e Chapada do Norte, 66,66% de mulheres ante 33,34% de homens. Esse achado merece investigação de pesquisas futuras, tendo em vista que nestes municípios encontram-se muitas comunidades quilombolas, podendo ser indício da mulher como ancestral guardiã da memória coletiva. No entanto, ocorreu o inverso em Jenipapo de Minas, onde só teve a gravação de 01 contador do sexo masculino, de acordo com gráfico abaixo.

**Gráfico 3: Distribuição por sexo: Médio Jequitinhonha**

Fonte: elaborado pelo autor

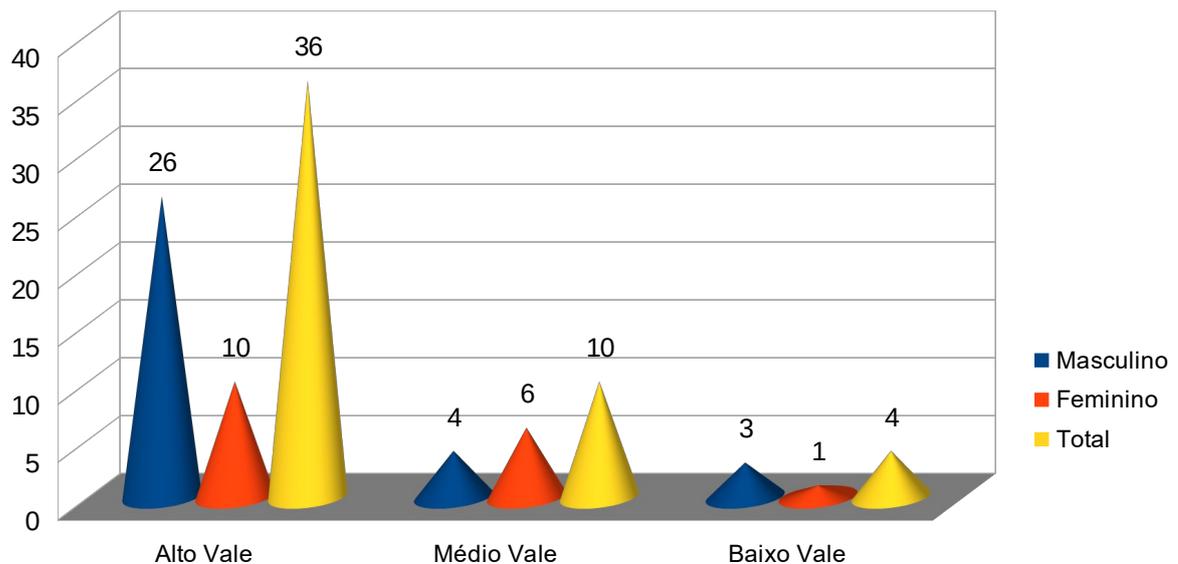
No baixo Vale, os projetos só gravaram narradores-contadores de causos em um Município, que é Rubim, e neste, prevalece também como no Alto Vale a presença maior de homens na proporção de 75% de homens ante 25% de mulheres de acordo com o gráfico abaixo.

**Gráfico 4: Distribuição por sexo: Baixo Jequitinhonha**

Fonte: elaborado pelo autor

No que diz respeito a distribuição dos contadores por região do Vale do Jequitinhonha, tem-se o que segue: no Alto Vale temos a maior quantidade de narradores-contadores com 36 casos no total, sendo 26 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. No cômputo total, 72% dos narradores-contadores foram gravados no Alto Jequitinhonha ante 28% do Médio e Baixo. Dos narradores-contadores gravados, 78,88%, ou seja, vinte e seis (26) foram identificados no Alto Vale ante 21,12% ou sete (7) no Médio e Baixo Vale. Das narradoras-contadoras gravadas, 58,82%, ou seja, dez (10) foram identificadas e gravadas no Alto Vale ante 41,18% ou sete delas no Médio e Baixo Vale. Como pontuado, somente no Médio Vale a presença de mulheres foi superior a de homens.

**Gráfico 5: Distribuição sexo e regiões**



Fonte: elaborado pelo autor

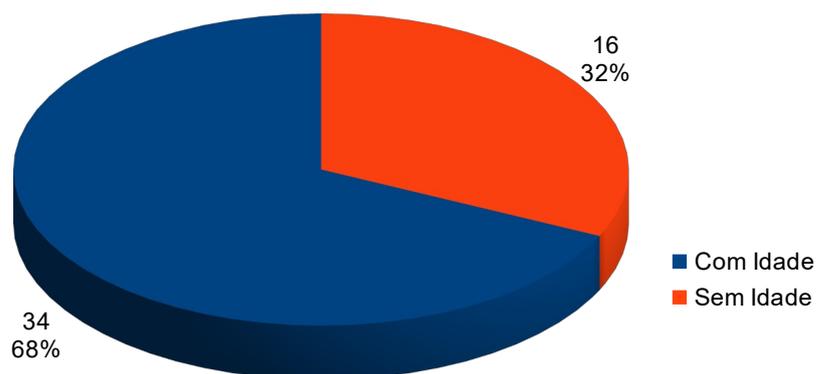
Em síntese tem-se a seguinte configuração: No Alto Vale, 26 homens e 10 mulheres, o que representa na ordem 72% de homens perante 28% de mulheres. No Médio Vale, 4 homens e 6 mulheres, na ordem equivale a 40% de homens e 60% de mulheres. E no Baixo, 3 homens e 1 mulher, o que equivale a 75% de homens e 25% de mulheres.

## 4.2 Faixa etária dos narradores-contadores

O primeiro ponto a se destacar são os desafios encontrados para suprir a falta destes dados, tendo em vista que os projetos não registraram plenamente estas informações. Assim, para suprir essa lacuna, estabeleceu-se meios de busca, sendo: a) pesquisa no catálogo de narradores-contadores dos Projetos Literatura Oral e Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto; b) escuta das fitas cassetes na ausência de informações no catálogo; c) busca em livros, dissertações e na rede de computadores, sites, portal de prefeituras, de notícias local e outras. Quando uma idade era localizada na internet, por exemplo, era calculada a partir da data de gravação menos a data de nascimento, e se obtinha a idade do narrador na data de registro da narrativa, tendo em vista o catálogo mês e ano de gravação.

Dessa forma, após realizar este percurso, foi possível criar um perfil aproximado da faixa etária do grupo, destacando que não foi possível localizar a idade de todos os 50 narradores-contadores. Com esta estratégia, conseguiu-se registrar a idade de 68% dos contadores ante 32% sem idade identificada, conforme gráfico.

**Gráfico 6: Contadores com e sem idade**



Fonte: elaborado pelo autor

O grupo é bastante heterogêneo em sua composição, tendo jovens, adultos e pessoas idosas. A menor idade identificada é de Silvânio, 25 anos, gravado em Rubim no ano de 1989. Do lado oposto, encontram-se Gervásio José Pacheco, 87 anos, gravado em 1988 no Serro; e João de Deus Vaz, 87 anos de idade, 42 vividos como tropeiro, gravado em 1987, em Minas Novas. Quando se trabalha com média das idades, chega-se 63,41 anos de idade. A mediana identificada é 72 anos, (destacada em verde) isso significa que mais de 50% dos gravados têm idade igual ou superior a 72 anos. A moda no quadro de frequência é 78 anos, aparecendo 04 vezes (destacado em verde limão). O quadro abaixo possibilita melhor a visualização da mediana e da moda.

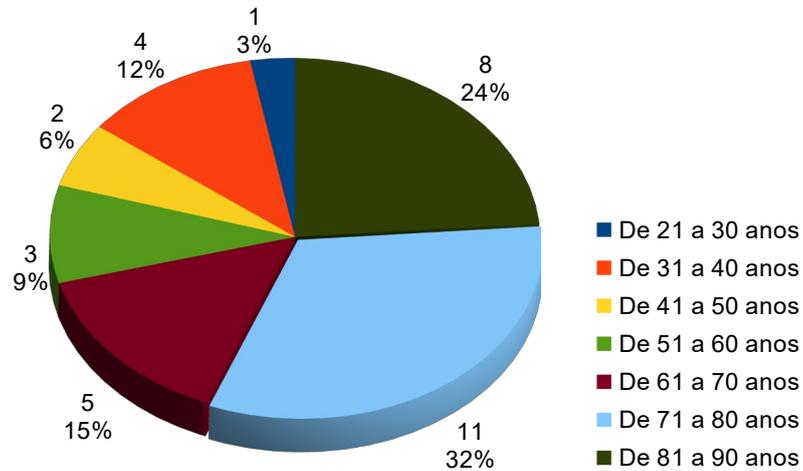
#### **Quadro 2: Mediana e Moda das idades**

25, 37, 38, 38, 40, 45, 49, 56, 57, 58, 61, 63, 65, 68, 68, 71, 72, 73, 73, 73, 76, 78, 78, 78, 78, 78, 80, 81, 81, 82, 84, 84, 87, 87

Fonte: elaborado pelo autor

O gráfico abaixo apresenta a distribuição dos narradores por faixa etária, números narradores e porcentagens, considerando o interstício de uma década entre as idades.

**Gráfico 7: Frequência por faixa etária**



Fonte: elaborado pelo autor

E para concluir as discussões em torno da idade, quando recortamos o perfil considerando pessoa idosa a “pessoa com idade igual ou superior a 60 anos” de acordo com o art. 1º da lei 10.741 de 01 de outubro de 2003, temos que 71% dos narradores têm entre 61 a 90 anos de idade, configurando mais de 2/3 dos gravados nos períodos. Assim, embora o grupo tenha traços heterogêneos e de diversidade, prevalece a figura da pessoa idosa como narrador-contador guardião da memória e do saber.

Pelo gráfico acima, percebe-se a maior concentração de narradores na faixa etária de 71 a 80 anos, com 32% do total, seguido da faixa etária de 81 a 90 anos com 24% e por fim de 61 anos a 70 com 15% dos contadores. Entre todas as faixas etárias registradas, o maior quantitativo de narradores encontra-se entre o perfil já idoso.

Nos dizeres de Pereira (1996, p.13), “por meio dessa atividade mnêmica, o narrador exerce a função quase mítica de ser a memória viva do grupo resguardando a unidade e a história com a autoridade de quem viu, viveu e ouviu”. E ademais, nas palavras de Benjamin (1985, p. 200) o “conselho” - referindo-se às

mensagens transmitidas pelas narrativas orais - “tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria”. O que é falado, é tecido, é construído, é vivido. Nas palavras dos narradores pesquisados no Vale, principalmente dos mais velhos, é comum encontrar no início ou no fim das narrativas as máximas: “falo *porque vi, falo porque experimentei, é verdade, aconteceu mesmo*”.

## 5 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Nesta seção apresento alguns pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista. Alkmim (2001) defende a perspectiva que linguagem e sociedade estão interligadas entre si de forma inquestionável. Mais que isso, esse elo é a base da constituição do ser humano. Embora hoje ninguém questione a influência da linguagem sobre a cultura e da cultura sobre a linguagem, tal pressuposto nem sempre foi consenso, inclusive entre linguistas.

Cuche (1999), na obra *Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, defende a perspectiva relacional da língua e cultura. Para o autor, a língua e a cultura estão numa relação estreita de interdependência. Sendo que a língua tem, entre tantas outras funções, a de “transmitir a cultura”, mas ao mesmo tempo, “é ela mesma, marcada pela cultura”. Citando Lévi-Strauss, o autor trata a linguagem como produto da cultura. Em outras palavras, a cultura de espectro mais amplo tem a linguagem como parte e ao mesmo tempo como condição.

Tanto uma como outra se edificam por meio de oposições e correlações, isto é, por relações lógicas. Consequentemente, pode-se considerar a linguagem como uma fundação, destinada a receber as estruturas correspondentes à cultura encarada sob diversos aspectos. Estruturas que são mais complexas, às vezes, mas de mesmo tipo que as suas (LÉVI-STRAUSS *apud* CUCHE, 1999, p. 95).

Explicitando os pressupostos de Lévi-Strauss, a linguagem é uma fundação destinada a receber estruturas culturais como oralidade, a escrita, a filosofia, a literatura, o romance, a arte, a religião. Ou seja, a linguagem produz tais manifestações culturais, todavia nem todas as manifestações da cultura. Neste aspecto, a cultura tem um espectro mais amplo que a linguagem.

A língua é um produto da cultura e condição para cultura, mas não somente ela. Embora não negasse por completo o elo entre sociedade e linguagem, cultura e linguagem, o linguista genebrino, Ferdinand Saussure, estabeleceu uma cisão entre ambas. No Curso de Linguística Geral – CLG publicado em 1916 como obra póstuma, Saussure funda a linguística moderna, delimitando e definindo seu objeto

de estudo – *a língua* – tomada em si mesma, apartada dos fatores externos (cultura, sociedade, indivíduo). Ou seja, a língua é tomada como estrutura autônoma, independente, e apenas esta deve ser o objeto de análise da linguística.

A língua é para Saussure,

A parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade [...]. A língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente [...] A língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos em que, de essencial só existe a união do sentido e da imagem acústica [...] a língua é uma instituição social (SAUSSURE, 2012, 46-47).

Alkmim (2001) aponta que a cisão estabelecida por Saussure entre língua e fala fundará a tradição estruturalista que tomará a língua em oposição a fala como objeto central da linguística.

A Linguística, propriamente dita, terá como tarefa descrever o sistema formal, a língua. Inaugura-se, assim, a chamada abordagem imanente da língua, que, em termos saussurianos, significa afastar tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema (ALKMIM, 2001, p.23).

Saussure, no Curso de Linguística Geral, estabelece algumas dicotomias, que merecem análise neste capítulo para a compreensão da sociolinguística, ciência que surge na década de 60 e toma a linguagem e sociedade em contínua interação, uma determinando a outra.

A primeira dicotomia saussuriana gira em torno da distinção entre “*langue* e *parole*” (língua e fala). No CLG, a língua é homogênea, um sistema de signos. Para o autor, um tesouro que é depositado, pela prática da fala (“*parole*”) no cérebro dos falantes. A “*langue*” é essencial, o objeto da linguística. Já a “*parole*” é um ato individual de vontade, é heterogênea, é a manifestação concreta da língua. Ademais, é acessória e acidental.

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo – esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala (SAUSSURE, 2012, p. 51).

Embora reconheça que “parole e langue” estejam “estritamente ligados e se impliquem mutuamente”, Saussure concebe a língua como objeto da linguística, tão somente. “Nossa definição de língua supõe que eliminemos dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema” (SAUSSURE, 2012, p.53). Leia-se como estranho ao sistema, a fala, a “parole”. “A língua é para nós a linguagem menos a fala” (SAUSSURE, 2012, p. 117). Para Saussure “é na fala que se acha o germe de todas as modificações” (SAUSSURE, 2012, p.141), mas

Todas as inovações da fala não têm o mesmo êxito e, enquanto permanecem individuais, não há por que levá-las em conta, pois o que estudamos é a língua, elas só entram em nosso campo de observação no momento em que a coletividade as acolhe (SAUSSURE, 2012, p. 141).

Outra dicotomia saussuriana a considerar é o conceito de sincronia e diacronia. São conceitos que devem ser concebidos como eixos ou perspectivas pelas quais a língua pode ser estudada. Pela sincronia é possível estudos do presente ou do passado. A sincronia busca estudar o estado que a língua assume em momento específico, seja do presente ou do passado. Assim, é possível fazer um recorte e dizer como a língua era em determinado período. É o caso deste estudo com recorte nos anos de 1987-1997. Metaforicamente, gosto de pensar o recorte histórico como uma cena que é registrada numa pintura ou fotografia. Assim, o estudo sincrônico extrai da cena registrada as informações, contextualizando a língua naquele momento histórico, sem realizar comparações e demarcar as evoluções que ocorrem ou ocorreram com a língua ao longo do tempo. Destaca-se que, quando se começa a comparar e marcar uma perspectiva evolutiva da língua, migra-se da sincronia para a diacronia.

O próprio Saussure parece apontar que não há uma distinção radical entre o sincrônico e diacrônico, uma vez que a língua é acima de tudo histórica e que as perspectivas não se excluem mutuamente (SAUSSURE, 2012, p. 138). Assim, Saussure destaca que “essas duas ordens de fenômenos se acham em todas as partes estritamente ligadas entre si, uma a condicionar a outra, acaba-se por acreditar que não vale a pena distingui-las” (SAUSSURE, 2012, p.140). Ademais, “a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado *momentâneo* de seus termos” (SAUSSURE, 2012, p. 121).

A aparente superação da dicotomia não ocorre, e segundo Saussure, as pesquisas em linguística devem seguir dois caminhos, da sincronia ou diacronia.

Ainda que no estudo de uma língua a observação se aplique ora a um aspecto ora a outro, é absolutamente necessário situar cada fato em sua esfera e não confundir os métodos [...] A linguística sincrônica se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva. A linguística diacrônica estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si (SAUSSURE, 2012, p. 142).

Lopes (1997) sintetiza a discussão empreendida por Saussure ao considerar que coexistem na língua em cada estado passado (arcaísmo), presente (norma vigente e variações) e futuro (neologismos).

Diferentemente de Saussure – que concebia a língua como um fenômeno homogêneo, autônomo, independente, sendo por excelência o objeto de estudo da linguística – William Labov se apropria da fala para seus primeiros estudos linguísticos. Sobre a suposta homogeneidade linguística, considera o autor.

As pessoas que identificam estrutura com homogeneidade encontrarão pouquíssima estrutura em Nova York. Além de um amplo espectro de variação social, também se relatou uma extensa variação estilística, dando a impressão geral de que qualquer um pode dizer qualquer coisa (LABOV, 2008, p. 91).

Lançadas as dicotomias saussurianas, passamos agora a discorrer sobre os pressupostos da sociolinguística e seu método nas pesquisas em linguística.

## **5.1 Pressupostos e metodologia da sociolinguística**

O pressuposto central para a compreensão e aplicação da sociolinguística como metodologia de pesquisa deriva da inserção de componentes sociais até então desconsiderados nos estudos em linguística.

A inserção de componentes sociais agregou para a linguística um pressuposto essencial, talvez hoje inquestionável de que “linguagem e sociedade estão interligadas entre si” (ALKMIM, 2001, p. 21), e que de certa forma é

inimaginável conceber língua sem influência da sociedade e da cultura, como conceber sociedade e cultura sem influência da linguagem.

Para Tarallo (2000), a sociolinguística proposta por Labov apresentou-se como uma reação à ausência do componente social do modelo gerativo e estruturalista. Assim, “foi, portanto, William Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e a própria língua falada” (TARALLO, 2000, p. 7).

Desta forma, compreender, estudar a língua e a variação é trabalho da Sociolinguística. Esta parte do pressuposto de que toda língua, falada por qualquer povo ou comunidade, exibe no seu curso variações. Implica dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades linguísticas. Implica dizer que a língua, ou nenhuma língua é homogênea, autônoma e independente, como se existisse por si e para si mesma, sem influências da sociedade. Ademais, pressupõe pensar e assumir que homens e mulheres não falam de forma idêntica; pressupõe-se assumir que entre classes distintas há modos e formas de se comunicar diferentes e ainda que, dentro de um mesmo grupo social, há formas diversas de se expressar. O principal embasamento da ideia “de que a variação existe” como exposto, parte de um dos axiomas da Sociolinguística Laboviana – de que a variação é inerente ao sistema linguístico, sendo a língua um sistema heterogêneo (WEINREICH, et al, 2006; LABOV, 2008)

Tal axioma se contrapõe ao pensamento neogramático que prevê a estrutura da língua a partir de um recorte homogêneo. Assim, de acordo com a visão variacionista Laboviana, a língua agrega possibilidades inerentes de variação passível de estruturação. Deste argumento decorre que heterogêneo e ordenado também pode ser a competência dos falantes.

A heterogeneidade, de acordo com a sociolinguística, pode e deve ser organizada. De acordo com Silva (2011, p. 51),

Analisar e aprender a sistematizar variantes linguísticas usadas por uma comunidade de fala são os principais objetivos da sociolinguística. De forma simples e direta, podemos dizer que o objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso (SILVA, 2011, p. 51).

Da sociolinguística Laboviana decorre a análise da “teoria da variação linguística”, modelo teórico-metodológico que assume a coexistência de variantes no meio social e que procura probabilidades de uso dessas variantes. Por envolver a análise de números, frequências e dados estatísticos, também é chamado de “sociolinguística quantitativa” (TARALLO, 2000, p 8).

Mas, quais foram as novidades que levaram Labov, Weireich e Herzog a fundarem uma nova ciência? Para tentar responder tal questão, é necessário apresentar pontos das duas obras principais dos autores, ambas traduzidas para o português, sendo:

- a) *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, publicada em 1968 por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog. Essa obra foi traduzida para o português por Marcos Bagno;
- b) *Padrões sociolinguísticos*, publicada em 1972 por William Labov, também traduzida por Marcos Bagno.

Sobre a obra publicada em 1968, Bortoni-Ricardo (2019) destaca que:

Nessa obra, criticam o conceito de língua, como proposto por Saussure, primeiro porque, segundo os autores, essa não restou bem caracterizada como um fato social. Em segundo lugar, por ter Saussure estabelecido a completa homogeneidade do código linguístico como pré-condição para análise da língua (BORTONI-RICARDO, 2019, p. 52).

A crítica de Bortoni-Ricardo encontra amparo nas palavras de Weinreich et al (2006) ao considerar que variações no sistema não podem ser consideradas como erros ou extravagâncias.

Desvios do sistema homogêneo não são erros ou extravagâncias a serem atribuídas ao desempenho ou performance, mas estão codificadas e são parte de uma descrição realista da competência da comunidade de fala (WEINREICH et al, 2006, p. 121).

Weinreich et al (2006) não apenas criticam o sistema homogêneo. Contrapõem a homogeneidade propondo um sistema linguístico heterogêneo. Então se a língua é heterogênea dentro de um sistema, como ainda nos entendemos? O que existe no sistema que mantém a comunidade falante em entendimento?

A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura

linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas (WEINREICH et al, 2006, p. 121).

Pode-se citar como sistema heterogêneo, todavia ordenado, uma variação comum da língua que é produtiva ao lado de regras categóricas. Exemplificando, tem-se como categórico a colocação de artigo em relação ao nome que determinará. Como regra, o artigo aparece antes do nome, assim tem-se o boi, a vaca, a casa, o carro, o menino. Não se costuma encontrar no sistema heterogêneo o contrário, como boi o, vaca a, casa a, carro o, menino o, todavia, encontra-se com frequência variáveis como os boi, as vaca, as casa, os carro e os menino.

Isto posto, passa-se agora a definir processos metodológicos que são relevantes para a pesquisa a partir da perspectiva da sociolinguística variacionista.

## **5.2 Etapas da pesquisa em Sociolinguística.**

As pesquisas investigativas em linguística, focadas na variação e na mudança, encontram na Sociolinguística laboviana uma metodologia criteriosa e consistente para condução de pesquisas, tendo a língua falada como objeto. Além disso, de acordo com Tarallo (2000), é a língua falada no dia a dia, na rua, na praça, clube, bar, parques, rodas de amigos, nos corredores. “É a língua falada entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados” (TARALLO, 2000, p. 19).

Abaixo apresenta-se tópicos que são essenciais para a condução de pesquisas em sociolinguística. Destaca-se que a elaboração que segue teve por base as obras de LABOV (2008) - *Padrões Sociolinguísticos*; WEINREICH et al (2006) - *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*; TARALLO (2000) - *A pesquisa sociolinguística*; BORTONI-RICARDO (2019) - *Manual de Sociolinguística*.

Acredita-se que a descrição dos processos metodológicos contribui em muito para a pesquisa em sociolinguística. Assim sendo, passamos a discutir os seguintes processos: a seleção dos informantes; a coleta de dados; o envelope de variação; as questões hipotéticas e a análise de dados.

### 5.2.1 A seleção dos informantes.

Como já pontuado, foi Labov quem insistiu na relação entre língua e sociedade, nas pesquisas linguísticas. Assim sendo, há que se considerar que a seleção dos informantes vem da comunidade de fala. O informante não é o objeto de pesquisa, mas o meio pelo qual se manifesta a língua falada, no cotidiano da vida. É por meio do indivíduo, desta forma, que se propaga e se transmite o fato linguístico que se deseja investigar.

O número de pessoas que participará da pesquisa não é um consenso na sociolinguística, depende do fato linguístico que se deseja observar. Tarallo (2000) aponta que variável fonológica, por exemplo, é mais recorrente na fala, necessitando, para tal, uma amostra menor. Contudo, variável sintática tem menor ocorrência, sendo necessário uma amostra maior.

No estudo de 1962 – na ilha de Martha’s Vineyard em Massachussets – no qual William Labov buscou estudar a produção dos ditongos / ai / e / au /, em palavras como right, pie, life, backhouse, house, firefly, spider, etc – o pesquisador trabalhou com a seguinte amostra.

Os 69 falantes, pouco mais de 1% da população, representam uma amostra criteriosa da comunidade de residentes nativos e dos grupos que são importantes na vida social e no sistema de valores da ilha. A amostra é proporcional à área, mais do que à população. 40 são moradores da ilha alta, e só 29 vem da ilha baixa, embora mais de 70% da população vivam na ilha baixa. Os grupos ocupacionais mais importantes estão representados: 14 na pesca, 8 na agricultura, 6 na construção, 19 no ramo de serviços, 3 profissionais liberais, 5 donas de casa, 14 estudantes (LABOV, 2008, p. 32).

Bortoni-Ricardo (2019) assinala que a pesquisa da ilha de Martha’s Vineyard consistiu na seleção e coleta de dados de 69 residentes de todas as partes da ilha, que foram gravados em três períodos, de agosto, setembro e outubro de 61 e depois em janeiro de 1962. Sendo que os grupos populacionais mais relevantes da amostra são indivíduos ocupados em pesca (14), agricultura (8), construção civil (6), serviço (18), profissional liberal (3), donas de casa (5) e estudantes (14) (BORTONI-RICARDO, 2019, p. 55).

Após a conclusão do estudo pioneiro na Ilha de Martha’s Vineyard, Labov desenvolve o estudo *A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na*

*cidade de Nova York* (LABOV, 2008, p. 63-90). Este estudo procura compreender as variações fonológicas surgidas a partir da consoante / r / em posição pós-vocálica em *car, card, four, fourth* (carro, cartão, quatro, quadro). Para as investigações foram feitas “70 entrevistas individuais e uma grande quantidade de observações anônimas em lugares públicos” (LABOV, 2008, p.64; BORTONI-RICARDO, 2019, p. 59). Labov ainda utilizou-se de diálogos em diferentes pontos da cidade de Nova Iorque, sendo 60 na Saks, 125 na Macy’s e 71 na Kleins (BORTONI-RICARDO, 2019, p. 59). O “tempo total de entrevista com os 264 falantes foi de aproximadamente 6 horas e meia” (LABOV, 2008, p. 71).

Nota-se que Labov realizou dois experimentos, cada um com suas particularidades e configurações específicas para descobrir fatores sociais que influenciavam o curso da língua. No experimento da ilha, a questão do ditongo centralizado relacionava-se com a questão da identidade e a afirmação de status social do morador nativo pertencente à ilha e com desejo de ali permanecer. Como destaca o autor: “grupos diferentes têm de responder a desafios diferentes a seu status nativo. E nas duas últimas gerações, os desafios se tornaram mais aguçados por causa das duras pressões econômicas e sociais (LABOV, 2008, p. 57). As pressões a que se refere o autor são os veranistas que invadem a ilha no verão, especulação imobiliária e crescimento populacional cada vez maior.

No experimento de Nova Iorque, o estudo mostrou que o emprego no fonema /r / no final de sílaba demarcava um traço variável e marca de prestígio com forte valor sociossimbólico. Para comprovar a hipótese, Labov estratificou a pesquisa por local onde se encontram as lojas. Quanto mais elitizado o espaço e a loja, mais os vendedores usavam a marca linguística de prestígio, ou seja, o / r / pronunciado na posição final da sílaba.

Tarallo (2000) faz algumas considerações importantes acerca da seleção de informantes que passamos a citar: 1) seja qual for o grupo ou a comunidade, o pesquisador jamais deve deixar claro que o objetivo é estudar a língua tal como é usada na comunidade, pois isso pode alterar o comportamento linguístico; 2) sempre esclarecer que a gravação poderá ser interrompida ou destruída a qualquer tempo, até na presença mesmo do entrevistado; 3) o pesquisador deve acomodar sua linguagem ao comportamento linguístico da comunidade; 4) a amostra deve ser

aleatória; 5) estabelecimento de critérios para seleção de informantes (idade, renda, estudo, etc); 6) o tamanho da amostra sempre será variável a depender do objeto de estudo.

### 5.2.2 A coleta de dados

A coleta de dados para pesquisas investigativas em linguística, focadas na variação e na mudança linguística, encontram na língua falada sua maior fonte. De acordo com Tarallo (2000), “a língua falada no dia a dia, na rua, na praça, clube, bar, parques, rodas de amigos, nos corredores” é objeto da sociolinguística. Pode-se dizer que além de objeto, constituem-se fontes genuínas.

Labov (2008) considera que os “meios empregados para coletar os dados interferem nos dados a serem coletados”. O autor problematiza o chamado paradoxo do observador. Assim, como podemos pesquisar em sociolinguística sem interferir na comunidade de fala? O pesquisador pode interferir na naturalidade da fala e alterar a naturalidade da língua ao se filmar, gravar e entrevistar. Como sair desta armadilha? Labov sugere que para superar o paradoxo é preciso

Romper os constrangimentos da situação da entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emergja. Isso pode ser feito em vários intervalos e pausas, que se bem definidos, fazem com que a pessoa presuma inconscientemente que, naquele momento, não está sendo entrevistada. Também podemos envolver a pessoa com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ela experimentou no passado, ou envolvê-la em outros contextos (LABOV, 2008, p. 244-245).

Assim, a melhor forma para coleta de bons dados, de modo que reflitam fidedignamente e com boa qualidade sonora o vernáculo em uso, dá-se por meio das gravações. Segundo o autor, “o método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada” (LABOV, 2008, p. 64). No entanto, tal entrevista não é aquela em estilo monitorado, formal, com interferência de observador externo. Trata-se, antes de tudo, de um modelo de entrevista individual (gravada) em contexto social natural.

Importante destacar que os procedimentos éticos da atualidade questionam o modo de coleta de dados proposto por Labov, particularmente àqueles com pausa, sem ciência e consentimento do usuário. Convém considerar que Labov viveu em outro contexto, no qual comitês de ética de pesquisa atuavam de formas distintas do contexto atual.

Labov (2008), objetivando superar o paradoxo do observador, criou um módulo de perguntas que denomina “perigo de morte” para coletar narrativas de adolescentes negros do Harlem, gueto de Nova Iorque. O módulo, concebido pelo autor, passou por inúmeros aperfeiçoamentos e pode ser adaptado para diversos contextos de pesquisa. Sinteticamente, segue as perguntas:

- ⌚ Pergunta 1: você já esteve alguma vez em uma situação em que estivesse correndo sério risco de vida? Uma situação em que tenha dito a você mesmo: Chegou a minha hora. Narrativa do entrevistado...
- ⌚ Pergunta 2: O que aconteceu? Narrativa ....
- ⌚ Pergunta 3: O que você acha? Narrativa...

As narrativas produzidas em resposta às perguntas, quase sempre, exibem mudança de estilo que se distancia da fala monitorada e se aproxima do vernáculo corrente em uso. Labov considera que conduzir entrevistas individuais com foco na vida das pessoas reduz o efeito e neutraliza os efeitos da observação, superando-se assim, o paradoxo do observador (LABOV, 2008, p. 245-246; TARALLO (2000, p. 22-23).

Segundo Tarallo (2000, p. 23), a narrativa de experiência pessoal é uma mina de ouro para a pesquisa sociolinguística. Assim, “ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma”.

Para Bortoni-Ricardo (2019), o trabalho para captar uma variedade consiste num “exaustivo trabalho empírico de gravação de falas espontâneas”. Considera que, “quanto menos atenção os falantes prestarem ao seu discurso, mais próximo estarão de seu vernáculo, e mais confiáveis serão os dados recolhidos pelo investigador” (BORTONI-RICARDO, 2019, p. 53). A autora, assim descreve a coleta de dados utilizada por Labov na pesquisa de Martha’s Vineyard,

A metodologia de coleta de dados consistiu em entrevistas direcionadas de modo a propiciarem uma rica coleta de palavras com os ditongos que se queria estudar. Foi também solicitado na escola secundária que os alunos lessem em voz alta um texto narrativo de 200 palavras sobre um tema de seu interesse. As gravações dessas leituras geraram medições espectrográficas, que permitiram comparações mais precisas entre falantes (BORTONI-RICARDO, 2019, p. 55).

Do exposto até o momento, quanto à coleta de dados, não resta dúvida que para pesquisa sociolinguística é importante destacar três pontos. Primeiramente que a língua em uso é ao mesmo tempo objeto de pesquisa e fonte de dados para pesquisa. Segundo, que o paradoxo do observador é um desafio de difícil solução, todavia, é possível a neutralização de seus efeitos. E por fim que gravações e transcrições são meios importantes para a pesquisa e isso fica evidente em diversas passagens dos trabalhos sistematizados em Labov (2008), na obra *Padrões Sociolinguísticos*.

### 5.2.3 O envelope de variação

O envelope de variação é um termo utilizado na pesquisa sociolinguística para descrever detalhadamente uma variável, as variantes e os contextos que podem ou não ser produtivas. Coelho et al (2012) destaca que para a descrição do envelope de variação é necessário reconhecer o fenômeno em variação, descrever a variação e identificar as variantes. Assim, na existência de duas ou mais variedades, deve existir equivalência de sentido, onde  $A = B = C$  no plano semântico ou no fonológico, por exemplo.

Para Bortoni-Ricardo (2019, p. 68) “as formas que supostamente transmitem o mesmo conteúdo semântico, expresso com recursos linguísticos distintos, vão caracterizar regras variáveis e suas alternativas são denominadas variantes”. Ou seja, a forma “nós fomo”, nós fomos”, nós foi” e nós fumu” transmitem o mesmo conteúdo.

Um exemplo de envelope de variação já descrito é a forma como aparece as variantes da marcação do plural em nomes ou substantivos. A variedade padrão tem como regra categórica que o artigo determina o nome em singular ou plural. Como regra, o artigo aparece antes do nome. Assim, tem-se como regra *o boi, a vaca, a casa, o carro, o menino*. Não se costuma encontrar no sistema heterogêneo o contrário, como *boi o, vaca a, casa a, carro o, menino o*. Todavia, encontra-se com frequência variantes como *os boi, as vaca, as casa, os carro e os menino*. De acordo com Tarallo (2000, p. 34) a variável / s / de marcação do plural correspondem a

variantes: a presença do segmento / s / ou sua ausência [Ø]. Ou seja, os bois ou os boi.

Embora Labov não tenha, aparentemente, empregado o termo envelope de variação, o autor é muito claro quanto a seleção e a descrição da variável que investigará. Isso é muito evidente nos estudos de 1962, na ilha de Martha's Vineyard em Massachussets, no qual o pesquisador buscou estudar a produção dos ditongos /ai / e / au /, em palavras como *right, pie, life, backhouse, house, firefly, spider*. Labov (2008, p. 26-36) descreve a variável e o fenômeno linguístico que investigará no estudo da ilha de Martha's Vineyard.

A descrição do fenômeno, entendido como envelope de variação, também é encontrada nos estudos *A estratificação social do / r / nas lojas de departamentos na cidade de Nova York* (LABOV, 2008, p. 63-90). Este procura compreender as variações fonológicas surgidas a partir da consoante / r / em posição pós-vocálica em *car, card, four, fourth* (carro, cartão, quatro, quadro). Sobre o tema, o autor escreve,

A análise adequada da variável linguística é o passo mais importante da investigação sociolinguística [...] Se falharmos nessa tarefa e pusermos no mesmo lote subclasses invariantes, subclasses com alta frequência e com baixa frequência, nossa visão das estruturas sociolinguísticas não será nítida. O padrão regular da variável pode ficar submerso num grande número de casos irregulares [...] uma vez que estabelecemos esta definição da variável, teremos condições de seguir o princípio da explicabilidade (LABOV, 2008, p. 93-94).

#### **5.2.4 O levantamento de hipóteses para explicação do fenômeno**

A intrínseca relação entre língua e sociedade – hoje consensual entre linguistas – é para a sociolinguística uma relação inequívoca. Assim, desta correlação advém o pensamento segundo o qual para cada variante correspondem certos contextos que a favorecem. Esses contextos são chamados “fatores condicionadores (TARALLO, 2000). Numa comunidade de fala, o que leva determinados grupos a não utilizarem o plural em contexto de comunicação como em os menino, os boi? Por que encontramos tantas variedades em uso? Quais fatores condicionadores influenciam determinado uso?

A sociolinguística traz para seu campo de pesquisa a tentativa de

compreensão de tais fenômenos. Assim, na pesquisa, o levantamento de hipóteses é fundamental. Diante da produtividade de tais variedades no campo linguístico, cabe ao pesquisador elencar hipóteses como, por exemplo, se apagamento do plural tem relação direta com escolaridade e com a idade do falante.

Como vimos, nos resultados das pesquisas de Labov, dois fatores extralinguísticos influenciaram a variação linguística nas pesquisas de Martha's Vineyard em Massachussets e da *Estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York*, sendo a afirmação da identidade social de nativos e o prestígio social da língua culta do falante novaiorquino.

Outro exemplo interessante para se pensar aqui é a elevação das vogais médias / e / e / o / que será também analisada neste trabalho. Segundo Bortoni-Ricardo (2011, 2019), a elevação das vogais médias é uma das regras variáveis mais estudadas no português do Brasil.

Desde a primeira gramática da língua portuguesa de autoria de Fernão de Oliveira (1536), são citados exemplos de palavras em que ocorre a elevação dessas vogais, atribuída a um processo de harmonia vocálica, isto é, a vogal pretônica é assimilada em altura à vogal tônica alta seguinte (BORTONI-RICARDO, 2019, p. 75).

Para Bortoni-Ricardo (2011, p. 48) “a literatura filológica tradicional no Brasil tem considerado a elevação das vogais pretônicas como consequência da regra de harmonia vocálica, isto é, a vogal pretônica é assimilada à vogal alta seguinte”. Assim, apresenta-se os seguintes exemplos de variáveis para harmonização vocálica:

i) / e / para / i /: feliz para filiz; seguinte para siguinte; perigo para pirigo; menino para minino; seguro para siguro; veludo para viludo.

ii) / o / para / u /: fortuna para furtuna; gordura para gurdura; moringa para muringa; cortina para curtina.

Aparentemente, a hipótese da harmonização vocálica parece ser bastante razoável como um fenômeno fonológico para toda a coletividade, visto que segundo Bortoni-Ricardo (2011) tal fato linguístico apresenta baixa estigmatização na sociedade. Ademais, é muito usado por diversos falantes da língua portuguesa, principalmente quando não há monitoramento.

Uma característica interessante dessa regra é que ela não está associada a valores socio-simbólicos positivos ou negativos, portanto não é marcadora de formalidade nos diversos estilos, ainda que a informalidade possivelmente favoreça a aplicação da regra. Em estilo mais monitorado, é possível que o falante preserve a realização média das vogais (BORTONI-RICARDO, 2019, p. 76).

Embora a teoria da harmonização vocálica seja quase que um consenso na sociolinguística, poderíamos elencar outras hipóteses para o fenômeno: em comunicação não monitorada o fenômeno é mais frequente entre alguma faixa etária x ou y. Em fenômeno não monitorado a classe social influencia na produtividade do fato linguístico? Em evento não monitorado a escolaridade influencia na produtividade do fato linguístico? As questões acima são colocadas para elucidar possibilidades investigativas dentro do campo da sociolinguística.

#### **5.2.5 A análise de dados.**

A análise de dados baseada na sociolinguística variacionista se dá a partir do que o pesquisador coloca como variável de pesquisa, podendo ser segundo Bortoni-Ricardo (2019) variáveis linguísticas e não linguísticas. Aos fatores extralinguísticos ou não linguísticos Tarallo (2000) denomina “fatores condicionadores. Labov (2008) considera que fatores sociais – como faixa etária, profissão, classe social, identidade social – podem pressionar fatores linguísticos. Isso ficou evidenciado nos estudos de Martha’s Vineyard em Massachussets e da *estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York*, sendo importante considerar tais fatores como condicionantes.

Os fatores linguísticos são inúmeros. É posto a partir do fenômeno que se deseja investigar. Podem recair sobre substantivos, adjetivos, verbos, advérbio. Pode se dar a partir da classificação das palavras em monossílabos, dissílabos, trissílabos ou polissílabos, ou quanto à conjugação verbal, 1ª, 2ª e 3ª conjugação, a depender do fenômeno.

Outro ponto importante a se destacar é que a sociolinguística se apropria da estatística para gerar dados para análise, por isso foi denominada também de “sociolinguística quantitativa”.

Passamos agora para a descrição dos procedimentos metodológicos desta pesquisa.

## 6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esse capítulo descreve os procedimentos metodológicos adotados para a elaboração desta dissertação<sup>23</sup>. Tem como objeto possíveis variações linguísticas em narrativas orais que foram gravadas nos anos de 1987 a 1997, no Vale do Jequitinhonha, por dois projetos de pesquisa, sendo Literatura Oral e o projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto.

Convém registrar que todo o percurso da pesquisa fundamentou-se em investigação de natureza exploratória, que tem caráter qualitativo, buscando maior compreensão de fenômenos linguísticos. Deslauriers (2008) em *A pesquisa qualitativa, enfoques epistemológicos e metodológicos* defende que a pesquisa qualitativa de natureza exploratória possibilita ao pesquisador familiarizar-se com pessoas, situações, problemas, da mesma forma que pode servir para determinar os impasses e os bloqueios de um projeto de pesquisa. Por sua vez, a pesquisa qualitativa de natureza descritiva colocará as questões “como” e o “quê” dos fenômenos analisados e por meio da precisão dos detalhes fornecerá informações contextuais que poderá servir de base para pesquisas explicativas mais desenvolvidas (DESLAURIERS, 2014, p. 127-150).

Ainda segundo o autor,

A pesquisa qualitativa, tem sido, inúmeras vezes, utilizada para descrever uma situação social circunscrita (pesquisa descritiva), ou para explorar determinadas questões (pesquisa exploratória), que, dificilmente, o pesquisador que recorre a métodos quantitativos consegue abordar (DESLAURIERS, 2014, p. 130).

De acordo com Turato (2005), a abordagem qualitativa é um método bastante eficaz e útil para quem busca entender o contexto em que ocorre o fenômeno. Em vez de números, frequências, dados estatísticos, o objetivo da abordagem qualitativa é um entendimento mais profundo, e, se necessário, subjetivo do objeto de estudo.

Para Neves (1996), a pesquisa qualitativa compreende um conjunto de técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados.

---

<sup>23</sup> O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética – CEP, por meio do parecer de nº 6.470.633, em 30 de outubro de 2023, Belo Horizonte, MG.

Por meio da pesquisa exploratória, leitura e escuta das narrativas, foi possível perceber que existem, aparentemente, dados na língua que precisam ser explorados e sistematizados. O contato exploratório possibilitou a compreensão de que existem variações que precisam ser confirmadas e a sociolinguística é, no campo da linguística, a ciência responsável por aferir tais variações na língua.

Assim, pode-se concluir pelo exposto que teremos um foco epistemológico de natureza quantitativo-qualitativo, visto que “somente pode-se dizer que uma pesquisa é quantitativa quando os dados são analisados de modo quantitativo”, sendo pesquisas oriundas de “sondagens com questões fechadas, em que as respostas são submetidas ao tratamento estatístico” (DESLAURIERS, 2008, p. 129).

## **6.1 Do universo da pesquisa**

O capítulo II da dissertação demonstrou que o conjunto das narrativas em áudio e transcrição foi gerado pelos projetos Literatura Oral e pelo projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto em municípios do Alto, Médio e Baixo Vale do Jequitinhonha de 1987 a 1997. Em síntese, os projetos conseguiram inventariar e gravar um total de 255 contos de encantamento, ensinamento, magia, causos e lendas que estão identificados por contadores, por município, por ano de gravação. Destes 255 contos gravados, 200 foram transcritos pelo projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto, que se constituiu num corpus com mais de 168 mil palavras. A fidelidade das transcrições possibilitou, creia-se, um panorama da língua tal qual veiculada e registrada nos anos de gravação. Tendo em vista o grande volume do corpus, a presente dissertação deu-se a partir de um recorte por dentro do corpus maior de 168 mil palavras.

No capítulo III buscou-se descrever o território do Vale do Jequitinhonha e sua conformação histórica, pois entende-se que são indissociáveis categorias como língua e sociedade.

O capítulo IV tornou-se um refinamento do capítulo II, visto que buscou-se a caracterização do contador, a idade, profissão, modo de vida. Para Tarallo (2000), tal tarefa torna-se essencial, visto que “fatores condicionadores” são chaves para descrição de variedades linguísticas. Ainda no capítulo IV chegou-se à conclusão de

que foram identificados e gravados 50 contadores, sendo 33 homens e 17 mulheres, distribuídos por dez municípios do Vale do Jequitinhonha.

No capítulo V explanou-se os pressupostos metodológicos da sociolinguística que servirá de base para descrever os processos de pesquisa dessa dissertação. Assim sendo, passamos agora a detalhar os procedimentos.

## **6.2 Do recorte da pesquisa: origem dos dados.**

A pesquisa até aqui sistematizada e descrita nos capítulos de II e IV aponta que a iniciativa de dois projetos contribuiu para a criação de um corpus de 255 narrativas orais em áudios, sendo que destas, 200 foram transcritas. Posteriormente, diferentes atores começaram a pesquisar as narrativas transcritas. Estas tornam-se objetos de dissertações, materializam-se em livros, dicionário de verbetes e léxicos, os áudios em dois CDs com 7 faixas cada. Assim, transforma-se de corpus em corpora, servindo de base para outros estudos.

De acordo com a concepção variacionista, tal corpus (áudios e transcrições) ainda não passou por um tratamento de dados e por investigação nesta perspectiva. No entanto, pondera-se, de antemão, algumas exceções, que por si, tornaram-se um genuíno trabalho sociolinguístico. Se destaca neste quesito as transcrições realizadas pelo projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto que se deram a partir dos pressupostos da sociolinguística. Buscou-se, com as transcrições, capturar e registrar a naturalidade da fala. Assim, as transcrições constituem-se em um acervo sociolinguístico de grande valor para pesquisas nesta perspectiva. Outro trabalho é a pesquisa de léxicos documentada por Antunes e Ferraz (2013) em que registra verbetes que tiveram por base, não apenas as narrativas transcritas, mas outras fontes oriundas do Vale. Tal obra configura-se em um registro no campo da lexicografia de muita relevância para o Vale e muito importante à pesquisa variacionista, visto que o léxico evidencia as mudanças linguísticas.

Assim, do corpus de 200 narrativas transcritas, desenvolvemos a pesquisa com 50 narrativas transcritas e seus respectivos áudios. As 50 narrativas englobam o conjunto total dos 50 contadores que estão distribuídos pelas três regiões do Vale do Jequitinhonha em 10 municípios distintos. A existência de 200 narrativas para 50

contadores aponta para a necessidade de um segundo recorte que foi a seleção aleatória de 01 narrativa para cada contador. Outro ponto a destacar é que houve municípios com apenas um contador e apenas uma narrativa; e municípios com 2 ou mais contadores e com duas ou mais narrativas que foram para análise.

Desta forma, teremos para análise 50 narrativas, pelo menos um contador por município, englobando 50 contadores distintos distribuídos por dez municípios do Vale do Jequitinhonha. Acredita-se que a amostra é bastante significativa para evidenciar possíveis fenômenos linguísticos. O recorte realizado indica que a pesquisa se deu num corpus que soma mais de 43 mil palavras, o que é considerado uma amostra razoável para pesquisas em sociolinguística. A análise indicou fenômenos linguísticos típicos da região pesquisada.

### **6.3 A codificação e coleta de dados**

Para facilitar o processo de elaboração, quantificação e posterior análise dos dados, optou-se por codificar algumas informações que poderão ser correntes a partir de agora. Assim, no texto, a letra F em maiúscula seguida do número terá um significado. Então, F1 é equivalente a fenômeno 1 conforme APÊNDICE A – Envelope de Variação. Dessa forma poderá aparecer F1, F2... F15, pois estará em investigação 15 fenômenos linguísticos, de acordo com o item 6.4.

Destaca-se que esses fenômenos descritos no envelope de variação se encontram em narrativas e que chegamos a eles a partir da escuta dos áudios e da leitura simultânea das transcrições. Desta forma temos o que segue:

- a) Para designar a narrativa em que ocorre o fenômeno, optou-se pela letra N em maiúscula, seguida de número, pois trabalharemos com 50 narrativas, uma por contador. Dessa maneira, quando se constatar no decorrer do texto N1, trata-se de Narrativa 1. Analisaremos 50 narrativas, assim teremos N1, N2, N3... N50;
- b) Para designar o contador que produz o fenômeno linguístico, dentro de determinada narrativa, optou-se pela letra C em maiúscula, seguida de número, pois trabalharemos com 50 contadores, sendo uma narrativa por contador. Dessa forma, quando se constatar no decorrer do texto C1, trata-se de Contador 1. Analisaremos 50 narrativas produzidas por 50 Contadores. Dessa forma teremos C1, C2, C3...

C50.

c) Para designar o município de localização, optou-se pela letra M em maiúscula, seguida de número. Dessa forma, quando se constatar no decorrer do texto M1, trata-se de Município 1. Analisaremos 50 narrativas produzidas por 50 contadores em 10 municípios diferentes. Dessa forma pode ocorrer no texto M1, M2, M3... M10, visto que as narrativas são oriundas de 10 municípios distintos.

Exemplificando o que fora exposto, quando se encontrar no texto a seguinte referência, F1, N1, C2, M1. Estamos nos referindo ao Fenômeno 1, a Narrativa 1, ao Contador 2, ao Município 1. Ou quando se constatar, C18, N18, M5, estamos nos referindo ao contador 18, (José Pereira), narrativa 18 (Os bichin e a ponte) e Município 5 (Itamarandiba), conforme APÊNDICE B – Identificação de contadores.

#### **6.4 Envelope de variação e ficha de dados**

Como já assinalado, o envelope de variação é um termo utilizado na pesquisa sociolinguística para descrever detalhadamente uma variável, as variantes e os contextos que podem ou não ser produtivas. Coelho et al (2012) destaca que para a descrição do envelope de variação faz-se necessário reconhecer o fenômeno em mudança, descrever a variação e identificar as variantes. Assim, na existência de duas ou mais variedades, deve existir equivalência de sentido.

Para Bortoni-Ricardo (2019, p. 68) “as formas que supostamente transmitem o mesmo conteúdo semântico, expresso com recursos linguísticos distintos, vão caracterizar regras variáveis, e suas alternativas são denominadas variantes”. Ou seja, a forma “nós fomo”, nós fomos”, nós foi” e nós fumu” são equivalentes.

Como estamos investigando a produção de quinze fenômenos linguísticos, foram criados quinze distintos envelopes de variação, de acordo com o APÊNDICE A – Envelope de Variação. Registra-se aqui, que o contato simultâneo deste pesquisador com as narrativas em áudio MP3 e com as transcrições foi apontando os fenômenos indicados à pesquisa e descritos no envelope de variação, não sendo, portanto, uma escolha ao acaso, mas manifestações que foram se evidenciando no decorrer do processo investigativo. Desta forma, para cada envelope de variação descrito, ou seja, para cada fenômeno investigado, elaborou-se uma ficha de coleta

de dados específica onde se buscará a produção do fenômeno linguístico que correlaciona C1 = Contador 1, C2, C3... C50 e a N1 = Narrativa 1, N2, N3... N50 e os respectivos municípios M1 a M10.

Assim, na ficha de coleta de dados do F1 = fenômeno 1 (apagamento do ditongo) registraremos os dados que ocorrem no C1 = Contador 1, C2, C3... C50 correlacionado com a N1 = Narrativa 1, N2, N3... N50 e os respectivos municípios M1 a M10, de acordo com o APÊNDICE C – Ficha apagamento do ditongo. Convém ponderar que as fichas onde se registraram os fenômenos têm particularidades distintas. Desta maneira, a ficha de dados do F1 (apagamento do ditongo) deve contemplar a descrição do fenômeno que se investiga. Parte-se sempre da norma-padrão em uso para apontar a equivalente em processo de mudança. Desta forma, se o envelope buscar variação em nome, verbo, oração, as variedades em mudança que podem ser encontradas devem predizer a possibilidade em nome, verbo ou oração. Ou seja, como cada fenômeno tem particularidades, haverá também particularidades na ficha do fenômeno. Para exemplificar, vide a ficha de dados do fenômeno degeminação do gerúndio, APÊNDICE K. Uma vez que marcação do gerúndio se dá apenas em verbos para indicar ação em andamento, a marca particular da ficha será apenas a marcação da variação em verbos, particularidade da ficha do gerúndio.

## **7 DADOS: ANÁLISES E ACHADOS**

Primeiramente, antes de iniciar a discussão acerca dos dados, convém considerar que a dissertação estabeleceu como objetivo geral sistematizar variações linguísticas em narrativas orais do Vale do Jequitinhonha a partir da perspectiva da sociolinguística variacionista. O objetivo de tal sistematização visa dar uma visão de como se encontrava a língua naquele período histórico (estudo sincrônico) de 1987-1997. Assim sendo, a presente dissertação procurou demonstrar os processos linguísticos existentes a partir de um corpus de mais de 43 mil palavras extraídas de 50 narrativas orais (áudios e transcrições), contadas por 50 contadores de 10 municípios distintos do Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha.

Tendo em vista o tamanho do corpus e a quantidade de fenômenos (15 ao total) que foram aparecendo no decorrer da pesquisa, este trabalho não tem a pretensão de esgotar as discussões, tampouco pretende explicar os fenômenos, suas origens, causas, nem mesmo circunscrevê-los como genuinamente daquele território, mas também daquele território.

Posto isso, passamos agora a apresentar os resultados encontrados. Pontua-se que, antes das discussões, faremos a descrição sucinta de todos os fenômenos, conceituando-os e descrevendo-os. Procuramos analisar e sistematizar a ocorrência destes quinze fenômenos conforme descrito no APÊNDICE A – Envelope de Variação.

### **7.1 Fenômeno F1 – Apagamento do ditongo**

O dicionário Michaelis define ditongo como dois fonemas vocálicos que, proferidos numa só emissão de voz, formam uma única sílaba: uma, mais aberta, é chamada vogal silábica, ou base, e outra, mais fechada, chama-se vogal assilábica, ou semivogal.

Para Mattoso Câmara (1978, p. 101), o ditongo é uma sequência de duas vogais pronunciadas em uma mesma sílaba.

O envelope de variação do apagamento buscou evidenciar na amostra que o ditongo, tal como concebido, sequência de vogal e uma semivogal pronunciadas

numa mesma sílaba, sofre um apagamento tanto em nomes como em verbos. Neste estudo, optamos por investigar a marca do apagamento do ditongo / **ai** /, / **ei** / e / **ou** /.

Estudos de Bortoni-Ricardo (2011); Amaral (1976) e outros autores apontam para o fenômeno do apagamento do ditongo. Sobre tal fato, Bortoni-Ricardo (2011) considera que a monotongação do ditongo / **ou** / e / **ei** / não é um fenômeno recente, podendo remontar ao século XVIII. Amaral (1976, p. 50), em sua obra *Dialeto Caipira*, publicada em 1920, aponta para o apagamento dos ditongos / **ai** /, / **ei** / e / **ou** /. Assim, Amaral (1976) aponta para o apagamento do ditongo / **ai** / antes da palatal (x); o apagamento do ditongo / **ei** / quando seguido de (r, x, e j), e o apagamento do / **ou** /.

No ditongo / **ai** / tem-se os exemplos nas palavras baxo, faxa, caxa, paxão, abaxo, dibaxo, imbaxo, dentre outras. Os fragmentos extraídos das narrativas apontam para o apagamento, conforme se vê na narrativa N27, N38 e N48<sup>24</sup>.

– N27 - “Um cascavelo morava **dibaxo** d’uma lapa. Então, um dia, a onça, andano, chegô, deu c’aquele lugar, aquê limperão **dibaxo** daquela lapa lá, ês foi chegano assim, entrano assim d’ u’a vez, mas quando ela deu com a vista no cascavelo, ela foi e parô”.

– N38 - “Aí foro, imediatamente, uns 4 quilômetro que nós tamo de Milho Verde, foi lá e pegaro o Vicente do Prego, co’ aquela **caxa** que tá ali, e levô. Quando chegô lá, o Vicente do Prego chegô na porta da Igreja, o padre mandô ele que ele tocasse ... Ele deu o **sinal na caxa**, o corpo foi se intregano”.

– N48 - “Mas cê faz um **caxão** e põe ieu dento. Ele mandô um fazê um **caxão** da espécie de guardá trem, pôs a véia dento, furô uns buraco no **caxão**”.

No ditongo / **ei** / tem-se os exemplos nas palavras pexi, dexô, quejo, fexi, chero, pedrero, chiquero, noguera, dinhero, parmera, doidera, quexo, primero, mostero, barrero, pinhero, cadera, dentre outras. Os fragmentos extraídos das narrativas apontam para o apagamento, conforme se vê nas narrativas N9 e N45.

– N9 - “Ó, cês que anda no mundo: durmi é bão, ‘cordado é mió; tê **dinhero** é bão, tê mais é melhor; não cunversá tudo que vê, num **dexá** rudeio pa passá po ataio, e

24 Cabe considerar, que toda narrativa com fragmento referenciado no texto, pode ser lida na íntegra no ANEXO desta dissertação, p. 170 a 285. As demais podem ser lidas no site Narrativas em Rede, <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/narrativas-em-rede/>.

não durmi ni casa de home véi' casado com mulher nova, e que um dia um rapaz pobre sentado na **cadera** é um príncipe”.

– N45 - “Ô ratin, volta aqui... Eu tenho um negócio pra fazê co'cê. Me solta aqui, que eu vô ali na casa daquela véia, e vô buscá um **quejo** procê. Cê pode ruê, ruê a corda. Pode ruê; vai rueno a corda, rueno, ruendo. Cê me tira daqui que eu te dô um **quejo**”.

No ditongo / **ou** / em palavras como lavora, oro, cove, otro e variáveis (oto, ota, otra), ovido, troxe e (variável truxe), poco e variáveis (puquin, puquinho, poquin); coro, vassora, bassora, dentre outras. Os fragmentos das narrativas abaixo apontam para o apagamento, conforme se vê na narrativa N18 apagamento em verbo e nomes, além de apagamento do ditongo / ei /.

- N18 - “Estive bem! Eu **vô** falá com cê: bem igual eu tive, ninguém fica! Eu ca... de **primera** eu fiz uma, uma ponte, ganhei **dinhero** dimais, casei com u'a fia d'um rei, já tava bem me achado lá mas me **robaro** o surrãozin. Eu vim cá, seu cascavelo, cê me dá **ôto** recurso”.

O quadro abaixo, extraído da amostra desta pesquisa, apresenta a frequência na norma-padrão e na variedade.

**Quadro 3: Frequência de ditongos norma-padrão e variedade**

Ditongos	Frequência norma-padrão			Frequência Variedade		
	Verbo	Nome	Total	Verbo	Nome	Total
<b>Ai</b>	207	435	642	0	48	48
<b>Ei</b>	271	327	598	64	221	285
<b>Ou</b>	87	28	115	1892	262	2154
<b>Total</b>	565	790	1355	1956	531	2487

Fonte: Elaborado pelo autor

Neste trabalho, a coleta de dados evidenciou que o apagamento é bastante produtivo no Vale, todavia apresenta marca de apagamento diferenciado para o ditongo / **ou** /. Pode-se dizer, que o apagamento / **ou** / em verbos está em 95,60% ante a produção na norma-padrão de 4,40% de frequência. Em nomes, a produtividade do apagamento dá-se em 90,34% dos nomes ante 9,66% na norma-

padrão.

Convém destacar que na amostra das 50 narrativas a manutenção do ditongo / **ou** / na norma-padrão é mais produtiva no município de Diamantina, narrativas N13, N14, e narrativas N23 e N39, respectivamente dos municípios de Itamarandiba e Turmalina. Nessas cinco narrativas se encontram a maior quantidade de ditongo / **ou** / em verbos e nomes com a marcação de uso norma-padrão. Observa-se que um narrador é padre, um é servidor público, um poeta (trovador). Aparentemente o fator extralinguístico atuou para a marcar o uso de acordo com a norma-padrão, visto que todos tem algum grau de escolarização, como se vê nos fragmentos abaixo:

– N13 - “Uma hora eu **vou** te contar uma história... **Houve** mesmo fome em Diamantina, **houve** uma queimada enorme que destruiu essas roças todas e Diamantina **passou** fogo e diz que quem sustentava Diamantina foi o Serro, o pessoal do Serro que andava mandando gêneros... então **houve**...”

– N14 - “Uma manhã o velho **chamou** a menina e perguntou: - Minha filha, sua mãe não te **falou** nada... a respeito de casamento... quais são as relações do marido com a mulher? - Não, não **falou** nada não! Então estamos perdidos, porque você não aprendeu e eu já esqueci....” (risos).

Constatou-se que os verbos regulares da primeira conjugação terminados em (**ar**), como amar, lavar, andar, voltar, tornar, ficar, deitar, chegar, mandar, armar, localizados com grande frequência na amostra, quando na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo perdem a marcação do ditongo, como em amô, andô, lavô, vortô, deitô. Uma das possíveis explicações é que a semivogal pertence a mesma zona articulatória da vogal, como no fragmento da N16.

– N16 - “Aí diz que ele **lavô** ele na água e **tornô** carregá otra vez. Quando **passô** assim uns dez minuto, diz que evinha umas muié. Que evém aquele tanto de muié”. - Ó cicrano, de que que cê morreu? – Ah, eu morri dessa doença, daquela, daquela”...

O apagamento ocorre ainda em verbos irregulares como ir, dar, ser, estar e outros quando na primeira pessoa do presente do indicativo, como em, vô, dô, sô, estô, tô, conforme fragmento da N18 - “Diz que tinha um minino que só trabaiava buscano lenha. Eu **vô** contá esse procês só procês vê’.

Quanto ao ditongo / **ai** /, convém ponderar que a alta produtividade evidenciada em verbos na norma-padrão se deve a verbos como *ir*, *cair*, *sair*, ambos da 3ª

conjugação, sempre preservados na 3ª pessoa do singular no presente do indicativo. Destaca-se ainda a alta frequência do ditongo / ai / em nomes na norma-padrão, tendo em vista palavras como pai, papai, mais, demais e variável (dimais), animais e outras. A regra variável mais marcante para o ditongo / ai / se dá em nomes e verbos com pronúncia palatal em X em nomes como baxo, faxes, caxa, paxão, abaxo, dibaxo, imbaxo, debaxo e verbos como abaxá, rebaxá (variáveis) como apontado acima.

O ditongo / ei / tem um apagamento em nomes na ordem de 40, 33% na variedade ante 59,67% da norma-padrão e manutenção em 100% em verbos regulares conjugados na 1ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo, como pensei, falei, andei, amei, acabei, achei, presentes nas narrativas. O apagamento do ditongo / ei / em nomes se dá quando seguido de r e x, como nas palavras pexi, dexô, fexi, cherô, pedrero, chiquero, noguera, dinheiro, parmera, doidera, quexo, primero, mostero, barrero, pinhero, cadera, e outros.

## 7.2 Fenômeno F2 – Retenção Linguística

A retenção linguística é uma categoria que abrange o léxico arcaico ou construção arcaica, léxico em vias de arcaização e obsoletos.

Antunes (2005) defende a perspectiva que a retenção linguística no Vale do Jequitinhonha se deve a presença do colonizador na região e que os traços arcaicos encontrados são comportamentos linguísticos da época da colonização. A autora discute três tipos de arcaísmos, os fonéticos, os gramaticais e os lexicais.

Partindo dos estudos de Antunes (2005), pode-se citar como “arcaísmos fonéticos” encontrados nas narrativas: o *rotacismo*, substituição do / l / por / r / na ordem de 32, 55% dos léxicos encontrados (item 7.4); a *despalatização*, encontrada em verbos e nomes, tem nas narrativas produção de variedade na ordem de 61,15% ante 38,85% de pronúncia palatizada de acordo com a norma-padrão (item 7.5) e por fim, o *apagamento do ditongo*, item 7.1 acima.

Pode-se citar como exemplo de “arcaísmo gramatical” encontrado nas narrativas o uso do pronome reto 1ª e 3ª pessoa (ele, ela, eles e elas) como objeto direto (ANTUNES, 2005, p.180). A norma-padrão veda o uso destes pronomes como

objeto direto, contudo se faz muito presente como na narrativa N1 - “Aí, um dia, ela disse assim: Hoje eu vô **mandá ela** lavá a mão, que ela não vai levá essa”. E na narrativa N5 - “É, antigamente, dois moço era vizin um do ôto, muito amigo. Então ês resolveu um dia ir no mato fazê uma caçada. Chegô lá, o que convidô o ôto **matô ele** lá no mato”.

Nas 50 narrativas pesquisadas encontramos marcas de retenção linguística em léxicos como *(em) riba, por riba, pá riba e derivados (18 vezes)*. *Arriba (1x)*, *aculá (2 vezes)*, *adonde (1 vez)*, *alpendre (2 vezes)* e *alumiano (1 vez)*. *Antão (6 vezes)*, *antonce (2 vezes)* e *entonce (4 vezes)*. *Arredá (1 vez)*, *bulino (1 vez)*, *cacunda (9 vezes)*, *cativo (3 vezes)*, *cativeiro (1)*, *cutelo (1 vez)*. *Evém (9 vezes)*, *derivados invinha (3 vezes)* e *envém (1 vez)*. *Gibeira, giberinha e gibin (4 vezes)*. *Luitô (1 vez)*, *manga (sinônimo de curral, 5 vezes)*, *mia (minha, 4 vezes)*, *mucadim (2 vezes)*, *porquera (4 vezes)*, *réis (14 vezes)*, *mirréis (1 vez)*. *Saído (sinônimo de ousado, saliente, 1 vez)*, *sezão (sinônimo de febre, 2 vezes)*. *Sinhá (12 vezes)* e *sujigô (1 vez)*. *Tamém (24 vezes)*, *tomém (3 vezes)* e *tomera (1 vez)*. *Vintém (3 vezes)*.

A pesquisa partiu de anotações iniciais dos léxicos para posterior confirmação das palavras como arcaicas, arcaísmo e obsoletos no dicionário de Antunes e Ferraz (2013). Convém destacar que existe na amostra mais léxicos que se enquadram no conceito de retenção linguística, principalmente os obsoletos. Contudo, acredita-se que o número demonstrado é significativo para apontar a retenção linguística no Vale do Jequitinhonha.

### **7.3 Fenômeno F3 – Marcação de uso singular para concordância verbal: 1ª e 3ª pessoa do plural**

No corpus examinado, o envelope de variação indicava investigar, a partir da norma-padrão, a produção de concordância verbal na 1ª e 3ª pessoa do plural. A busca por tal fenômeno linguístico deu-se pela evidente produtividade do verbo no singular ante a pessoa do discurso no plural.

Assim, tem-se na descrição do fenômeno a marcação da 1ª pessoa do plural (nós) e sua concordância com a norma categórica; a marcação da 3ª pessoa do plural (eles/elas) com sua concordância categórica. Tem-se ainda em investigação

variedades produzidas para 1ª e 3ª pessoa do plural com concordância diversa da regra categórica. O quadro abaixo aponta os achados:

**Quadro 4: Marcação de concordância verbal**

Marcação de uso plural em verbos						
Norma-padrão			Variedade			
1ª Pessoa do Plural	3ª Pessoa do Plural	MUP <sup>25</sup> (sem S) 1ª PP <sup>26</sup>	MUP (sem M) 3ª PP	MUS <sup>27</sup> 1ª PP	MUS 3ª PP	
<b>Frequência Total</b>	8	82	62	104	55	153
<b>Exemplos</b>	Produção dentro da norma-padrão como em nós fomos, nós seremos, nós comemos.	Eles / elas foram, comem, andam, comeram, falaram.	Variedades produzidas com ausência de S, casos como nós num vamo. Nós vamu. Nós estamos e nós vão, nós vão embora.	Variedade produzida sem a marcação do plural (sem M) como eles come, eles foro, saíro, comero, arrumaro, durmia, foro, tinha, apilidaro, conseguiro, quisero, viero, arrumaro, começaro, passaro, ficaro, chegaro, foro, rompero, muntaro, falaro, cortaro, vortaro.	Variedade produzida com verbo flexionado no singular e sujeito plural, conforme segue: nós come; nós está; nós vai; nós mata; nós estava.	Variedade produzida com verbo no singular e sujeito plural como eles vai; eles pegô; elas comeu; eles mexeu.

Fonte: elaborado pelo autor

Quando se observa a produtividade da concordância de acordo com norma-padrão, percebe-se que é baixa ante a alta produtividade de variedades. Para a 1ª PP (nós) tem-se 6,4% ante 93,6% da variedade como nós vamo; nós vamu; nós fomo; nós fumu; nós vão com significado de vamos. E, nós vai, nós foi, nós mata, nós estava, com sujeito plural com verbo no singular. Os fragmentos das narrativas abaixo apontam para tais usos ante a norma-padrão.

– N20 - “Ó, meu filho, aqui nós **vamo** apartá — e tirô uma noqueira, uma coisa que havia de primeiro, do povo pô rapé, de oro, né”?

– N20 - “Uai, o qu’ ocê faz agora é que... nesta hora, chega uma carriage aqui e

25 MUP – marcação de uso plural.

26 PP – Pessoa do plural

27 MUS – Marcação de uso no singular.

**nós vão** pa cidade pegá um avião e ocê buscá seu pai e sua mãe. E **nós vão** casá”.

– N27 - “Ah, ti cascavelo, agora **nós vai** passá bem. **Nós vai** passá bem d’agora em diante porque nós ficô live de onça, ficô live de tigre. **Nós vamo** passá bem. Ocê”

– N48 - “Ô cumé, **vão matá** a Manchinha? – Muié, cê num tá doida? Pois **nós já cumemo** o dinheiro!...– Não, **nós matá** ela de noite, de noite **nós come**”.

Na 3ª pessoa do plural também prevalece a variedade ante a norma-padrão, com destaque para a desnasalização de verbos com 55,91% ante a norma-padrão com 44,09%. O índice estratificado na 3ª PP do pretérito mais-que-perfeito como eles comero, apilidaro, dormiro, começaro, foro, rompero, muntaro, falaro, cortaro está em 80% na variedade ante 20% na norma-padrão, conforme a narrativa N41 e N44.

– N41 – “Assim eles **fizero: furaro** a oreia do nego, tirô o boi lá da manjarra e colocô o negro, e chegô coro nele; foi bateno, bateno, obrigando ele a moê, até que incheu o cocho... Quando o cocho incheu, eles **tiraro** ele da manjarra e o nego saiu e deitô lá no bagacero, e ficô triste chorano lá”.

– N44 - “Intão ela começô a olhá pro beja-flô, o beja-flô cumeçô a olhá pra ela... e **cumeçaro** a namorá, **cumeçaro** a namorá... **foro** pa igreja, **casaro, fizero** um casamento muito bunito”.

Se se considerar a produção de variedades a partir da soma das frequências MUP e MUS para designar o plural, tem-se para 1ª PP 93,6% de variedades ante 6,4% na norma-padrão. A soma da marcação de uso para variedade na 3ª PP se dá em 75,81% dos casos ante 24,19% para a norma-padrão.

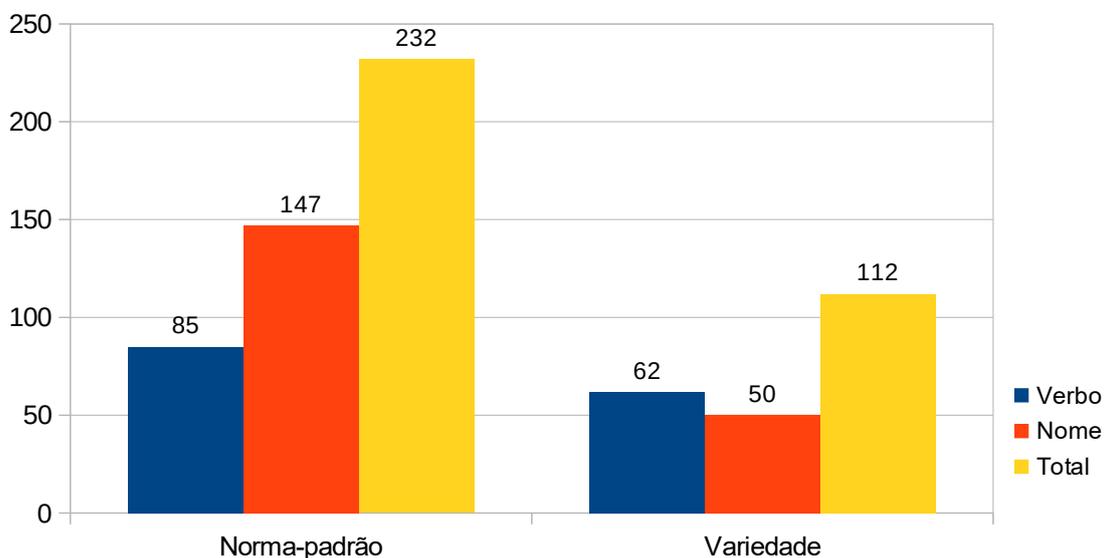
Posto isso, conclui-se que no corpus há preferência pelo uso das variedades tanto na 1ª pessoa plural quanto na 3ª pessoa do plural. Com destaque para a perda da nasalização de verbos na 3ª pessoa do plural do pretérito mais-que-perfeito como comero, apilidaro, dormiro, começaro, foro, rompero, muntaro, falaro, cortaro.

#### 7.4 Fenômeno F4 – Rotacismo

O fenômeno do rotacismo é definido pela troca da líquida lateral / l / pela líquida vibrante / r /. O rotacismo ocorre, geralmente, em sílabas com um encontro de consoantes e vogal, denominado CCV – Consoante-Consoante-Vogal, como nas palavras bloco por broco, planta por pranta. Todavia, pode ocorrer também em outros contextos com palavras com / ll /, como alça, calça, falta, altura, rotacionando para a vibrante / r / como nas palavras arça, carça, farta, artura, farsa. O rotacismo como mudança fonética, deu-se na passagem do latim arcaico para o latim clássico e deste para o português.

No corpus em questão, a investigação se deu em todos os contextos em que era possível a ocorrência do fenômeno na norma-padrão e na variedade, apresentando o seguinte resultado.

**Gráfico 8: Rotacismo**



Fonte: elaborado pelo autor

O gráfico apresenta a frequência da produção do rotacismo na variedade e a frequência com manutenção do / l / na norma-padrão. A estratificação dos dados a

partir das categorias nomes ou verbos apresenta o seguinte: em verbos tem-se rotacismo dos / r / na variedade em 42,17% dos casos ante 57,83% a manutenção do / l / na norma-padrão; em nomes temos 25,38% dos casos na variedade ante 74,62% da norma-padrão. Já a média de variação, considerando nomes e verbos foi de 32,55%. Os fragmentos extraídos das narrativas exemplificam o fenômeno.

– N4 - “Quando eu segui assim uns dez metro, ela **sartô** pa riba e deu u’a risada e explicô pa mim quem tinha matado ela foi a língua do povo e ia me matá também”.

– N5 - ‘Pois bem, após vinte ano com ele lá na **sipuratura**, nasceu uns galho: - Ó, um pé de melancia lá com três melancia desse tamanho, em cima da **sipuratura**”.

– N31 - “E o rei **farta** de boi, e ele só cumeno, só cumeno; e **farta** de boi, e ele só cumeno”. E na N38 - “Logo que ele cumeçô a muntá o burro já saiu **sartano; sartano** e os otos iscravo, todo mundo saiu acumpanhano”,

A alta frequência do rotacismo no corpus nos remete a pensadora Lélia Gonzalez. De acordo com a autora, o português brasileiro tem uma forte influência da cultura e das línguas africanas, a ponto de afirmar que no Brasil não se fala português, mas “pretuguês”. “Nosso português não é português, é pretuguês” (GONZALEZ, 2020, p.290). E ainda, “aquilo que chamo de pretuguês... nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil” (GONZALEZ, 2020, p. 128).

Gonzalez (2020) questiona,

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é *Framengo*. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse R no lugar do L nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o L inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa “você” em “cê”, o “está” em “tá” e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês” (GONZALEZ, 2020, p. 90)

Nota-se que o excerto de Gonzalez (2020) também aponta para outros fenômenos linguísticos que estão em discussão logo abaixo.

## 7.5 Fenômeno F5 – Despalatização

A despalatização é definida como a perda da pronúncia no palato alto, com pronúncia no palato médio, perda do traço palatal na articulação de um fonema.

Na variedade padrão, a produção de palavras como filho, melhor, toalha, joelho, colher (verbo), colher (substantivo), escolher, e outras, ocorre no palato alto. Na variedade produzida, a pronúncia de palavras como fio, meiô, mió tuaia, jueio, cuié (substantivo), coiê (verbo), escoiê, incaiado, se dá no palato médio, como nos exemplos extraídos nas narrativas N20 e N31.

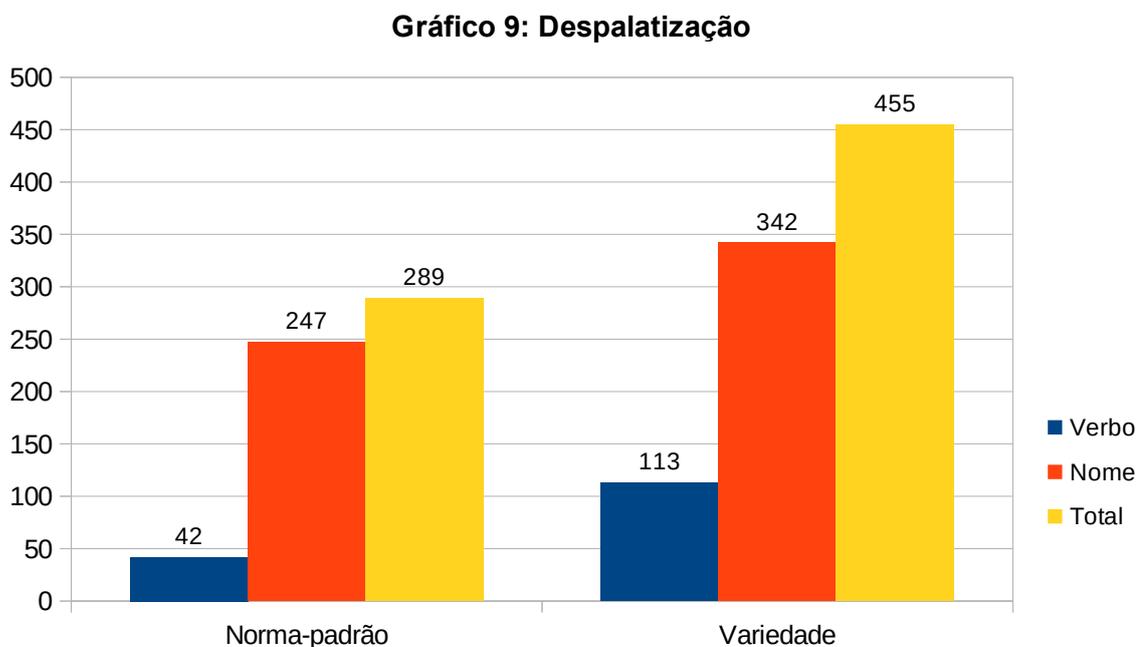
- N20 - “Matô a galinha, **o véi tabaiô**, comprô umas linguixa, fez uma matula pa el”.
- N31 - “Aí ela **oiô** assim po rei e falô: Mingau não, meu padrin. Ele po' cumê a cumida”.

Serafim Silva Neto (1951, p. 27), reverberando questões de sua época, ainda não discutidas em outras perspectivas linguísticas, faz distinção entre a linguagem culta, familiar e vulgar. Segundo Neto Silva (1951, p. 27), a “forma muyé, óio (olho) não é brasileira, isto é, da língua corrente, mas somente da língua popular, especialmente dos mulatos”. Conforme Serafim Silva Neto (1951) esse fenômeno, “essa redução do / lh / é comum aos dialetos de Damão, Goa, Ceilão, Macau, Cabo Verde e Guiné, fato característico dos crioulos” (NETO SILVA, 1951, p. 183).

Para Serafim Silva Neto, um rígido defensor da norma culta – leia-se do português de Portugal – as variedades regionais, locais, pertenciam à variedade popular, quando muito. Tamanho era o preconceito contra a heterogeneidade linguística que Neto Silva (1951, p.30) coloca as línguas crioulas de base portuguesa como línguas que são faladas por “seres de categoria social inferior” (NETO SILVA, 1951, p. 30).

Apesar de todo o preconceito externalizado quanto às variedades linguísticas, Serafim da Silva Neto traz um fato importante: a despalatização parece ser mais uma contribuição das línguas africanas para o português brasileiro. Compõe, junto com o rotacismo e outros fenômenos, o que Lélia Gonzalez denomina “pretuguês”. Amaral (1976) coloca a pronúncia despalatizada como um traço genuíno do dialeto caipira. O autor defende a tese de que num futuro próximo não se encontraria um

espécime falante do dialeto caipira em razão da abolição da escravidão, o que demonstra a influência da cultura africana na língua. A despalatização no corpus apresenta os seguintes dados:



Fonte: elaborado pelo autor

No corpus em questão, a investigação se deu em nomes e em verbos, tanto na norma-padrão quanto na variedade despalatizada. O gráfico apresenta a frequência da produção na norma-padrão e na variedade. Estratificando-se os dados a partir de categorias nomes ou verbos tem-se o que segue: em nomes ocorre a despalatização em 58,06% dos casos ante 41,94% de pronúncia na norma-padrão, no palato alto; em verbos ocorre despalatização em 72,90% dos casos, ante 27,10% de pronúncia dentro da norma-padrão. A média entre verbos e nomes apresenta a variedade despalatizada com 61,15% ante 38,85% de pronúncia palatizada de acordo com a norma-padrão.

## 7.6 Fenômeno F6 – Desnasalização

A desnasalização é um fenômeno fonético em que ocorre a perda da pronúncia nasal em palavras nasalizadas. Com a desnasalização, a pronúncia torna-se oral. No contexto investigado, dá-se em nomes e verbos como em homem por home/homi; carruagem por carruage/carruagi; bobagem por bobage/bobagi. Os fragmentos das narrativas N16 e N33 demonstram o fenômeno.

– N16 - “Quando foi lá p’essas meia-noite, ela disse que evinha **um homi com** oto na cacunda. Ai, ai. E ela lavô os pé e tinha uma cozinha assim aberta na porta da cuzinha e, a casa dela era de sobrado. Ela disse que evinha diz que um **homi** carregano um oto todo cheio de facada. Diz que evinha o **homi**”.

– N33 - “Eu vô na cidade buscá uma **carruage**, um vistuário procê. E cê num pode apresentá pra minha mãe desse jeito não”.

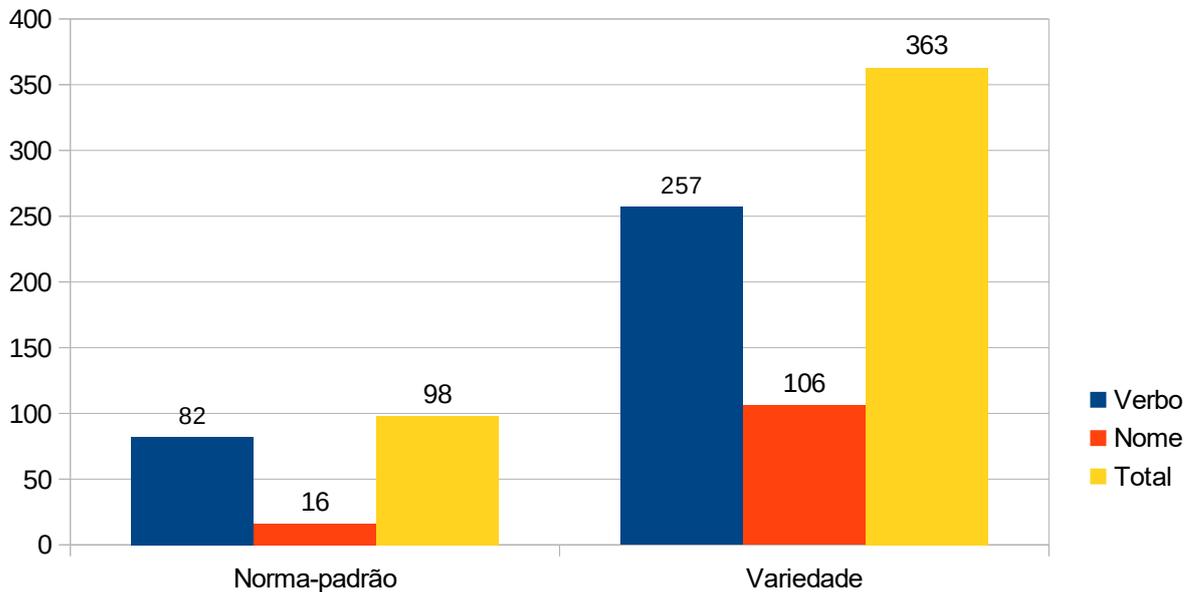
Em verbos, a desnasalização pode ocorrer na 3ª pessoa do plural dos modos indicativo, subjuntivo e imperativo e em quase todos os tempos verbais, como na narrativa N28 e N44.

– N28 - “Ele, quando descobriu, ele mandô dois negro pra vim à procura dela, num é? e declarô ele: “Que se encontrasse ele, se ele tivesse casado, não fizesse nada; e se não tivesse casado, matasse ele e ela”, né? **Ês foi e viero**”.

– N44 - “Intão ela... e **cumeçaro** a namorá, **cumeçaro** a namorá... **foro** pa igreja, **casaro, fizero** um casamento muito bunito”.

Battisti (2002) afirma que o principal fator favorecedor da aplicação da desnasalização é a atonicidade da sílaba nasalizada que desencadeia a realização da variável oral. Dessa forma, verbos no futuro, que têm ditongo nasal tônico, como no futuro do presente do indicativo (amarão, sentirão, falarão, etc) não se dá o fenômeno investigado.

A desnasalização no corpus apresenta os seguintes dados:

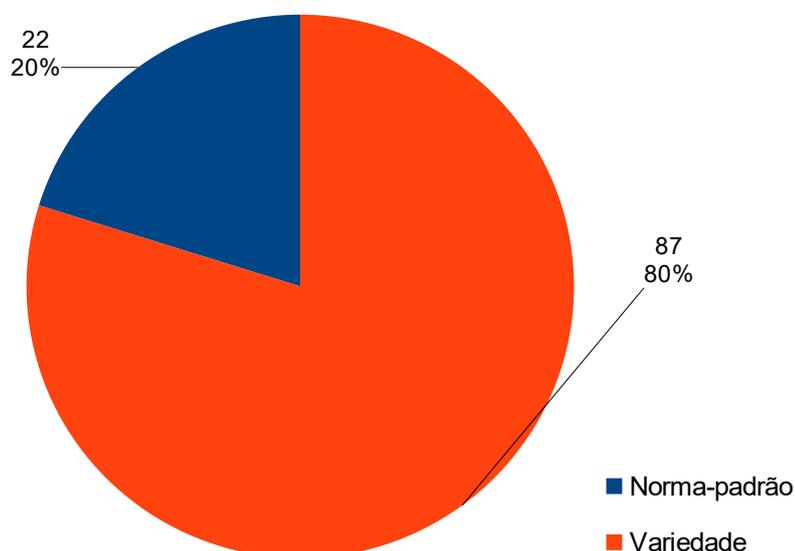
**Gráfico 10: Desnasalização**

Fonte: elaborado pelo autor

No corpus em questão, a investigação se deu em nomes e em verbos, tanto na norma-padrão quanto variedade desnasalizada. O gráfico apresenta a frequência da produção na norma-padrão e na variedade. Estratificando-se os dados a partir da categoria nome ou verbo tem-se o que segue: em verbos a desnasalização deu-se em 75,81% das ocorrências ante 24,19% da norma-padrão. O uso desnasalizado dos verbos é mais frequente na variedade do que na norma-padrão. Em nomes ocorre a desnasalização em 86,88% dos casos ante 13,12% na norma-padrão. A média entre verbos e nomes apresenta a variedade desnasalizada com 78,74% ante 21,26% na norma-padrão.

Cabe destacar a alta incidência da desnasalização em verbos da 3ª pessoa do plural do pretérito mais-que-perfeito como eles comero, apilidaro, dormiro, começaro, foro, rompero, muntaro, falaro, cortaro e outros. A transformação do nasal em oral para o referido tempo verbal teve 87 ocorrências na variedade ante 22 ocorrências nasalizadas em conformidade com a norma-padrão. O gráfico 11 abaixo demonstra a desnasalização do no pretérito mais-que-perfeito.

**Gráfico 11: Desnasalização: pretérito mais-que-perfeito**



Fonte: elaborado pelo autor

Os dados gerados permitem concluir que a variedade desnasalizada é mais produtiva que a norma-padrão nasalizada.

### 7.7 Fenômeno F7 – Nasalização

A nasalização é um metaplasmo (alterações fonéticas) que consiste em transformar um fonema oral em nasal. São exemplos de nasalização palavras como igualdade por ingualdade; mortadela por mortandela; igual por ingual; ignorante, ignorância por ingnorante e ingnorância; exame por inzame.

Procurou-se no corpus a ocorrência em verbos e em nomes, contudo não foi evidenciado com frequência expressiva. Pode-se dizer que é baixíssima a produtividade de tal fenômeno no estudo em questão. Todavia, assinala-se, que na busca por tais variações, encontrou-se a construção nasalizada do verbo vir e suas

variações a partir do verbo arcaico **evi**, sendo evém, evinha, invinha, envinha (ver Antunes e Ferraz (2013, p.108).

A construção arcaica (invém e envém) nasalizada do verbo vir aparece nas narrativas N11, N17, N27, N38 e N47, conforme fragmentos abaixo.

– N11 – “Ô meu Deus, **invém** um bicho ali”.

– N17 – “Ô José, ali **envém** o bicho e é lobisomi”.

– N17 – “Assombração, via assombração devera. O tal lobisomi. É, vinha mais o irmão mais velho, já falecido. Ele **invinha** lá da casa do irmão dele, lá da frente de onde nós morava”.

– N27 – “Então a onça ficava, a onça ficava naquê pedaço ali e andava, andava... de noite o cascavel também saía pa ´rumá caça... Um dia **envém** a trigre, chegô e falô:

– Ah, sá onça! Mas que lugazin bom, casão que cê arrumô aqui, sá onça! Falô:

– Não, isso aqui é de ti cascavelo, moço”.

– N38 – “Logo que ele cumeçô a muntá o burro já saiu sartano; sartano e os otos iscravo, todo mundo saiu acumpanhano, e ele **invinha** assisti a Festa do Rosário em Milho Verde, e viero os todos iscravo acumpanhano... e o burro caiu margeado, ispedaçado, morto”.

– N47 – “Ó, quem cortá aquela peroba cum trinta minuto, eu dô a parte da minha riqueza. E se não cortá é degolado.

- Ó, o ´Ranca-Toco ficô de lado , falô:

- Ó, manda ieu.

- Ele, o faz... o, o cara, o moço que **invinha** com´ele falô:

- Ó, vão lá cumigo. Vão lá cortá a peroba”.

A construção arcaica **evém** desnasalizada do verbo vir ocorre nas narrativas que seguem:

– N16 – “Quando passô assim uns dez minito, diz que evinha umas muié. Que **evém** aquele tanto de muié”.

– N18 – “Taca essa bunda pa lá, minino. Pois num tô ´guintano o saco de nota e evém com quinhento réis!? Quinhento réis qué que dá isso? ... Cum poco **evém** ele com a bolsazinha na boca”.

– N21 – “O cavalo do mano Cirino, **evém** arriado, solto. **Evém** o seu Gabiroba”.

– N33 – “Ô Juãozin, **evém** meu pai... mas faz isso: eu viro Santa... cê vira o padre, e o cavalo vira a igreja... E **evém o véi, que evém** danado muntado ne Relâmpo”.

– N36 – “**Evém** dois lote de bode – cê lembra daqueles co aquelas estrela, com um trem...”

Ocorre nasalização e criação de uma palavra a partir do verbo vir (vinse), na terceira pessoa do pretérito imperfeito do subjuntivo, conforme abaixo:

– N36 – “Aí, o rei mandô o Dum Dum pa lá, porque qu’ele mancasse, ele ia sê inforcado, né? Mandô:

– Eu vô, ué. Mas Dum Dum pode mai’ que o rei.

Quando chegô lá, o rei mandô a carta: “Dum Dum, cê vem aqui, não vem a cavalo; não vem montado a cavalo, não vem de ropa. E não vem a pé. Quero cê aqui”.

Aí, o que que el’ fez, né? “Não vem...é...Não vem vistido, não vem a pé, e nem vem a cavalo...”

– Eh... eu vô ‘cabá seno inforcado mermo gente, mas Dum Dum pode mai’ que o rei... – pensô lá sozin, né? Foi mandô pegá uma égua, inrolô numa coberta e montô na égua, e chegô.

– Uai, mas o que qu’eu falei c’ ocê: que num **vinse** a pé, não **vinse** vistido, e nem **vinse** a cavalo.

– Eu vim inrolado na coberta e montado nu’a égua”. [risos]

Como se pode observar, a nasalização foi mais produtiva em contexto de uso com o verbo (**evi**) arcaico que derivou em vir (ANTUNES; FERRAZ, 2013, p. 108).

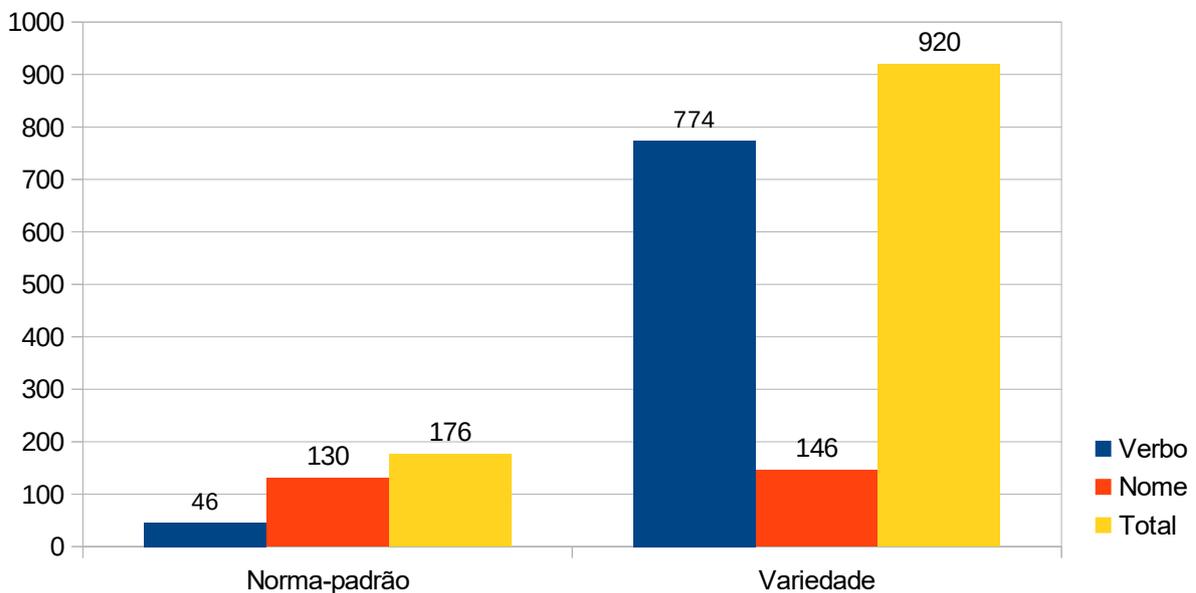
## 7.8 – Fenômeno F8 – Perda da consoante final R em léxicos verbais e nominais

Trata-se da perda da consoante / r / no final de léxicos que podem apontar a perda do infinitivo em verbos isolados ou em composição (verbo auxiliar + principal) para indicar presente, passado ou futuro. A perda do / r / nestes contextos é considerada um metaplasmo por subtração, apócope.

Na variedade padrão escreve-se e pronuncia-se falar, doutor, comer, partir, comer. Na produção ocorre perda do / r / conforme os fragmentos extraídos das narrativas N7, N18 e N25.

- N7 - “Tinha um caso também. Tinha que **passá** uma istrela aqui, né? Intão o vigário reculheu todo o povo pra Igreja pa **isperá** a hora dela **passá**, cum medo, né”?
- N18 - “Ele me morde! Mas eu sei de uma casinha que é **mió** de que essa sua. Mas, afinali, eu acho que num vai **dá** certo porque ocê vai me **mordê**, eu sei que cê vai me **mordê**’.
- N25 - “Eu me sinto numa paixão, eu falano vocês tem dó... num tem nada neste mundo que tampa a falta do **dotô** Badaró”.

**Gráfico 12: Perda da consoante final R**



Fonte: elaborado pelo autor

No corpus em questão, a investigação se deu em nomes e em verbos, tanto na norma-padrão quanto na variedade. Incluiu-se nos dados da categoria verbo as formações com locução verbal no infinitivo, sendo a expressão que combina verbo auxiliar com um verbo principal. Na locução verbal, o verbo auxiliar varia em pessoa, número e tempo, enquanto o verbo principal permanece no infinitivo, gerúndio ou participípio.

O gráfico apresenta a frequência da produção na norma-padrão e na variedade. Estratificando-se os dados a partir de categorias nomes ou verbos tem-se o que segue: em léxicos verbais ocorreu a perda da consoante final / r / em 94,39%

dos casos ante 5,61% no uso da norma-padrão. Em léxicos nominais ocorre perda em 52,89% dos casos na variedade ante 47,11% no uso da norma-padrão. A média entre verbos e nomes apresenta a variedade com a perda de 83,94% ante 16,06% de pronúncia de acordo com a norma-padrão.

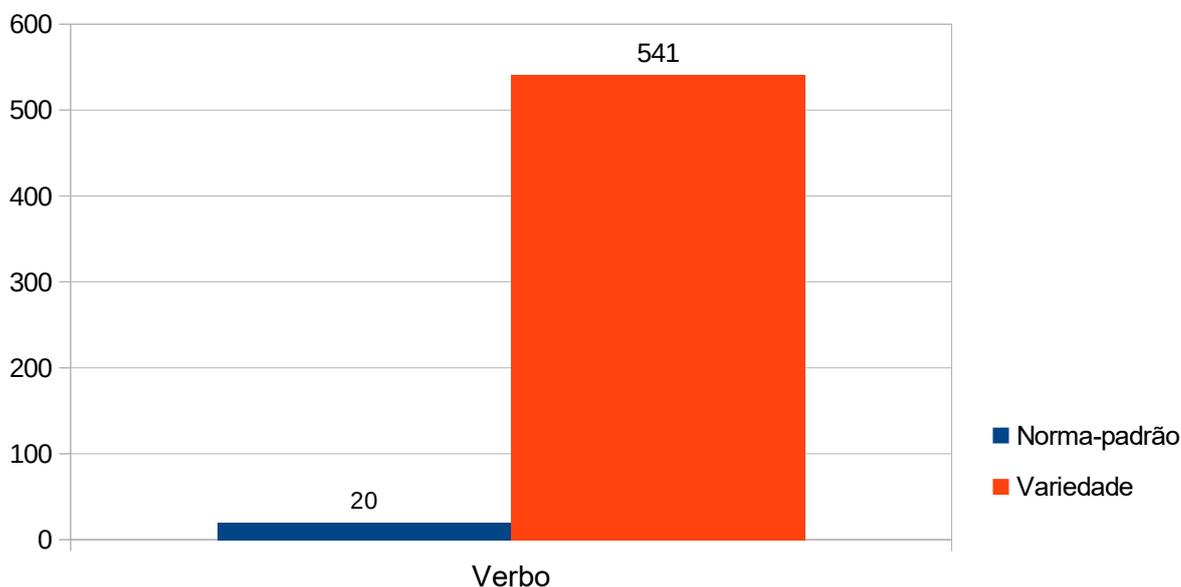
Gonzalez (2020) aponta que a perda dos erres nos infinitivos verbais se dá pela forte influência da cultura e das línguas africanas no português brasileiro. “Nosso português não é português, é pretuguês” (GONZALEZ, 2020, p. 290) e ainda, “aquilo que chamo de pretuguês”[...] “nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil” (GONZALEZ, 2020, p. 128).

Serafim da Silva Neto (1951), reverberando as questões de sua época, atribuía a influência africana a supressão dos erres no final das palavras. Fez duras críticas ao jeito de falar dos homens do Espírito Santo. “Feria-me o ouvido, sobretudo essa supressão, quase inteira, do R final, talvez adquirida dos negros e que deixa a pronúncia destes últimos tão infantil e estúpida” (NETO SILVA, 1951, p. 236).

Pode-se concluir que o apagamento dos erres, por apócope, é um fenômeno muito produtivo nas narrativas pesquisadas.

### 7.9 Fenômeno F9 – Degeminação do gerúndio

Este fenômeno refere-se ao processo de apagamento do gerúndio (oclusiva dental / **d** / no morfema (**ndo**). Na variedade padrão o gerúndio é marcado pelo encontro consonantal (**ND**) em verbos como chegando, pensando, comendo. Na variedade produzida nas narrativas orais do Vale, a oclusiva dental / **d** / é apagada como em ingordano, ino, pensano, chegano, comeno. Tal marca de uso e apagamento (variedade) se faz presente na quase totalidade dos narradores e nas narrativas analisadas. A exceção de uso – em conformidade com a norma-padrão com a oclusiva dental / **d** / preservada – se dá no município de Diamantina nas narrativas N13 e N14 com 100% de preservação da norma-padrão. Outro desvio à variedade produzida deu-se nos municípios de Itamarandiba, narrativa N23 e Rubim, narrativa N30, respectivamente com 90% e 100% de uso em conformidade com a norma-padrão. Nas demais narrativas a quase totalidade apontou para o apagamento do encontro consonantal, conforme gráfico abaixo.

**Gráfico 13: Degeminação do gerúndio**

Fonte: elaborado pelo autor

Nas narrativas encontramos o apagamento do gerúndio em todas as conjugações verbais, como na narrativa N8, N11 e N27.

– N8 - “Tá bom, eu vô andano. Diz que foi **andano**, foi **siguino**. Foi **siguino**, e nada do irmão dele aparicê. Ele já foi embora. Quando ele chegô, ele tava **olhano**”.

– N11 - “Ô meu Deus, invém um bicho ali! E trepô, ela trepô no pau. Aí trepô no pau, e esse lubisome tá **quereno** cumê ela, e ela tá **subino** no pau... E trepô, tá **bateno** no lubisome co' a baieta do minino”.

– N27 - “Um dia, quando a onça... às vez a tigue ia saí primero, esbarrava na onça, a onça dava um rosnado e o cuie tá **pono** sintido naquilo”.

Estratificando-se os dados a partir da norma-padrão e variedade tem-se o que segue: o apagamento do gerúndio deu-se em 96, 43% dos léxicos verbais ante 3,57% na norma-padrão. Estudo realizado por Freitas; Figueiredo; Bechir (2013) nos municípios de Belo Horizonte, Nova Lima e Santa Luzia apontam para o apagamento do gerúndio em 86% das ocorrências ante 14% que se mantém na norma-padrão, números bem abaixo dos índices aqui discutidos. Pondera-se, contudo, que os

estudos têm um distanciamento temporal de no mínimo 15 anos e foram feitos em regiões distintas. Deve-se considerar ainda na comparação entre os estudos, que nesta pesquisa o estudo foi sincrônico, cujo recorte se dá entre 1987-1997 com narrativas gravadas neste período.

Segundo Freitas; Figueiredo; Bechir (2013, p. 65) fatores “extralinguísticos como escolaridade, idade e prestígio social podem influenciar o uso de uma forma ou de outra”. Aparentemente, o fator escolaridade atuou quanto à produção da variedade no Vale, pois os contadores das narrativas em sua maioria têm baixa escolaridade ou são analfabetos. A preservação do gerúndio na norma-padrão com índices de 3,57% no Vale do Jequitinhonha, deu-se em contador com alta escolaridade, no caso Pe. Celso de Carvalho. Deu-se também em um contador servidor público e dois poetas (trovadores) todos com algum grau de escolaridade, escrita e leitura.

Conclui-se, a partir dos dados apresentados, que há alta produtividade da ocorrência com apagamento do gerúndio como falano, comeno, andano.

### **7.10 Fenômeno F10 – Alçamento**

O alçamento vocálico é um processo fonológico que consiste em elevar as vogais médias / o / e / e / com pronúncia de vogal alta com / u / e / i /. Na norma-padrão tem-se menino, comia, descobrir, engordando. Na regra variável tem-se a pronúncia como em minino, cumia, discubrir, ingordando. De acordo com Bortoni-Ricardo (2011),

A literatura filológica tradicional no Brasil tem considerado a elevação das vogais pretônicas como consequência da regra de harmonia vocálica, isto é, a vogal pretônica é assimilada à vogal tônica alta seguinte (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 48).

De acordo com Bisol (2015), tais alternâncias sob a perspectiva da harmonização vocálica teve seu início ainda no século IX com os escritos latim-português em que o português aparece mesclado com o latim. Perpassa pela fase medieval do século XII ao XV, pela fase clássica que se dá do século XVI ao XVIII e

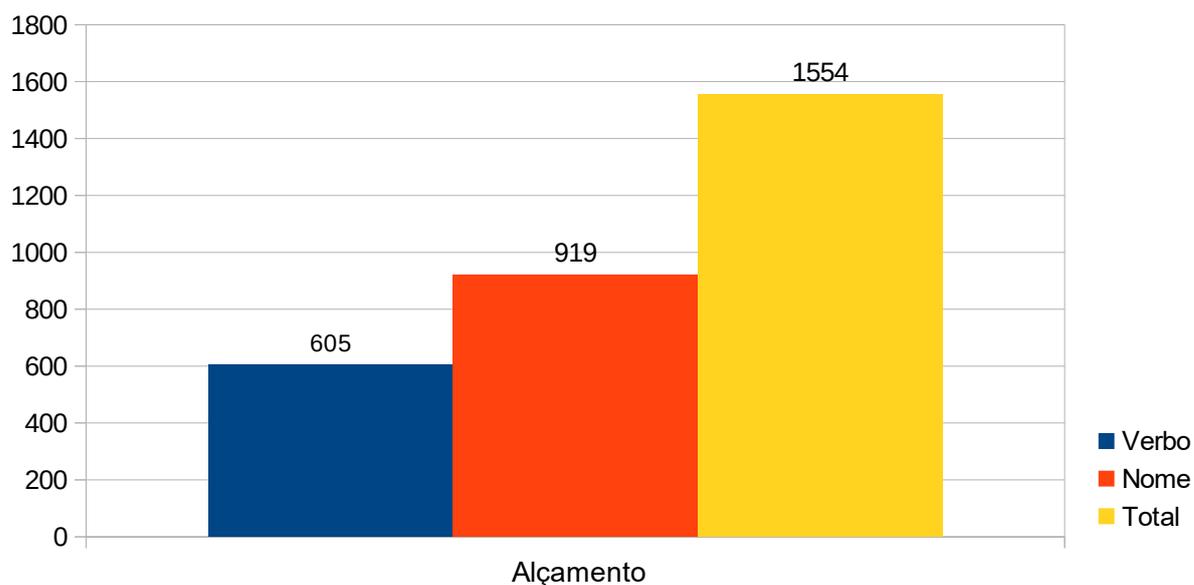
fase contemporânea do XIX ao século XXI.

São exemplos de alçamento com harmonização vocálica na literatura: feliz por filiz; perigo por pirigu; seguro por siguru; acredito por acridito; acontecido por aconticido; cortina por curtina; moringa por muringa; fortuna por furtuna, e outros.

Todavia, de acordo com Bortoni-Ricardo (2011, p. 49), a “hipótese de harmonia vocálica não explica, entretanto, os casos frequentes em que a vogal pretônica elevada torna-se mais distinta foneticamente da vogal tônica” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 49). São exemplos deste tipo os léxicos como sofá por sufá, boneca por buneca.

Nas narrativas, procurou-se encontrar a frequência de ocorrências de alçamento independente da hipótese explicativa do fato. Assim, chegou-se aos seguintes dados.

**Gráfico 14: Alçamento de vogais**



Fonte: elaborado pelo autor

Estratificando-se os dados a partir de léxicos verbais e nominais tem-se: o alçamento em nomes é maior que em verbos, sendo respectivamente 59,13% ante 40,13% dos casos. O alçamento das vogais / o / e / e / passam a vogal alta como / u / e / i / como segue nas narrativas N15 e N31.

– N15 - “Tá **intendeno** com’ é que é, né? **intão** é uma imitação de cerno de Jacarandá, **intão** eles apilidaro ele de Pai Jacarandá”.

– N31 - “Aí, e essa já nasceu **cunversano**, caminhano; ela **pidiu** um machado à mãe dele pa panhá lenha, ele mesmo, o **minino**”.

O alçamento parece ser um fenômeno homogêneo e foi encontrado em quase todos os contadores, narrativas e municípios investigados. As únicas exceções onde não se encontrou o alçamento vocálico foi na narrativa N14, gravada em 1987 com Pe. Celso de Carvalho e na narrativa N30 gravada com Glicélio Gavião, em Rubim em 1989.

Convém ponderar que Pe. Celso, além de contador de causo, lendas, era filósofo, poeta, trovador, biógrafo, professor doutor e Glicélio era poeta trovador, contador de causos e lendas em versos. Aparentemente, o fator escolaridade e leitura atuou quanto a inexistência do alçamento nestas narrativas.

### 7.11 Fenômeno F11 – Metaplasmos: prótese, aférese, paragoge e metátese.

O fenômeno F11, descrito no envelope de variação, prevê investigar a ocorrência de quatro fenômenos linguísticos, aparentemente muito comuns nas narrativas, sendo metaplasmos por prótese, aférese, paragoge e metátese.

Metaplasmos são alterações fonéticas que ocorrem em palavras ao longo do curso da língua. Pode ser por acréscimo no início ou fim de léxicos; por substituição no interior de palavras, permuta, aparamento e outras formas.

Na prótese a alteração se dá pelo acréscimo no início de palavras, como por exemplo, na N6 “Aí o povo todo **arreuniu**. São Pêdo lá ia. C’um sacão de”... E São Pêdo **alembro** daquilo mas foi que depressa. - Faz fila gente, faz fila”. E ainda na narrativa N33 – “Juãozin esqueceu de Pena Verde, nem **alembra** de Pena Verde mais. E ficô, ficô, ficô, ficô, e todo mundo conhicia Juãozin. Ficô Juãozin tempos... e Pena Verde isperano por ele”.

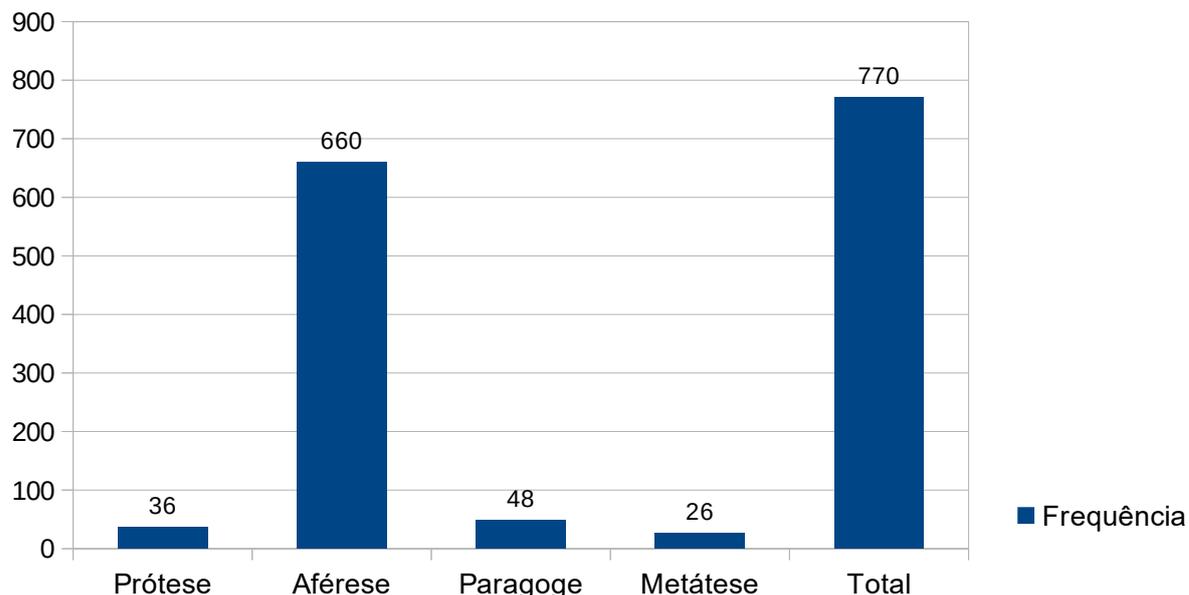
No metaplasmo por aférese ocorre o apagamento, o desaparecimento ou a redução de segmento. Pode-se dizer que foi o fenômeno mais produtivo nas narrativas, como por exemplo, nas narrativas N1 - “Ela **panhó** duas pedra e foi bateno aqués pedrinha uma na outra... Aqués duas pedrinha virô um pão”; na

narrativa N3 - “Ô Pedro, nós num vamo podê **‘travessá** o rio, pu’que o rio tá igual o mar... Cumé que nós faiz pa **travessá**? Aí, São Pedro disse: – Eh... eh Sinhô, tá mei’ difíci’ **trevessá**”; e na N13 - “É... puque num tinha uma madera aqui; eu **‘bservei** ela e botei aí”. Cita-se ainda exemplo na N19 - “Um cara que ele era andava agachadin, né? Então, o meu irmão foi fazê uma... um rozali. Então, ês ficaro morano lá nesse rozali. E nesse di’, nessa semana, o esse cara foi lá. – mas ele num **guentava** andá não, né? – Andava, ele só andava é assim, ó. É assim. É assim que ele andava.

Nota-se que num pequeno fragmento da N19 encontra-se tanto o metaplasmo por aférese (**guentava**) como por paragoge - acréscimo de segmento ao final de léxicos – juntamente com aférese na palavra **rozali** (arrozal), que é a plantação de arroz. Leia-se na N19 - “Um cara que... ele era, andava agachadin, né? Então, o meu irmão foi fazê uma... um **rozali**. Então, ês ficaro morano lá nesse **rozali**”.

No metaplasmo por metátese ocorre o deslocamento de um fonema dentro de uma palavra. São exemplos como na narrativa N2 - “É um cueio e um cascavel, assim, den’ d’uma mata assim. Um dia... o cuei parô. Foi, **priguntô** ele, falô (e tratava ele de tio): – Ô ti cascavel, isso aqui é seu? Falô: – Isso aqui é meu”. E na narrativa N19 - “Os cachorro **frevero** com ele, é mas que **freveu** com ele na porta do rancho e eles dero córrego abaixo e os cachorro **freveno** em cima dele”.

Nas narrativas, procurou-se encontrar a frequência de ocorrências destes metaplasmos. Assim, chegou-se aos seguintes dados.

**Gráfico 15: Metaplasmos**

Fonte: elaborado pelo autor

Observando os dados, pode-se concluir que a aférese é o fenômeno mais recorrente entre os quatro metaplasmos. A aférese aqui discutida, somada ao metaplasmo apócope, que tem o som suprimido no fim do vocábulo (Apêndice J – F8 – Perda da consoante final / r /) somam o total de 1580 metaplasmos. Isso pode evidenciar uma característica do falar mineiro que é marcado pela redução fônica.

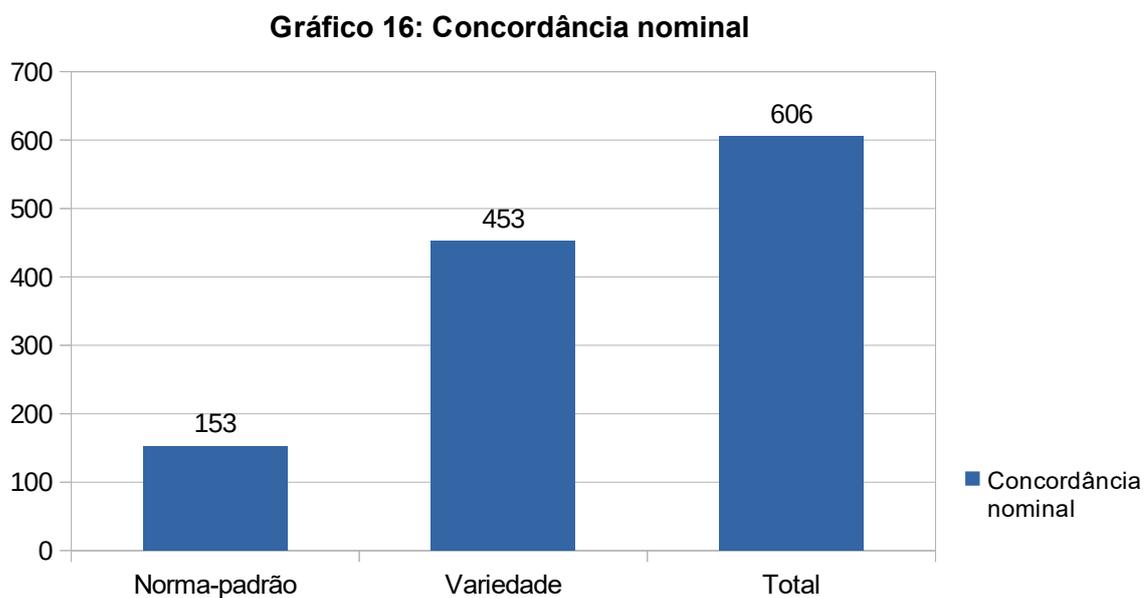
### **7.12 Fenômeno F12 – Marcação de uso plural para determinante com concordância nominal no singular**

Na regra categórica da norma-padrão, termos como numeral, artigo, pronomes determinam nomes flexionando-os em número singular / plural. O que se constatou no corpus pesquisado é que determinante no plural não gera, obrigatoriamente, a flexão de número em plural, ao contrário, tem prevalência de nomes no singular.

Quint-Abrial (1999), linguista estudioso de línguas crioulas, defende a perspectiva que o surgimento das línguas crioulas foi regido pelo princípio da

economia, tendo em vista a necessidade de comunicação por povos e culturas distintas. Tal princípio suprimiu o plural no mesmo grupo nominal. Exemplifica dizendo que, embora exista a possibilidade de dizer “três mulheres no crioulo cabo-verdiano”, não se faz, porque o numeral “três” basta para indicar a noção de pluralidade”. De acordo com o autor, “o enunciado português tem duas marcas de plural sublinhadas num mesmo grupo nominal, ou seja, o plural português é redundante. Seguindo o princípio da economia, o Cabo-verdiano suprimiu esta redundância de número” (QUINT-ABRIAL, 1999, p. 171)

Nas narrativas, procurou-se encontrar a frequência de ocorrências de plural na norma categórica, como os meninos, os meninos bonitos, bem como variedades como os menino, os menino bonito, os meninos bonito, e outros. Observou-se que a variedade sem marcação de número tem altíssima frequência de uso, de acordo com o gráfico abaixo.



Fonte: elaborado pelo autor

Estratificando-se os dados a partir da norma-padrão e variedade tem-se o que segue: a concordância nominal na norma-padrão se dá em 25,25% dos casos ante 74,75% da variedade. A produção na variedade com ausência de número se dá em

diversas posições como nas narrativas N1 e N12.

– N1 - “Ela lavô **as mão** e saiu. E vai pensano: “Meu Deus, o quê que eu vô fazê cum **meus fio**. Então, Deus deu aquele tino nela; ela 'panhô **duas pedra** e foi bateno **aqué's pedrinha** uma na outra”.

– N12 - “Frus-su-ra; isso é nom' dos portugueses lá, sei lá onde eles arrumaro **esses nome doido** – mas comprô essa frusura”.

### 7.13 Fenômeno F13 – Degeneração, S por CH, V por B

É um metaplasmo com alteração fonética. Trata-se da transformação do fonema / s / por / ch / e / v / por / b / em nomes e verbos. Na variedade padrão tem-se suja, vassoura, cavalo, assoviar. Na variedade produzida tem-se chuja, bassoura, cabalo, assobiar.

A pesquisa de tais metaplasmos não foi produtiva no corpus pesquisado, tendo apenas 5 ocorrências, em palavras como “chuja, braba, assobiá e assobiano” como nas narrativas N1, N18 e N29.

– N1 - “A empregada fazia ... Fazia o pão, saía com a mão **chuja** com aqueles pão, sem lavá, pa dá os dois fio pa bebê aquela água que ela lavava da mão”.

– N18 - “Uai, porquera, cê vei pra cá foi pa **assobiá?** Seu sirviço tá lá, vai caçá capiná”!

– N29 – “E essa mãe dessa minina ficô **braba**, xingano... Agora, a mia mãe sempre falava co' nós assim: “Ó meus fi', é assim: Fazê bem, num iscói a quem”.

### 7.14 Fenômeno F14 – Alteração pronominal

O envelope de variação buscou evidenciar variações linguísticas nos pronomes pessoais do caso reto ele(s); nos pronomes demonstrativos aquele(s), aquela(s); nos pronomes de tratamento senhor(a), você(s) e nos possessivos dele(s) e dela(s). A escolha de tais pronomes deu-se em virtude da frequência em que se constatou variedades em relação a produção na norma-padrão.

Pode-se considerar que a alteração pronominal se dá principalmente pela redução dos pronomes, de acordo com quadro abaixo. Destaca-se que alguns

pronomes têm mais de uma variedade como em senhora, por senhora, sinhá, siora, sora.

Apresenta-se abaixo alguns exemplos de alteração pronominal extraídos de fragmentos das narrativas, como na N20, N24, N35 e N40.

- N20 - “Eu num passei bem não. Num passei não. Chega que **siora** vai me matá”.
- N24 - “Aí vortaro e panharo ele no cubertô e levô pra casa de lá, **ês** troxe ele pr’aqui”.
- N35 – E ele cumpanhava aquilo, tirava, tirava **aquês** gaio que ela dava”;
- N40 – “E cumeçô a aparecê no mei’ **dês** cachorro preto de dente vermei’, no mei’ desse povo”.

#### Quadro 5: Alteração pronominal

Alteração Pronominal									
Norma-padrão	Total	Variedade	Total	Variedade	Total	Variedade	Total	Variedade	Total
Ele	1055	El	69	Ê	20	-	-	-	-
Eles	90	Ês	39	-	-	-	-	-	-
Aquele (s)	63	Aquês	13	-	-	-	-	-	-
Aquela (s)	72	Aqués	2	-	-	-	-	-	-
Senhor	6	Sinhô	68	Sior	6	-	-	-	-
Senhora	2	Sinhora	27	Sinhá	12	Siora	2	Sora	1
Você	25	Ocê	124	Cê	231	-	-	-	-
Vocês	8	Ocês	12	Cês	35	-	-	-	-
Deles (as)	8	Dês	2	Dês	0	-	-	-	-
<b>Total</b>	1329		356		304		2		1

Fonte: elaborado pelo autor

Passamos agora a discutir o último fenômeno ao qual nos propomos investigar.

#### 7.15 Fenômeno F15 – Fraseologia

A fraseologia visa descrever o contexto da palavra. E no caso do Vale, acredita-se que possam existir muitas frases produzindo semântica diversa do uso da norma-padrão.

No quadro abaixo apresenta-se uma série de frases e seus significados no contexto de uso.

**Quadro 6: Frases das narrativas**

F15 - FRASEOLOGIA			
Contador	Narrativa	Frase	Significado na narrativa
C1	N1	Pruquê a pessoa são rico, num pode orgulhá do pobre, num é?	Orgulhá foi empregado no sentido de fazer desfeita de... pouco-caso de...
C4	N4	Quem me matô foi a língua do povo e vai matá você também	Língua do povo significa fofoca e a fofoca mata.
C4	N4	Se a cabeça num conversá, cês tão podeno fazê fogo nele...	No texto significa que os policiais podem atirar, matar, caso a cabeça não converse. A cabeça era um crânio em osso de um morto.
C6	N6	Mandô boletim po modo do pessoali arreuni...	Comunicou que haveria reunião, convocou para reunião.
C8	N8	Ficô assombrado.	No texto significa que perdeu a coragem, ficou medroso.
C9	N9	Agora reformei de corage.	Encorajou-se. Reanimou-se. Ganhou ânimo para.
C12	N12	Pução de gente	Muitas pessoas, um tanto de pessoas reunidas.
C15	N15	Chego o pai Urubu com uma certa quantidade de iscravos pra dançá o semba	Dança típica, de roda, de origem africana.
C17	N17	Deveras.	De verdade, verdadeiramente.
C18	N18	Sustentava a avó a pudê de lenha.	Sustentava a avó por meio dos recursos da lenha.
C18	N18	Animô de corage.	Encorajou-se, ganhou coragem novamente.
C18	N18	Tampo da noite.	De madrugada, tarde da noite.
C20	N20	Uma coisa que havia de premero;	Uma coisa que havia antigamente.
C20	N20	Quando foi assim... quase tinguindo a noite.	Ao anoitecer, no início da noite.
C22	N22	Quando entrô pra noite, o padre arrumô pra cama	Quando anoiteceu o padre foi dormir.
C27	N27	O cuei ta pono sintido... pono sintido, foi ino ês fecho na luta. O cascacavelo bateu o ácido naquela.	O coelho está prestando atenção e a cascavel mordeu, no contexto uma onça.
C28	N28	Curá de palavra	O mesmo que fazer simpatia, curar por meio de oração
C31	N31	Aí ele rompeu; ele vai ino, rompeno. Eles ideano o que fazê com esse minino.	Romper é igual a andar, caminhar por longas distâncias e foi pesando o que fazer com o menino.
C33	N33	Vai na manga de madrugada, pega o cavalo mais magro que tivé e traz. Aí o véi foi na manda.. Rompeu, rompeu...	Ir na manga é o mesmo que ir ao curral. Rompeu no contexto significa cavalgou, correu com o cavalo por longa distância.
C34	N34	De começo... fiquei sintido.	No contexto significa desde o início, desde sempre, desde o começo. Ficar sintido é ficar chateado.
C43	N43	Ela era assim muito iscorada	No contexto significa que a mulher era muito fraca, velha e cansada
C49	N49	O gado ficava solto. Num era manga não.	O gado ficava solto. Não ficava no curral não.

Fonte: elaborado pelo autor.

Como se pode observar, nas narrativas aparecem expressões com significado diverso do contexto norma-padrão, como na N1 - “pruquê a pessoa são rico, num pode **orgulhá** do pobre, num é”? No dicionário Aurélio a definição de orgulhar é “causar orgulho a ou sentir orgulho de algo”. O verbo na frase ganha outro sentido. No texto, o rico não pode fazer desfeita do pobre.

No campo da alteração do sentido, destaca-se, o emprego da palavra **manga** com significado de curral (5x) ante um uso com significado de vestido, conforme fragmentos das narrativas N24, N33 e N49.

– N24 - “Num tinha manga, num tinha manguera, num tinha nada. Então, o cavalo do senhor dele tava po mato, né? Então ele mandô pegá o cavalo p’ele viajá. Ele foi pegá o cavalo”.

– N33 - “Cê vai lá na manga de madrugada, pega o cavalo mais magro que tivé e traz”...

– N33 - “Aí o véi’ foi na manga e pegô o Relâmpago. E foi imhora atrás de Pena Verde”.

– N49 - “Aí tinha um peladô grande lá aonde que o gado amaiava naquele tempo, né? – o gado ficava solto; num era manga não – ficava aqueles peladozão... num tinha arma”.

Ainda no campo da fraseologia, salienta-se frases poéticas como na narrativa N20 - “Quando foi assim... quase tingindo a noite” com significado de anoitecer. E na narrativa N4 a expressão “quem me matô foi a língua do povo” com significado de fofoca.

Por fim, a pretexto de conclusão deste capítulo, podemos afirmar que o objetivo de sistematizar variações linguísticas em narrativas orais do Vale foi alcançado, tendo em vista os dados apresentados acima. Destaca-se, de antemão, que deixamos para outros pesquisadores ou para pesquisas futuras, a missão de explicar em detalhes os fenômenos investigados, pois entendemos que tal tarefa não cabia ao propósito desta dissertação. E ademais não sendo possível predizer que os fenômenos investigados são exclusivos do Vale do Jequitinhonha, podemos dizer categoricamente que são também fenômenos do Vale, dentre os quais se destacam: a) apagamento do ditongo / ou / com índices de 95,60% em verbos e 90,34% em

nomes; b) desnasalização de verbos no pretérito mais-que-perfeito com índices de 80% ante 20% da norma-padrão; c) rotacismo do / l / pelo / r / com índices de 42,17%; d) apagamento do gerúndio com índices de 96,43%; e) despalatização com índices de 61,15% ante 38,85% da norma-padrão, dentre outros.

## 8 PRODUTO EDUCACIONAL

Um dos objetivos previstos nesta dissertação para a conclusão do Mestrado Profissional consistiu na elaboração do produto educacional, aqui denominado **Narrativas em Rede**, que pode ser acessado no site <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/narrativas-em-rede/>.

Narrativas em Rede (site) começou a ser concebido ainda no ano de 2023 com o ingresso no programa do Mestrado Profissional / Educação e Docência. Se insere num contexto mais amplo da dissertação do mestrado cuja temática pesquisou a Variação Linguística em Narrativas Oraís no Vale do Jequitinhonha – MG, a partir de um corpus de áudios e transcrições que somam mais de 43 mil palavras.

No decorrer do curso, estabelecemos como objetivo a criação de um site que pudesse abrigar todas as narrativas gravadas no Vale pelos projetos de pesquisa Literatura Oral – PUC-Minas e o Projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto da UFMG, entre os anos de 1987-1997.

As narrativas encontravam-se em fitas cassetes, não sendo possível o acesso às mesmas com facilidade sem a conversão para o formato MP3, tendo em vista que esta tecnologia cassete já está obsoleta e em desuso.

Assim, para o desenvolvimento da dissertação e do produto, este pesquisador converteu do formato fita cassete para o formato MP3 um total de 255 narrativas, com a meta de torná-las acessíveis às novas tecnologias e à rede de computadores. Tal trabalho demandou centenas de horas de escuta, pois o acervo base com as 255 narrativas encontrava-se disperso em 57 fitas cassetes, conforme imagem abaixo.

Figura 4: Fitas cassetes e embalagens



Fonte: elaborado pelo autor.

O recurso educacional, **Narrativas em Rede**, surge a partir da necessidade de se preservar um corpus de narrativas orais que foram gravadas a muitas mãos. Todas as narrativas em áudio se encontram atualmente no site e em formato MP3.

O acervo em formato cassete soma mais de 85 horas de gravação. Para a extração dos áudios para o formato MP3 foi necessário muita atenção e escuta para demarcar e localizar com precisão as narrativas. Para tanto, utilizou-se de dois

recursos: **tocador de cassete e o software Audacity** instalado em computador para salvar, cortar e trabalhar as narrativas. Atualmente o acervo em cassete encontra-se sobre a guarda e cuidados do Polo Jequitinhonha UFMG – Pró-reitoria de Cultura da UFMG e as narrativas em MP3 no site <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/narrativas-em-rede/> na estrutura macro no site do Polo Jequitinhonha.

No site **Narrativas em Rede** <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/narrativas-em-rede/> o usuário encontrará todas as informações necessárias para entender o percurso que envolveu gravações. Encontrará informações sobre os projetos, bem como uma página destinada a caracterização dos contadores (as), tarefa que nos desafiou, tendo em vista a ausência de informações. Tal tarefa foi dedicada à memória de homens e mulheres que mantêm viva a riqueza da tradição oral. Encontra-se ainda no site **Narrativas em Rede** um quadro contendo a identificação dos contadores por municípios e com os respectivos anos de gravação. No site, as pessoas interessadas poderão ouvir os áudios dos (as) contadores (as) por município e ler as narrativas transcritas que estão em formato PDF, dentre outras informações.

Ao acessar **Narrativas em Rede** poderão se apropriar da língua, suas variações e estilística próprias. Aproveitem, desfrutem, curtam, pois este trabalho é dedicado à língua em uso, à memória e à história dos contadores.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra *Educação para Além do Capital*, Mészáros (2008) põe três epígrafes que irão ser a base de todo o livro. Aqui, tomaremos uma de empréstimo, pois entendemos ser essencial para o processo educativo de todos. A epígrafe em questão é de Paracelso, sendo “a aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice, de fato quase até a morte; ninguém passa dez horas sem nada aprender” (PARACELSO *apud* MÉSZÁROS, 2008, p. 23).

A inserção de tal pensamento aqui, a título de conclusão, parece em princípio ser aleatório, descabido, todavia não o é. Marca o processo deste pesquisador. Iniciei o mestrado com a intenção de pesquisar os fenômenos em todo o corpus que abrange duzentas narrativas transcritas e 255 áudios. Neste cenário, narrativas transcritas e os áudios somavam mais de 168 mil palavras. Durante o processo, a pesquisa se restringiu a um corpus menor. Assim, esta deu-se no recorte de 50 narrativas, 50 contadores, nos 10 municípios do Vale do Jequitinhonha, contabilizando ao final uma narrativa por contador, somando mais de 43 mil palavras.

O contato com os áudios e as narrativas ainda em 2019, conforme relatado, me remeteu a minha própria infância, à juventude e aos meus processos educativos, na escola, na família e na comunidade. O preconceito linguístico que vivi por veicular uma variedade não padrão como *nós foi, vai, vamo, vamu*, é fruto de desigualdades sociais e de uma educação que não conseguiu transformar homens e mulheres naquele contexto. Neste quesito, torna-se necessário à escola possibilitar contato com outras variedades linguísticas, valorizar a língua em uso e quebrar as cercas da exclusão que são causados pela gramática normativa, pois de acordo com Gnerre (2009, p.22) “a linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder”. Neste sentido é importante a própria escola se educar. Precisa compreender que a língua é diversa, um rio, um oceano. Precisamos entender que a “língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso” ante a gramática normativa que “é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, a margem da língua” (BAGNO, 2008, p. 20).

Precisamos todos compreender e nos colocarmos neste processo de

aprendizagem contínua. Não podemos parar como a água no igapó. Temos que ser rio. Essa dissertação possibilitou-me isso. Precisamos aprender a aprender sempre. E àqueles (as) que já sabem, o nosso agradecimento.

Gonzalez foi uma dessas que entendeu a diversidade da língua. De acordo com a autora, o português brasileiro tem uma forte influência da cultura e das línguas africanas, a ponto de afirmar que no Brasil não se fala português, como referimos, mas “pretuguês”. “Nosso português não é português, é pretuguês” (GONZALEZ, 2020, p. 290).

O rotacismo, fenômeno investigado nesta pesquisa, é um bom exemplo do “pretuguês” falado no Vale ao lado de outros fenômenos. Nos verbos, o rotacismo ocorre em 42,17% dos casos ante 57,83% da norma-padrão; em nomes temos 25,38% dos casos na variedade ante 74,62% da norma-padrão. Gonzalez (2020) atribuiu a influência africana trocar o / l / pelo / r /.

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é *Framengo*. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse R no lugar do L nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o L inexistente (GONZALEZ, 2020, p. 90).

Podem ainda ser atribuídos à herança africana na língua do Vale do Jequitinhonha outros fenômenos que nos pomos a investigar, como: a) despalatização de palavras como coelho por cueio; filho (a) por fio, fia; b) a alteração de pronomes como você (s) por ocê (s), cê (s); eles por ês; aqueles (as) por aquês, aqués; c) a prevalência da concordância nominal no singular como os menino bonito com frequência de 74,75% na variedade ante 25,25% dos casos na norma-padrão; e, d) a perda da consoante final / R / em léxicos verbais e normais.

Assim, neste processo de aprendizagem contínua, acreditamos que poderemos nos tornar novos homens e novas mulheres, modificando a educação e nos modificando por meio dela, tendo a língua e suas variedades em uso como meio para uma nova educação que se propõe transformadora. Neste sentido, a escola poderia ensinar e aprender o que é dígrafo a partir do apagamento deste no fenômeno da despalatização, por exemplo. Poder-se-ia ainda, pensar o que é a marca do infinitivo a partir de sua ausência em verbos, como se dá no fenômeno que

marca a perda da consoante / R / em léxicos verbais e nominais. Poder-se-ia pensar e refletir sobre o processo de variação da língua como no fenômeno de alteração pronominal *eles por ês, ele por el / ê, aqueles (as) por aquês (és), você por ocê, cê*. Por fim, a escola poderia trabalhar a perspectiva da estilística do narrador, marca singular, única de cada indivíduo, destacando tal fato como característica genuinamente individual e não como marca de uma variedade que carrega estigma e preconceito.

## 10 REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano. **Fernão Dias Paes**. Descobridor das Esmeraldas. Conselho Ultramarino 1682. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, v.19, 1921. Disponível em: [www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm\\_pdf/1513.pdf](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/1513.pdf). Acesso em: 27 mai. 2024.

ALKMIM, Tânia. Sociolinguística (Parte 1). In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, AnaChristina. **Introdução à linguística 1: domínios e fronteiras**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira: gramática-vocabulário**. São Paulo: Hucitec, 1976.

ANTUNES, Carolina; FERRAZ, Aderlande Pereira. **Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

ANTUNES, Carolina et al. **Recontos do Jequitinhonha e alhures**. Belo Horizonte: Maza Edições, 2009.

ANTUNES, Carolina. **Traços arcaicos do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha**. SCRIPTA. Belo Horizonte. v.8, n.16, p.176-183, 1º sem. 2005. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/13915/10939>. Acesso em: 15 mai. 2024.

ARAÇUAÍ, Decreto Nº 082 de 23 de abril de 2024. **Declara Luto oficial em Araçuaí pelo falecimento de Generina Isidora da Silva**, 2024.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editoria, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. O que é como se faz. 50ª. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2008.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**. 7ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

BATTISTI, Elisa. A redução dos ditongos nasais átonos. In: BISOL, Leda. BRESCANCINI, Cláudia. (Org.). **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 183-202.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador: magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 3ª Edição. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BISOL, Leda. A harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica. Revista D.E.L.T.A, 31-1, 2015 (185-205), PCU-SP, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/26379/18924>. Acesso 28 dez.

2024.

BISPO, Eluiz Antônio R. M. **Regularização fundiária rural de terras devolutas no norte de Minas Gerais. 2020, 188f.** Dissertação de Mestrado, UFMG, Montes Claros – MG. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/34248>. Acesso em: 25 jun. 2024.

BORGES, Cristina Nogueira. **Um home da palavra: um estudo da poesia oral de Abel Tareco.** Dissertação de mestrado / Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-7GCG8S>. Acesso em: 14 ago. 2024..

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegamu na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística.** 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2019.

BOTELHO, Tarcísio R. **A população Brasileira em 1850: uma estimativa.** Economia e Políticas Públicas, V. 7, N.2 / 2019. Montes Claros: Editora UNIMONTES. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/economiaepoliticaspUBLICAS/article/view/3537>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística (Parte 2). In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística 1: domínios e fronteiras.** 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 49-75.

CAMPOS, Aída et al. **Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto.** Coleção Quem Sabe Faz. Pró-reitoria de Extensão – Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CARNEIRO, Patrício A. Silva. **Do Sertão ao território das Minas e das Gerais.** Entradas e bandeiras, política territorial e formação espacial no período colonial. 2013, 392p. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia da UFMG, Belo Horizonte. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MPBB-95SMJC>. Acesso em: 08 abr. de 2024.

COELHO, Izete Lehamkul et al. **Sociolinguística.** Florianópolis: LLVCCE/UFSC, 2012.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 1999.

DESLAURIERS, Jean-Pierre et. al. **A pesquisa Qualitativa: enfoques**

epistemológicos e metodológicos. 4ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

FÁVARO, Claudemir; MONTEIRO, Fernanda T. **Disputas territoriais no Vale do Jequitinhonha**: uma leitura pelas transformações nas paisagens. Revista Agriculturas. v. II, n.3, outubro de 2014, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://aspta.org.br/article/disputas-territoriais-no-vale-do-jequitinhonha-uma-leitura-pelas-transformacoes-nas-paisagens/>. Acesso em: 01 jul. 2024.

FERLINI, Vera Lúcia do Amaral. **Terra, trabalho e poder**: o mundo dos engenhos no Nordeste colonial. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FERREIRA, A.V.B; MATOS, R. **Vale do Jequitinhonha**: história e geo-história. Belo Horizonte, Laboratório de Estudos Territoriais – Leste: IGC/UFMG,, v.1, n.2, p.1-83. 2000.

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. 4ª edição, São Paulo: Editora UNESP, 1997.

FREITAS, Cristine S; FIGUEIREDO, Isabela Gomes; BECHIR, Juliana Carvalho. A redução do gerúndio em três cidades mineiras: Belo Horizonte, Nova Lima e Santa Luzia. In **O português Falado em Minas Gerais**. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2013. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/padrao\\_cms/documentos/eventos/vivavoz/O%20portugues%C3%AAs%20falado%20em%20Minas.pdf](http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/vivavoz/O%20portugues%C3%AAs%20falado%20em%20Minas.pdf). Acesso em: 10 jan. 2025.

FURTADO, Júnia Ferreira. **O livro da capa verde**: o Regimento Diamantino de 1771 e a vida no Distrito diamantino no período da real extração. São Paulo: Annablume, 2008.

FURTADO, Júnia Ferreira; LIBBY Douglas Clole. **Trabalho livre, trabalho escravo**: Brasil e Europa, séculos XVII e XIX. São Paulo: Annablume, 2006.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Mulheres escravas e forras na mineração no Brasil, século XVIII**. Revista Latino-americana de Trabalho e Trabalhadores. nov.2020-abr.2021. p. 1-49. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/37114>. Acesso em: 03 jun. 2024.

GALIZONI, Flávia, et al. **Programas sociais, mudanças e condições de vida na agricultura familiar do Vale do Jequitinhonha Mineiro**. RESR, Piracicaba-SP, Vol. 52, Nº 02, p. 365-386, Abr/Jun 2014 – Impressa em Agosto de 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/rGtNVnHShWdk3g3xpZQbrmH/?lang=pt>. Acesso em 31 ma. 2024.

GALIZONI, Flávia. RIBEIRO, Eduardo M. **Quatro Histórias de Terras Perdidas**. Modernização agrária e privatização de campos comuns em Minas Gerais. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, V.9, N. 2 / NOVEMBRO, 2007. Disponível em: <https://rbeur.emnuvens.com.br/rbeur/article/view/185/169>. Acesso em: 04

jun. 2024.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil - 1576**: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil. Senado Federal, Brasília, 2008. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/188899/Tratado%20da%20terra%20do%20Brasil.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2024.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 5ª. Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2009

GONZALEZ, Lélia A. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Ensaios, intervenções e diálogos. Org. Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Editora Zaha, 2020.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014.

IBGE, **Divisão do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas**. Vol. 1. Rio de Janeiro, 1990. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269\\_1.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269_1.pdf). Acesso em: 23 mai. 2024.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, Ana Carolina Gonçalves. **O campesinato no Vale do Jequitinhonha**: da sua formação no processo de imposição do trabalho à crise da (sua) reprodução capitalista. São Paulo, 2015. USP. Tese de Doutorado, p.66-83. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-05082015-124614/pt-br.php>. Acesso em: 10 mai. 2024.

LOPES, E. **A identidade e a diferença**: raízes históricas das teorias estruturalistas da narrativa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

MARQUES, Reinaldo M; PEREIRA, Vera L. Felício. O Artesanato da memória na literatura popular do Vale do Jequitinhonha. **Periódico O Eixo e a Roda**, Belo Horizonte, v. 6, p.171-179, 1988. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/4230/4076](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/4230/4076). Acesso em: 13 jun. 2024.

MARQUESE, Rafael de Bivar. **A dinâmica da escravidão no Brasil**: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. São Paulo. Novos Estudos. Edição 74 – V. 1, Março de 2006. Disponível em: <https://novosestudos.com.br/produto/edicao-74/#gsc.tab=0>. Acesso em: 18 jun. 2024.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. 2ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MOREIRA, Vânia M. Losada. **Kruk, Kruk, Kuruca: Genocídio e tráfico de crianças no Brasil imperial.** História Unisinos, vol. 24, núm. 3, 2020. set-dez, p 390-404. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5798/579865460006/579865460006.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2024.

MOREIRA, Renata Couto; SOUZA, Cristiane L. S. **Vale Jequitinhonha: migrações temporárias e superexploração da força de trabalho.** Trabalho & Educação | Belo Horizonte | v.26 | n.3 | p. 109-127 | set-dez | 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9647>. Acesso em: 23 jun. 2024.

MOURA, Margarida. **Os deserdados da terra.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MATOS, Ralfo; VELLOSO, André. **A formação histórica da rede de cidades do Vale do Jequitinhonha.** Cadernos do Leste Artigos científicos. Edição Especial, 2000 a 2008. Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/caderleste/article/view/13085>. Acesso em: 15 mai. de 2024.

MATTOSO CÂMARA Jr. J. **Dicionário de Linguística.** Editora Vozes. Rio de Janeiro: 1978.

NETO GRAZIANO, Francisco. **As condições da reprodução camponesa no Vale do Jequitinhonha.** Perspectivas, São Paulo. V. 6, p. 85-100, 1983. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/226>. Acesso em: 04 jun. 2024.

NETO, Serafim da Silva. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.** Ministério da Educação e da Saúde. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. Departamento da Imprensa Nacional, 1951.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa: características, uso e possibilidades.** Cadernos de pesquisa em administração. São Paulo: v. 1, nº 3, 2º sem. 1996

NUNES, M. A. **Estruturação e Reestruturações Territoriais da Região do Jequitinhonha em Minas Gerais.** Dissertação (Mestrado em Geografia e Organização Humana do Espaço) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

OTONI, Teófilo. **Notícias sobre os Selvagens do Mucuri.** Organização: Regina Horta Duarte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

PEREIRA, Vera Lúcia Felício. **O Artesão da memória no Vale do Jequitinhonha.** Belo Horizonte. Editora UFMG e Editora PUC-Minas, 1996.

PEREIRA, Francisco Lobo Leite. **Descobrimento e devassamento do território de Minas Gerais**. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, v.7, n.3/4, p.549-594, jul./dez. 1902. Disponível em: <https://www.arquivopublico.mg.gov.br/>. Acesso em: 31 mai. 2024.

QUEIROZ, Sônia et al. **7 histórias de encanto e magia**. Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha. Belo Horizonte: Editora Lutador, 1999.

QUEIROZ, Sônia et al. **No tempo que os bichos falavam**. Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha. Belo Horizonte: Editora Lutador, 2009.

QUEIROZ, Sônia; FREITAS, Neide. **Vissungos: cantos afrodescendentes em Minas Gerais**. 3ª ed. Revista e ampliada. Belo Horizonte: Laboratório de Edição – FALE/UFMG, 2015.

QUINT-ABRIAL. **O crioulo de Santiago** – República de Cabo Verde. Atas do XV Encontro Nacional da APL. Faro, Portugal, 1999, p. 167-181. Disponível em: <https://apl.pt/atas-2/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

RAFFESTIN, Claude Raffestin. **Por uma geografia do poder**. Trad. Maria Cecília Franca. São Paulo: Ática S.A, 1980.

RIBEIRO, Eduardo et al. **Agricultura familiar e programas de desenvolvimento rural no Alto Jequitinhonha**. RER, Rio de Janeiro, Vol. 45, Nº 04, p. 1075-1102. Out/dez 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/tmgWcjhHDsRFXp3YM5LQq7m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 jun. 2024.

RIBEIRO, Eduardo M. **Agregação e poder rural nas fazendas do baixo Jequitinhonha mineiro**. UNIMONTES CIENTÍFICA. Montes Claros, V. 5, nº 2, jul/dez. 2003. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/2496/2535>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 28ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SOUZA, Gabriel Soares. **Tratado Descritivo do Brazil**, em 1587. Organizado por Francisco Adolpho de Vernhagen, Rio de Janeiro: 1851. Disponível em:

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242787>. Acesso em: 23 mai. 2024.

SOUZA, Josiley Francisco. **Conforme certas tradições**: Pedro Braga. Belo Horizonte: Edições Bichinho Gritador nº 11, 2018.

SOUZA, Josiley Francisco. **Do canto da voz ao Batuque da Letra**. A presença Africana em narrativas orais inscritas no Brasil. 2012, 201f. Tese de doutorado. Faculdade de Letras / UFMG, Belo Horizonte.

SOUZA, Josiley. **Negros pelo Vale**. 3ª Ed. revista e ampliada. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2014. Disponível em: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/wp-content/uploads/2020/12/negrospelovale3.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2024.

SOUZA, Josiley Francisco. **Pedro Braga**. Uma voz no Vau. 2006. Dissertação de mestrado em Letras, UFMG, Belo Horizonte. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6M3N6K/1/disserta\\_aojosiley.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6M3N6K/1/disserta_aojosiley.pdf). Acessado em: 03 ago. 2024.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

SILVA, Edila Viana da. **A pesquisa sociolinguística**. A teoria da Variação. Revista ABRAFIL. Ano IX, nº IX, Rio de Janeiro: 2011. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/abf/rabf/9/abrafil\\_9.pdf](http://www.filologia.org.br/abf/rabf/9/abrafil_9.pdf). Acesso em: 15 de ago. 2024.

SILVEIRA, Dayana Martins. **Comunidades tradicionais do Norte de Minas: estratégias de luta e acesso a direitos territoriais** (Dissertação de Mestrado / PPGDS), Unimontes, Montes Claros, 2014. Disponível em: <https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/20/2019/05/Dayana-Martins-Silveira.pdf>. Acesso em: 28 set. 2024.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2000.

TURATO E. R. **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa**. São Paulo. Revista de Saúde Pública. Jun. 39(3):507-514, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/31896/33870>. Acesso em: 11 de jun. 2024

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

## APÊNDICE A – Envelope de Variação

ENVELOPE DE VARIAÇÃO					
LEGENDA: Código - F1 = Fenômeno 1, logo, F2, F3... F15 = Fenômeno 15.					
CÓDIGO	FENÔMENO	DESCRIÇÃO	VARIEDADE LÍNGUA PADRÃO	VARIEDADE (S) PRODUZIDA (S)	TIPO DE PRODUÇÃO
F1	<b>Apagamento do ditongo ou monotongação</b>	Trata-se do apagamento ou redução de ditongos ai, ei, ou / ay, ey, ow.	Na língua padrão tem-se em verbos e nomes. Cita-se como exemplos deixar, beijar, doutor, outro, embaixo, debaixo, dentre outros.	Ex: dexo, bejo, dotô, otro, embaxo, debaxo.	Produção da variedade em verbos ou nomes. Variedade produzida no ditongo crescente ou decrescente
F2	<b>Retenção linguística</b>	Denomina-se de forma genérica como retenção linguística a presença de léxicos e construções sintáticas arcaicas, em vias de arcaização e obsoletas presentes na língua.	Palavras como então, antes, antontem, aonde, onde, em cima de.	Tem em palavras como o, aculá, arriba, buli, mucado, dibruçada, entonce, antonce, inhante, antonte, adonde. Pode ocorrer também em construção verbal do tipo "sai a passia".	Produção da variedade em verbos, nomes, frases, orações.
F3	<b>Marcação de uso singular para concordância verbal: 1ª e 3ª pessoa do plural</b>	A regra categórica marca concordância do verbo com o sujeito em pessoa e número.	Concordância do verbo com o sujeito. Nós fomos à festa. Eles foram.	Ex. Nós fomu à festa. Nós foi. Eles foi.	Produção em orações.
F4	<b>Rotacismo</b>	Troca dos /l/ por /r/ no final da sílaba ou no seu interior.	Planta, flechada, Cláudia, chiclete, bicicleta, motocicleta, anzol.	Pranta, frechada, Cráudia, chicrete, bicireta, motocicreta, anzor.	Produção da variedade em verbos ou nomes.
F5	<b>Despalatização</b>	Perda da pronúncia no palato alto, com pronúncia no palato médio. Perda do traço palatal na articulação de um fonema.	Na variedade padrão a produção de palavras como filho, melhor, toalha, joelho, colher (verbo) colher (substantivo), escolher, encalhado ocorre no palato alto.	Na variedade produzida a pronúncia de palavras como fio, meió, tuaia, jueio, jueio, cuié (substantivo), coiê (verbo), escoiê, incaiado se dá no palato médio.	Produção da variedade em verbos ou nomes.
F6	<b>Desnasalização</b>	Transformação de fonema nasal em oral	Na variedade padrão palavras como homem, garagem, viagem, bobagem, bestagem, vadiagem e verbos na 3ª pessoa do plural com terminação em (m) são nasalizados.	Na desnasalização, palavras como home, garage, viage, bobage, bestage, vadiage e em verbos na 3ª pessoal do plural como falaro, viero, comero, andaro passam a ser produzidos no palato.	Produção da variedade em nomes e verbos na 3ª pessoal plural.
F7	<b>Nasalização</b>	Transformação de fonema oral em nasal	Na variedade padrão escreve-se ilusão, exame, igual, igualdade, ignorante, ignorância.	Na produção por nasalização insere-se (n) em palavras como inlusão, inzame, ingual, ingualdade, ingnorante, ingnorância.	Produção da variedade em verbos ou nomes.

Fonte: elaborado pelo autor

## APÊNDICE A – Envelope de Variação

ENVELOPE DE VARIAÇÃO					
LEGENDA: Código - F1 = Fenômeno 1, logo, F2, F3... F15 = Fenômeno 15.					
CÓDIGO	FENÔMENO	DESCRIÇÃO	VARIEDADE LÍNGUA PADRÃO	VARIEDADE (S) PRODUZIDA (S)	TIPO DE PRODUÇÃO
F8	Perda da consoante final R em léxicos verbais e nominais (metaplasmo por subtração apócope)	Trata-se da perda da consoante R em finais de léxicos que podem apontar a perda do infinitivo em verbos isolados ou em composição (verbo auxiliar + principal) para indicar presente, passado ou futuro. Metaplasmos por subtração apócope	Na variedade padrão escreve-se e pronuncia-se falar, doutor, comer, partir, comer.	Na variedade ocorre perda do R nas palavras como em falá, dotô, comê.	Produção em nomes, em orações, verbos.
F9	Degeminação do gerúndio	Trata-se do apagamento do gerúndio	Na variedade padrão o gerúndio é marcado pelo encontro consonantal ND, como chegando, pensando, comendo.	Na variedade produzida a marca do gerúndio é apagada como em ingordano, ino, pensano, chegano, comeno.	Produção em verbos.
F10	Alçamento de vogal	Quando uma vogal média como (o) e (e) passam a vogal alta como (u) e (i).	Na variedade padrão tem-se menino, comia, descobrir, engordando, porque.	No alçamento tem-se minino, cumia, descubri, ingordano, purquê com vogal alta em (u) e (i).	Produção em nomes, em orações, verbos, preposição.
F11	Metaplasmos	Trata-se de metaplasmos por prótese, aférese, paragoge, metátese	Metaplasmos são alterações fonéticas que ocorrem em palavras ao longo do curso da língua. Pode ser por acréscimo no início ou fim; substituição, permuta, apagamento e outras.	Na prótese a alteração é no início de palavras como voar por avoar, ligar por aligar; na paragoge a alteração é no final como em sol por soli, arroz por arrozali, sal por sali, prazer por prazere. Na aférese ocorre o apagamento como em aprendeu por predeu, educado por ducado, educador por ducadô; na metátese ocorre a troca como em pedreiro por predeiro, estupro por estrupo.	Produção em verbos ou nomes.
F12	Marcação de uso plural para determinante em concordância nominal singular	Trata-se de marca de uso plural no determinante com uso no singular como regra produtiva.	Na regra padrão o determinante acompanha o nome flexionando-o em número singular / plural como em dois meninos; os meninos sempre estão bonitos.	Na variedade produzida o determinante marca o uso plural como em os menino foi na festa hoje; os home levou dois tiro;	Produção da variedade em nomes.
F13	Degeneração, S por Ch, V por B	Trata-se da troca do S por Ch, V por B em nomes, verbos.	Na variedade padrão tem-se suja, vassoura, cavalo, assoviar.	Na variedade produzida tem-se chuja, bassora, cabalo, assobio.	Produção em verbos ou nomes
F14	Alteração pronominal	Trata-se de alterações em pronomes do caso reto, demonstrativo, de tratamento e possessivo	Variedade padrão ele (s), aquele (s), aquela (s), senhora (s), senhor (s), você (s), deles (as)	Na variedade produzida tem-se a busca por alterações como ês, aquês, aquês, sora, sinhá, sinhô, ocê, cê, cês, vosmicê, dês, dês.	Produção nos pronomes
F15	Fraseologia	Trata-se de frase em uso, seu contexto, a semântica, o sentido.	Exemplo: antigamente.	Exemplo equivalente: de premero.	Produção em frases, palavras.

Fonte: elaborado pelo autor

## APÊNDICE B – Quadro identificação dos contadores

IDENTIFICAÇÃO DOS CONTADORES POR NOME, MUNICÍPIO, ANO E PROJETO DE GRAVAÇÃO.				
LEGENDA: o número 1 indica que foi o projeto Literatura Oral quem gravou. O nº 2 indica que foi o projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto				
MUNICÍPIO	NOME	IDADE	PROJETO	ANO DE REGISTRO
Araçuaí	Generina Isidora da Silva	72	2	1996
	Geni Maria de Jesus	SI	2	1996
	Josefa Alves Reis	72	2	1996
	Neném	38	1	1987
	Paiada	SI	1	1987
	Sá Luíza	80	1	1987
Capelinha	José Maria Santana	61	1	1989
	Josefa Souza da Cruz	78	1	1989
Chapada do Norte	José Rodrigues Soares	76	1	1990
	Maria Cirino	65	1	1990
	Maria Joana	40	1	1990
Diamantina	Francisco Feliciano de Souza Maia	58	1	1987
	José Aguiar de Paula (Zé da Sé)	81	1	1987
	Pe. Celso de Carvalho	74	1	1987
	Pedro Cordeiro Braga	70	1	1987
Itamarandiba	Ana Benzedeira	SI	1	1990
	Antônio	82	1	1990
	José Pereira	78	1	1990
	Maria Alves Oliveira	63	1	1990
	Pedro dos Anjos Barbosa	SI	1	1990
	Serapião	68	1	1990
	Tereza de Souza	38	1	1990
	Vicente	SI	1	1990
Jenipapo de Minas	Generoso Lemos de Oliveira	84	2	1997
Malacacheta	Abel Tareco	SI	2	1996
	Júlio Vieira dos Santos	SI	2	1996
	Sandro	SI	2	1996
	Sebastião Preto	SI	2	1996
	Zé Maria	SI	2	1996
Minas Novas	Cristina Rodrigues Mendes	68	1	1989
	João de Deus Vaz	87	1	1987
	Joaquim Soares Ramos	78	1,2	1988, 1997
	Joel	SI	1	1990
	Maria Conceição Costa	SI	1	1988
Rubim	Glicélio Gavião	SI	1	1989
	Isnaldo Pedro Dias	37	1	1989
	Maria do Ipe	49	1	1989
	Silvânio	25	1	1989
Serro	Alcides	SI	1	1988
	Gervásio José Pacheco	87	1	1988
	João Maria Batista	57	1	1989
	Oliveira	81	1	1988
	Ivo Silvério Rocha	45	1	1989
Turmalina	Américo Gonçalves Mendes	84	1	1987
	Faustino Gonçalves dos Santos	SI	1	1988

Francisco Lourenço Borges	78	1	1987
Joana Antunes	SI	2	1995
Maria Gomes	SI	1	1987
Mariza Terezinha Orsini Almeida	SI	2	1995
Maria Augusta Orsini Lopes	SI	2	1995
Norma Lopes	SI	1	1987
Onofre Cordeiro de Azevedo	SI	1	1988
Otaviano Godinho de Castro	78	1	1988
Vicente Nica	56	1	1988
Vitor Bento de Carvalho	73	1	1988

Fonte: elaborado pelo autor

## APÊNDICE C – Ficha apagamento do ditongo

FICHA DE DADOS						LEGENDA: 1) NP – Norma-padrão, 2) N – Nome, 3) V – Verbo.										
Código: F1 - APAGAMENTO DO DITONGO OU MONOTONGAÇÃO																
Contador	Narrativa	Nº de palavras	Município	Idade	Ditongo	FREQUÊNCIA DE PRODUÇÃO										
						NP – Norma-padrão				Total	Variante				Total Geral	Exemplos
						V.	Total	N.	Total		V.	Total	N.	Total		
C1	N1		M1	72	ai											
					ei											
					ou											
C2	N2		M1	SI	ai											
					ei											
					ou											
C3	N3		M1	72	ai											
					ei											
					ou											
C4	N4		M1	38	ai											
					ei											
					ou											
C5	N5		M1	SI	ai											
					ei											
					ou											
C6	N6		M1	80	ai											
					ei											
					ou											
C7	N7		M2	61	ai											
					ei											
					ou											
C...	N...		M...	...	ai											
					ei											
					ou											

Fonte: elaborado pelo autor

## APÊNDICE D – Ficha retenção Linguística

FICHA DE COLETA DE DADOS					LEGENDA: 1) NP – Norma-padrão, 2) OD - objeto direto; 3) Var. Variante, 4) T.G - Total Geral														
Código: F2 – RETENÇÃO LINGUÍSTICA																			
Contador	Narrativa	Nº de palavras	Município	Idade	FREQUÊNCIA DE PRODUÇÃO														Exemplos
					NP – Norma-padrão		Variante		Total	NP – Norma-padrão				Variante				T.G	
					Uso do Pronome e OD - NP	Total	Uso do Pronome reto como OD - Variante	Total		Arcaicos	Em vias de Arcaizações	Obsoleto	Total	Arcaicos	Em vias de Arcaizações	Obsoleto	Total		
C1	N1		M1	72															
C2	N2		M1	51															
C3	N3		M1	72															
C4	N4		M1	38															
C5	N5		M1	51															
C6	N6		M1	80															
C7	N7		M2	61															
C8	N8		M2	78															
C9	N9		M3	76															
C10	N10		M3	65															
C11	N11		M3	40															
C12	N12		M4	58															
C13	N13		M4	81															
C...	N...		M...	...															

Fonte: elaborado pelo autor

## APÊNDICE E – Ficha marcação de uso singular para 1ª e 3ª do plural

FICHA DE COLETA DE DADOS					LEGENDA: 1) NP – Norma-padrão, 2) N – Nome, 3) V - Verbo,4) MUS - Marcação de uso no singular; 5) MUP - Marcação de uso no plural																
Código: F3 – MARCAÇÃO DE USO PLURAL PARA CONCORDÂNCIA VERBAL: 1ª e 3ª PESSOA DO PLURAL																					
Contador	Narrativa	Nº palavras	Município	Idade	Norma-padrão					Variante										Exemplos	
					1ª Pessoa Plural	Total	3ª Pessoa Plural	Total	Total geral	1ª Pessoa Plural					3ª Pessoa Plural						
					MUP		MUP			MUP (sem s)	Total	MUS	Total	Total	MUP (sem m)	Total	MUS	Total	Total		MUS
C1	N1		M1	72																	
C2	N2		M1	SI																	
C3	N3		M1	72																	
C4	N4		M1	38																	
C5	N5		M1	SI																	
C6	N6		M1	80																	
C7	N7		M2	61																	
C8	N8		M2	78																	
C9	N9		M3	76																	
C10	N10		M3	65																	
C11	N11		M3	40																	
C...	N...		M...	...																	

Fonte: elaborado pelo autor

## APÊNDICE F – Ficha rotacismo

FICHA DE COLETA DE DADOS					LEGENDA: 1) NP – Norma-padrão, 2) N – Nome, 3) V - Verbo, 4) Var-Variante, 5) TG - Total Geral												
Código: F4 – ROTACISMO																	
Contador	Narrativa	Nº de palavras	Município	Idade	FREQUÊNCIA DE PRODUÇÃO												
					Norma-padrão				Total	Variante				Total	T.G	Exemplos	
					V.	Total	N.	Total		V.	Total	N.	Total			V.	N.
C1	N1		M1	72													
C2	N2		M1	SI													
C3	N3		M1	72													
C4	N4		M1	38													
C5	N5		M1	SI													
C6	N6		M1	80													
C7	N7		M2	61													
C8	N8		M2	78													
C9	N9		M3	76													
C10	N10		M3	65													
C11	N11		M3	40													
C12	N12		M4	58													
C13	N13		M4	81													
C...	N...		...	...													

Fonte: elaborado pelo autor

## APÊNDICE G – Ficha despalatização

FICHA DE COLETA DE DADOS					LEGENDA: 1) NP – Norma-padrão, 2) N – Nome, 3) V - Verbo, 4) Var. Variante, 5) T.G - Total Geral												
Código: F5 – DESPALATIZAÇÃO																	
Contador	Narrativa	Nº de palavras	Município	Idade	FREQUÊNCIA DE PRODUÇÃO												
					Norma-padrão				T.G	Variante				Total	T.G	Exemplos	
					V.	Total	N.	Total		V.	Total	N.	Total			V.	N.
C1	N1		M1	72													
C2	N2		M1	SI													
C3	N3		M1	72													
C4	N4		M1	38													
C5	N5		M1	SI													
C6	N6		M1	80													
C7	N7		M2	61													
C8	N8		M2	78													
C9	N9		M3	76													
C10	N10		M3	65													
C11	N11		M3	40													
C12	N12		M4	58													
C13	N13		M4	81													
C14	N14		M4	74													
C15	N15		M4	70													
C16	N16		M5	SI													
C...	N...		M...	...													

Fonte: elaborado pelo autor

## APÊNDICE H – Ficha desnasalização

FICHA DE COLETA DE DADOS					LEGENDA: 1) NP – Norma-padrão, 2) N – Nome, 3) V - Verbo, 4) Var. Variante, 5) V.3ª PP - Verbo na 3ª Pessoa do Plural, 6) Conj - Conjugação																	
Código: F6 – DESNASALIZAÇÃO					FREQUÊNCIA DE PRODUÇÃO																	
Contador	Narrativa	Nº de palavras	Município	Idade	Norma-padrão						Variante						Exemplos					
					V. 3ª PP			Total	N.	Total	V. 3ª PP			Total	N.	Total	Total	Total Geral	V.	N.		
					1ª Conj.	2ª Conj.	3ª Conj.				1ª Conj.	2ª Conj.	3ª Conj.									
C1	N1		M1	72																		
C2	N2		M1	SI																		
C3	N3		M1	72																		
C4	N4		M1	38																		
C5	N5		M1	SI																		
C6	N6		M1	80																		
C7	N7		M2	61																		
C8	N8		M2	78																		
C9	N9		M3	76																		
C10	N10		M3	65																		
C11	N11		M3	40																		
C12	N12		M4	58																		
C13	N13		M4	81																		
C14	N14		M4	74																		
C15	N15		M4	70																		
C...	N...		M...	...																		

Fonte: elaborado pelo autor

## APÊNDICE I – Ficha nasalização

FICHA DE COLETA DE DADOS										LEGENDA: 1) NP – Norma-padrão, 2) N – Nome, 3) V - Verbo, 4) Var. Variante 5) Vogais - A, E, I, O, U											
Código: F7 – NASALIZAÇÃO										FREQUÊNCIA DE PRODUÇÃO											
Contador	Narrativa	Nº de palavras	Município	Idade	Variante					Exemplos											
					V.	Vogais					N.	Vogais					V	N.			
					A	E	I	O	U	Total		A	E	I	O	U	Total	Total			
C1	N1		M1	72																	
C2	N2		M1	SI																	
C3	N3		M1	72																	
C4	N4		M1	38																	
C5	N5		M1	SI																	
C6	N6		M1	80																	
C7	N7		M2	61																	
C8	N8		M2	78																	
C9	N9		M3	76																	
C10	N10		M3	65																	
C11	N11		M3	40																	
C12	N12		M4	58																	
C13	N13		M4	81																	
C14	N14		M4	74																	
C15	N15		M4	70																	
C16	N16		M5	SI																	
C..	N..		M...	...																	

Fonte: elaborado pelo autor

## APÊNDICE J – Ficha perda da consoante R em léxicos verbais e nominais

FICHA DE COLETA DE DADOS					LEGENDA: 1) NP – Norma-padrão, 2) N – Nome, 3) V - Verbo, 4) Var. Variante, 5) VA+VP - Verbo auxiliar + verbo principal, 6) T.G - Total Geral														
Código: F8- PERDA DA CONSOANTE FINAL R EM LÉXICOS VERBAIS E NOMINAIS (metaplasmo apócope)																			
Contador	Narrativa	Nº palavras	Município	Idade	FREQUÊNCIA DE PRODUÇÃO														
					Norma-padrão					Total	Variante					Total	Total geral		
					V.	Total	N.	Total	VA+VP		Total	V.	Total	N.	Total			VA+VP	Total
C1	N1		M1	72															
C2	N2		M1	SI															
C3	N3		M1	72															
C4	N4		M1	38															
C5	N5		M1	SI															
C6	N6		M1	80															
C7	N7		M2	61															
C8	N8		M2	78															
C9	N9		M3	76															
C10	N10		M3	65															
C11	N11		M3	40															
C12	N12		M4	58															
C13	N13		M4	81															
C14	N14		M4	74															
C15	N15		M4	70															
C16	N16		M5	SI															
C17	N17		M5	82															
C...	N...		M...	...															

Fonte: elaborado pelo autor

## APÊNDICE K – Ficha degeminação do gerúndio

FICHA DE COLETA DE DADOS					Legenda: 1) V - verbo					
Código: F9 – DEGEMINAÇÃO DO GERÚNDIO										
Contador	Narrativa	Nº de palavras	Município	Idade	FREQUÊNCIA DE PRODUÇÃO					
					Norma-padrão		Variante		Total geral	Exemplos
					Verbo	Total	Verbo	Total		
C1	N1		M1	72						
C2	N2		M1	SI						
C3	N3		M1	72						
C4	N4		M1	38						
C5	N5		M1	SI						
C6	N6		M1	80						
C7	N7		M2	61						
C8	N8		M2	78						
C9	N9		M3	76						
C10	N10		M3	65						
C11	N11		M3	40						
C12	N12		M4	58						
C13	N13		M4	81						
C14	N14		M4	74						
C15	N15		M4	70						
C16	N16		M5	SI						
C17	N17		M5	82						
C...	N...		M...	...						

Fonte: elaborado pelo autor



## APÊNDICE M – Ficha metaplasmos: prótese, aférese, paragoge e metátese

FICHA DE COLETA DE DADOS					LEGENDA: 1) NP - norma-padrão; 2) V - verbo; 3) N- nome; 4) T-NP - total de casos na norma-padrão em relação a variante; 5) T-V - total de casos em variação em relação a N-P; 6) T - total; 7) T-G - total geral																					
Código: F11 – METAPLASMOS: PRÓTESE, AFÉRESE, PARAGOGUE, METÁTESE.																										
Contador	Narrativa	Nº palavras	Município	Idade	FREQUÊNCIA DE PRODUÇÃO																				Exemplos	
					NP e Variante																					
					Prótese					Aférese					Paragoge					Metátese						T.G
					V.	N.	T-NP	T-V	T.	V	N	T-NP	T-V	T.	V.	N.	T-NP	T-V	T.	V.	N.	T-NP	T-V	T.		
C1	N1		M1	72																						
C2	N2		M1	SI																						
C3	N3		M1	72																						
C4	N4		M1	38																						
C5	N5		M1	SI																						
C6	N6		M1	80																						
C7	N7		M2	61																						
C8	N8		M2	78																						
C9	N9		M3	76																						
C10	N10		M3	65																						
C11	N11		M3	40																						
C12	N12		M4	58																						
C13	N13		M4	81																						
C14	N14		M4	74																						
C15	N15		M4	70																						
C...	N...		M...	...																						

Fonte: elaborado pelo autor

## APÊNDICE N – Ficha marcação de plural com concordância no singular

FICHA DE DADOS					Legenda: 1) MUP – Marca de uso plural; 2) MUPps – Marca de uso no Plural para singular; MUSpp – Marca de uso singular para plural;						
Código: F12 - MARCAÇÃO DE USO PLURAL PARA DETERMINANTE EM CONCORDÂNCIA NOMINAL SINGULAR											
contador	narrativa	Nº palavras	município	idade	FREQUÊNCIA DE PRODUÇÃO						
					Norma-padrão		Variante		Total geral	Exemplos	
					MUP	Total	MUPps	Total			
C1	N1		M1	72							
C2	N2		M1	SI							
C3	N3		M1	72							
C4	N4		M1	38							
C5	N5		M1	SI							
C6	N6		M1	80							
C7	N7		M2	61							
C8	N8		M2	78							
C9	N9		M3	76							
C10	N10		M3	65							
C11	N11		M3	40							
C12	N12		M4	58							
C13	N13		M4	81							
C14	N14		M4	74							
C15	N15		M4	70							
C16	N16		M5	SI							
C17	N17		M5	82							
C18	N...		M...	...							

Fonte: elaborado pelo autor

## APÊNDICE O – Ficha degeneração, S por CH, V por B

FICHA DE COLETA DE DADOS					LEGENDA: 1) NP – Norma-padrão, 2) N – Nome, 3) V - Verbo, 4) Var. Variante												
Código: F13 – DEGENERAÇÃO – S POR CH, V POR B.																	
Contador	Narrativa	Nº palavras	Município	Idade	FREQUÊNCIA DE PRODUÇÃO												
					Norma-padrão				Total	Variante				Total	Total Geral	Exemplos	
					V.	Total	N.	Total		V.	Total	N.	Total			V.	N.
C1	N1		M1	72													
C2	N2		M1	SI													
C3	N3		M1	72													
C4	N4		M1	38													
C5	N5		M1	SI													
C6	N6		M1	80													
C7	N7		M2	61													
C8	N8		M2	78													
C9	N9		M3	76													
C10	N10		M3	65													
C11	N11		M3	40													
C12	N12		M4	58													
C13	N13		M4	81													
C14	N14		M4	74													
C15	N15		M4	70													
C...	N...		M...	...													

Fonte: elaborado pelo autor





## APÊNDICE Q – Ficha fraseologia

FICHA DE COLETA DE DADOS					LEGENDA: 1) NP – Norma-padrão, 2) N – Nome, 3) V - Verbo, 4) Var. Variante 5) T.G - Total Geral						
Código: F15 – FRASEOLOGIA											
Contador	Narrativa	Nº palavras	Município	Idade	FREQUÊNCIA DE PRODUÇÃO						T.G
					FRASEOLOGIA						
					FRASE	Significado no texto	Total	Nomes / verbos	Significado no texto	Total	
C1	N1		M1	72							
C2	N2		M1	SI							
C3	N3		M1	72							
C4	N4		M1	38							
C5	N5		M1	SI							
C6	N6		M1	80							
C7	N7		M2	61							
C8	N8		M2	78							
C9	N9		M3	76							
C..	N...		M...	...							

Fonte: elaborado pelo autor

## APÊNDICE R – Identificação dos contadores, narrativas, municípios.

IDENTIFICAÇÃO CONTADORES - NARRATIVAS - MUNICÍPIOS					
Legenda: C1 = Contador 1, logo, C2, C3... C50 = Contador 50			M1 = Município de Araçuaí; M2 = Capelinha; M3 = Chapada do Norte; M4 = Diamantina;		
Legenda: N1 = Narrativa 1, logo N1, N2... N50 = Narrativa 50			M5 = Itamarandiba; M6 = Jenipapo de Minas; M7 = Minas Novas; M8 = Rubim; M9 = Serro; e M10 = Município de Turmalina.		
Município	Contador / a	Nome	Idade	Narrativa	Nome da narrativa
M1 - Araçuaí	C1	Generina Isidora da Silva	72	N1	O milagre do pão
	C2	Geni Maria de Jesus	SI	N2	O presente encantado
	C3	Josefa Alves Reis	72	N3	A cachaça e travessia
	C4	Neném	38	N4	A língua do povo
	C5	Paiada	SI	N5	Opé de melancia
	C6	Sá Luíza	80	N6	A história de Sum Pedo
M2 - Capelinha	C7	José Maria Santana	61	N7	Capetinha isprito, istrela e mula-sem-cabeça
	C8	José Souza da Cruz	78	N8	O porco da noite
M3 - Chapada do Norte	C9	José Rodrigues Soares	76	N9	O véi da bengala e o moço prinspe
	C10	Maria Cirino	65	N10	O padre nemo
	C11	Maria Joana	40	N11	O lubisome
M4 - Diamantina	C12	Francisco Feliciano de Souza Maia	58	N12	A comedora da língua de boi
	C13	José Aguiar de Paula (Zé da Sé)	81	N13	O milagre de São Francisco
	C14	Pe. Celso de Carvalho	74	N14	O viúvo e a mininota
	C15	Pedro Cordeiro Braga	70	N15	Pai Urubu e Pai Jacarandá
M5 - Itamarandiba	C16	Ana Benzedeira	SI	N16	A muié que custurava di noite
	C17	Antônio	82	N17	A mardição do lubisome
	C18	José Pereira	78	N18	Os bichin e a ponte
	C19	Maria Alves Oliveira	63	N19	O lubisome trabaiaô
	C20	Pedro dos Anjos Barbosa	SI	N20	O minino da noguera
	C21	Serapião	68	N21	Cirino e gabiroba
	C22	Tereza de Souza	38	N22	O minino e o padre
	C23	Vicente	SI	N23	O casamento da raposa com veado
M6 - Jenipapo de Minas	C24	Generoso Lemos de Oliveira	84	N24	O caso de Pai Joaquim
M7 - Minas Novas	C25	Cristina Rodrigues Mendes	68	N25	Minas Novas
	C26	João de Deus Vaz	87	N26	A história do carro

	C27	Joaquim Soares Ramos	78	N27	O cueio e o cascavelo
	C28	Joel	SI	N28	A história do tempo dos escravo
	C29	Maria Conceição costa	SI	N29	Tratá bem os véi
M8 - Rubim	C30	Glicélio Gavião	SI	N30	João Grilo e o mestre
	C31	Isnaldo Pedro Dias	37	N31	O minino gigante
	C32	Maria do Ipe	49	N32	Bicho de Fortaleza
	C33	Silvânio	25	N33	Juozin e Pena Verde
M9 - Serro	C34	Alcides	SI	N34	O galo
	C35	Gervásio José Pacheco	87	N35	O Prinspe Lagarto
	C36	João Maria Batista	57	N36	Dumdum
	C37	Oliveira	81	N37	O negro e a santíssima trindade
	C38	Ivo Silvério Rocha	45	N38	A história da caixa
M10 - Turmalina	C39	Américo Gonçalves Mendes	84	N39	A mula-sem- cabeça
	C40	Faustino Gonçalves dos Santos	SI	N40	O cachorro preto dos dente vermei
	C41	Francisco Lourenõ Borges	78	N41	O nego da manjarra
	C42	Joana Antunes	SI	N42	A luz colorida
	C43	Maria Gomes	SI	N43	A história de Quelé
	C44	Maria Terezinha Orsini Almeida	SI	N44	A história do beja-flor e da abelinha
	C45	Mariza Augusta Orsini Lopes	SI	N45	A história do cuelho
	C46	Norma Lopes	SI	N46	O pinto pelado
	C47	Onofre Cordeiro de Azevedo	SI	N47	História da crise
	C48	Otaviano Godinho de Castro	78	N48	Os dois cumpradre e a vaca Manchinha
	C49	Vicente Nica	56	N49	Assombrações
	C50	Vitor Bento de Carvalho	73	N50	A brocha

Fonte: Elaborado pelo Autor

## ANEXO – NARRATIVAS REFERENCIADAS NA DISSERTAÇÃO

### C1, N1, M1

#### O MILAGRE DO PÃO<sup>28</sup>

A empregada fazia - tinha dois filho - vinha fazê o pão pa patroa. Fazia o pão, saía com a mão (ch)suja com aqueles pão, sem lavá, pa dá os dois fio pa bebê aquela água que ela lavava da mão. E os minino sempre gordo - dessa empregada. E os dela rico, cumia de um tudo, sempre magro. Aí, um dia, ela disse assim: "Hoje eu vô mandá ela lavá a mão, que ela não vai levá essa mão suja. Eu vô discubri o que é que é."

Quando foi um dia, ela priguntô assim:

- Maria, o quê cê dá pr' esses minino que eles é tão gordo? Os meus come de um do bom e do mió, e num tá ingordano, e os seus tá tão gordo?

Ela disse:

- A senhora sabe: é puquê eu lavo a minha mão suja da massa do pão, e lavo lá, e tiro aquela aguinha e dô meus filho pa bebê. É isso que eu dô eles.

- Pois hoje ocê vai lavá s mão.

Ela lavô as mão e saiu. E vai pensano: "Meu Deus, o quê que eu vô fazê cum meus fio." Então, Deus deu aquele tino nela; ela 'panhô duas pedra e foi bateno aquê's pedrinha uma na otra. Quando ela foi chegano na casa, que os minino vei' topá cum ela, ela deu aqueles minino aquelas pedra: deu po minino uma, minina a ota,. Quando os minino tão botano as pedra, aquelas duas pedrinha virô um pão. Então, aqueles minino foi cumê aquelas pedra, aquele pão; aquelas pedra virô um pão, né?, e deu as criança pa cumê.

Então, todo dia, ela fazia fazê ela lavá a mão, pa dá os fio dela pra bebê. E os minino sempre ingordano, da empregada, né?; e os dela sempre ismagriceno.

Disse:

- Isso num tá certo não!

Tornô a investigá a empregada:

---

28 Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral contada por Generina Isidora da Silva, 72 anos, em Araçuaí, 1996.

- Purquê que seus minino tá gordo. Cê num deu eles nada, num tem nada, e les tá gordo?

- Aquele dia que a sinhora mandô eu lavá a mão, eu panhei duas peda na istrada, e aquelas duas pedra virô um pão.

- Ah! Pois de hoje em diante cê num faz o pão aqui mais.

Então, ela ficô lá na casa deles, desempregada. Era uma mãe solteira... Aí ela armô uma rede, deitô naquela rede, e ficô naquela rede cantano, co' aqueles dois fio naquela rede. Então, chegô um véio e falô cum ela assim:

- Minha fia, me arruma um café.

Aí ela:

- Ô meu tio, eu num tenho. Eu sinto de num tê pa dá o sinhô. Eu num tenho nada aqui na minha casa.

Ele disse:

- E comé que cê tá co' essas duas criança no colo, e cantano tanto assim? Tá tão alegre...

Ela disse:

- Eu tô alegre co'as graça de Deus.

Aí ele disse:

- Pois Deus será! E tô muito sastifeito de ocê num tê nada na sua casa, mas Deus vai te dá.

E saiu. Ela foi, levantô da rede e entrô no quartinho. Ela entrô no quartinho, tinha de tudo em riba da mesa, né? Ela pôs o minininho que era maior:

- Vai correno atrás daquele véio. Fala co' ele que vem tomá café, que Deus já pos aqui pra nós.

Aí o minino saiu correno, chegô lá:

- Ô vô - ele ficô em pé.

- O que é que é, meu fio?

Ele disse:

- Vorta pra trás, que mãe mandô falá po sinhor í tomá o café e cumê, que Deus já pôs lá pra nós.

- Não, meu fio; pode voltá e cumê mais sua mãe, que aquele dali é seus. Na próxima vez que eu voltá, eu passo na suas casa.

Intão siguiu esse velho, e ele vortô. Esse que era rico, vortô pa sê pobre; e aquela que era uma mãe soltera, vortá e tratá dos patrão que negô ela a água do pão, né? Então, a gente tem que creá em Deus e tê a fé, praquê a pessoa são rico, num pode orgulhá do pobre, num é? A gente tem que tê a fé em Deus, praquê Deus dá nós o pão e diz: "Vão repartí com nossos irmão". Aonde que tem um o dois em nome de Deu, ali que estou. Então, a gente tem que cunfiá em Deus, pegá na mão de Deus cum força e com fé, né? É isso é que a gente tem que sê.

### C3, N3, M1

#### A CACHAÇA E A TREVESSIA<sup>29</sup>

Agora eu vô contá u'a história sobre a cachaça. [vozes] Bom, intão é... Eu ouvi uma história muito bunita sobre a cachaça, né? Que o pessoal condena muito a cachaça. Mais a cachaça num tem curpa nenhuma. A cachaça é do memo jeito da cumida. A pessoa, se cumê dimais, a cumida tamém faiz mal. Mais a cachaça boa, é... bebeno pôca, ela dá até saúde, né?

Conta que São pedro, quando Deus andô no mundo, ele tava viajano mais São Pedro, e foi num dia de muita chuva. Intão teve muita... inchente, e o rio tava transbordano de muita, a...carregano pau, carregano tudo quant'era trem, aí Jesus foi e falô pra São Pedro:

– Ô Pedro, nós num vamo podê 'travessá o rio, pu'que o rio tá igual o mar... Cumé que nós faiz pa travessá?

Aí, São Pedro disse:

– Eh... eh Sinhô, tá mei' difíci' trevessá...

E disse:

– Ô Pedro, ond'é que há cachaça? – a cana era, é mei' amarguenta, né? Na primeira cachaça que foi feita, a cachaça ficô doce e boa. Aí ele assim:

– Ô Pedro, veja se você incontra aí u'a pedra que tenha pilão – se chama

<sup>29</sup> Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral contada por Josefa Alves dos Reis, em Araçuaí, 1996, gravada por Jader Gontijo.

pilão é... a pedra que tem um mei' que um mei' que em forma de um prato, né? Aí arranjà ota pedrinha, e assim:

– Ô Pedro, vai tirá 'quelas cana, tira u'a cana e traga pa mim cortá.

Aí o Pedro foi e tirô as cana, e cortô a cana... aí o Sinhô foi e disse:

– Ô Pedro, agora vai socá essa cana naquele pilão.

E ele foi, socô... aí ele foi e ispremeu lá o caldo da cana...

Disse:

– Agora, Pedro, eu vô dá o fermento ne... nessa... nessa garapa.

Aí benzeu o fermento, a cachaça, e disse:

– Ô Pedro, isprementa aqui essa cachaça aqui, se esse mel de cana tá bom.

Ele isperimentô:

– Ô Sinhô, mas tá gostoso demais!

– Bebe um poquinho, pr'ocê criá corage pra nós travessá o rio.

Ele disse:

– Ah Sinhô, quero mais!

Ele foi tornô a pô...

– Num pode bebê muito não, viu Pedro? É só... Cê já tá sintino alguma 'nergia no corpo?

– Tô cumeçano, tá cumeçano a isquentá o corpo. Me dá mais!

Ele:

– Pode bebê.

Ele foi e bebeu ota golada boa. Disse:

– Já pode trevessá o rio?

Ele dis':

– Eu quero mais.

– Não Pedro, se bebê muito, a cachaça toma... imbebedada... aí a pessoa fica intrincando. Cê tem que... que bebê pa ficá cum fogo, sentí fogo no corpo, ma' num pode dexá ela tomá conta do corpo não...

Aí foi el' bebeu treis gole... el' disse assim:

– Ai Sinhô, agora eu trevesso.

Aí foi el' trevessô Jesus po otro lado. Aí ele disse:

– Tá veno Pedro, a cachaça faiz bem, só num pode é bebê muito. A pessoa tá sem corage... Pa criá a corage, a cachaça dá corage, só num pode abusá.

(Intão essa história, que de, de São Pedro, que Jesus deu cachaça a São Pedro pr'ele criá corage pa travessá as água, o rio, né?)

#### **C4, N4, M1**

#### **A LÍNGUA DO POVO<sup>30</sup>**

O cara conversadô. O poblema dele era esse, porque tudo que ele enxergava, ou ele saía assim, ou via algu'a coisa, ele sempre saía soltano pra aqui, pra aculá, e is, ispalhano aquele caso. Então, um dia, que que acuntece com ele? Ele saiu, ele e um colega. Quando chegô na encruziada, o colega falô:

— Eu desço aqui.

Ele vortô pruma parte e ele seguiu pela otra. Vai ele tocano pra frente. Ele lá ia num comerciozinho que tinha pertin. Aí, quando ele chegô no meio da istrada, quando ele chegô, tinha u'a cabeça dum cara. Cupim já tinha ruído ao redor daquela cabeça todinha, já tava no casco. Então o cara chegô e bateu na cabeça assim e falô:

— Ô cabeça, quem te matô?

Porque ele interessô sabê pa pudê saí espaiano pra frente. Então ele bateu o pé nela e ela num falô nada. Ele tava calçado num sapato, tornô a batê, ela tornô a num falá nada. Ficô caladinha. Então ele tornô a batê o pé nela, tornô a perguntá:

---

30 Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro, a partir de narrativa oral contada por Neném, em Araçuaí, 1987, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

— Cabeça, quem te matô?

Ela num falô nada. Aí ele siguiu, né? Falô:

— Uai, se não vai conversá, nós vai imbora.

Quando rompeu assim, u'a base duns dez metro, ela deu um pulo pa riba, assim, deu u'a risada:

— Ha, ha, ha, quem me matô foi a língua do povo e vai matá você também.

Qual era o dele? Na minha opinião, ele tinha que chegá no comércio aonde ele fosse e ele tinha que ficá calado, né? Então ele siguiu. Quando ele chegô dentro do comércio, primeira coisa que ele foi, foi lá na delegacia. Chegô lá na delegacia, ele falô com o delegado:

— Eu vim dá u'a parte aqui po sinhô. Aqui que eu passei ali numa região, então, eu encontrei uma cabeça que cupim tinha ruído. Eu bati o pé nela treis veiz perguntano quem tinha matado ela, ela num falô nada. Então eu bati o pé treis veiz, ela num falô e eu segui. Quando eu segui assim uns dez metro, ela sartô pa riba e deu u'a risada e explicô pa mim quem tinha matado ela foi a língua do povo e ia me matá também.

Aí o delegado falô:

— Ocê tá intimado. Num pode saí.

Chamô treis praça e falô com ês:

— Ocês vai lá cum ele. Se a cabeça consegui conversá, ele tá liberado, tá solto. Se a cabeça num conversá, cês tão pudeno fazê fogo nele.

Aí ele tocô. Aí chegô a cabeça também. Ele foi bateno, tocano o pé nessa cabeça, a cabeça num conversô. Ele foi bateno. Foi ino, o sapato cortô assim dos lado, assim já tava correno sangue dos pé dele. Aí, oiô pra um, oiô pra otro, ele já tinha empatado lá bem umas quatro hora de relógio e falô:

— Ó, num tem jeito, o único recurso que tem é nós fazê fogo nele.

Rumaro o fuzil nele e matô. Quando o tiro pipocô que ele caiu, ela deu uns treis pulo, deu u'a risada forte, e falô com ele:

— Num te falei? Quem me matô foi a língua do povo, e matô ocê também!

**C5, N5, M1**  
**O PÉ DE MELANCIA<sup>31</sup>**

É, antigamente, dois moço era vizin um do ôto, muito amigo. Então ês resolveu um dia ir no mato fazê ua caçada. Chegô lá, o que convidô o ôto matô ele lá no mato. Matô e enterrô na beira de um valo véio e largô lá. Então ele ficô lá até umas certas hora e vêi embora. Chegô na casa da muié, que já era viúva naquela hora, e perguntô a ela:

— Cadê fulano?

Disse:

— Num sei.

— Já chegô aí ou não?

— Não, num chegô não. ‘cês saíro junto, cumé que cê tá perguntano por ele?

— Ah, lá no mato eu segui pa um lado e ele seguiu pa ôto. E cumbinamos de encontrá em tal ponto. Lá chamei, esperei, chamei, gritei, ele não apareceu. Então, eu achei que ele tinha vindo na minha frente.

Incomodô de araque. Então ele tava voltano no mato procurá, aí num deu mai jeito procurá. Mas os homi da rua já havia procurado, já havia, já sabia ondé que ele tinha colocado ele né. Então foi procurá pa ôto canto. Até passô muitos dia nesse negócio. Todo mundo pocurano e num conseguiu encontá o homi. No que ele desviava todo mundo. (...) Pois bem, após vinte ano com ele lá na sipertura, nasceu uns galho:

— Ó, um pé de melancia lá com três melancia desse tamanho, em cima da sipertura. Só tinha melancia bonita . Cumé que tira essas melancia de lá?... Pa eu apanhá, só Deus né.

Um ôto dia, ele foi lá panhá. Chegô lá, tinha só uma. Ele panhô. Foi levano um saco pa trazê.

— Essa melancia, minha vizinha vai chupá dela.

Foi lá, panhô a melancia, pôs no saco, jogô nas costa essa melanciona. Pois bem, passô na casa da viúva do homi e falô com ela:

---

31 Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro a partir de narrativa oral contada por Paiada, em Araçuaí, 1987.

- Isso aqui, isso é uma melancia.
- Que doidera, essa melancia desse tamanho!
- E é pa nós chupá ela, qué vê?
- Chô vê...

Quando ela abriu o negócio, sai a cabeça do marido dela! Ainda tava até piscano ainda! Aí, num teve mais jeito. Ele foi pa cadeia dele pa nunca mais saí. Qué dizê que ele mês matô e ele mês vêi e provô.

### **C6, N6, M1**

#### **A HISTÓRIA DE SUM PEDO<sup>32</sup>**

Jesus mandô Sum Pêdo abençoá um pedaço do mundo. E lá vai Sum Pêdo. Mandô boletim po modo do pessoal arreuni tudo, que ele marcô o dia qu'ele vinha. Aí, quando Sum Pêdo foi, já tinha muita gente reunida. Um arraial assim como um comércio, mas tudo ficô num canto só, num é? Pra esperá Sum Pêdo.

Aí o povo todo arreuniu. São Pêdo lá ia. C'um sacão. Mas os fundo tava tudo preso. São Pêdo falô:

— Cedo, cês vem tudo cedo que nós é pa reuni que nós é pa fazê um trabalho.

Agora é pa todo mundo passá pa Sum Pêdo marcá o pessoal.

Entonce o povo fez festa.

São Pêdo lá vai brincano mais o povo, foi brincano, já tava preso . O sol saiu, minha fia, e Sum Pêdo esqueceu na vadiação. Quando São Pêdo foi vê o negócio, que ele lembrô, já tava ardido, tava fedeno. Aí São Pêdo alembrô daquilo mas foi que depressa:

— Faz fila, gente.

Aí foi fazeno fila e São Pêdo foi colocano um, colocano ôto, colocano um, colocano ôto até que colocô todos né. Mas fedeu porque esqueceu, trem passô, encardiu

---

<sup>32</sup> Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro a partir de narrativa oral contada por Sá Luísa, em Araçuaí, 1987.

**C7, N7, M2**

**CAPETINHA, ISPIRITO, ISTRELA E MULA-SEM-CABEÇA<sup>33</sup>**

*O senhor nos disse que o seu pai já viu capetinha, viu lubisome... né?*

Eh... ele foi agridido por um, e ele...

*Como foi esse?*

A primera vez ele revoltô e deu uma istucada nele, sabe?, e ele tornô pulá de novo... aí ele foi... o socorro dele foi o nome de Nossa Senhora, né? Aí ele desapareceu, aí ele...

Depois minha tia foi numa horta tamém, incontrô um lá rino, né?, ela correu a primera vez. A sigunda, ela insistiu, já num achô ele mais.

Eu, pelo menos, fui atacado por isprito, né? Eu morava num sítio aqui perto, e o isprito me tirava da cama, com coisa que eu tava no ar, né? Uma traição que um fulano de tal, muito trenado, que trabalhava com horta lá de Belo Horizonte, com 'neopatia, e eu mei' impressionado, aí ele avisô, né?, que ia descê. E como de fato o isprito me tirava, assim meia noite, e foi prciso d' eu pagá, com tistimunha ainda hein?, pagá um pa me vigiá.

[Interrupção na gravação]

Incajado ne mim né, me levano ond' ele quiria. Acaba, eu tinha uma chácara que paricia o paraíso aqui atrás, o isprito implica co' a chácara: quebrá as planta mais bunita. Intão eu ia quebrano as planta mais bunita, né?, pa pudê se vê livre.

*E no oto dia o senhor se alembrava que foi o senhor que tinha quebrado?*

Ah... eu isquicia no momento. Só via o arrasadero que eu fiz, né?, mas isquicia no momento.

*E alguém já tinha visto o sinhô andano?, quebrano alguma coisa?*

Tinha, tinha tistimunha. Tá vivo aí.

Tinha um caso também. Tinha que passá uma istrela aqui, né? Intão o vigário reulheu todo o povo pra Igreja pa isperá a hora dela passá, cum medo, né?, na Igreja... Aí quando ela passô ele se viu livre, né?, passô na hora certa.

Os meus padrin' contava que sucedeu esse caso em Itamarandiba, sabe?, da

---

<sup>33</sup> Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral contada por José Maria Santana, em Capelinha, 1989.

mula-sem-cabeça — um véi' de toda a verdade, no tempo dos cativero, né? Intão, ele, o pai dele era caçadô com o povo de Itamarandiba. Morava na região do o to lado de Itamarandiba. Eu fui criado do lado de cá, e ele já foi criado do o to lado.

Aí ele foi, já rapazin', tinha um sobradin' lá, ond'ês durmia, e quan' foi à noite apuntô, tinha mais de cinqüenta cachorro no mei' da cidade assim, né? Apuntô aquela guerra, né?, a bicha vinha na frente e aquela cachorrada atrás... Mas é que ele foi pô a cara no... na janela pra vê, intão ele recebeu um coice, que se pega nele tinha massacrado ele, né? Pegô por baxo dele o coice do bicho. O bicho vem é no ar, né?, parece uma ave, né?, parece uma ave a mula-sem-cabeça.

*O sinhô nunca viu essas manifestações não, né?*

Não, eu nunca vi não. Eu só sô i xplicado, né? É. I xplicado eu já sufri muito. Já fui tirado, de todo jeito.

## **C8, N8, M2**

### **O PORCO NA NOITE<sup>34</sup>**

Meu pai, meu avô, diz que vinha praqui, naquele tempo eu ainda num era nascida, só tinha o filho dele, Pedro. Diz que ele vinha praqui, ficava aqui, ele vinha buscá sal. Ele vinha buscá sal, mas ele ficava aqui oito dia. Entonce diz que ele ia pra lá; ficava dançano marujada. Quando foi um dia, diz que um cumpadre dele, um irmão dele, falô assim:

— Regina — minha vó chamava Regina — eu vô atrás do cumpadre Guilherme. Uai! Uma semana que ele vai pra lá e num volta!?

Tava dançano marujada. Aí — num sei ocê já viu falá — usava umas baieta vermelha. Diz que meu avô tava dano ponto de i'mbora aquele dia. Cês viu umas casinha ali, desceno — cê num cunheceu, mas deve tê visto falá — o irmão do Pedro Antônio, que era um alejadin' de uma mão... ele vendia gengibila, lá embaxo, aquelas casinha tudo de pau-a-pique, meu avô tava lá. E o irmão dele veio a cavalo, dexô o cavalo lá na... lá no Telepinga — que aquilo ali é um lugá mal assombrado, já ouviu falá? Tinha treis pó de copa. Dexô o cavalo 'marrado lá dento do mato, catano carrasco. Aí diz que veio. Chegô, já incontrô o irmão dele, mas ele marrô bem em

---

<sup>34</sup> Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral contada por Josefa Souza da Cruz, em Capelinha, 1989.

cima com um chapéu assim, po meu avô num conhicê ele, po Guilherme num conhicê ele. Chegô e disse:

— Boa noite.

— Noite.

— Cê tá ino pa roça, moço?

Ele disse:

— leu tô.

— Tô caçano uma companhia pa i mais eu.

— Intão vamo — ele era muito corajoso nessa ocasião; depois ele ficô assombrado, perdeu a corage.

Bom, lá foro. Diz que de vez em quando, diz que ele falava assim:

— Caminha na frente.

Falava:

— Não, eu caminho atrás — o que tava de chapéu no rosto.

O meu avô caminhava na frente, e o irmão dele caminhava atrás, mas ele num sabia quem era. Que ele falava assim, dava uma risadinha, que ele falava:

— Moço, num ri não, hein! Aqui é Deus e nós dois!

Aí era vale, era uns pasto aí arriba, era tudo vale. Passaro, e de vez em quando, aquele lá de trás dava uma risadinha:

— Hê he he hen!...

— Num ri não moço! Aqui é Deus e nós dois.

Lá vai, lá vai, lá vai, quando chegô lá na Água Parada, um lugá mal assombrado, aí ele deu falta, deu falta do meu avô, Guilherme. Aí diz que ele falô assim:

— Olha, cê saiu дума e me tirô дума. Eu ia te matá. Eu tô pensano que é uma pessoa muito istranha. Eu vim atrás docê, pois tá com oito dia procê buscá sal pra minha cunhada, num aparece.

Ele disse assim, já tinha passado pra lá, que ele falô assim:

— Ói, eu dexei teu cavalo 'marrado aqui, ele tá aqui dento do mato amarrado.

Mas eu vô vortá lá na casa do Pedro tomá umas pinga.

Ele falô assim:

— Tá bom, eu vô andano.

Diz que foi andano, foi siguino. Foi siguino, e nada do irmão dele aparicê. Ele já foi embora. Quando ele chegô, ele tava olhano — ele tinha modo de falá que o capeta tinha catinga de bode. Ele diz que viu aquele chero de bode. Falô: “Uai, mas será que por aqui tem bode? Né pussive uma hora dessa”. Lá vai aquele chero de bode, passô lá o lugá assombrado, lá vai aquela catinga de bode, lá vai aquela catinga de bode. Com poco ele disse que viu um guará, um guará deu um urro atrás dele. Que ele falô: “Uai. Será impussive?”. E lá vai aquela catinga de bode, lá vai aquela catinga de bode...

A minha vó era partera, a muié dele, e eles tava numa casa que tinha abrido uma picada nova, tinha muito toco, e ele lá ia levano duas rapadura num saco, nas costa. E o oto vortô pa bebê a cachaça. Ele diz que quando chegô pa intrá, pa largá a istrada de tropa, que era tropa naquela ocasião, pa largá aquela istrada de tropa pra intrá naquela picada, ele diz que apareceu no barranco um porco dessa artura atrás dele!, cada presa desse tamanho. Apareceu. E diz que nas perna dele. Nas perna dele, ele no mei’ daqueles toco, nas perna dele, o porco pega, num pega, pega num pega... pega, num pega, pega num pega... pega, num pega, pega num pega... acabô que o fedô de bode virô porco. Ah, pega, num pega, pega num pega; pega, num pega, pega num pega, no mei’ daqueles toco, diz que a rapadura inchô tudo as costa dele, assim, de tanto batê. Invadiu assim dele corrê, e diz que aquele porco com cada presa que diz que era desse tamanho assim.

Chegô em casa, cadê minha vó? Minha vó num tava. Minha vó tava lá na casa duma mulhé que tava isperano pa isperano, tava pa tê criança. Ele ficô assombradizin’ co’ esse negoço dessa... ficô assombradizin’ co’ a história desse porco, ele nunca mais andô de noite.

### **C9, N9, M3**

#### **O VÉI DA BENGALA E O MOÇO-PRINSPE<sup>35</sup>**

Meu avô contava que diz que o rapaz tava viajano, e que o rapaz, apareceu esse véi’ atrás dele: iscorado numa bengala, um saco sujo nas costa, e ele correno.

---

<sup>35</sup> Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por José Rodrigues Soares, em Chapada do Norte, 1990, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

Ficô correno, ficô correno, correno... Aí, quanto mais ele viajava, mais o véi' incostava perto dele; quanto mais ele viajava, mais o véi' incostava. Ele manquitolano, e lá ia. Quan' deu a noite, o rapaz entrô no mato e correu, desceu num lugar que tinha um riberão. Diz que quando tava juntano uma lenhazinha pa 'cendê um fogo, o véi' chegô; o véi' chegô, aí ele pôs, ele tava co' as coisa aqui; o véi' ficô de lado, sentô e recostô. O rapaz 'cendeu o fogo, fez um café, falô:

— Ô meu véi', chega pra cá procê tomá uma xícara de café.

Ele:

— Não senhor, 'brigado. Num aceito, num aceito não. Pode fazê, que é do meu gosto. Eu num aceito.

Bom, ele cuzinhô um arroz, deu:

— Ó, intão eu vô pô um poquin' de arroz po senhor cumê.

Ele disse:

— Não senhor. Pode fazê que é do meu gosto. Num aceito.

Num quis cumê. Aí ele ficô lá perto do fogo, pegô a fazê frio, ele chamô:

— Ô, meu véi', chega aqui pra cá pra perto do fogo, procê isquentá as mão.

— Não, aqui tá bom.

Ficô lá. Aí, quando foi umas tanta da noite, que ele falô:

— Ô véi', essas pessoa mais véia sabe muito caso. Cê podia contá um caso pra nós, pra mim. Eu sô novo, num intendo nada...

Ele falô:

— Ó, meu caso é caro.

Ele disse:

— Quanto que é?

— Uma pataca.

O rapaz falô: "Eu tenho treis pataca só no bolso, mas eu tenho o que cumê, intão eu vô dá ele essa pataca."

Aí ele falô:

— Intão conta o caso pra nós.

— Ó, ocês que anda no mundo é assim: durmi é bão, 'cordado é melhor; tê dinheiro é bão, e tê mais é melhor; e não cunversá tudo que vê, e não largá arrudeio pra passá po ataió, e não durmi ni casa de home véi' casado com muié nova, e que

um dia um rapaz pobre sentado na cadera é um príncipe.

Aí o rapaz falô assim, no oto dia de manhã cedo ele falô:

— Ô véio, torna a contá aquele caso pra mim, que eu isquici.

Ele falô:

— Meu caso é caro.

— Quanto que é?

— Uma pataca.

Ele tirô a ota, deu ele, ele falô:

— Ó, cês que anda no mundo: durmi é bão, ‘cordado é mió; tê dinheiro é bão, tê mais é melhor; não cunversá tudo que vê, num dexá rudeio pa passá po ataio, e não durmi ni casa de home véi’ casado com mulher nova, e que um dia um rapaz pobre sentado na cadera é um príncipe.

Aí no oto dia ele saiu, o véio ‘cumpanhô ele. Falô:

— Vão ‘bora.

Foi andano, calado; num cunversava não, calado. Aí quando chegô numa certa artura, o véi’ falô assim:

— Ô meu sinhô, aqui eu entro. — Tinha duas istrada, ele falô assim: Aqui eu entro.

E o moço falô:

— Ô meu véio, torna a contá aquela história pra nós.

Ele falô, ele tinha a derradera pataca, falô:

— Ó, ocês que anda no mundo: durmi é bão, ‘cordado é melhor; tê dinheiro é bão, tê mais é melhor; num dexá rudeio pa passá po ataio, num cunversá tudo que vê, e não durmi ni casa de home véi’ casado com mulhé nova, que um dia um rapaz pobre sentado na cadera é um príncipe.

O rapaz gravô aquilo na cabeça dele, a última pataca que ele tinha, falô: “É... Agora eu tô sem nada mesmo, mas eu vô andano, que Deus ajuda que eu arrumo um serviço pra mim trabaiá, e eu arrumo um dinherozin’ pa mim sigui pa vida.”

Aí foi. Foi andano, foi andano, foi andano, foi andano... Aí chegô numa artura, ele deu de metê a mão no bolso: tá as treis pataca que ele deu o véi, tá lá no bolso dele. Ele falô:

— Óia!, agora, eu reformei de corage, que aquilo é Nosso Sinhô.

Intão ele foi. Imbora, foi imbora, incontrô um home que cunversava dimais; o home cunversava dimais. Ele lá vai calado; o home lá vai cunversano e ele calado, diz que ele calado; ele calado, ele calado, e calado. Quando chegô numa certa artura, o rapaz falô cum ele:

— Óia aqui tem um ataio; vão passá aqui nesse ataio!

Ele falô:

— Não sinhô. O sinhô quereno passá, o siô po' passá. Agora, eu num passo não.

— Vão moço, aqui é mais perto, sai lá na mesma istrada de antes.

Ele disse:

— Não, mas eu... não senhor, eu num passo. Eu... mas um véi' falô comigo que num dexasse arrudeio pa passá po ataio.

Aí foi, foi imbora. Chega lá adiante, incontrô o patrão desse home. Ele vinha atrás dele co' uma 'çoitera — que pa trás batia mesmo, batia; eles era iscravo, batia.

— Cê num viu um moço aí assim, assim, assim... um moço muito cunversadô, faladô?...

Ele disse:

— Não, num vi não. E ês já tinha matado o home lá embaxo, no atai' que ele passô. Ele 'viu o tiro, mas ele num falô nada.

Falô:

— Não, num vi não sinhô. Eu vim aqui, num vi não sinhô.

Chegô lá adiante, ele chegô na casa dum véi'. O véi':

— Ô, ô moço, cê tá viajano, já é tarde... Pur que cê num chega pra cá e passa a noite aqui cum nós? Eu gosto muito de contá história de noite...

Ele falô, pensô assim, falô: "É... Eu podia passá a noite aqui, discansá."

Ele disse:

— É... eu num... eh...

O véi', ele chegô pra casa do véi', ficô satisfeito, falô: "Tá bom; eu achei essa casa hoje; eu vô durmi aqui dento de casa. Tá bom..." Quando foi de noite... não, mais tarde, ele perguntô pra ele:

— Eu posso tomá um banho ali naquele rio ali?

Falô:

— Pode.

Aí ele desceu lá, tomô um banho, e o home gritô ele, gritô a mulher: — Eh, anda de jeito, pr' ocê fazê um café aqui prum sinhore que chegô aqui... Ele tá aqui pra passá a noite aqui cum nós.

A mulhé:

— Ah, lá vô já. Lá vô eu.

Aí a muié veio, chegô, foi lá na sala, cumprimentô ele... uma minina. Aí o rapaz ficô, ela fez o café, tomô, perguntô quanto que era o café... Ele disse:

— Não, isso num é nada.

Falô:

— Óia, o sinhore... essa é filha do senhor, né?

Ele falô:

— Não, essa daí é minha isposa. É purque minha muié morreu, e eu fiquei viúvo, eu casei com ela.

Ele falô, com os recado dele, ele falô: “Eu num fico não, num fico não. Tô ino imbora”. Aí arrumô as coisa, falô:

— Ô meu véi', eu até ia ficá, mas eu num fico não.

— Não mas... Uai, que isso?

A mulher vei':

— Que isso!? Fica aí mais nós...

Ele falô:

— Não sinhora, eu num fico não. Eu lá vô imbora, purque num vai dá certo não. Eu vô imbora.

Pegô as coisa e foi imbora, siguiu, foi imbora, foi imbora. Aí ele ficô viajano. Foi viajano, foi viajano, foi viajano. Quando foi um dia... não, é, passô uns dois dias viajano. Aí chegô uma fazenda grande, bonita, uma fazendão: muita frutera na porta, ele falô: “Ô gente... eu tô cum fome, e eu vô passá ali pra mim tomá uma água... e quem sabe, a vez eles me arruma um serviço pra mim trabalhá uns dois dia e pra mim discansá um poco.”

Aí chegô lá na fazenda, a fazenda é do rei. Aí tinha uma moça em cima duma pena lá, fazeno um bordado, ele falô:

— Boa tarde.

Ela:

— Boa tarde. Chega pra cá.

— Não senhora, num qué chegá não.

— Chega pra cá!

— Eu passei aqui pra senhora me arrumá um copo d'água.

Ela falô:

— Sobe pra cima.

Intão, ele pôs o saco assim no pé da iscada e subiu, assim. Chegô lá, a moça tava sentada, ele cumprimentô ela, pediu ela o copo d'água, e ela vai 'panhá água pra ele. Ele vai, pá!, sentô na cadera que ela tava; sentô na cadera. Aí, ela foi e vei', deu ele a água, ele falô:

— Eu aceito mais um poco.

Ela foi lá, panhô a água, tornô a trazê, deu ele a água. Aí diz que ela falô:

— Ô meu pai, que rapaz bruto: chegô 'qui, sentô na cadera, na minha cadera... essa cadera é minha.

Aí que o rei vei', falô co' ele:

— Uai, com que orde de quem que ocê sentô nessa cadera?

Ele falô assim:

— Não senhor, eu sentei assim inucente, inucente assim... — Aí ele falô, o rei pegô, ele falô — Não, que eu vim mais um senhor, um véi', e ele falô cumigo que durmi é bom, 'cordado é melhor, tê dinheiro é bão, tê mais é melhor, que eu num cunversasse tudo que vê, num dexasse arrudeio pa passá po atai', não durmisse ni casa de home véi' casado com mulhé nova, que um dia um rapaz pobre sentado na cadera é um príncipe, eu fui e sentei.

O rei falô:

— Pois será o príncipe.

Casô ele c' a fia.

**C11, N11, M3****O LUBISOME<sup>36</sup>**

O home foi viajá mais a muié, foi na casa do cumpadre. Aí eles tão vianjano, tão viajano até vim a noite. Aí, quando chegô na tanta da noite, ele disse assim:

— Ô muié, cê fica aqui que eu vô ali e eu vorto já, ieu vorto já.

— Tá.

Aí viajô, dexô ela perto dum pau, né? Aí, quando ela tá lá assim, que apontô aquele bicho lá, que ela disse:

— Ô meu Deus, invém um bicho ali!

E trepô, ela trepô no pau. Aí trepô no pau, e esse lubisome tá quereno cumê ela, e ela tá subino no pau.

— Me acode meu Deus do céu! Ô marido, ô marido, ô, me acode marido! que o lubisome tá 'qui, marido!

E trepô, tá bateno no lubisome co' a baieta do minino; tá bateno, tá bateno co' essa baieta:

— Me acode marido, me acode marido!

E o marido num chegô. Aí, quando deu nas hora, que o lubisome sumiu. Ela ficô deitada lá no pano. E com poco ele chegô:

— Ô muié, ô muié!

— Oi marido.

— Eu demorei mesmo.

— Olha marido, cê demorô marido; chegô um bicho aqui, lubisome, marido, me cumeu marido. Quais num me cumeu que eu trepei nesse pau, marido.

— Ô muié, se eu tivesse aqui eu dava um tiro nele!

— Pois é, marido, quase me come, quase come meus filin'. Se num fosse a baieta, e assim mesmo a baieta dos meus minino rasgô tudo, marido.

— Ô disgramado.

Pronto, foi viajá. Aí chegô na casa do cumpadre, nos cumpadre de Monte Alegre, aí lá passô a noite, e aí no otro dia: ela

---

36 Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral contada por Maria Joana, em Chapada do Norte, 1990.

— Ô marido, agora nós vai imbora cedo

— Não cumadre! Sinhora mais cumpadre num vão imbora agora não. Dixa fazê armoço primero.

Aí isperô o armoço. Foi e sentô nessa calçada, e tá lá sentada. Aí ele deu em deitá no colo dela, né? Deitô no colo dela, tá brincano lá com o filhinho lá, e tá deitado no colo. Aí eles fez u'a graça, cum poca ele deu u'a risadinha. Quando deu a risadinha, ela disse:

—Ah, marido! é ocê memo, marido, ocê memo que tava querreno me cumê de noite.

— leu não, muié.

— Foi ocê mesmo marido, foi ocê mesmo; pois foi você memo, ó.

— Ai, muié! Puque que cê fala que foi eu? Eu cá não...

— Foi ocê memo! Ó o fio da baieta do meu filo aqui.

## C12, N12, M4

### A COMEDORA DE LÍNGUA DE BOI<sup>37</sup>

Lá em Felisberto conta u'a história – não é só em Felisberto, é naquela redondeza toda ali – de um minino, de uma mocinha: que ela tinha uma... aquela mocinha de 13, 14, 15 ano, que tem aquela, qué aparecê, implica com tudo – inclusive eu tô cum problema dessa lá em casa – briga po qualqué coisa, aquela idade difícil de mulhé. Que o home tamém é difícil, mas o home é... a mulher é mais difícil. Então, essa minina implicava a mãe dela, implicava com ela e ela achava que a mãe tava implicano com ela. Então ela resolveu fazê uma co' a mãe dela. Agora, isso eu cheguei a vê, cheguei a vê.

O pai dela... Alguém matô um boi lá por perto, e o pai dela comprô a frussura. Sabe que que é frussura? [– o intestino do boi?] – Não, não, não a frussura é o pulmão, o coração, a língua, é aquela parte só, chama frussura [– frus-su-ra?] frus-su-ra; isso é nom' dos portugueses lá, sei lá onde eles arrumaro esses nome doido – mas comprô essa frussura. E mandô que a mulher...Falô assim:

<sup>37</sup> Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral contada por Francisco Feliciano Souza Maia, em Diamantina, 1987, gravada por Reinaldo Martiniano Marques e Vera Lúcia Felício Pereira.

– Ô fulana, cê prepara essa língua, que eu tô com uma vontade de cumê a língua hoje.

Bom, quando ela preparô o almoço, ela preparô o almoço e mandô que a minina levasse. A minina, pelo caminho, primero ela quiria cumê dimais a língua, né?... a mãe dela falô:

– Não, minha filha. À hora que cê voltá, cê come. E pega seu calderão – puque lá é calderão, num é marmita. Levô o calderão po pai. Mas, no caminho, ela sentô dibaxo du’a árvore lá e cumeu a língua da vaca, né? A língua da frussura. Quando ela, chegano lá no roçado, ela intregô o pai dela, o pai dela falô:

– Ói, quando eu dexei ela preparano a língua lá, ela num fez a língua não?

– Ah, ela fez sim, pai.

– Uai, ma’ comé que ela num mandô pra mim?

– Ah, chegô um home lá em casa, e eles traçaro a língua lá, cumero lá; bebero, cumero a língua lá...

Ele falô assim:

– Ó, mas num é pussíve!

– Não, pois é.

Falô:

– Uai, mas ela num divia tê feito isso não. Cê sabe quem foi?

– Num sei não: um home qu’ eu num cunheço.

Nisso chega uma pessoa lá, que eu acho isso difícil, puque isso é uma história, e o freguês geralmente assim, ele fica disisperado e vai logo sabê o que que foi: ou a minina fez antes...

A minina chegô em casa, amarrô u’a ferradura de cavalo no pé, e foi caminhano da portera até na porta da casa; relô, fez aqueles sinais de cavalo, depois voltô otra vez pro mesmo lugar, a ferradura jugô fora. O pai chega e viu aquilo, e acriditô mesmo. E ele intão partiu pra violência: bateu na mulher, e dizem que matô essa mulher. Mas ela, antes de morrer, ela rogô u’a praga na filha: que

aquela minina havia de morrê cumeno língua, e que nunca ia ficá satisfeita de língua.

Bom, até aí é uma história. Diz aquele povo ali daquês redondeza, que aparece naqueles canto lá uma mulher que alguém já viu – alguém é uma coisa muito vaga, né? Alguém... – alguém já viu essa mulher: cabelo grande, mulherão, e que ela pega a criação e arranca a língua, e come a língua.

Agora eu posso te contá uma coisa: ali perto de Felisberto Caldeira tem um lugar que chama Alecrim. Alecrim pode tê sido o primeiro núcleo ali de habitante daquela redondeza, porque é gente que num sabe nada, num dá valor a nada. A Fazenda do Alecrim, ela era toda cercada, de paliçada, e tinha um portão principal. O portão principal era uma beleza: eu vi, na casa de um tal de... Ai! Joãozinho e... É Joãozinho e...cum'é que era o nom'... Joãzinho... filho de Seu Zé Olegário. Zé Olegário era um home muito bom, eu cunhici ele, vivinho, baxinho, bigudin pindurado feito chinês. Eu vi aqueles marco, aquelas porta bonita, aquelas coisa toda pintada ni chiquero de porco. Eu fui falei – É Pascoal o nome d' oto. É Joãzinho Pascoal – eu fui perguntei o Pascoal, falei:

– Ô Pascoal o quê que é isso?

– Ah, isso era as porta que tinha aqui antigamente.

Eu falei:

– Ah rapaz, mas ocê tá botano esse trem aí?

– É... puque num tinha uma madera aqui; eu 'bservei ela e botei aí.

Perdeu-se muita coisa por aí. Lá perto de Felisberto Caldera tem um lugar com nome de Bonfim, que tem uma capela. Se ocê entrá den' dessa capela, cê vê coisa rústica, feita com a mão, coisa muito velha, [estalo de dedos] coisa muito antiga., Tá lá, gen' num pode falá isso muito não, senão aparece uns ispertim, né? Lá num tem nem luz...

Mas acontece que um dia, eu ia pro lá no tal Alecrim, e no mei' do caminho tem um lugar lá, uma fazendinha que chamam Manuel Antônio. Fazenda do Manuel Antônio. Eu fui pra lá, e tinha umas vaca deitada na bera do rio, na praia; tinha u'as

vaca. Eu fui até lá em cima, fui na fazenda do seu Rui. Na minha volta, já de tardinha, u'as quatro e meia, cinco hora, eu tô veno uma pução e gente na bera praia e uma vaca morta lá. Então, tinha um home até que eu comprava muita rapadura na mão dele, um tal de seu Joaquim de Lôra; encontrei seu Joaquim de Lôra e falei:

– Ô seu Joaquim, o que que houve ali?

– Uai, a mulhé 'tacô, a muié já apareceu de novo.

Eu falei:

– Ô seu Joaquim, qual muié?

– A tal que come língua, e me levô lá.

A vaca num tinha língua; ela tava morta. As otra num tava por perto. A língua foi arrancada, foi arrancada, num foi cortada não; isso eu vi. Agora, como foi arrancada eu num sei.

### **C13, N13, M4**

#### **O MILAGRE DE SÃO FRANCISCO <sup>38</sup>**

Uma hora eu vou te contar uma história, que eu não posso dizer que seja lenda, nem que seja verdade. Pode ser que seja.. lenda... Eu até contei os turistas uma vez isso la na igreja de São Francisco eu trabalhava na prefeitura e levava os turistas na igreja de São Francisco. Até contei a eles esse caso e eles gostaram muito. Pode ser lenda tá. É o seguinte, nesse ano da fumaça de 1833 foi um ano que Diamantina passou uma fome enorme. Houve mesmo fome em Diamantina, ouve uma queimada enorme que destruiu essas roças todas e Diamantina passou fogo e diz que quem sustentava Diamantina foi o Serro, o pessoal do Serro que andava mandando gêneros... então houve uma... má, má... não tinha nada, não se comia nada, não tinha nada para se comer. Pois bem, na Igreja da Luz tinha lá um padre que era capelão da Igreja da Luz e tinha um homem que era sacristão da Igreja da Luz. Esse sacristão da Igreja da Luz morava naquelas midiação das ruas dos Monteiros, perto da igreja ali. Ele morava lá e... ele então levantou cedo para ir ajudar uma missa na

---

<sup>38</sup> História contada por João Aguiar de Paula (Zé da Sé), 1987, gravada por Vera Lúcia Felício Pereira, transcrição não identificada.

Igreja da Luz e então a mulher dele falou com ele.

- ô fulano, não vale a pena cê í não, nós estamos com fome, não se comemos nada ontem, não tem nada para se comer, como é que você vai entrar para ajudar a missa na Igreja da Luz?

- Ah... mas eu sou sacristão, tem que ajudar, o padre vai lá, eu ponho umas hóstias na boca, bebo um gulin vinho e... e ajudo a missa, e foi pra ajudar a missa na igreja da Luz. Nisso que ele ajudou a missa, quando ele acabou de ajudar a missa 7:30 e 8:30 da manhã ele vortô prá casa e quando ele chegou em casa tinha um tabuleiro com tudo quanto é coisa de cumida. Tinha batatinha, tinha linguiça, carne, arroz e tal e a mulher ficou admirada. Ele chegou e falou:

- uai!? Que... é isso aqui? Como que está essa quantidade de coisa, que é isso aqui, onde é que você conseguiu isso? A mulher falou:

- uai, um homem que entregou isso aí, um franciscano, tinha aqueles homens vestidos de franciscano, dava esmola, pedia esmola, tipo de capuchinho, mas era capuchino nossos mesmo. Era muito comum aqui no Tijuco, os pobres vestido de capuchino, pediam esmola e davam esmola àquelas pessoas pobres e era comum aquilo. Foi um desses Capuchinhos que chegou aqui com isso entregou, mandaram te entregar, mas era tudo coisa boa assim... Foi milagre de São Francisco, o São Francisco era compadroeiro da Igreja da Luz, Nossa Senhora da Luz é padroeira... e ele é com padroeiro da igreja da Luz. Então o homem tomou aquilo como milagre de São Francisco e ele teve, tudo ele teve. Pode ser lenda, essas histórias são contadas assim um passava para o outro...

#### **C14, N14, M4**

#### **O VIÚVO E A MENINOTA<sup>39</sup>**

Fugindo do gênero fúnebre, uns anos atrás, aconteceu em Diamantina uma série de casamentos de viúvos com meninas. Homens maduros aí, dos seus 50 anos ou até dos seus 80 ou mais. Viúvos, escolhem para o segundo casamento uma menina, 18 anos, 17, 16. Então,

<sup>39</sup> História contada por Pe. Celso de Carvalho, Diamantina, 1987, gravada por Vera Lúcia Felício Pereira, transcrição não identificada.

contou-se muito na cidade, naquela ocasião, o seguinte: um velho desses, viúvo, já com muitos filhos, um dia é interpelado pelo filho mais velho:

- Meu pai, o senhor teve uma família grande, os seus filhos todos estão criados, o senhor está muito sozinho, porque o senhor não casa de novo? Nenhum de nós se opõe a isso!

O velho aceitou o conselho, mas em vez de casar com uma moça já madura, ele escolheu uma menina e foi aquela semi-tragédia. Passa a primeira noite de casamento, passa a segunda, passa uma semana, passam 10 dias e nada do casamento se consumar. Uma manhã o velho chamou a menina e perguntou:

- Minha filha, sua mãe não te falou nada... a respeito de casamento... quais são as relações do marido com a mulher?

- Não, não falou nada não!

- Então estamos perdidos, porque você não aprendeu e eu já esqueci.... (risos).

### **C15, N15, M4**

#### **PAI URUBU E PAI JACARANDÁ<sup>40</sup>**

Eu vô transmiti po sinhô logo uma passage muito importante, qu'eu iscutei um velho de nome Ricardo Caetano Alves, que era neto do proprietário da Fazenda do Buraca. O pai dele, ele contava que o pai dele assistiu uma cena muito importante aonde ele tava, do Jacarandá, o chefe dos iscravo do Joaquim de Paula, com o chefe dos iscravo do Vidigal, que chamava, era tratado Pai Urubu. O Jacarandá era tratado Jacarandá porque ele era um negro mais vermelho, tá intendeno com' é que é, né?, intão é uma imitância de cerno de Jacarandá, intão eles apilidaro ele de Pai Jacarandá. Agora, o Pai Urubu, diz que era o mais preto de todos os iscravo que era cunhicido nessa época. Intão ele ficô com o nome: Pai Urubu. É quem dirigia, de toda confiança dos senhores. Intão os senhores cunhiciam eles como "pai": Pai Urubu, Pai Jacarandá, Pai Francisco, que é o chefe da Fazenda das Abóbra, Pai Domingo, que era da Fazenda do Buraca (...)

<sup>40</sup> Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Pedro Cordeiro Braga, no Vau, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

Um dia de sábado, que era muito de costume, os senhores, assim como Joaquim de Paula, o Vidigal e outros mais, dava sempre um suéto, uma vez por mês, um sábado, pros cativo folgá: uns passeava, outros ia dançá. Intão, o Jacarandá foi encarregado dos cativo do Joaquim de Paula, que era cunhido como Pai Jacarandá, o Joaquim de Paula tratava ele Pai Jacarandá; mandô convidá o pai Urubu, que era o chefe dos iscravo do Vidigal, pra eles dançá um semba lá na fazenda do Delgado. Intão, chegô o pai Urubu com uma certa quantidade de iscravos pra dançá o semba.

O Jacarandá mandô matá treis galo pra dá eles jantá. Dipois desse jantá pronto, todo mundo em orde, que eles foro cumeçá a jantá, o pai Urubú levantô e disse:

Coma carne, mas num rói cabeça de osso.

Mandô que depositasse todos os osso numa travessa. Através de todos jantarem, ele levantô, puxô de uma capanga de coro, tirô um pano veludado, e rebuçô aqueles osso. E aí ele falô uma language que ninguém entendeu, uns dez minuto. Depois, ele aguardô um certo momento, e esse pai do Ricardo viu o pano mexendo. Ele foi, o próprio pai Urubu tirô o pano, tinha um galo perfeito. Ele foi e disse:

🕒 Cantangaro!

O galo pulô em cima da mesa e cantô. O Jacarandá olhô assim e disse:

Volta galo pro seu lugar!

O galo vortô e dismanchô.

### **C16, N16, M5**

#### **A MUIÉ QUE CUSTURAVA DI NOITE<sup>41</sup>**

Minha mãe morava, a mãe do meu pai morava ni Água Boa. Ela um dia, ela era

---

41 Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro a partir de narrativa oral contada por Ana "Benzedeira", em Itamarandiba, 1990, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

costureira, ela custurava, fazia rupinha de criança pa mo' de vendê no mercado os dia de sábado. Ela costurava a semana toda, né? Aí, quando foi um dia, ela ficô costurano, era sexta-feira, dia de sexta pra sábado e ela custurô a noite toda. Quando foi lá p'essas meia-noite, ela disse que evinha um homi com oto na cacunda. Ai, ai. E ela lavô os pé e tinha uma cozinha assim aberta na porta da cuzinha e, a casa dela era de sobrado. Ela disse que evinha diz que um homi carregano um oto todo cheio de facada. Diz que evinha o homi:

– Ai, ai, ai, ai...

Aí, quand'ela disse que ele chegô e socô o homi den'da bacia d'água, ela falô assim:

– Pois é, ocê me matô de facada.

E diz que o homi todo cheio de facada:

– Ocê me matô, e agora ocê tem de me carregá a vida toda que eu num ia morrê agora.

Aí diz que ele lavô ele na água e tornô carregá otra vez. Quando passô assim uns dez minuto, diz que evinha umas muié. Que evém aquele tanto de muié:

– Ó cicrano, de que que cê morreu?

– Ah, eu morri dessa doença, daquela, daquela...

Diz ela que passô umas nove muié. Aí diz que passô uma segunda:

– Ó comade, de que que cê morreu?

Ela falô assim:

– Ah, eu costurava cumade a noite toda e pa vendê trem, ropinha no mercado p'aquelas muié da roça, p'aquês nenenzin pequeno e hoje eu dei uma doença, eu inchei toda e agora eu murri de praque ieu custurava de noite.

Ela disse que oiô assim, passô a segunda muié, interô nove. Ela disse que viu aquela muié, diz que aquelas muié, diz que umas machucada, a otra do de braço quebrado, uma de perna quebrada. Diz que lá ia passano aquele tan' de muié falano de que que morreu. Quando essa última passô, falô:

– Ó, cumade, eu murri de custurá de noite. Custurava de noite, ‘panhei uma doença da friage eu murri inchada que nem uma pipa. Aí, diz a minha vó, a mãe do meu pai, que num custurô mais de noite. [risos]

### **C17, N17, M5**

#### **A MARDIÇÃO DO LUBISOME<sup>42</sup>**

Assombração, via assombração devera. O tal lobisomi. É, vinha mais o irmão mais velho (já é falecido). Ele invinha lá da casa do irmão dele, lá da frente de onde nós morava. Ele viu o bicho bateno a oreia po, po, po, po, po, po, aí ele:

- Ô José, ali envem o bicho e é lobisomi.

E ele preocupado que o pai disse que num qué que a gente via lobisomi. Vai vê vira. Se a pessoa que num cum fé, se ela num fale, é, num sabe rezá, ou num crê na lei católica né, Diz que vira.

Agora, uns fala que uma dona ganhá sete minino homi e se num nascê uma filha muié, o que faz o sétimo vira lobisomi. O memo é muié tomém que nasceu sete filha muié e num teve um homi pos meio! Agora, se nascê, o mais véio tem que sê o padrin dele né. Pa quebrá o encanto.

### **C18, N18, M5**

#### **OS BICHIN E A PONTE<sup>43</sup>**

Diz que tinha um minino que só trabaiava buscano lenha. Eu vô contá esse procês só procês vê. Tem muita graça, uai, pois no fim ce vai vê, ele mexe com o cascavelo, uai. Ele mixia até com o cascavelo. O minino era jeitoso dimais. Só vivia tratano da vó dele a pudê de lenha. Aí, toda barra que tinha, qu’ ele cunhecia, ele tirô a lenha toda, foi iscafuchano, foi iscafunchano, catô tudo, vendeu tudo, tirô dinheiro, tratô da vó dele. Cum pouco ele mexeu o mato todo, num achô. Mas cunhecia o terreno todo.

42 Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro a partir de narrativa oral contada por Antônio, em Itamarandiba, em 1990.

43 Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro, a partir de narrativa oral contada por José Pereira, em Itamarandiba, 1990, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

Antão, esse cara foi subino, num achô lenha, né?, tinha só um toco. Mas o toco era um maluco dessa grussura. El' falô:

– Ô gente, mas cumé qu'eu faço minha vó agora? Num tem dinheiro, num tem lenha. Eu vô dirrubá aquele toco.

Chegô lá e meteu o machado. Pensô que gastava muitos dia pa dirrubá, ele deu três machadada d'um lado, o toco furô no oco, num é? Já deu mais três do o to lado, o toco muntuô e picô todo nessa posição, lascô tudo. Quand' ele vorta pa trás, qu' ele vai oiá no oco do toco, tinha um bicho, um cascavel dessa grossura assim, ó. Era um trem d'ixagerado. E esse num é mintira não, é de verdade pura. [risos]

O que ele fez? Ele oiô lá assim, o cascavel virô pra ele falô assim:

– Ó, cê dá conta de minha casa que a minha casa ieu preciso dela que eu tô aqui até ela num é muito boa não que ela tem uma pinguera – que o toco era ocado, na hora que chuvia a água discia. Ele tinha uma pisadura nas custela que era isso, ó. [risos]

Aí o minino ficô disinquieto:

– Ô moço, que qu' eu faço? Num acho. Eu 'té cunheço uma toca de peda aí muito boa. Afinal eu podia levá e pô numa toca de pedra que tem um loquero. Aí ele falô:

– O que qu' eu faço?

Pensô, pensô, falô:

– Ele me morde! Mas eu sei de uma casinha que é mió de que essa sua. Mas, afinali, eu acho que num vai dá certo porque ocê vai me mordê, eu sei que cê vai me mordê.

Ele disse:

– Não, se ocê num caçá uma casa pra mim, eu vô te mordê e ocê morre.

O mininin animô de corage e falô:

– Eu vô levá esse manaca.

Aí 'panhô o cascavel e jugô na cacunda. Mas era um trem, ele era muito mais grosso que esse vaso. Era um trem... dava uma pisadura disso na cacunda, da pinguera descê po oco do pau abaxo e batê nele lá nas raiz, né? Então ele 'panhô esse bicho e jugô na cacunda e ê vai pa rua cum ele fora e lá vai, lá vai, lá vai, lá vai. Quand'ele chegô no fim da loquera, ele subiu assim e desceu assim tamém, tornô subi, tornô descê lá diante e sortô ele, falô:

– Ah, será que aqui tá bom?

Ele olhò pra cima assim, tava aquela escuridão, num tinha frinche nenhuma lá no loquero de pedra. É, ficô lá, né?, largô ele lá. Pôs ele lá, ele falô:

– Não, fica 'qui hoje que hoje aqui ocê me pôs numa casa muito boa. Aqui, mió do que minha casa é. Pode ficá mais eu aí hoje. Ocê merece mais um agrado.

Ah, bom. [risos] Aí então ele ficô pro lá, né? Por lá 'manhiceu o dia. Quando foi no ôto dia, el' deu pa vim embora, pa 'cudi a vó dele, né?, pô a lenha pa ela, ficô lá mais ele. Quando foi na hora dele saí, ele pegô uma bu'sinha desse tamanho assim e tinha dois bichin dento. Mas falô com ele:

– Ah lá! Cê num ab'e essa bolsa, que o dia que ocê achá um sirviço que o povo do mundo tudo num fizê, cê faz c'um minuto. Eu garanto ocê, c'um minuto cê faz. Esses bichin faz procê. Cê vai aí dentro. Cê abre um dia da maió pricisão.

Ele disse:

– Tá.

Pôs a bolsazinha na gibizinha de relógio e veio. Veio imbora com as bichinha. Chegô, taí, aí ele juntô a lenha toda pôs lá pa vó dele. Falô:

– Ah, minha vó, eu vô dá uma vorta aí nesse mundo.

Siguiu, dano a vorta. Chegô na bera d'um corgo, tinha um home lá pelejano lá co'a ponte, fazeno numeração. Tinha uma cidade que nem essa aqui de São João e tinha um cumicin do Socorro.

Agora, esse minino num tinha... tinha um rio que ia como daqui lá na Santa Quitéria, lá onde os Pimenta mora. Que era pa pegá daqui e saí lá com a ponte. Aí tava lá aquês home mais graúdo, c'as mão assim por detrás, iscorano assim. Aquês brutão c'as mão pa trás assim, pensano. O minino foi, chegô com os bichin na 'gibeira, falô com ele:

– Uai, o que que os senhores pensa aí nesse idéia aí d'ocês?

Ele deu ele má resposta:

– É o que ocê num tem que sabê. É o que ocê num tem que sabê. Uma porquera da sua marca quereno sabê o que um tubarão igualmente nós? É, quem é? Aí não! Cê tá caçano é jeito d'eu fazê uma farofa docê e cumê.

Os tubarão falô co'ele, né? Aí ele falô:

– Não, eu tô priguntano ma' num é à toa não. Que isso é coisa que eu sei fazê. Nem

vô dá sustifação ocês não. Ah, eu tô muito cansado.

Tinha muito alicrim, 'sa-peixe. Ele pegô quebrá aquês galhin de 'sa-peixe assim, alicrim fez uma caminha, falô:

– Ah, eu vô deitá, discansá meu corpo.

Ele falô:

– Pois é, pois ocê tá disfissurtano, se ocê num fizé esse sirviço, amanhã nós digola ocê, vão fazê uma farofa docê.

– Uai, aí ocês é que sabe.

– Eu expriquei ocê o que que é, né? Que a ponte, nós quiria fazê uma ponte, nós, que são home, num faz, uma porquera igual ocê que vai fazê?

Ele:

– Às veiz faiz...

Quando foi de lá desses tampo de noite, o que que ele fez? Ele disartô o surrãozin e os bichin caiu lá e disse:

– O que qu'é pa fazê?

Ele disse:

– É procês fazê uma ponte tudo incimentada aqui e gradiada, um trem muito bom mermo.

Diz que os bichin saiu de den'do surrãozin e tá tao, bateno. Na mesma da hora, num gastô um minuto, ês fez ligação com a cidade, né? Falô:

–Tá bem bão. Tá bom agora.

Os home levantô quando o dia amanhiceu, el's assim:

– O que que é pra fazê mai'?

El'dis':

– É nada, pula aqui dento.

Ele pulô. El' pá. Fechô, pôs no gibizin do relógio e taí. Quando os home levantô que é os tubarão, 'quês graúdo, né?, oiô assim, falô:

– Nossa Senhora! Mas agora, cumé que nós tava admirano e aquele disgramado daquel' minino fez. Vão chamá ele pra cá.

Ês tudo tinha carro, só num tinha navegação purque num tinha ponte, né? Aquele povo tudo da cidade, do cumircin, tudo tinha carro. Quereno fazê ligação na cidade

grande. Tá bom. Aí, viero cá, cunvidô o minino. Cada um dava um tiquin, ôto dava ôto tiquin.

– Ô moço, nós vamo levá ocê na cidade grande que lá ocê ganha um dinheiro memo. Que ês vai pagá caro que ês tudo tá fazeno caso de vim e num tá pudeno. E nós também fazeno e num tá pudeno i. E agora tem ligação. Vô dá ocê um puquim de dinheiro.

Arrumaro um saco de estopa, cada um pôs ali uns quinhento réis, um mirréis, nesse tempo era réis. Num tinha esses dinheiro de cruzero não, né?, [risos] era réis.

Aí ele, cada um pôs uma tutaméiazinha e ês falô:

– Agora eu vô levá ocê lá. Agora nós vão levá ocê lá que lá ocê recebe.

Pusero ele den' dos carro, levô ele. Quando foi chegano, o povo da cidade era tudo tubarão memo, tudo ricaço, pa ele:

– Ah, comé que foi? Quem é que fez essa ponte? Comé que cês conseguio fazê essa ponte?

Ês disse:

– Num é eu não, é esse minino.

Uns levaro quinhentos mil:

– Aqui! Quinhentos mi réis

– Aqui!

– Põe aí dentro.

Ôto quinhentos, ôto quinhentos e só vai socano dento do saco de estopa. Mas o saco de estopa, que eu vi o saco de estopa, e socaro dento bem socado aquilo, incarcô memo. Quando chegô lá pa diante assim, topô um mininin desse tamanzin assim:

– As veze o senhor qué um quinhento réis?

Ele disse:

– Taca essa bunda pa lá, minino! [risos] Pois num tô 'guentano o saco de nota e evém com quinhento réis!? Quinhento réis qué que dá isso?

Diz que largô pra lá. Veio embora. Mas trouxe dinheiro memo pa vó dele e sortô o dinheiro lá. Disse:

– Agora, eu vô dá mais uma vorta, dá mais uma saída otra vez. Vê se eu 'ranjo mais uma cuisinha.

Ele saiu outra vez, chegô lá adiante, tinha o palácio do rei. Num era dos bonzão não, rimidiava, né? Ele num era dos bonzão não. Aí ele falô com ele que tava aquela purção de casinha formada, né? Um ranchinho aqui formado, uns incaibado, ôtos só os isteio fincado, mas muito, muito. Aquele que com a princesa, quem fizesse uma ca..., um sobrado igual o do rei, casava com a fia do rei. Ele falô assim:

– Ah! Isso é...

Chegô nesse lugar, oiô.

– Pô, mas cumé que tem tanta casa formada e nenhuma acabada? Só o senhor que fez?

Ele disse:

– Isso aqui é ‘posta que eu tem’ feito. Todo rapaz que fizé uma casa igual esse sobrado meu, casa c’a mia fia.

Ah, ele oiô assim o sobrado do home, riu:

– Ah, uma porquera dessa eu faria memo que fosse um galinhero! Eu nem vô conversá muito não que eu tô cansado demais. Será que o senhor tem cundição de arrumá uma cama pa mim discansá um poco?

– Ué, prefeitamente! Mas é p’um home. P’um porco de sua marca vai deita lá p’os garrancho. Um porco igual ocê... Ocê num vale nada. Intão vai deitá lá po mei’dos garrancho.

– Ah não, eu tô cansado, eu quero um trenzin mió pa mim discansá e depois nós dão um papo. Nós bate um papin.

O Rei falô co’a impregada, falô assim:

– Olha, vai lá e põe aquela istera que tá lá em riba do galinhero e traz p’ esse porco deitá.

A minina foi lá e troxe uma istera que piolho de galinha num tinha nenhum! Era gelado! Troxe aquele trem, jogô lá, ele deitô lá e tá só bateno as orelha, tocano. Ele:

– Iscuta aqui, onde é, mais ó meno, que o sinhô qué que faz o sobrado?

Ele disse:

– É naquela chacrinha que tá lá, já tá formada e tal, cê faz lá. Mas é um trabalho perdido que amanhã eu vô te digolá. Ôtos home aqui eu dô o prazo de dez ano, quinze ano, vinte ano e num tem nenhum feito. Agora ocê que vem com prosa?

Ele disse:

– Pois é, nós num vão falá não qu' eu tô cansado.

– Pois é, se ocê num fizé, amanhã nós vamo digolá ocê, fazê ao menos uma farofa docê pa gente comê.

Falô:

– Ah, eu num tem medo disso não.

Tá lá, deitado lá. E num qué dá ele cama não. Só jogô a istera lá e ficô lá. Na hora que escureceu um poquin, ele 'rancô o... tocô o dedo na 'gibirinha do relógio, 'rancô o surrãozin, sacudiu lá os bichin dis':

– Que que é pa fazê?

– É procês fazê um sobrado pra mim lá naquela lajinha, naquela curva que se o rei quisé esse sobrado daqui pra lá e pra cá e torna vortá. Se lá tivé cem janela, eu quero duzentas janela, se lá tivé duzentas, eu quero quatrocentas janela no palácio. Os bichin foi só vuô pra lá e ta, ta, ta, ta, tao, tao, tao, tao, tao, tao, tao, tao e formô o sobrado com o drobro de janela do sobrado de cá. Chegô e:

– Que que que mais que é pa fazê?

Ele disse:

– É nada. Pula aqui dentro.

Os bichin pulô, ele pa! [risos] Pôs lá outra vez.

Quando o rei levantô, quando foi um tempo, tinha jinela, inxergava o lugá qu'ele mandô Diz que a princesa levantô e oiô assim, muié do rei:

– Seu rei! Nossa Senhora! Agora que nós incravemo! Nós tá é num nin' de porca aqui! Ispiá, que casa é aquela? Ispia po cê vê. O trem tava pariceno o céu quando tá bem estreladin, de tanta janilinha! Que ês fez, né? Ficô c'roadin de janela!

O rei levantô e foi lá e:

– Antão 'cabano ela vai casá memo.

E tinha um nego véi lá que vivia babano, a baba caíno de vontade de casá c'a princesa, né? Ele falô:

– Ah, desgraçado, casá c'a minha namorada. Agora que deu!

Falô:

– Não, agora é pa casá mes'.

Fez o casamento. Casô. O nego danô de vontade de tomá a muié do minino.

– Ah, não! Ah, se eu subesse comé que foi que ele fez...

Arrumô c' uma nêga sabida, né?, falô:

– Cê vai lá, indagu' ela, qu'ela sabe, que ele já contô ela. Com que mão que foi, com que mão-de-obra que foi que ele fez aquela casa.

Chegô lá, a nêga veia pelejô, pelejô, nada.

– Foi ele memo que fez!

– Ah, num credito.

– Foi, ele fala que foi ele que fez.

– Não, mas ocê pigunt' ele com que maneira que foi que ele fez, que ele num fazia.

– Nada, num quero falá não.

Ele tornô i lá e falá co' ela. Mandô torná dizê ela que se ela num contasse com... qu' ele num contasse ela que ela laigava el' e voltava pa casa do pai dela otra vez pa ficá com o nego vei, casava com ela. Aí ela pegô, falô:

– É o jeito que tem!

Falô:

– Ô marido, se ocê num me contá, eu tô ino pa casa de meu pai, vô vortá.

Ele disse:

– Óia, fulana, o caso é esse: eu num posso te contá que eu num posso te mostrá. Mas num foi eu que fiz não. É den' desse surrãozin tem dois bichin, se eu sortá ês e num achá nada pa dá ês pa fazê, ês me mata . leu num posso te mostrá os bichin, mas o surrãozin é esse.

Aí a nêga vortô, falô:

– Não, el'diz que é um surrãozin que ele tem, tem dois bichin e diz que se ele sortá que os bichin mat'ele se ele num dé sirviço, grande sirviço eles, eles num achano nada o que fazê, el's mat'ele.

El' diz:

– E quant' é que cê qué p' cê i lá e robá esse surrãozin pra mim? – O nego véio – Quant' é que cê qué p' cê i lá? Pois, ela é minha namorada, disaforo dele.

Vortô lá e pegô. (A mintira, né?) Ela falô assim:

– Não, o surrãozin... Ele tem o surrãozin?

Ela disse:

– Tem.

– X'eu vê ele.

Oiô. No que ela tirô, mostrô ele, a nêga, a véia, a nêga véia. Quand' foi de noite, e'a foi lá pau nele. Pôs na saia dela e virô pa trás, né? Chegô, intregô ele. Ele foi. Chegô lá, memo chasquento o nego véio, chegô:

– Ó, eu tranquei a casa, cê tem que largá ela. Essa casa é minha.

– É sua não! 'Per' aí que eu vô buscá uma coisa pr'ocê.

Ele:

– Pois se ocê vai buscá, já tá aqui. – O nego véio falô – Já tá aqui!

Arrancô e sacudiu os bichin lá. Ês disse:

– Que qué pa fazê?

– Pega esse marvado que casô c'a minha namorada e estraça ele assim, ó, faz co'ele uma farofa del'.

O home já sabia, que o bichin caiu o home, o pobrizin do home, o minino 'rancô, 'rancô e arrancô memo e os bichin tá pega que num pega, pega que num pega e andano e andô tremeno no mei do mato pa eles num pegá. Iscapuliu.

– É divera, que que eu faço, meu Deus? Agora sim, agora eu tô cumido!

E aí ele falô:

– Não! – Pensô ali, falô assim – Não, eu vô lá no cascavelo!

Rachô lá pro cascavelo otra veiz, de novo. Ele tinha guardado ele dibaxo do loquero, né? Chegô lá, falô:

– É, seu cascavelo!

Ele diz:

– Ai, cum'é que cê arranjô lá?

Ele:

– Estive bem! Eu vô falá com cê: bem igual eu tive, ninguém fica! Eu ca... de primera eu fiz uma, uma ponte, ganhei dinhero dimais, casei com u'a fia d'um rei, já tava bem me achado lá mas me robaro o surrãozin. Eu vim cá, seu cascavelo, cê me dá ôto recurso.

Ele disse:

– Prefeitamente! Fica aí! Mas hoje eu num te vô te dá resposta. Dorme aí mais eu, amanhã eu vô pensá.

Ali, por ali ele durmiu mais o cascavelo, né? Quando foi no ôto dia cedo, ele cutucô ele, falô:

– Comé que é, seu cascavelo, eu tô quereno vortá.

Ele disse:

– Não, inda num pensei. Daqui um ‘cado eu vô pensá.

Mas ele pensô bastante, ele falô assim:

– Ah bom, já pensei que chega. Só posso arrumá procê isso: eu vô te dá esse gato - ele tinha um gato ‘marelo lá que ele regulava... [risos]. O gato ‘marelo regulava isso, sem mintira nenhuma. Eu falo que eu vi. Num é mintira não. Eu num conto mintira, ela diz que eu sô é contadô de mintira, ma’ né não. Eu conto é só verdade. [risos]

Aí, ele jogô esse gato na cacunda e veio.

– Cê chegá lá cê sorta seu gato lá, p’ele navegá. Cê leva o gato e sorta lá.

Então ele levô o gato, sortô lá. Ah, minino, num foi nada não. Esse gato, vô fala co’cê, ele num podia vê nem catanga de rato. Era só pá! Chien, chien, chien. Pá! Chieeee, chien, chien. Pá! Cê só via gato roeno nos seus uvido. Tá p’cê vê, num é mintira não, é verdade q’eu tive lá. Eu conto cum certeza. E virô aquela ratiada.

Aí o rei do rato viu que ia imhora, até ele, que era o cabicera. Ele tá lá capinano de mamparra lá, lá no quintal qu’ era dele mes’, tá lá capinano o minino, pidiu sirviço, o nego véi deu ele, né?, e a muié lá den’ do quarto. Des’ da hora que o marido dela saiu, ela trancô a porta e tá lá quitinha. Num saiu quas’ não. O nego memo fazia cumê, ia lá po lá, ês cumia. E ele pidiu sirviço. Ele deu ele a enxada, e ele tá lá capinano o quintal que dito o quintal que era dele, aí sortô o gato lá e o gato virô aquele trem, aque’a chiada. Era só chieeee, pá! Chien, chien, pá! Pá! Aquilo cê via aquela istiva de rato, mas ele num cumia nenhum, só matava, só matava. Ele num tava comeno, não.

Aí o rei dos rato vem açoitado. Vei’ de vinte pra lá. Chegô um assim:

– Ô moço, quem é que é dono d’um gato que tem aí? Que tá ‘cabano co’a geração nossa e ieu tô veno que eu sô o rei dos rato, nest’ hurinha ele me ‘paga ieu também. É ocê que é dono?

Ele:

– Sô ieu. Tô ‘qui capinano e sortei ele aí.

Ele disse:

– Pois, o seguinte: cê dá um jeito. Dá um jitin que senão ieu perco minha vida.

Ele disse:

– Não, pois se ocê me dé conta d'um objeto qu'eu tenho den'dessa fazenda, ieu dô um jeito no gato.

Ele disse:

– Pois isso é o que menos custa! Po'dá jeito no gato, – e o gato chamava Minino. Isso aí é que é o nome do gato. [risos] O gato chamava era Minino.

Aí ele falô:

– Não, mas ele tá por aí.

Ele:

– Se ele tá por aí eu tô veno o miado dele porque tô ovino miado. Miaaaau! El'disse:

– Minino! Minino!

O gato ferrô no sono dele e o rei dos rato assim num quis mexê. Ele pegô, jogô den' d'um pano e 'marrô a boca do pano, pôs lá, falô assim:

– Aí ó, se ocê me dé conta, de hoje em diante cê num vê catinga de gato miano aí mais, pode ficá fresco.

Antão, ele meteu a inxada e ficô capinano mes', meteno a enxada e capinano e todo dia o nego levantava e dava o minino, o tal, que era dono da casa, e dav'ele treis banana assada, né? Pra ele cumê, pra el'pude i trabaiá cum coisa que o trem era dele mesmo, o nego véio, da fazenda.

Aí, quando foi esse dia, ele tava com o... sortô o gato, o rato o do, falô:

– Po' ficá. Mas ocê me dá conta das duas bolsinha qu' eu tenho aí.

Aí o gato fundô, o rato fundô den' da casa da fazenda, né?, ia numa canastra: carrau, carrau, carrau, carrau, carrau. Num tava não. Remixia, mixia: num tava não.

Ele ia na ota, e o homezin iscutano. Cum poco entrô den' duma canastra, quetô.

Cum poco evém ele com a bolsazinha na boca:

– É essa?

Ele disse:

– É essa memo.

Ê disse:

– Pois é, antonce tá certo agora? Cê num dexa o gato pegá eu, não?

Ele disse:

– Não, ele tá 'marrado e 'marrado ele fica. Cê pode, cê pode navegá, cê pó comê o que tivé den' dessa casa e eu num ponho gato aqui. A casa é minha, essa casa é



vô fala co' cê, eu contava um caso a noite intirinhazinha e num repetia nenhum. Era assim.

– la direto?

– Era direto. Contava perto dos minino. Mas os minino num tinha queda pra aprendê, 'qui ninhum num aprendeu muito coisa de caso, não. Mas eu ainda conto uns três.

– Mas é bom. Naquela época lá o sinhô reunia perto do fogo, fogão de lenha assim, contava a noite intera?

– É, contava a noite intirinhazinha mes'.

– Bom esses caso.

– Alguém que passava lá na terra do sinhô, alguma coisa assim, não?

– Não, isso é carocha, rapaz.

– É carocha, né.

– É. [risos]

– O sinhô ouviu assim dos otro? Ou não? Deu na idéia, o sinhô cumeçô a contar?

–É.]

### **C19, N19, M5**

#### **O LUBISOME TRABAIADÔ<sup>44</sup>**

Um cara que ele era andava agachadin, né? Então, o meu irmão foi fazê uma... um rozali. Então, ês ficaro morano lá nesse rozali. E nesse di', nessa semana, o esse cara foi lá.

[– mas ele num guentava andá não, né?

– Andava, ele só andava é assim, ó. É assim. É assim que ele andava.]

Aquele homão, cumadre, envergado. Num vestia ropa não, só aquele shortin. Ele já andava era russo de tanto sol queimá ele. Aí o, quando foi lá p'essas tan' da noite, o bicho chegô, e era cunhido dos minino, né? Esse cara chegô... o lubisono... chegô lá. Tinha uns cachorro muito pegadô, frevero com esse homi. Tinha certeza que era ele, né? Porque ele deu demonstração no oto dia, 'manheceu com a oreia toda rasgada. Os cachorro frevero com ele, é mas que freveu com ele

44 Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro a partir de narrativa oral contada por Maria Alves, em Itamarandiba, 1990, por Reinaldo Martiniano Marques.

na porta do rancho e eles dero córrego abaixo e os cachorro freveno em cima dele. Aí, quando ele, tava morano com um tio meu né, e nisso, quando foi no oto dia de manhã, ele apareceu. Meu tio viu ele com a oreia toda rasgada. Aí ele num teve corage foi de contá praquê num é motivo que foi, que el' foi ficá rasgado, né?

[– O homi perguntô e ele num...]

Ele num teve corage de contá qual é o motivo. Nisso...

[– Ficô Sabendo que era ele porque ele tava rasgado.

– Po' que ele tava todo rasgado, é.] Os cachorro rasgô ele todo, comeu uma banda da oreia dele, e os cachorro era pegadô mes'. [risos]

## C20, N20, M5

### O MININO DA NOGUERA<sup>45</sup>

Mas, então, tinha um home que, um casal que tinha um minino só. Mas pobre demais, aque'a dificuldade, tabaiava... aí o minino foi tumano um tamainzin.

— Ô pai, ó, eu vô po mundo, arrumá u'a riqueza.

— Ah, meu fi', qualé riqueza que cê vai 'rumá? Cê, desse taman?

— Ah, sinhô mais mãe qué comprá pra mim as coisa, u'a ropa, minha ropa tá ruim, siô num pode comprá. Siô qué compra doce pa mãe, isso e aquilo, o dinheiro num dá. Eu vô, aí eu vô saí po mundo. Deus me dá dinheiro. Eu vou arrumá dinheiro, que eu dô ocê dinheiro.

— Não, picisa de muito não.

— Bucado.

— Não!

E foi ino, foi ino, foi ino, imbirrô com o pai. Aí, tinha uma galinha de útil. Matô a galinha, o véi tabaiô, comprô umas lingüiça, fez uma matula pa el' e falô:

— Intão, cê qué i, meu filho, Deus te óie, Deus seja sua guia. Mais óia lá!... Óia, fulana, nós num vão vê esse minino mais, se bicho pega? Um minino desse

45 Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro, a partir de narrativa oral contada por Pedro dos Anjos Barbosa, em Várzea de Santo Antônio, 1990, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

taman saíno pelo mundo!

— Não, pai! Deus me óia. Eu arrumo dinheiro, que eu vô ficá rico e eu vô trazê dinheiro po sinhô.

Aí, jogô o saquin na cacunda. O home ficô chorano, a mulhé... E ele tinha uma pataca, sabe? Usava as tais pataca que falava, né? Era pataca. Uma pataca... não! Treis pataca.

— Ô, meu filho, leva essas treis pataca — é o dinheiro que curria, né? — cê compre um biscoito, uma coisa quarqué, mas num põe fora não; enquanto tivé as coisa pra cumê, cê vai cumeno. A hora que cabá, intão cê procura uma gen' direita pa num robá docê, cê com... cê troca a pataca e compra as coisinha.

Aí, siguiu. Siguiu o minino cum essa pataca, cum essas pataca no bolso. Aí, foi viajano, foi viajano. Chegava num lugar, via uma casa e ficava cum medo. Entrava den' dum lugá, fazia aquê mon' de fôia, imbruiava na cubirtinha, durmia lá, né? Foi ino.

Quan' deu numa artura, ele foi subino morro. Morro a pique. Aí, cabô: num tinha mais arve, num tinha mato, só via o céu, a terra e o capim balançano. Aí tinha um morro, muito a pique, e ele vai subino, vai subino. Com poco, apontô, viu um vein com chapeuzin de coro na cabeça, sapato de coro de vaca no pé, fazendero. Ele meteno o pé pa cumpanhá aquele meu tio.

— Pra ele me contá uma história.

Aí, tá caminhano. O véio vai devagarzin e ele correno. Suor pingano. Nunca mais que ele arcaçava esse véi.

Deu numa artura, ele alcançô.

— Ô, meu tio, ô, meu tio!

O véio fez que tá surdo, aí olhô pa trás:

— Que que é, meu filho?

— Bença.

Deu ele bença e ele respondeu.

— O senhor me...

— Uai, mas cê tá sozin, meu filho?

— Tô, eu tô com Deus. Eu vô vê se eu rumo um dinheiro pa mim... pa meu pai e minha mãe.

Ele era muito pobre...

— É... O sior me conta uma história? Sior me conta uma história?

— Conto, meu filho. Quant' é que cê me paga pa mim contá ocê uma história? — o velho disse pra ele, né?

— Ah, eu te dô uma pataca. — Ele tinha treis, né?

O velho disse:

— Então, me dá essa pataca.

Ele foi lá den' do saquinho, tirô a pataca, entregô o velho. O velho disse, disse pra el':

— Pois a história é essa, meu filho: durmi é bom, e num durmi é milhó — e calô a boca, né? calô a boca.

— Ô, meu tio, mais e... é só?

— É.

— Não, mais eu quiria que o sinhô contasse uma história cumpriiiiida.

Ê' disse:

— Pois é, durmi é bom, num durmi é melhor — calô a boca.

— Ah, conta ota!

— Eu conto ota, se ocê me dé otra pataca.

Ele:

— Ah, mais eu tem só duas. Tem só duas agora, e eu fico só com uma. Ah, eu vô dá.

Aí, foi lá e tirô ota pataca, deu e interô duas, né? O velho tornô falá:

— Durmi é bom, e num durmi é milhó — e calô a boca 'tra vez.

Aí ele, ele:

— Meu ti', mais essa história o sior já tinha contado, eu quiria ota. É uma história bem cumpriiiiida. Ess' aí sior já tinha contado.

— Ah, meu fi, se ocê me dé mais uma pataca, eu conto ota história.

— Ah, mais eu tem só uma. Agora, derradera.

— Pois é, cê me dá ela que eu cont' ocê.

— Ah, mas o sior cont' u'a bem cumprid' agora.

Aí, foi lá, tirô a derradera pataca e deu po velho, né? O véi falô:

— Pois é, meu filho, durmi é bom e num durmi é milhó — calô a boca, né?

Ele:

— Ah, é isso mesmo, Deus te ajude, meu tio — agradeceu po velho.

Ele foi mais o velho. Quando deu numa artura, ele disse:

— Ó, meu filho, aqui nós vamo apartá — e tirô uma noqueira, uma coisa que havia de primeiro, do povo pô rapé, de oro, né?, desse taman, um trem desse tamain, de oro purin, e deu ele:

— Ó, vô te dá de lembrança.

Ele deu aque'a noqueira do taman disso aí. Trem mais linda impussívi, né?

Ele:

— Ó, que coisa boa, Deus!

Ele, ô, desapareceu. Quando ele oiô, num viu o velho mais, né? O véio era Deus, né?

Ê' disse:

— Ó, que véio bom! Eu dei el' treis pataquinha, agora eu já posso vendê essa noqueira, que eu vorto com muito dinheiro pa minha mãe e meu pai. O Deus vai ajudá esse véio.

E quand' ele discambô o morro, ele inxergô um bambuzero, um bambu e pa den' do bambu tinha um chalé, uma casa cumpriiiiida, arta, que aquilo tipo dum prédio, né. E nas redondeza, nada mais de casa, nada. Ele dirigiu p'aquel' lado, né? O sol já tarra 'cabano, já tarra iscreceno, tava o sol acabano de entrá e tinha uma bambuzero assim, na frente. Ele foi, entrô.

— Eu entro dento dessa moita de bambu e puxo a páia del' e deit' aqui. E fico queto.

E num tinha criação, num tinha nada. Aí, intrô lá, puxô a paia p'um lado e otro, né? Inda tinha a matula. Ele pegô a matulazinha e acabô de cumê, né? Ficô ali sentado, né? Quan' foi assim, quase tingino a noite, chegô um mininin pritin, desse taman assim e veio lá do lado da casa, né? Um pretin. Chegô per' del'.

— Uai, minino, que cê tá fazeno aí?

Diz:

— Uai, eu tô, eu vô posá aqui.

— Donde que cê é, minino?

— Ah, tô andano po mundo.

— Ó, sinhá disse qu'ê procê i lá pa dento.

Ele disse:

— Não, num vô lá não. Qualé sinhá?

— Sinhá? — sinhá qué dizê que é a dona lá do prédio, né? — Num pó ficá aí não.

— Não, num vô lá não.

Aí, com poco, ele vortô. O mininin preto vortô. Com poco, ele tornô a vortá.

— Sinhá disse que ocê fosse lá pra dento.

— Ó, minin, eu num vô lá não. Cês tá, é, — o minino, bobo, né? — cês tá é quereno tomá minha noqueira.

— Qual é noqueira, minino? Num tô sabeno se ocê tá cum uma noqueira. Sinhá num picisa de noqueira sua não, ela é pode de rica. Ele é pode de, tudo dela é de oro.

Ele disse:

— Cê num pó posá 'i não.

— Ah, eu num tô quereno i lá não. Deixa eu aqui. Ah, num vô não.

Aí quando fez treis veiz, o minino tornô vortá. Insistiu cum ele:

— Ó, sinhá disse que né pocê ficá aqui não. É procê i lá pra dento.

— É, ocês vai é tomá minha noqueira. Cês qué me robá minha noqueira.

— Num vô robá noqueira sua não. E sinhá num picisa disso não.

Aí, chegô lá, tinh' uma escada. Foi subino, foi subino, foi subino. Quand' ele chegô lá em cima, um salão. E todas partilheira, tudo quant' é coisa cê oiava era oro. Oro puro. Banco de oro, cadera de oro.

— Mas que coisa — encantô, né?

Aí veio uma mulher, lá dento, uma moça, coisa mar linda. Toda fantasiada de oro, relógio de oro, sapato de oro. Ela foi chegano, sentô per' dele. Ele disse:

— Ó, eu tô po mundo — contô o caso, né? A vida del', né? — eu vim ganhá dinheiro. Pai, mãe, que mãe é muito pobre, pai, e...

— Uai, minin, o que que cê tem que cê tá andano? Cê tem dinheiro?

— Não, tinha treis pataca e dei um véio ali. Ele me deu uma noqueira. Eu 'té num quiria vim pa cá não, cu'medo d' cês tomá minha noqueira.

— Ah, que isso, meu fi'? Eu num piciso de noqueira sua não, aí ó?

Ela foi e então levô ê' lá pra dento, né? Levô lá pra dento, deu ele cumida e tal, a noite, né? E:

— Eu num piciso de nogueira sua não. É puque num po' durmi lá fora.

E tinha um quarto assim, um quarto sala, um quartin estreito. Tinha uma cama 'sim, uma cama estreitinha, umas partileira cheia de móveis de oro. Mas tudo quanto é coisa tava 'li, dum lado e oto. As partilheira tudo em roda, só a caminha no mei, né? E uma espada. Uma espada desse taman, cabo de oro, bainha de oro, dipindurada lá perto da cabicera da cama. Ele:

— Que será — ê' ficô incantado, né? — meu Deus, o que que será que vai dá?

Aí, sentô na cama, né? Aí deu, cansado de viajá, né? E falô:

— Ó, qué sabê d'uma coisa? Eu vô, eu vô pegá essa espada.

Mão na espada, travessô nas pirinha, né? E o sono vinha e quiria deitá.

— Ah, o véio me deu conseio que durmi é bom, num durmi é melhor. Eu num vô durmi.

Aí, torn' a vir o sono nele, ele cumeçava querê deitá no travissero:

— Não, véi disse que durmi é bom, num durmi é milhó. Vô ficá 'cordado.

E ficô acordado.

Quando pensô que não, mas quando deu doze hora da noite, 'pareceu um bicho, coisa mais terrívi, e freveu nel', né? Lá dento e ele disimbanhô essa espada, né? E tá, e é espada daqui e espada bateno naquês trem e só, só quebrano trem de oro, né? Foi quebrano trem, foi ino. Com poco, ele sintiu a espada entrô macio e ele desapareceu, né?

— Ah, minha Nossa Siora, agora sim, minha nogueira. Agora eu morro, porque a muié me mata, porque a minha nogueira num dá pa pagá nem uma... nem uma peça dessa! Nem uma jóia dessa! E eu fiz um sirviço desse!

Aí, ficô ali:

— O véio disse que num durmi é bom..., durmi é bom, num durmi... se eu tivesse durmido, esse bicho tinha me cumido. Agora, é pió.

Aí ficô até o dia amanhicê. Aí, quando o dia clareô, ele, a porta tava distrancada. Ele distrancô a porta, saiu assim pa, pa área, pa sala, e ficô em pé, morto de medo, pa quando a mulhé levantá, né? a moça, né? Pele dá ela satisfação

do que tinha ‘cunticido, né? Maisi, mei assustado, né? falô:

— Ah, eu já fiz esse sirviço danado, nem vô largá essa espada. Ficá com essa espada na mão, né?

Aí, tinha uma tenda assim, de lá de cima ele oiô lá embaixo, enxergô o mininin, lá embaixo, mexeno nos brinquedo lá. Tinha uns cabrito brincano.

— Ô minino, me tira daqui e abe a porta pa mim i embora.

Minino oiô pa cima:

— Ê, minino, é só sinhá que pode abri aí pocê saí.

Ele, com vontade de deixá o quarto dele, né?

— Vô lá e pego minha nogueira — num ia pegá nada, né?, ia e cascava fora, né?

— Só sinhá.

— Ah, eu bem falei c’ocê que cês tarra com farsidade comigo me chamano.

Mais me largasse eu no bambuzero.

Aí:

— Eu fiz um sirviço aqui danado. E agora cês vai tomá minha nogueira e vai matá ieu.

Aí, a... com poco veio um véi invergadiiiiinho..., c’uns baguin de mio, chamano um leitão e tratano do leitão. Ele:

— Ô, meu ti’, ô, meu tio, ô meu ti’ — tá gritano e o véi nunca mais que iscutava.

Com poco o véio virô, com cara feia e:

— Que que é, minino?

— É pro sior abri pra mim aqui, pel’amor de Deus, pra mi’mbora.

— É só sinhá que pode abri porta p’cê saí.

— É, eu sei que cês tava todo é com maldade comigo. Mas, seja o que Deus quisé. Deus é forte.

Com poco, veio uma véia. Aque’ saião rastano no chão, andar isquisito, é com um lenço marrado na cabeça, um lenço sujo. É, e tá ‘li. Ele grita:

— Ô minha tia, ô minha tia.

Ela:

— Qu’é isso? Qu’é isso?

— Sora faz favor, abre aqui pa mi ‘mbora?

Ela nunca mais uvia. Cum pouco ela virô a cara pa riba:

— Quem pode abri isso aqui é só sinhá.

Aí ele:

— É...

Com poco ela veio, ele iscutô o som do sapatin dela desceno a escada: ca ca ca ca. Chegô:

— Bom dia, minino!

— Bom dia!

— Cumé que passô?

Ê’ disse:

— Eu num passei bem não. Num passei não. Chega que siora vai me matá. Eu bem num quiria vim cá. ‘Pariceu um bicho aí essa noite, então, peguei a espada e lutei c’ esse bicho. Quebrei muitos móvi da sinhora, fiz um sirviço danado aí, arrasei.

Ela oiô:

— Ah, isso num val’ nada não. Isso aí é, po’ dizê que é caco, os móvi mesmo que nós... que eu tenho tá aqui dento, vô mostrá procê.

Aí, foi distrancano. Distrancô porta, cada quarto que entrava, milhó. Cada quarto melhor. Quando fez seis quarto, rodano, chei dessas coisa, ela distrancô um quarto, que ele oiô, tinha um lugá assim subterrano, discia assim um buraco, tudo chei de osso, cabeça de gente, osso de gente, né? Fei, aquês dente arreganhado. O minino:

— Que que é isto?!

Ela disse:

— É o que ia ‘contecê com cê. Todos que pass’ aqui, nós põe pra dento e eu, eu er’ um bicho, então, era minha sina, era encantada, e eu cumia a carne e jogav’os osso ‘qui ó. Era o que ia ‘cuntecê com cê. Agora, ocê quebrô meu encanto. Hoje eu sô gente, ó aqui — puxô a manga do vistido, mostrô ele o sinal do facão, da espada, pa vê. Tava aquele talho aqui assim.

Falô:

— Aqui ó, o sinal que ocê fez. Então ocê me sarvô minha vida. — Depois

quetô num canto, sentô num canto.

E nisso, fechô a porta dos osso lá. Quan' tornô abri a porta, os osso que tinha, em vez de osso, já era jóias também lá, né?

Aí ele ficô:

— E o que qu'ô faço?

— Uai, o qu' ocê faz agora é que... nesta hora, chega uma carruagem aqui e nós vão pa cidade pegá um avião e ocê buscá seu pai e sua mãe. E nós vão casá.

— Não, eu num vô casá não! Eu vô casá pa sinhora me cumê?!

Era mininin, né?, miudin, bobo ainda, né?

— Num caso não, uai, a sinhora me come!

Aí ela falô:

— Agora cê vai na banheira e vai trocá de ropa.

E pôs lá pra ele umas ropa. Aí ele:

— Mas 'sas ropa tá grande pra mim.

Era de tipo gravata, de tipo uniforme de prins', de rei, né?

Aí, quand'ele bateu na água, qu' água bateu na cabeça dele, ê' já transformô um moço já forte, né?, já otro, né? Aí, pegô a coroa, pôs na cabeça e vistiu, né? E pegô o 'vião mais ela, buscô o pai dele e a mãe dele, né? E viero pra cá, ficô na companhia dês lá, ele ficô seno o rei, ela a rainha e 'cabô-se a história.

### **C21, N21, M5**

#### **CIRINO E GABIROBA<sup>46</sup>**

“Todo dia que eu ‘manheço  
com meu pé ‘papagaiado  
o nariz fora do rumo,  
o branco dos ói virado.

Na minha porta cê num passa,

---

46 Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral contada por Serapião, em Várzea de Santo Antônio.

nego com chapéu quebrado.  
Se ocê passá de manhã cedo,  
mei' dia vai dirrubado.  
Disaforo desse nego  
passá na minha porta muito culpado.”

Cirino tava lá perto,  
ouviu a cunversa e contô  
Perera tava no ponto,  
foi o primero que ‘tirô.  
Cirino ‘rancô d’amargo  
e torô o Perera no mei’  
no passá de uma barrera,  
Perera caiu deitado:  
“Corre-corre meu cavalo,  
na carrera sem pará  
Vai atrás do Gabiroba,  
da minha morte vingá”.

[O Gabiroba era o irmão dele. Aí que num povoado lá, quando ele viu evinha o animal arriado, rastano o cabresto e entrano na rua.]

Aí que o Gabiroba viu, falô:  
“O cavalo do mano Cirino  
lá vem arriado, solto,  
é arte do mano Cirino,

que tá preso o tá morto”

[Aí que ês fala:]

Gabiroba entrô na rua  
urrano que nem leão  
grande é o corte na bala  
de pequeno no facão.

[Aí qu'ele, nessa hora...]

Perera pulô adiante,  
foi a hora que matô  
Perera pulo adiante  
pegô na corda do frei'.  
Cirino rancô do mato  
torô Perera no mei'

[Nessa hora o cavalo chegô na rua:]

“O cavalo do mano Cirino  
evém arriado, solto  
é arte do mano Cirino  
que tá preso o tá morto.”

[Quando o Gabiroba entrô pra dento com a tribuna no peito:]

“Se ele tivé preso ieu solto,  
se ele tivé morto num tem jeito”.

[Aí a dona vei’, cunselhô ele pra num i lá:]

“É devera, Gabiroba  
acho bom que num vai lá  
que assim como as ota passa  
essa também há de passá.”

Evém o seu Gabiroba  
com tamanha valentia  
que nem os galo cantava  
nem os cachorro latia.

“Quand’ ieu oiei po riba dos ombro  
dezoito já tava deitado  
morte do mano Cirino  
eu penso que eu tô julgado

Que eu num sei se é minha sorte  
o se é a sina minha  
que, da raça dos Texera

eu num dexo nem as galinha.”

[Ai ele diz:]

O padre celebra a missa  
 sô cristão redor do sino  
 que agora eu já cantei  
 a mercê de Gabiroba e Cirino

Que o tenente mandô vim  
 duzentas praça de Bahia,  
 que cem praça eu já matei,  
 otas cem, se num corre, murria.

**C23, N23, M5**

**O CASAMENTO DA RAPOSA COM O VEADO NO TEMPO QUE O JEGUE ERA  
 CHOFER<sup>47</sup>**

Quando o jegue era chofer,  
 governava a rodagem.  
 O papagaio locador  
 num estudo de folhagem.  
 O macaco e sanguin  
 vivia na malandragem.  
 O galo era cantô,  
 a galinha dançarina,

---

<sup>47</sup> Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral em verso lida por Vicente, em Itamarandiba, 1990, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

o urubu era manchante  
na pedrera de campina.

Sabiá era poeta,  
sujeito de classe fina,  
o galo cantava samba,  
sanque tocava viola,  
galinha sapatiaava  
como quem tivesse mola.

O galo só de calção,  
galinha só de bermuda,  
juriti vendia milho,  
o gaviões vaquejava,  
nambú por ser verso,  
onça deixava o resto de fora.

Assim continuava. [ruído de páginas sendo viradas]

Mosquito dizia ao toro:

“O que eu promesso, faço.  
Se você me oborrecê,  
d’ eu chegá descer meu braço  
na broca de seu ovido,  
você vira um bagaço.”

O coelho em sabedoria,  
o gato tinh’ estreza

A cobra tinha prudência,  
macaco tinha esperteza,

Cachorro na valantia,  
curuja na buniteza

O canarinho era mus’go,  
araponga era ferrero

A canção, guarda da selva,  
o garrichão, o chiqueiro

O pato empregado a gordo

o cururu feiticero  
O vaga-lume no rio  
fascalizava a cadeia  
Para o martim-pescador  
pescava piaba na oreia  
O periquito era cuja  
falavam a vida alheia  
Veado, por ser bonito,  
bem sasisfeito vivia  
Cabelos bem penteado,  
infrentavam a boemia  
Aonde tivesse festa,  
veado não se perdia  
Tinha a raposa moça,  
filha de um raposão  
Que era ela a mar linda  
dali daquele grotão  
Quando ela ia a uma festa  
chamavam bicho as atenção  
A sua raposa,  
cabelo bem penteado,  
falava uma língua selvage,  
num bonito fraseado,  
capaz de apaixonar  
o coração dum veado.  
Uma vez teve uma festa  
na casa do tutuí,  
foi todos bichos do mato,  
de veado a juriti  
menos onças e leão,  
todos bicho estavam ali.  
Que enquanto estavam dançando,

a raposa ali chegou  
veado quando viu,  
seu corpo arrepiou,  
e por aquela raposa  
ele se apaixonou.

E a raposa também sentia  
grandes e comoção  
quando foi vendo o veado,  
teve tão grandes aflição,  
como se fosse uma flecha

regando seu coração. [comentário de um ouvinte: – Aí tá munitinho, viu?

– Terminano.]

Veado chegou pra ela  
e chamou para dançar,  
ela aceitou, pois estava  
por isso mesmo a esperar.  
Ambos saíram dançando,  
e fazer a delirar.

Começaram até esse namoro  
naquele mesmo momento,

Veado falou pra ela  
se dava casamento.

Vei' pedir ao raposão  
a mãe dela em casamento.

A raposa dis'que sim,  
veado então viajou,  
na casa de raposão  
no outro dia chegou.

A raposa em casamento,  
com o pai dela falou

O velho chamou a raposa  
e perguntou se queria

Ela lhe disse que sim,  
com maior alegria.  
Falavam à raposa velha,  
pra saber se consentia.  
Pra voltar no outro dia,  
o veado foi embora.  
Quando a raposa chegou,  
contaram na mesma hora  
Raposa velha zangou,  
e entrou dentro e saiu fora  
Dizendo: “Só o que faltava,  
meu velho ter combinado  
a minha filha casar-se  
com um moço desajuntado!  
Eu vou consentir minha filha  
ir se casar com um veado...”

A raposa moça disse:  
“Ele é um moço de bem”,  
A velha raposa disse:  
“Nenhum veado convém.  
A família dos veados  
não tem valor dum vintém”.

Veado chegou em casa  
e disse pra mãe estimada  
que estavam sendo noivo  
da raposinha adorada,  
Disse a velha: “Meu filinho,  
você caiu na imbrulhada,  
tem tantas viadinhas  
que tem o corpo maneiro,  
como sejam as tuas primas  
que moram no Tabulero,

ir se casar com a raposa  
com todo aquele mau-cheiro.  
Além de ser fedorenta,  
o seu escandalo é de raça:  
e fez a maior vergonha.  
Quando ela beber cachaça  
tira a roupa e fica nua,  
sorrindo no meio da praça.” [risos]  
Com tudo isso o veado,  
ali não se ‘comodou,  
Voltou a na casa da noiva,  
com a mãe dela falou.  
Só depois de muito custo,  
raposa velha aceitou.  
Marcaram o dia e a hora  
pra ser feito o casamento  
O velho raposo estava  
com todo o encontentamento,  
Mandou fazer o convites  
naquele mesmo momento  
Convidou a raposada  
que a floresta continha  
Deram pra ser uma festa  
da forma que lhe convinha,  
mas cada uma das raposas  
levassem uma galinha.  
O veado também fez  
por todas aquelas paragem  
convite todos veados  
daquela terra selvagem.  
Quando foi no outro dia,  
chegou toda a viadagem.

Cento e cinqüenta veados  
chegaram ali no momento,  
para assistir o casário,  
com todo o contentamento,  
e veio o tamanduá  
pra fazer o casamento.

Tamanduá ordenou  
raposa pegar na mão  
do seu esposo veado  
com sincera devoção,  
jurada pelo bigode  
e a barba no garrafão.

Ambos naquele momento,  
ali estavam casados,  
cachaças e vinhos servia,  
tinha de todos os lado,  
que veio do Tabulero,  
pela turma dos veados.

Naquela grande alegria  
começou a batucada.

A noiva bebeu cachaça  
e começou a dar gargalhada,

que até acomodava  
todas 'quela bicharada.

A raposa velha bebada,  
também ali gargalhava  
o velho já nem se fala,  
que pelo chão se embolava.

Veado vendo isso tudo,  
arrependido chorava  
veado disse comigo:

“Que coisas mais perigosa,

que mau costume horroroso,  
que moça defeituosa.  
Minha mãe bem dizia,  
que raposa iscandalosa.” [ruído de página sendo virada]

Estavam nesta folia,  
dois cachorros espantaram.  
Estavam só os veados,  
na carreira disparavam.  
Parém a raposa bebada,  
os cachorros agarraram.  
Chegaram dois caçadores,  
com os cachorros de caça.  
fizeram pau nas raposa,  
que estavam achando graça.

O certo é que das raposas  
acabaram com a laça.  
Veado ficou viúvo,  
deixou mais a vaidade.  
Alguém que lhe dava pesame  
pela contrariedade.

Ele dizia: “Amiguinhos,  
foi minha façalidade.

Eu agora vou segui  
os conselhos do meus pais.

Tomei ódio de raposa,  
raposa não tem cartaz.

É muito certo o ditado  
*cada qual com seus iguais”*

Mais nunca veado quis  
fazer estrapalhação,  
se mistura com raposa  
imunda que só o cão.

Livrou-se da palhaçada:  
veado com veada,  
agora fez a união.

### **C24, N24, M6**

#### **O CASO DE PAI JOAQUIM <sup>48</sup>**

O caso de pai Joaquim é o seguinte: ele era um cativo d'um fazendero. E aí, quando deu um dia de manhã, tava chueno muito e o aquele tempo os animal ficava solto po mato. Num tinha manga, num tinha manguera, num tinha nada. Então, o cavalo do senhor dele tava po mato, né? Então ele mandô pegá o cavalo p'ele viajá. Ele foi pegá o cavalo.

Antão ele foi lá, mexeu, mexeu, mexeu até mei-dia e chegô moiado de chuva que tava caíno. Até que ele 'dueceu, vei imhora.

Quando ele chegô na fazenda, o fazendero fez ele vortá pa trás pa caçá o cavalo. Ele moiadin, sem cumê nada, já era mei-dia. Aí, a cuzinhera correu, pegô uns torresmo e correu a casa e deu ele os torresmo, né?

Na porta da sala, né? Na saída, atrás do curral. E ê foi imhora que ele topava consumi sozin com os torresmo.

Lá ele foi po mato. E ê num apariceu mais. Ficô, demorô dimais e assim o escravo sinhô mandô atrás dele de novo pa vê o que ele tava fazeno. Chegô lá, os otos nego achô ele morto no mato. Tinha murrido.

Pegô, vortô pa trás, falô com patrão que ê tava lá morto no mato. Disse:

- Ah, então faz isso: cês pega uma junta de boi e leva lá pa pô camarada.

Os nego pegô uma junta de boi, arriô e levô. Chegô lá, passô a corrente no pescoço de pai Joaquim e tocô os boi, tocô os boi e aquilo foi os boi andô, ele andô no ar assim ó, num pegô no chão não. Vez de 'rastá como pau no chão, que era pa sê assim, né? 'rastá como um pau, ele foi no ar assim. O boi andô um bucado com ele no ar assim. Os nego parô o boi, parô os boi e mandô de volta tudo de novo pra casa, pa fazenda.

Chegô na fazenda, ele contô o patrão comé que deu lá. Ê disse:

---

48 Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro a partir de narrativa oral contada por Generoso, de Jenipapo de Minas, 1997.

- Então faz isso: vorta e panha um cubertô e põe e traz ele no cubertô.

Aí vortaro e panharo ele no cubertô e levô pra casa de lá, ês troxe ele pr'aqui. Aí já foi homi todos, troxe pra 'qui sipurtô aqui. Cê vê que o pade em poco tempo, ele pegô gente fazeno promessa. Fazia milagre, né? Milagre po povo. E até hoje ele faz. Quem faz promessa aqui, ele avalia. Quem pagô ele sempe, avalia.

### **C25, N25, M7**

#### **MINAS NOVAS<sup>49</sup>**

Bem-Posta, 30 de julho de 1983

Senhor, peço licença, nesta alta sociedade,  
também peço me disculpá minha poca habilidade  
eu agora vô contá a história desses pequenos comércio  
e dessas grande cidade.

Eu contano vocês não acridita; parece sê ilusão  
vocês deve, por bem, sentir, e prestá bem atenção  
que quando eu não exiti, serve de uma recordação.

Minas Nova era uma mata, catava oro no chão  
isto passô há muitos anos, foi no tempo da iscravidão;  
foi assim que eles formô aquele belo sobradão.

Começô o sobradão, os iscravo dizia assim:  
“Vala-me Nossa Senhora! Meu Deus, que será de mim!?”

Dentro dele foi morá, o amigo João Pixim.

Istudô quarenta rapazes, fizeram uma revolução

---

<sup>49</sup> Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral contada por Cristina Rodrigues Mendes, em Minas Novas, 1989.

cum dó dos pobres iscravo, na maió judiação  
quando foi à meia noite, João Pixim pulô o fanado,  
só vistido de calção.

Minas Nova foi crescono, só de gentes compitente;  
foi criano os Badaró, que são filhos de boa gente  
e por ali eles chamaro, capitão, majó e tenente  
A casa dos Badaró é uma casa compitente;  
quem nela entrá triste sai de lá muito contente  
naquela casa já posô o nosso querido Tiradente.

Nas última do Badaró, chamô Murilo e assim falô:

“Meu filhinho adorado, meu filho que Deus criô  
Não despreze a Bem-Posta, que povo o meu pai amô”.

Falano em nossa Bem-Posta, eu conto todo o passado;  
aqui morô o Padre Pedro, dentro de um grande sobrado  
tinha cent'e vinte escravos, dentro daquele cemitério  
foram todos sepultado.

Isto passô a muitos anos, eu conto purque vi contar  
reuniu vinte homens: “Agora como é que vai ficá?  
Somos homens e não pudemos deixá a Bem-Posta acabá”.

Falei nos vinte homens, o nome deles eu vô dá:

Patrício Fernan' de Azevedo, que foi criado no lugá,  
Gino Rodrigues Mendes, que este também ajudô a infrentá.

Todos homes reuniro, não fastaro da carrera

Rufino Alves Macedo e também Baldino Ferrera  
Binidito Santos Pinto e meu Mestre Zé Perera.

Fizero armazém, loja e venda, vocês veja que delícia,  
fizero um grande salão para professora normalista,  
mas tudo foi se acabano, hoje só se vê notiça.

Chegô a professora Daci, e com meu filho se casô,  
ele, por sê um bom home, honesto e trabalhadô,  
formô muitas lavoras boa; quase todas as casa  
foi ele quem plantô, a belíssima moeda de oro  
foi meu filho que imanô.

Daci, quando chegô a professora, a iscola começô  
sem um poco isperança, tudo aqui se parô,  
quando nós ouviu uma voz, Maria Ilca chegô.

Duas légua e um quarto, Maria Ilca andô;  
privada, horta e jardim tudo ela se plantô,  
quem aqui vivia triste, todo mundo se alegrô.

Maria Ilca chamô o povo, todos eles concordô,  
carpintero e pedrero um bom preço ela pagô  
vocês veja que bonita casa Maria Ilca plantô,  
igual Maria Ilca, nesses meio nunca pisô.

Filiço dá arroz e milho e feijão, nesta nossa comunidade,  
aonde o Filiço passa, ninguém sofre necessidade;  
parece que é Deus quem mandô esse home com tanta bondade.

Vera mais Juvenata, muito elas nos ajudô;  
Juvenata troxe um belo Santo Antônio,  
e na igreja colocô; para nosso padroero,  
a festa dele nós já marcô.

Eu me sinto numa paixão, eu falano vocês tem dó;  
se hoje meu amigo estivesse aqui, a coisa era melhor;  
num tem nada neste mundo que tampa a falta do dotô Badaró.

A eleitorada de Bem-Posta cumbinaro e fez um jura  
de não dá um voto contra, o número dele não se mistura;  
colocamo Tião Barbosa no centro da prefeitura.

Obrigado Tião Barbosa, o sinhore luitô em sacrifício;  
agora ficamos sabeno que o sinhô trabalha difíci,  
colocô naquela placa o nome de João Patrício.

Agora eu vô terminare é com as ordem do forró;  
eu peço uma salva de palma, pra Filício e Maria Ilca,  
pro povo de Capelinha e dotô Murilo Badaró.

Obrigado dottor Murilo, breve nós tamo te esperano;  
Nossa Senhora da Saúde é quem vai te acumpanhano,  
dá um abraço a sua isposa, Cristina Mendes é quem tá mandano

Ainda ficô uma coisa; Nossa Senhora me lembrô:  
é o cemitério daqui que a chuva dismanchô;  
Maria Ilca andô lá dentro e as lágrima derramô,  
dos ossos dos defunto a situação que ela achô.

O povo daqui tinha pena, mas eles não tinha dinheiro;  
 Maria Ilca foi depressa e troxe um belo pedrero;  
 com a ajuda de todo mundo, o sirviço saiu ligero.

Hoje as alma estão contente, colocada em bom lugar,  
 elas tão pidindo a Deus, com vontade de salvar,  
 elas vão pedir a Deus: “Conta os passo de Maria Ilca,  
 em todo lugar que ela andá”.

Ricardo mais o Alberto têm boa sabedoria,  
 trabalha prefeitamente, nessa nossa freguesia  
 o Ricardo ainda tem outra, que é um moço de alegria,  
 com os marujo de Santo Antônio  
 ele é nossa compania.

Agora eu vô agradecer, neste verso derradero,  
 abraçano dotor Murilo e todos os seus companhero;  
 a presença de vocês pra mim vale muito dinheiro.  
 Cristina Rodrigues Mendes abraça todo o pessoal,  
 e isto é com muito prazer.

**C27, N27, M7**

### **O CUEIO E O CASCAVELO<sup>50</sup>**

Contá duas piquena do cueio.

É um cueio e um cascavelo, assim, den' d'uma mata assim. Um cascavelo morava

---

50 Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro, a partir de narrativa oral contada por Joaquim Soares Ramos, em Minas Novas, agosto de 1997, gravada por Sônia Queiroz.

dibaxo d'uma lapa. Então, um dia, a onça, andano, chegô, deu c'aquele lugar, aquê limperão dibaxo daquela lapa lá, ês foi chegano assim, entrano assim d' u'a vez, mas quando ela deu com a vista no cascavel, ela foi e parô. Foi, priguntô ele, falô (e tratava ele de tio):

– Ô ti cascavel, isso aqui é seu?

Falô:

– Isso aqui é meu. [galo cantando]

Falô:

– Ó, cê podia dá eu um lugazin d'eu ficá aqui? Tem muita distância aqui...

Falô:

– Ó, cê fica daqui pra lá, ó, cê pode andá ó, mas desse pedaço aqui pra cá cê num anda não que se ocê passá daqui pra dento, eu mat'ocê.

Então a onça ficava, a onça ficava naquê pedaço ali e andava, andava... De noite o cascavel também saía pa 'rumá caça. Andava, andava, vortava, tá lá dibaxo da lapa lá.

Um dia envém a tigre. Chegô, falô:

– Ah, sá onça! Mas que lugazin bom, casão que cê arrumô aqui, sá onça!

Falô:

– Não, isso aqui é de ti cascavelo, moço.

Falô:

– Eu quiria ficá qui mais ocê.

– Cê pede ele que ele dá.

Oto falô:

– Ô ti cascavelo, cê podia dexá eu ficá aqui mais sá onça? Que eu gosto muito de ficá mais ela.

Cascavelo maircô lá, falô:

– Ó, aí ó, daqui pra lá ó, cês pode andá todo canto, mas desse pedaço pra dento aqui cês num passa não que se passá ieu mato.

Então ês tá lá. De noite andava. Andava a onça mais a tigre. O cascavelo tamém saía, andava, vortava pra lá.

Um dia chegô o cuei co aque'as patinha, 'ducado. Chegô, olhô lá dibaxo e viu 'quele lugazão lá, chegô: – Bença, tia onça! Bença, tia tigre! Bença, ti cascavel!

[Capaz] C'a patin, bem iducado, antão falô:

– Ô, sá onça, cê podia dexá eu ficá aqui mais ocê. Achô cê arranjà uma casa boa aqui.

Ora, falô:

– Não, pede ti cascavelo que aqui é dele, né nosso não.

Aí falô, falô:

– Ô ti cascavelo, cê podia dexá eu ficá qui mais sá onça, tigue...

Falô:

– Cuei, pó ficá. Olhe, cuei, cê fica aqui assim, ó, nesse lugazin aqui, cuei.

Mas já num falô co ele que se ele passasse pra dento, que matav'ele não poquê é bem tratado. Todo dia o cuei levantava de manhã cedo:

– Bença, tia onça. Bença, tia tigue. Bença, ti cascavelo.

Aí o cascavelo falô:

– Mas que minino bem insinado esse minino.

Falô:

– É, moço.

Então lá vai.

Um dia, quando a onça... às vez a tigue ia saí primero, esbarrava na onça, a onça dav'um rosnado e o cuei tá pono sintido naquilo. Sintido. Bom, quand'a tigue, a onça saía primero, passava perto da tigue, num tinha nada. Mas, se a tigue saísse primero, fosse passá perto da onça, a onça achava ruim. O cuelho tava pestano atenção. Quan' foi um dia, que que o cueio fez? [galo cantando] Quando a tigue lá ia saíno, ele foi, dipressa, e meteu a canilinha dele assim, na frente da tigue assim. A tigue imbaraçô e pisô na onça, pisô na onça e as duas fechô na luta e uma facilitô, passô pra den' da marca do cascavelo, o cascavelo bateu o ácido naquela, aquela tremeu. Com a ota ele inda passô mais pra dento, o cascavelo tomém matô todas duas. Aí o cueio ficô macho, falô:

– Ah, ti cascavelo, agora nós vai passá bem. Nós vai passá bem d'agora em diante porque nós ficô live de onça, ficô live de tigue. Nós vamo passá bem. Ocê agora cê 'rasta a tigue que é maior, e eu vô ra... ieu sô piqueno, eu vô 'rastá a onça que eu sô mais piq... que ela é mais piquena.

Então 'rastô, jugô fora, vortô o cuei logo inventô fazê um armoço lá. Falô:

– Ô, ti cascavel, fazê um armoço aí pra nós.

Ê fez lá, mexeu lá, pôs um, (minhão ingolado lá) um milhão enrolado lá e deu o cascavelo. Aí o cascavelo achô gostoso, falô:

– Ô cuei, mas cumé que ocê sabe fazê cumida boa ‘sim, cuei?

Falô:

– Ah, ti cascavelo, eu te ensino ocê, uai. Menos custo é isso, eu vô te ensiná.

O cueio fez, arrumô um tacho de cobre, ‘ranjô uma trempe, colocô o tacho em riba, foi carregano água n’uma vasia pequena. Foi pono no tacho até que ele encheu o tacho d’água. Quando encheu o tacho d’água, ê pôs fogo. [música tocando ao fundo] Pôs fogo, tá só tiçano fogo. A panela tá queimano, ê tá tiçano fogo. Aí, chegô numa artura, quando tacho começô frevê, ê já... enquanto o tacho a água tava lá seno frevê, ê tava fincano umas fuguera ao redó do tacho pa ele fazê um girau lá por riba do tacho que era po cascavel subi lá p’ele aprendê, que ele ia ensiná ele fazê o armoço. Aí ê fez, pôs os pau lá em cima sorto e falô, falô, o tacho d’água já tava freveno, falô:

– Ô ti cascavel, agora cê sobe.

Falô:

– Não cuelho, num pricisa d’eu subi lá em cima não que daqui do chão mês dá.

Falô:

– Não, aqui do chão cê num aprende nada não, cê tem que subi lá em cima. Aqui no chão, se ocê ficá, cê num ‘prende de jeito nenhum. Ocê tem que ficá lá em cima procê ispiá de riba pra baxo procê pudê ‘prendê.

Antão o cascavelo foi, subiu e meteu o pescoço assim den’ da madeira e tá ispiano.

E nunca mais o cascavelo cai. Falô:

– Ô ti cascavelo, caç’um jeito aí. Mas ocê num tá inxergano direito, não.

Falô:

– Ô cuei, eu tô inxergano.

Falô:

– Não moço, dá um jeito aí, mexe aí pa vê se ocê inxerga direito senão cê num ‘prende não.

E aí que o cascavelo foi mexê, os pau abriu assim, o cascavelo desceu den’ do tacho d’água freveno. Depois deu uma vorta ‘sim, inda caiu um pingo d’água no cuei.

Falô:

– Eia, quase que me queima tomém – fala – agora eu fiquei live de tudo. Fiquei live de onça, fiquei live de tigue, fiquei live de cascavelo. Agora a casa é minha. [risos: – Oh, cueio isperto, hem?!]

O cuei é danado. Ficô seno dono da casa.

### **C28, N28, M7**

#### **HISTÓRIA DO TEMPO DOS ISCRAVOS<sup>51</sup>**

Aqui, naquela época, o pessoal daqui saía pa trabaiá era no Estado da Bahia, numa lavra por nome Cincurá né? Então, saiu um nego aqui por nome até de Pedro Caetano; foi trabaiá lá nessa lavra num é? Foi ele, o Zé Lorenço, os otos... foi ele, né? Chegano lá, ele ficô lá, trabalhô, né? Lá, uma filha de patrão gostô dele, né?, do dono da lavra. Ele foi e robô ela; robô ela, vei' e troxe aqui pra Chapada, que ainda tem muita descendência dela aqui, né?; troxe aqui pra Chapada.

Ele, quando descobriu, ele mandô dois negro pra vim à procura dela, num é? e declarô ele: “Que se encontrasse ele, se ele tivesse casado, não fizesse nada; e se não tivesse casado, matasse ele e ela”, né? Ês foi e viero. Quando chegô aqui na Chapada, encontrô ele com ela, mas ele tinha casado. Aí eles nem deu decisão e voltô pra lá. Quando foi daí uns tempo, chegô dois iscravo pra ela, aqui, num é? O patrão lá mandô dois iscravo pra eles vi aqui, mas é que eles num conseguio ficá co' os iscravo, porque ele era preto, ele era negro, num é? Os iscravo foi chegano aqui e falaro: “Ah, eu! Eu, trabaiá pra sinhô preto? Eu num trabaio não! Eu num trabaio pra sinhô preto não. Num trabaio pra sinhô preto de jeito nenhum”. Ficô, aí pegô só falá que num trabaiava, que ia fugi, ia fugi... o Pedro Caetano passô a mão e vendeu os dois iscravo; vendeu os dois iscravo, num trabaiô; vendeu ês pra fora, porque sabia que os dois num ia trabaiá pra ele, porque os iscravo eram muito orgulhoso, né? Eles quiria sê iscravo dos branco; eles num quiria sê iscravo dos preto; porque ele era preto, eles falaro que não, era igual, que ês num ia trabaiá.

E o Zé Lorenço, esse que eu lá ia falano nele, ele era minino nessa ocasião

---

51 Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral contada por Joel, em Minas Novas, 1990.

que o Pedro foi, ele foi mais ele. Mas foi assim: a mãe dele ajustô ele, né?, pa i trabaia lá na lavra de Cincurá. Ele foi lá, trabalhô lá, pa trabalhá lá, e todo mês, o dinheiro que ele ganhava lá vinha pra ela aqui em Chapada, né? Mas, lá na lavra, ês fazia o seguinte: ele era ajustado, mas o dono da lavra lá, e que tinha ajustado ele, dava a ele licença, né?, de trabalhá a semana pra ele; agora, dia de domingo eles ia pa iscá pra eles mesmo.

Zé Lorenço, então, contava, isso aí eu mesmo vi ele contá muitas vezes, né: que eles lá trabaia era de dia de domingo; trabaia a semana po patrão e dia de domingo pra ele. Foi trabalhano, trabalhano; quando ele vei', de vez em quando, tirava a pedra né?, foi gardano as pedra, foi gardano. Quando ele chegô aqui em Chapada ele comprô umas duas o treis novilha, né?, com o serviço de dia de domingo. Foi ficando... e essas novilha foi rendeno. Depois de velho, depois de já tá velho, o gado rendeu muito. Mas, depois, o que que ele faz: ele sai daqui com uma boiada pra vendê numa cidade aqui perto, cidade de Araçuaí, né? Chegano lá, quando ês lá ia levano os boi, um boi dele panhô uma bichera. Eles conversaro em curá o boi, mas era difícil, puque num tinha criolina, num tinha remédio. Aí um virô pra ele e falô: — “Ô Lorenço, purque você não cura de palavra?” Ele falô: — “Eh... ieu num curo, purque eu num sei curá”. Um lá falô co' ele: — “Poi' então eu vô curá pra você”, curô.

Daí a poco, curô a bichera, e tudo... Daí a poco, quando chamô o Zé Lorenço, falô: — “Ô Zé, vem cá; eu vô insiná ocê a curá a bichera de palavra”. E virô pra ele e falô: — “A bichera é assim. Cê faz o seguinte: cê pega um pé, os ramos, e vira pa criação, seja deiz légua, cem, o quarqué quantidade, e então cê fala o seguinte: ‘Assim como o sirviço de dia de domingo não leva ninguém em diante, assim é qu' esses bicho hão de caí’”. Vinha fazeno sete cruces, né?, treis vezes: — “De 1 a 1, 2 a 2, 3 a 3, 4 a 4, 5 a 5, 6 a 6, e 7 a 7, até o último, né?, fazeno treis vezes com as cruz, com os ramo lá p'aquele lugar. Depois que acabá, cê passa a mão e joga os ramos atrás; aquela bichera cura”.

Aí ele foi falano com eles: — Eh... não me serve essa cura, porque minha criação toda foi comprada foi com sirviço de dia domingo.

## C29, N29, M7

TRATÁ BEM OS VÉI<sup>52</sup>

Diz que Nossa Senhora, quando andava no mundo, diz que andava é co' uma velhinha, que chegava nas porta, que um dispreszava ela, oto dispreszava, aonde ela contava uma história muito ingraçada. Ela falava que, que tinha, que Nossa Senhora chegô dento dum... tava num, num, dent' dum corgo.... lá, diz que sentadinha, aí que chegô u'a, u'a ... chegô uma minina, chegô lá e falô 'ssim:

– Ô! – que a minina vivia sofreno muito lá, lá co' a madrasta...

Chegô lá, que a véinha falô co' ela assim:

– Ô, minha véia, a sinhora tá aí?

Que a véia disse assim:

– Tô.

Aí que a minina chegô, pintiô o cabelo da véia, e, e cuidava os pé da véia tudo, que a véia foi e falô co' a minina assim:

– Ô mia fia, Nossa Senhora que acompanha ocê – seno que el' era mesma a Nossa Senhora. – Nossa Senhora que acompanha ocê. Aonde ocê andá, ah... Ela há de contá seus passo, e a hora que ocê cunversá, da sua boca há de caí oro e diamante.

A minina, diz, que vortô pra casa. Quando a minina chegô em casa que a madrasta dela; foi cunversá co' a madrasta, que aquilo que a gente só via oro na boca da minina. Que a madrasta diz 'sim:

– Uai, ond'é que cê arrumô isso?

Que ela foi assim:

– Ua! foi u'a véia que tava 'li den' do corgo – ela num contô o caso com' el' era não – É assim: u'a véia que tava ali dento do corgo, eu cheguei alá, essa véia tava lá sentada. Eu fui cheguei, e bati muito nela, machuquei ela toda, ela foi e falô comigo que... ela foi e me rogô essa praga.

Que a muié disse assim:

– Ah, pois eu vô mandá minha fia tamém.

---

52 Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Maria Conceição Costa, em Minas Novas, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

Mandô a minina dela. Aí que a minina chegô lá, que a véia tava no mesmo lugá. Aí que a minina chegô, bateu nessa véia, machucô a véia toda. Quando a minina saiu, que a véia foi, e falô co' ela assim:

– Óia! óia... nada há de disinvolvê seus passo – já falô muit'diferente – nada há de disinvolvê seus passo. E aonde, a hora que ocê cunversá, da sua boca só há de caí istrume de gado e de limão.

A minina chegô em casa, quando a minina chegô nessa pusição, que a mãe dela, pegô falô raiano co'ela. Que ela dis':

– Uai, foi a véia que falô cumigo – mas que a ota num quis contá o caso – foi a véia que falô cumigo que era pa sê assim, que era pa sê assim...

E essa mãe dessa minina ficô braba, xingano... Agora, a mia mãe sempre falava co' nós assim: “Ó meus fi', é assim: Fazê bem, num iscói a quem. Se ocês incontrá o... o novo, cês, cês trata bem; se ocês incontrá o véi', trata bem tamém, que cês num sabe o que que é que tá incontrano”. [risos]

### **C30, N30, M8**

#### **JOÃO GRILO E O MESTRE<sup>53</sup>**

João Grilo, em qualquer escola, chamava um poco a atenção;  
passava final do mestre, nunca faltô co' a lição  
era um tipo inteligente, no futuro e no presente,  
ondava interpretação.

Um dia perguntô: — Mestre, o que é que Deus não vê?  
Ele disse: — Deus vê tudo no mundo, em menos de um segundo,  
ele tudo pode sabê. Ele disse: — Que nada. Cadê seus estudos?  
Um homem vê otro homem, só Deus não vê otro Deus,

Me responda agora: qual é o olho que chora? Tem a vê co'nsolação.  
Ele disse: — Eu num sei. Ele disse: — Lá muito perto da gente tem

---

53 Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de poesia declamada por Glicélio Gavião, em Rubim, 1989.

um oitavo importante, tem um moço muito doente, suas lágrimas têm paladar;  
quem não deixa de chorar é o olho d'água vertente.

Me responda agora: uma cova bem cavada, doze mortos rescindidos,  
e todos mortos falando, cinco vivo passeando, trabalhando em três sentidos.

Ele disse: — Eu num sei, porque... Ele disse: — Essa cova é uma viola;  
com primo, baixo e bordão; mortas são as doze cordas; quando canta o cidadão,  
canta, toca e faz o verso, os cinco vivo no progresso são os cinco dedo da mão.

### **C31, N31, M8**

#### **O MININO GIGANTE<sup>54</sup>**

Vivia um casal, pobrezinho. Aí, que a mulher tava nos dia de ganhá neném, o  
isposo dessa mulhé vai e morre: ficô ela sozinha no mundo. E eles num tinha nada.  
Nada, nada ele tinha; era pobrezinho.

Aí essa mulhé saiu po mato pa panhá lenha, e lá no mato ela ganha esse  
minino, essa criança sozinha. Aí, e essa já nasceu cunversano, caminhano; ela pidiu  
uma machado à mãe dele pa panhá lenha, ele mesmo, o minino. Ele mesmo 'fundô  
no mato, tirô um enorme fexe de lenha, pôs na cabeça e saiu mais a véia, mais a  
mãe dele. Chegô lá na casa, ele jogô o fexe de lenha no chão e falô pa mãe:

— Pó cumê mamãe.

Aí a muié fiô ispantada, a mãe do minino; ficô assim, assombrada cum ele.  
Ela num tinha nada no terreno, tinha uns dois pintin véi', e matô esses pintinho e  
ferventô, e deu ele pa cumê. Aí, ele cumeno, falô assim:

— Eh mãe, traz mais que tá poco.

A véia foi e matô as duas galinhazinha, e antes de pidi, ele falô:

— Traz que tá bom, eu já como.

Aí, e a mãe assustada co' ele. E o rei tinha pidido a mulhé o minino pa batizá  
e cria pra ela. Aí a mulhé levô, falô assim:

— Eu vô dá um padre ele pa batizá, puque o padre tem o que ele come.

---

54 Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral contada por Isnaldo, em Rubim, 1989.

De resto, contô isso pa muita gente. Ela matô os porquinho. Depois que ele cumeu o porquinho, que pidiu mais cumida, a mãe dele pegô ele e levô. Falô:

— Ô cumpade, aqui o minino que eu truxe po sinhô batizá e criá.

Aí que o véi falô assim com a impregada:

— Ô, vai nega, faz mingau e traz pra meu fio.

Aí ela oiô asssim po rei e falô:

— Mingau não, meu padrin. Ele po' cumê a cumida.

Fez o pratin de cumida e troxe. Ele falô:

— Isso não, isso não. Isso num dá pra ele pô nem no buraco do dente. Eu vô matá um boi.

Matô um boi e mandô cuzinhá um quarto d'uma vez. Aí ela falô assim:

— Ô meu padrinho, po' trazê que ele já come, inquanto o sinhô cuida do oto.

Aí chegô esse minino, só cumeno, né?, só cumeno, só cumeno, e o rei mei' assombrado com ele. Aí a rainha falô assim cum rei, falô:

— Ô marido, faz isso amanhã: cê manda Juãozinho i no "Mato das fera" pa midi lenha, e lá as fera come ele, e nós fica livre dele.

Aí ele falô assim:

—É mesmo!

Foi no oto dia, cedin, correu e falô assim:

— Ô Juãozinho!

Ele pulô da palma no chão e falô:

— Pronto, meu padrinho.

— Cê pega os boi e vai no mato pa midi lenha.

Aí ele falô assim:

— Pois não, meu padrin. É pra já.

Aí ele foi lá, pegô a junta de boi, fundô po mei' do mato. Ói um pau aqui, e oto aculá, diz que ele passô o pau mais grosso que tinha no mato, e o maior; soltô o machado. E num parô não, só as ponta, mal mal. Agora, ele vai lá panhá a junta de boi, e a fera tinha cumido um dos boi; só tava co' os chifre de fora. Aí ele olhô assim pa fera, falô assim:

— Eh, cê cumeu o d'eu cumê à hora que chegá lá, né?, pois quem vai levá o pau de lenha é ocê.

E disimbuchô a vara nessa fera cum boi e tudo, e oto boi aculerado po mei' da fera, né?, e pau neste boi co' essa fera, até levá no terreno. Aí o rei oiô assim:

— Louvado seja Deus, ma' meu fio, meu fio, solta, solta!

Falô:

— Não, meu padrin, ela vai pagá ele, puque o boi d'eu cumê à hora de chegá ela matô.

Diz que bateu nessa fera, bateu, bateu, até matô. A hora que ele acabô de matá a fera, ele falô:

— Ô meu padrinho, dá um jeito nu'a cumida aqui, que eu já tô pa morrê de fome.

E o rei farta de boi, e ele só cumeno, só cumeno; e farta de boi, e ele só cumeno. E amanhã, e dano otos pau pra ele. E ele vai, ele vai, ele vai, esse minino cumeno esses boi, esse minino cumeno os boi, aí a rainha falô cum rei no oto dia de noite:

— Ô marido, ó: amanhã cê manda ele i lá no inferno leva uma pasta po capeta mais véi', praque os capeta mat' ele e nós fica livre.

Aí o rei falô assim:

— É mesmo!

Quan' foi no oto dia, cedo, ele falô assim:

— Ô Juãozinho.

— Pronto, meu padrinho.

— Toma esse bilhete aqui; cê vai lá no inferno e intrega essa pasta aqui pro capeta mais véi' e traz a resposta pra ieu.

Aí ele falô assim:

— Pois não, meu padrinho, é pra já.

'Rancô um imbornalinho, e o rei deu ele hum mil em réis. E ele viajano, ele num tinha fome. Aí ele rompeu; ele vai ino rompeno, e nada de chegá nesse inferno. Ele vai, ele vai, el' vai, el' vai, el' vai. Aí ele incontrô um ferrero. O ferrero tava trabaiano. Aí ele foi e perguntô o ferrero:

— O sinhô sabe informá ele aqui onde é que é a istrada que vai po inferno?

Aí o ferrero:

— Ó, cê vai ali, volta, passa dibaxo daquele cruzero, passa dibaxo daquela

pedra; na ota pedra é o inferno.

Aí ele falô assim:

—E pru quanto cê faz uma truqueza pra ele, bem furnida pra ele i agora?

Aí o ferrero falô assim:

— Hum mil réis.

Ele falô:

— Pode fazê.

Aí ele sentô, isperô, o ferrero fez a truqueza e intregô ele. Ele deu o dinheiro o ferrero, e a truqueza na capanga. Siguiu viage po inferno. Chegô lá, quando incontrô com o capeta mais véi', aí ele falô assim com o capeta:

— Bom dia, moço.

O capeta tá intalado, com o beijão dibruiado pra baxo. Aí ele falô:

— Bom dia, moço.

Nada desse capeta respondê. Aí ele meteu a mão no imbornale e falô assim:

— Ó, esse bilhete foi meu padrin que mandô pr'ocê, e o sinhô me dá a resposta, que eu quero voltá agora.

E o capeta calado. Aí o capeta discuidô dele, ele pegô o capeta po beijo co' a truqueza. Falô:

— O sinhô num qué me a resposta não, né? Pois cê vai dá meu padrin...

E ele vai agarrado, e o capeta po beijo, siguro. Quando chega dibaxo do cruzero, que o capeta falô co' ele:

— Não, ele num passa dibaxo disso não.

— Pois cê tem que passá; ele passô...

— Pidiu pa passá ni ota istrada não, puque ele errô e passô foi por essa.

E sujigô o capeta na truqueza; entrô o capeta, passô dibaxo do cruzero. Aí elevai, el' vai, el' vai, e só cortano o mundo, e ele sigura o capeta. Ele vai, ele vai, ele vai, el' vai, e foi o minino. Quando chega na casa, palácio todo fechado, aí ele grita:

— Ô meu padrin!

Aí que a mulhé ispantô:

— Marido, tá o minino.

Quando eles foro colocá ele, esse minino sigura o capeta po beijo.

— Aqui, meu padrin, ele num quis me dá a resposta não; eu truxe pa dá a resposta po sinhô.

Aí o rei falô assim:

— Solta, meu filho! Pelo amor de Deus, não!

Ele me ele dina. E diz que ele foi apertano essa capeta na truqueza; foi apertano, foi apertano, até o capeta intrô dento do reino. Aí que ele soltô o capeta, que o capeta istorô, virô aquele fumação no mundo. Aí ele virô:

— Ô, meu padrin, eu tava morreno de fome.

Farta de boi, e ele só cumeno carne. Ele vai, esse minino cumeno carne, e eles ideano o que fazê co' esse minino. Ele vai, ele vai, el' vai; e morre um boi hoje, morre oto amanhã; morre um hoje, morre um oto amanhã. Aí que a rainha falô assim:

— Ô marido, amanhã cê chama Juãozinho, cedo, e antes dele pidi coisa pa cumê, e vai no cartório: o que nós tem, parte no meizin' com ele. Depois que ele cumê o dele tudo, ele morre de fome. Aí o rei falô:

— É mesmo.

Oto dia, cedo, chamô ele:

— Ô Juãozinho!

Ele:

— Pronto, meu padrin.

— Nós vamo no cartório, puque o tisoro que eu tenho é partido no mei' cum cê. Aí ele falô assim:

—Pois não, meu padrin, é pra já.

Ele saiu. E a mãe dele, morreno de fome, tá sozinha. Ele foi po cartório mais esse rei. Chegô lá, o que o rei tinha, o tisoro do rei foi partido no meizin' cum ele. Aí ele falô assim:

— Ô meu padrin, agora o sinhô dê os documento.

Diz que o rei passô os papel, assinô e intregô ele. O lado da sede ficô pra ele. Aí ele pensô assim: “Eh, agora ele vai buscá a mãe dele”. Chegô lá e falô:

— Ó minha mãe, vão 'bora. Vão morá nós dois agora.

Depois que ele pegô a mãe dele, que pôs dento de casa, a cumida dele era um prato raso de cumida, dois aos poco. Mais nunca ele cumeu um boi duma veiz,

dois, tudo.

Eu tô na perna do pinto, eu tô na perna do pato, o rei falô: “Se fô mintira, ocês me conta as quatro”. Isso é mintira; isso num é verdade nãoo...

### **C33, N33, M8**

#### **JUÃOZIN E PENA VERDE<sup>55</sup>**

Diz que tinha um casal que tinha três filhas: uma por nome Pena Verde, uma por nome Pena Amarela, ota por nome Pena Azul. E diz que Pena Verde era a mais bonita que tinha das três irmã. Aí que certos tempo chegô um rapaz na casa desse povo, por nome Juãozin. Aí que ele ficô por ali, ficô mais esse, ficô com esse, ficô, ficô, e namorano com Pena Verde iscundido. Quan’ foi um dia ele pidiu a mão de Pena Verde em casamento. Aí o véi’ falô cum ele que ele casava com Pena Verde, mas depois que ele fazesse um sirviço pra ele.

E a madrinha de Pena Verde diz que era Nossa Senhora, e a véia mãe de Pena Verde diz que era feiticera. Aí, e o véi’ marcô uma roça pa... po Juãozin roçá, quemá, plantá e dá ele os mantimento tudo num dia só, coitadin, e deu pa ele um machado de metal. Ele falô: “Minha Nossa Senhora!”, o que é que ele vai fazê?

Diz que ele foi p’essa roça, fazê essa roça. Aí, quando ele deu a primera machadada na plantação, diz que o machadin virô o corte lá po lado do cabo. Ele pegô um facão e disintortô o machadin. Aí ele foi e largô pra lá, falô: “Ah! Eu num consigo não...”. Dexô e sentô dibaxo du’a moita. Aí diz que Pena Verde chegô co’ o almoço pra ele, falô:

— Mas Juãozin, Juãozin , cê num já fez nada...

Aí ele falô assim:

— Mas comé que faz, Pena Verde, cê qué vê?

Aí foi lá, deu ota machadada, o machadin virô. Ela falô assim:

— Ó, deita. Come e deita aqui — no colo dela — e vai durmi.

Aí que ele cumeu a cumida, deitô e ‘garrô no sono. Aí ela ‘cordô ele,

---

55 Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Silvânio, em Rubim, 1989, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

quando... quando ela ‘cordô ele, os mantimento tava tudo separado, culhido, tudo quanto é qualidade de mantimento. Aí ela voltô e foi imbora, e ele ficô lá. Ficô, ficô, ficô, quan’ foi iscureceno ele vei’ ‘mbora. Falô com o véi’:

— Ô véi’, a impreitada tá pronta.

Aí o véi’ foi lá vê, tava pronta. Era treis impreitada. Aí ele falô assim:

— Ó, a sigunda impreitada: cê vai naquel’ tanque, tira a água daquele tanque toda cum dedal, separa tudo quant’ é qualidade de peixe. Diz que ele chegô e meteu o didal nesse tanque: só tirano água, só tirano água, só tirano água... Quando Pena Verde chegô, ele nu’ ‘inda tinha tirado duas lata d’água do tanque. Aí que ela falô:

— Mas Juãozin, Juãozin , cê ainda tá desse jeito...

Aí que ele falô:

— Comé que num tá, Pena Verde?! Pois num dá rendimento não...

Aí que ela falô assim:

— Come e deita — no colo dela.

Aí ele cumeu, deitô no colo dela. Quando ele assustô, os peixe tava tudo separado as qualidade. Aí ela vei’ mbora. Aí a véia, dibaxo da casa — e Pena Verde chegô — a véia ficô assim meia disconfiada com Pena Verde... quan’ foi iscureceno ele chegô. Falô:

— Pronto, véi’, tá pronta a empreitada.

Quan’ foi de noite a véia falô assim:

— Ô véi’, isso é sirviço de Pena Verde.

Aí o véi’ falô:

— Vô vê se é sirviço dela. E de noite, é amanhã, ela num vai levá cumida pra ele, ele tem que cumê aqui. Eu vô mandá ele juntá os animale da fazenda tudo, e dá ele aquele burro preto pra muntá. Quan’ foi de noite, ela foi no quarto de Juãozin e falô assim:

— Ô Juãozinho, ó: meu pai vai mandá cê muntá num burrin preto, pa juntá tudo quant’ é qualidade de animal que tivé na fazenda: cego, alejado, são, doente... e o burrin vai sê meu pai, e minha mãe vai fazê do meu pai o capeta. E ocê bate no meu pai pra valê, cê po’ batê nele de laço e de pau, até ele urrá treis veze. À hora que ele urrá treis veiz ele ‘caba o incanto — e o burro era cego, do jeito do véi’.

Aí já sábia, quan’ foi cedo ele pegô esse burrin preto, arriô e muntô, diz que o

burrin saiu saltano co' ele tudo quanto era chapada, e saltava. E diz que ele meteu a laça nele, meteu a laça nele, meteu a laça nele, até esse burrinho urrô. Urrô treis veze, o burrin já num tava 'güentano subi os topo, cançado. Aí ele juntô tudo quanto foi animal e pôs no curral. Aí Pena Verde falô cum ele, falô assim:

— Ô Juãozin , minha mãe num vai dexá nós fugi, num vai dexá nós casá não. Eu vô fazê treis boneca, vô cuspi na boca das treis boneca, e nós vai fugi meia noite. Cê vai lá na manga de madrugada, pega o cavalo mais magro que tivé e traz.

Tinha um cavalo por nome de Ventania e tinha otro por nome Relâmpago. O Ventania era o gordo, Relâmpago era o magrin Aí ele foi. Chegô lá, diz que incontrô os dois cavalo, um magrinho e o gordo, ele falô assim: “Esse seco num 'güenta nós... esse seco num 'güenta nós dois não, vô pegá esse gordo”. E pegô o tal de Ventania. Aí ele falô:

— Eu truxe o cavalo, Pena Verde.

Quando ela foi vê, falô:

— Ô Juãozin , num é, era esse não, era Relâmpa', era o mais magro. Mas cê já troxe esse, vão 'bora.

Aí ela foi e 'panhô treis dedal de sal, treis dedal de alfinete e treis dedal de cinza. Falô:

— Vão 'bora, Juãozin .

Aí que eles muntaro nesse cavalo e foi 'mbora. Quan' foi bem mais tarde da noite, e o véi' falô... a véia falô assim:

— Véi', véi', Pena Verde num tá aí não.

Aí o véi':

— Dexa de sê besta, muié! Quando é que Pena Verde sai uma hora dessa?

Ela nunca saiu.

Aí diz que ele chamô:

— Pena Amarela!

A moça respondeu:

— Sinhô, meu pai!

— Pena Azul!

— Sinhô, meu pai!

— Pena Verde!

Uma bonequinha respondeu:

—Sinhô, meu pai!

Aí Pena Verde pôs o ouvido no chão, falô assim:

— Ô Juãozin , minha mãe já fez uma boneca falá, só tem duas. Vão 'bora.

E eles rompero, rompero, rompero, muntado nesse cavalo. Quan' foi mais tarde, a véia tornô a falá:

— Vêi', véi', Pena Verde num tá aí não.

Aí o véi' tornô a chamá:

— Pena Amarela.

— Sinhô, meu pai.

— Pena Azul.

— Sinhô, meu pai.

— Pena Verde.

A ota bonequinha:

— Sinhô, meu pai!

Ficô uma. El' vai, el' vai, el' vai, ele vai, ele vai, el' vai... aí a véia tornô a falá:

— Vêi', véi', Pena Verde num tá aí não.

O véi' tornô a chamá as moça:

— Pena Amarela.

— Sinhô, meu pai.

— Pena Azul.

— Sinhô, meu pai.

— Pena Verde.

A ota bonequinha:

— Sinhô, meu pai.

Rompero. Quan' foi o dia já 'manhiceno, a véia:

— Vêi', véi', Pena Verde num tá aí não...

Aí o véi' pôs a boca no mundo:

— Pena Amarela!

— Sinhô, meu pai!

— Pena Azul.

— Sinhô, meu pai.

— Pena Verde.

Nada. Tornô a chamá Pena Verde, nada. Chamô treis vez, Pena Verde num respondeu. Aí a véia falô assim:

— Ela fugiu cum Juãozin . Pega o cavalo e vai atrás.

Aí o véi' foi na manga e pegô o Relâmpago. E foi imhora atrás de Pena Verde. El' vai, el' vai, el' vai, el' vai, el' vai, el' vai... aí Pena Verde pôs o ovido no chão, falô:

— Ô Juãozin , evém meu pai. Mas faz isso: eu viro a Santa... eu viro a Santa, cê vira o padre, e o cavalo vira a igreja. Meu pai passá perguntano por nós, cê fala: “Dobra os ouvido, pra casamento é mil réis, batizado é tostão”.

Aí ele virô o padre, e a igreja, e a Santa. Aí o véi' chegô, falô:

— Ô Seu Vigário, sinhô num viu passano uma moça aqui mais um rapaz muntado num cavalo assim, assim e assim não?

Ele falô assim:

— Dobre os ouvidos, pra casamento é mil réis, batizado é tostão.

Ele falô assim:

— Não sinhô. Ele num tá nem casano nem batizano não. Ele tá perguntano se o sinhô num viu uma moça passá aqui mais um rapaz...

Juãozin tornô a respondê:

— Dobre os ouvidos, pra casamento é mil réis, batizado é tostão.

Aí ele voltô, o véi' voltô. Chegô em casa:

— Cadê, véi'?

Aí o véi' falô:

— Ora, véia, eu perguntei um padre se eles num viu Pena Verde passá lá mais Juãozin, o padre me respondeu que: “Dobre os ouvidos, pra casamento é mil réis, batizado é tostão”.

Aí a véia falô assim:

— Ó, o padre era Juãozin , a igreja era o cavalo, e a Santa era Pena Verde. Vai atrás.

Aí o véi' voltô. Quan' tava pega-num-pega, Pena Verde falô assim:

— Ô Juãozin: eu viro a rosa, Ventania vira o pé-da-rosa e ocê vira o beija-flor. E ocê num dexa meu pai passá não. Se ele vim pa passá, cê pinica ele.

Aí, na mema da hora, virô esses bicho. E evém o véi', que evém danado muntado ne Relâmpago. E Juãozin pinican' esse véi', pinican' esse véi', o véi' risistiu até ele acertô o ôi do véi. Furô o ôi do véi', o véi' voltô.

Aí a véia:

— Cadê, véi'?!

Aí ele zangô:

— Ora "Cadê, vei'"! Olha a situação que ele tá: cego.

Aí ela falô assim:

— Quem te cegô foi Juãozin . Quem vai atrás deles agora é ieu.

Aí a véia passô a perna nesse cavalo e foi, atrás de Juãozin . Aí Pena Verde pôs o ouvido no chão e falô assim:

— Eh Juãozin , quem vem atrás de nós agora é minha mãe, e minha mãe é dura! Mas vão 'bora.

Aí, quan' tava pega-num-pega, diz que Pena Verde jugô o dedal de cinza, e só virô aquele fumacero no mundo: num via nada. Diz que essa véia foi tentano, foi tentano, foi tentano, foi tentano, até conseguiu passá. Aí Pena Verde falô:

— Juãozin , minha mãe passô... Ma' vão 'bora.

Rompeu, rompeu, rompeu... quan' tava pega-num-pega, diz que ela jogô o dedal de alfinete: virô só ispinho, e nem pensamento passava. Aí diz que essa véia socô esse cavalo em cima, el' vai, el' vai, el' vai... el' vai até conseguiu passá de novo. Aí ela falô:

— Eh Juãozin , só tem o sal. Mas de Deus virá um remédio. Vão 'bora.

Aí quando a velha tava pega-num-pega com eles, diz que ela jugô o dedalzin de sal: virô aquela água sem fim. Diz que a véia socava esse cavalo pa passá até no mei', voltava. Tentô treis veiz, num conseguiu passá, aí ela sentô em cima du'a pedra, e falô assim:

— Eh Juãozin , pode sentá aí que minha mãe num passa mais não.

Aí que a véia falô com Pena Verde:

— Eh Pena Verde, assim como cê perdeu o amor dela, um dia cê há de perdê o de Juãozin também.

Aqui memo ela voltô, e Pena Verde siguiu mais Juãozin. Chegô lá 'diante, Juãozin , muito saído, causa que Pena Verde era muito bonita, falô pa Pena Verde:

— Agora cê fica aí em cima dessa peda. Eu vô na cidade buscá uma carruagem, um vistuário procê. E cê num pode apresentá pra minha mãe desse jeito não.

Aí diz que Pena Verde falô:

— Ô Juãozin , ó, mas cê tem cuidado,cê num dexa ninguém seu te bejá nem do lado direito e nem do isquerdo. E nem gente istranha também.

Aí que ele falô:

— Tá certo.

Aí que Juãozin foi, tinha muitos anos que Juãozin tinha desaparecido da cidade. Aí que um pega Juãozin daqui, pega Juãozin dacolá, ele tirano o povo dum lado, tirano o povo do oto, diz que vei' uma namorada dele que ele dexô, e abraçô ele e bejô ele: ele isqueceu de Pena Verde, nem alembra de Pena Verde mais. E ficô, ficô, ficô, ficô, e todo mundo conhicia Juãozin. Ficô Juãozin tempos... e Pena Verde isperano por ele.

Aí Juãozin já tinha tratado casamento, com a otra moça. Aí Pena Verde foi e desceu pa cidade, Pena Verde foi e desceu pa cidade. Aí que ia passano um moço c' um papagaio, Pena Verde foi e comprô o papagaio e foi na... nu'a sapataria, mandô o sapatero fazê pra ela um chicote e um nego bem grande de cera. O sapatero falô:

— Pra que a sinhora qué?

Ela falô assim:

— Não. Puque eu só insino passo verde falá cum nego de cera e chicote. Aí diz que fez o chicote pra ela e o negão de cera. Aí que ela rompeu. Chegô n'ota rua, ela falô assim:

— Ó, o sinhô sabe informá ondê que mora um Juãozin, que há muito tempo desapareceu daqui da cidade? Ele tava trabalhano po pai dela, e ele vei' 'mbora sem o pai dela acertá cum ele... e o meu pai mandô eu vim trazê um dinheiro agora pra ele, e ele vei' 'mbora sem ele recebê o pagamento.

Aí o moço falô assim:

— Sei, ele vai até casado, já treis dias.

Aí que ela falô:

— O siô pode me levá lá?

Diz que ele falô:

— Posso — mandô um meninozinho levá.

Aí... aí diz que levô Pena Verde na casa do próprio Juãozin . Chegô lá, tava ele sentado mais a noiva dele, aí que ela falô assim:

— O sinhô dá licença eu pô meu papagaio pa falá?

Diz que a namorada dele falô assim:

— Pa...!, pode pô, que ela gosta muito de vê papagai' falá.

E diz que Pena Verde foi e falô assim:

— Ô papagai', ocê alembra daquela vez que ocê pediu o casamento po meu pai, meu pai falô comigo ocê... que ocê só casava comigo depois que ocê fazesse treis impreitada pra ele?

Aí diz que o papagai' véi' pensô e falô assim:

— Não me lembro, não me lembro...

Aí diz que ela meteu o chicote no negão de cera. Aí ela falô assim:

— Ora, papagaio, mas cê alembra da vez que meu pai mandô ocê fazê a roça, eu cheguei lá, ocê num deve tê derrubado nenhum pé de pau, eu levei sua cumida, mandei cê cumê, deitá ne meu colo... quando cê levantô os mantimento tava tudo coído?

Ele falô assim:

— Não. Não me lembro, não me lembro...

Aí ela falô assim — e ela meteu o chicote no nego —, ela falô:

— Mas, ô papagai', mas cê alembra da vez meu pai mandô ocê tirá água do tanque todinha cum dedal, separá tudo quanto é qualidade de peixe, quando eu cheguei lá cê num 'inda tinha feito nada?... Cheguei, cê cumeu, durmiu, quando cê acordô os trem já tava tudo no jeito?

— Não me lembro, não me lembro...

Ela: chicote no nego. Ela falô:

— Ô papagaio, mas cê alembra da última impreitada? Eu avisei pr' ocê, falei: “Ô papagaio, cê vai muntá ne meu pai, que é procê fazê assim, assim e assim, até meu pai urrá treis vezes? — e Juãozin mais a noiva incostado, iscutano, e rino...

Aí que ele falô assim:

— Não me lembro, não me lembro, não me lembro.

Aí ela falô:

— Ô papagaio, mas cê alembra o dia que foi pra nós fugi, eu mandei cê pegá o cavalo mais magro que tinha, cê foi e pegô o mais gordo? Meu pai vei' atrás de nós, ocê virô o padre, eu virei a Santa, o cavalo virô a igreja... meu pai perguntô por nós, cê falô: “Dobre os ouvidos, pra casamento é mil réis, batizado é tostão”?

Ele falô assim:

— Não me lembro, não me lembro...

E ela: chicote no nego, chicote no nego. Ela falô assim:

— Ô papagaio, mas cê alembra a última vez que meu pai vei' atrás de nós: eu virei a rosa, ocê virô o beija-flor, e o cavalo virô o pé-da-rosa? Cê pelejô, até furô o ôi do meu pai...?

Aí ela... que ele falô assim:

— Não me lembro, não me lembro, não me lembro...

Ela pensô, dexô ele discansá um poquinho... ficô, ficô, ficô... Aí ela bateu nele, no negão, tornô a batê no nego de cera. Aí falô:

— Mas, ô papagaio, cê alembra que minha mãe vei' atrás de nós, eu joguei o dedal de cinza, minha mãe passô; joguei o dedal de alfinete, minha mãe passô; joguei o dedal de sal, minha mãe num passô, voltô pra trás e falô que assim como eu perdi o amor dela, um dia cê ia... cê ia perdê o meu também?

Diz que esse papagai' ficô foi horas pa respondê. Ficô, ficô, ficô, ficô, aí ela falô:

— Hein, papagaio, cê alembra?

Mas o papagai' sacudiu a cabeça e falô assim:

— Tô quase me alebrano, tô quase me alebrano — aí ela bateu no negão, drobado do que ela tava bateno.

Nessa hora que ela bateu nele, que o papagaio falô que lembrava, Juãozin já 'fastô um poquin da moça, dize que já num ficô mais perto da moça. Aí ela falô:

— Ô papagai', mas cê alembra que ocê me dexô em cima du'a pedra e falô pra mim: “Ô Pena Verde, cê fica aí que eu vô buscá uma carruage, um vistuário procê, que cê num pode apresentá meu povo desse jeito”, que eu falei assim: “Ô papagaio, ocê num dexa ninguém seu te abraçá e nem te beijá nem do lado direito e nem do isquerdo”?

Diz que o papagai', o papagai' pensô, pensô, pensô... aí que o papagai' falô assim:

— Já me lembro, já me lembro.

Aí que ela bateu no nego. Quando ela acabô de batê no nego, que Juãozin voltô, levantô e abraçô cum ela, e falô com a otra moça:

— Minha namorada é essa daqui.

Aí que já mandô ajeitá o casamento. Mandô fazê o vistuário pa Pena Verde, foi apresentá Pena Verde pos pai dele, e dize que a ota suicidô ela mesma — dize, eu num sei não, é o povo que fala. Dize que a ota suicidô ela mesma, e que Juãozin tá viveno feliz mais Pena Verde até hoje. Diz que teve muita festa, mas eu num sei... que eu num fui... num participei dessa festa... Eu vejo é o povo falá, de caso de dia no assado, mas eu num vô na festa, puque eu contei isso não. Entro na perna do pinto, a perna do pato, diz que o rei mandô falá que se eles queresse mais contasse ao menos quato. Só que eu não vô falá mais... (risos.)

Parei

### **C35, N35, M9**

#### **O PRINSPE LARGATO<sup>56</sup>**

O prinspe Largato, o pai dele morava ali naquela Chacra do Barão, ali, pra cá do hispitá. Ali trabaiano em mina de oro ali, foi trabaiano em mina de oro, quando chegô na matriz, ond'é a Igreja da Matriz agora, ês dero naquele barranco muito alto, atrás da igreja. A linha de oro entrô, que a linha de oro era um cordão de oro quase da grussura duma varinha desta. Que passava.

E ele cumpanhava aquilo, tirava, tirava aquês gaio que ela dava. Eles tirava aquilo. Chegô lá, deu fundo dimais. Ela agora tava varano lá pa Igreja do Rusaro afora. [– Largato é o fio de oro? O nome que dá o fio de oro que eles iam tirano, garimpano?]

– la tirano, tirava pedaço mesmo.

[– por isso qu'é Príncipe lagarto.

<sup>56</sup> Transcrição de Carolina do Socorro Antunes e Sônia Queiroz, a partir de gravação feita com Seu Gervásio, no Serro, em 1988, por Reinaldo Martiniano Marques.

– Chamava príncipe Largato porque, por ca' desse fio de oro?

– É. Ele qu'ê o prinspe Largato...

– Pois é, mas porque que ele chamava Largato?]

E tinha uma moça, fia dum oto rei, quiria casá cu'ele e ali pra baxo da Chacra do Barão tinha uma arvre grande onde é hispitál hoje. Tinha uma arvre grande ali. Aí o conde, o conde é ordenança do prinspe. Aí o prinspe saiu mais o conde pra i robá a moça pra casá, do oto lado assim do rio.

Aí o conde tá lá num quarto lá perto do palácio, né? E durmino lá. Aí chegô um passo per' dele.

– Alá, conde, cês vai robá essa moça, mas se ocês passá perto daquela arvre e dexá ela panhá uma fruta daquela, o pé da mala tem que virá e a morte vem me buscá e vem uma cobra mal pa picá. E se ocê contá, cê tem que virá peda.

Aí, e sumiu aquilo... Passô um mucadim e com poco vei otra vez. O príncipe tá lá durmino. Aí vêm otra vez. 'ss' assim:

– Alá! Cês vão passá lá. Na hora que cês robá a moça que fô chegá e cês dexá lá naquela lagoa, dexá ela panhá um gole daquela água, o pé da mala tem que virá e a morte vem me buscá, e vem uma cobra mal pa picá e se ocê contá, cê vira peda.

Aí ele guardô aquilo só na idéia. Na hora dele robá a moça el' robô. Quando passô nessa arvre, ela danô a querê panhá uma fruta daquela. El' cerca daqui, cerca dali e nada de dexá. Conseguiu panhá 'sim mesmo. Disse 'sim:

– É, num podia panhá!

– Ma' num pode panhá, conde, por quê?

– Num posso contá. Mas num podia panhá, não! Né bom, não!

Aí saiu, chegô na água tamém, uma água muito cristalina. Aí ela disse assim:

– Eu vô panhá um gole daquela água.

E cerca daqui, cerca dali, num dexô, ela teve que panhá um gole da água. Saiu.

Quando foi... O casamento foi do odo lado. O prinspe foi rumá uma casa muito boa pra ele do odo lado e eles foro pra lá pa essa casa e o casamento foi lá. Aí, ele falô cum prinspe assim, disse 'sim:

– Ó, agora, prinspe, eu sô sua ordenança. Ocê num qué me dexá eu largá pra nada, né? Entonce, eu tenho que mandá rumá minha cama dento do seu quarto. Aonde ocê vai durmi. Cê manda 'rumá minha cama den' do seu quarto que eu quero durmi den' do seu quarto. E cê me dá uma ispada daquela, maió daquela espada que cê tem maió. Uma espada feito essa espada da marujada jugá, o odo aqui assim.

Aí o prinspe, mais que dipressa, puxô a ispada e deu ele e mandô rumá a cama den' do quarto.

Ta lá durmino. Quando foi tarde da noite, chegô aquele bicho desceno pa parede abaxo. Chegô. [– Chegô a cobra, né? ] E a cobra vei desceno pa parede abaxo. O conde levantô e meteu a ispada nela. Ela caiu no meio do quarto e ele miudô a ispada nela, miudô a espada nela. O prinspe levantô, já tava com muitos dia que eles tava morano naquele quarto. Aí o prinspe levantô e di' 'sim:

– Que é isso, conde?

Aí o bicho que veio desceno aqui, matei ele e taí.

Ele dise 'sim:

– Ô, conde, ocê tem de contá, cê tem de contá o que que vem a sê isto.

Ele disse:

– Num posso contá.

– Não! Cê tem de contá. Se ocê num contá, eu vô te digolá ocê, cum cutelo. Digolá.

Aí ele ficô apertado e disse assim:

– Ah! Não, purquê eu pidi p'ocê arrumá a cama aqui dento do seu quarto e me dá a ispada que eu sô sua ordenança e tenho que guardá ocês aqui dento. E conteceu isso. Num era pa moça passá naquele pé de fruta e panhá aquela fruta.

Ela temô e passô. E panhô. Quando chegô naquela lagoa, tamém era a mesma coisa. Num era pra ela panhá, ela temô e panhô.

Quando ele cabô de contá isso, ele virô peda, o conde. Virô peda. O prinspe mandô fazê um oratorio grande e pôs ele lá. Naquele oratóro, aquela image de peda, né? Pôs ele lá e ficô só adorano ele aqui assim, ispiano ele, com aquele carim todo cum ele lá, mas ele num cunversava, num fazia nada, né?

Aí o prinspe dis' assim:

– Ô, conde!

Ele foi dis' assim:

Ô, prinspe, cê ta aqui, fazeno... me adorano muito tempo aqui e sua dona já ganhô criança lá. Tá picisano que ocê vai lá.

Ele disse:

– Uai! Se tá cunversano, cumé que, ocê num vira gente ota vez?

Ele disse:

– Ah! Num posso virá, num posso, é o incanto, né?

– Não, cê tem de virá gente otra vez.

Disse assim:

– Não! Pra mim virá gente otra vez, cê tem que i lá, batê o punhal no imbigo de seu minino e trazê o sangue e passá ni mim aqui. Aí é capaz d'eu virá gente otra vez.

Aí o prinspe foi lá dipressa, passô a ispada, o punhal no imbigo do minino, tirô um mucadim de sangue, passô na peda assim, ele virô gente otra vez. O conde virô gente ota vez, danaro braça, quando eles 'cabaro de abraça um ao oto, o minino tava já cum mai de... correno pa todo canto.[risos] Durô poco tempo a 'braçada, né?

[– Essa história é aqui contada aqui no Serro?

– É. Essa daqui 'conteceu aqui no Serro e foi contada aqui.

– Do prinspe lagarto, largato?

– É, o Prinpe largato. Era fi do rei largato.

– É, né? O senhor ouviu essa história de minino aqui, o senhor ouvia essa história?

– De minino. Qu’ eu sou quase da idade, eu regula a idade co’esse Serro aqui. – risos]

### **C36, N36, M9**

#### **DUM DUM<sup>57</sup>**

Pu’que esse Dum Dum foi um minino... o rei, morava em frente à casa do rei, que existia rei. Foi, a dona, estava pa tê o Dum Dum, o rei... aí em fente, tinha a varanda, e o rei d’oto lado. O minino nasceu. Quando nasceu, n’oto dia el’ pulô:

– Oi! Dum Dum pode mai’ que o rei! Oi! Dum Dum pode mai’ que o rei!

O rei oiô aquilo, falô:

– Uai! O mundo vai mudá... O mundo vai mudá...

Quando é nor’ to dia, o minino torna a levantá:

– Oi! Dum Dum po’ mai’ que o rei! Oi! Dum Dum po’ mai’ que o rei!

O rei falô:

– Eu vô tomá esse minino pa criá.

Tomô o minino... e o minino nasceu conversano, né?, ês contava, né? Ês contava.

Minino nasceu conversano, quano foi no oto dia:

– Bença, Manetajes.

– Deus te abençoe.

– Dum Dum pode mai’ que o rei.

Respondeu, né? [ A fita acaba nesse ponto, continua no lado b ]

– Foi criano esse minino.

[– O nome, o sinhô falô é Mané? “Bença, seu Mané?”

– Não, magestade. (entrevistador 2) Ah! magestade.]

Sim, é, sim: bença o sinhô magestades [magestade (sobreposto à voz do

---

<sup>57</sup> Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por João Maria Batista, no Serro, 1989, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

entrevistado), hum, hum!]

Foi, el' falô assim:

– Dum, Dum Dum pode mai' d' que o rei.

[– hum hum]

Aí el':

– Tenho que criá esse minino.

Foi, foi aí:

– É! Vão vê o quê que dá isso.

Foi criano, esse minino foi, quando tomava ben':

– Dum Dum pode mai' que o rei.

O rei só:

– Que jeito, gente, que Dum Dum vai podê mai' do que eu?

– Dum Dum pod' mai' que o rei.

Co' bença. [risos] Deus t'aben'...

– Dum Dum po' mai' que o rei.

Aí, el', o rei, falô:

– Uai, vão vê, uai! Ô Dum Dum...

Dexô el' crescê, ele ficô maió – que contá ela demais, fica cumprido demais, né? –

Quando ele foi ficano maió, ele falô:

– Não, vô criá esse minino. Qu'esse minino é pirigoso podê el' mai que eu quando de véio.

Quando ele teve u'a idade que já podia andá a cavalo, pá dá um passeio, pra el', po rei compreendê que ele num podia mais que ele, né?, falô:

– Ô Dum Dum, tô criano ocê até hoje.

– Dum Dum pode mai' d' que o rei.

– Pega dois animár, prende ali, que nós vamo no Serro amanhã cedo; pega aquela égua e pega esse cavalo. Nós vamo na fazenda...nu'a cidade, né? Agora, quando o dia clariá que nós vamo chegá. Quando o dia num clariá, nós num vamo.

– Ah, o que é isso? Dum Dum pode mai' d' que o rei.

Pronto, né. Pegô a égua, pôs lá; pegô o cavalo, pôs lá. Pa saí de madrugada, pá chega na\_cidade de dia clariano. Agora, o Dum Dum, de noite, acordô, e deu uma mente: foi e cortô o beço do cavalo do rei, de ficá assim. E o rei já tinha ido pelado o

rabo da égua, e de ficá sureca, né?

Pronto. Quando foi de madrugada:

– Vam’?

– Ó, que Dum Dum pod’ mai’ que o rei.

Quando chega na cidade, que o povo vira, falô ‘sim:

– Ó a égua sureca! Ó o rei, ó o cavalo do rei rino da égua! [risos] Ó o cavalo do rei rino da égua!

O rei ficô todo disapontado, né? Vortô.

– Num é que é? Tá podeno memo, ele tava podeno mermo, mai do que eu...

Pronto, vortô, né?

– Dum Dum, ocê, dum jeito eu vô pô a cadera aqui, ocê ficá só ‘qui, que ocê pode mai’ do que eu divera.

Mas mandô... E ele morava, o Dum Dum morava na frente, e o rei pra cá, né? Foi, o Dum Dum, da casa dele, mando fazê, mandô fazê um buraco que desse certo aonde ele tava sentado, e ficô naquilo. Foi passano, foi passano... Ni um dia, o rei perguntô

– era pa cadera afundá, e el’ caí no buraco, terra em cima, intupi ele, po rei ficá, né? Mas Dum Dum, sem ninguém sabê de nada, fez o trio/crivo de lá no lugá que ele tava. Mandô, né? Fizero. Quando foi no dia:

– Bença, sô Majes.... Bença, sô Majestade, Dum Dum po’ mai’ d’ que o rei.

A cadera buf! El’ falô:

– Joga terra! Joga terra!

Quando chegô lá, ele tá co’a violinha:

– Ei, Dum Dum pod’ mai’ que o rei! Ei, Dum Dum po’ mai que o rei! — lá na frente de lá, né?

Gente, o que qu’o faço co’ aquele minino?

E é apostado, po’que era coisa de forca, né?, que ia pa forca.

– Que co’ faço co’ aquele minino? Vão vê.

Vortô pa cá. Vortô, né?

– Dum Dum, eu quero uma coisa, amanhã. Qualé que é mais craro: é o dia ô o leite?

– Dexa de sê bobo, qu’ é o dia, siô rei! Óia, que Dum Dum pode mai’ que o rei.

– Dexa d’ sê burro: o leite é mais craro do que o dia. Cê vai tirá leite na vacada amanhã, e vão vê qualé, qualé que é.

Não, ele num falô nada não, né? Aí:

– Sô rei, Dum Dum pode mai' do que o rei. O dia é mais claro que o leite.

– Intão vão vê.

Aí, gente, o Dum Dum levantô de madrugada, pegô a vacada, tirô o leite e pôs uma bacia d'água no mei' do corredor, arrumô u'a fuguera de paia cá fora:

– Corre, sô rei!, que a fazenda quemano. Corre sô rei, que a fazenda quemano...

Quando o rei dirruba no leite, e cai:

– Ah não! O quê? Se fosse mais claro, cê ia caí no leite?

Ele, pá.

– É... tá danado esse minino.

Foi imbora.

– Agora, como nós vão fazê?

– Oh, só sei que Dum Dum pode mai' que o rei.

– Dum Dum, cê vai a u'a outra fazenda pra mim, e eu vô mandá um recado pro cê, p' cê vim, viu?

– Ah, eu vô. Mas Dum Dum pode mai' que o rei.

Aí, o rei mandô o Dum Dum pa lá, porque qu'ele mancasse, ele ia sê inforcado, né?

Mandô:

– Eu vô, ué. Mas Dum Dum pode mai' que o rei.

Quando chegô lá, o rei mandô a carta: “Dum Dum, cê vem aqui, não vem a cavalo; não vem montado a cavalo, não vem de ropa. E não vem a pé. Quero cê aqui”.

Aí, o que que el' fez, né? “Não vem...é...Não vem vistido, não vem a pé, e nem vem a cavalo”.

Foi Dum Dum:

– Eh... eu vô 'cabá seno inforcado mermo gente, mas Dum Dum pode\_mai' que o rei... – pensô lá sozin, né?

Foi mandô pegá uma égua, inrolô numa coberta e montô na égua, e chegô.

– Uai, mas o que qu'eu falei c' ocê: que num vinse a pé, não vinse vistido, e nem vinse a cavalo.

– Eu vim inrolado na coberta e montado nu'a égua. [risos]

Aí o rei:

– É, tá danado.

E o rei tinha uma fia só, né? Era uma fia qu'ele tinha. Falô:

– Ó, fica quieto aí.

Ele ficô. E saía pa lá e, e tocava a violinha de bambu. Qu' era de bambu, que num havia viola não; era assim: num tem o bambu? Rachava e punha 'sim. E falava:

– Êh, Dum Dum po' mai' que o rei! Êh, Dum Dum po' mai' que o rei!

Aí o rei falô :

– Sei agora, mandá buscá a pulicia, prendê ele den' dum tanque, jogá no mar. É o jeito.

Fez um alçapão e pôs ele dento. [ barulho de porta abrindo ] E trancô. Mandô chamá quato sordado, levô, né? Tinha um buteco por perto, soldado deu vontade de tomá um gulin e pôs ele no camin. Evém dois lote de bode – cê lembra daqueles, co aquelas estrela, co' um trem: tendém pemberserém berém bem bem bem... – O moço que tava lá dirigino os dois lote de bode, as mula, perguntô:

– Que cê tá fazeno aí?

– Rá! Sô rei mandô no mar buscá um tanque de dinheiro que num tem nem conta, qu'eu vô trazê.

– Uai – e os soldado tudo lá no buteco, né? – Uai, munta na minha mula, qu' eu vô entrá aqui dento. Eu vô entrá 'qui dento, e ocê...

– Nem! Eu fic.... p'ocê rico e eu ficá pobre... Eu quero buscá isso lá no mar! Eu quero buscá isso lá no mar.

– Ó... Sendo que o sinhô tá isistino... Eu sei que Dum Dum pode mai' do que o rei. Sinhô qué, entra aqui.

Ele intrô e dismantô na mula com os dois lote de burro e aparembô, p' oto canto, né? Quando chegô, jugô lá den' do mar – jugô o oto coitado, né? Perdeu o home até hoje, né? O home até hoje num 'pariceu. Ai gente, quando leva uns... uns trinta dia assim, o Dum Dum chegô co' aqueles burro, co'a prata alumiano ele tudo: tendém pemberserém berém bem bem, e aquilo tudo lotado, lotado:

– Ô seu rei! Num falei? Dum Dum pod' mai' do que o rei! Dum pode mai' do que o rei! Dum Dum pode mai' do que o rei!

Tin dim dim dim dim dim! Tin dim dim dim dim dim! O rei oiô aquilo:

– Gente, faz isso comigo, faz isso comigo.

– Ah, não, mas leva muito saco. O sinhô, o sinhô me pôs cum poco saco pa forrá.

Se eu levasse mais saco, mais coisa vinha, que nem colchão o siô pôs. Qu'eu levasse mais saco, mais coisa vinha.

Aí, era uma fia só, né?

– Êh, Dum Dum po' mai' que o rei! Ei, Dum Dum po' mai' que o rei!

O rei:

– Ocê vai fazê isso comigo! Que eu quero ficá rico.

Aí ele caprichô também e mandô a puli...:

– Aí ó, ocês quatro memo vão me levá.

E a puliça:

– Óia gente, cumé que ele vortô rico divera. Porque nós...

– Cês trabaiairo direitin?

– Trabaieimo, uai!

– Comé que el' achô essa riqueza?

Ele foi e virô pa puliça:

– Justamente: é, oh, não truxe mais coisa puque ele me deu poco saco pa levá. Óia a sacaiada que tá aí... Põe tudo aí dento. Agora, ele vai vortá mai' rico. Mai' Dum Dum pode mai' que ele.

Jogô o rei no mar, e ele casô co'a fia dele, ficô mandano no palácio do rei.

E Dum Dum... [risos] [– virô rei, provô]

E Dum Dum foi e virô, e contô pos oto, né?:

– Eu canto cinco, e conto quatro, [risos] a história acaba, quem conta é o pato. [risos sobrepostos]

[– Como é que é? Eu canto cinco, eu conto..

– Eu contei... É um...é um verso que tem assim...]

É, ês fala: “Eu contei cinco, e vai o quatro, a história acaba quem conta é o pato.”

### C38, N38, M9

#### A HISTÓRIA DA CAIXA<sup>58</sup>

Era um José, iscravo do Alerão Pinhero; o Alerão Pinhero era dono da Fazenda do Prego; Carlos de Paula era dono duma Fazenda do Delgado. Esse Carlos de Paula tinha um burro... criô uma égua, essa égua deu um burrinho cardão; a égua era cardã, deu burrinho intão cardão.

E é uma época de festa em Milho Verde, Festa do Rosário, aí o José, filho do Alerão Pinhero, disse que ia muntá no burro, e esse burro era raspeitado, ninguém tinha corage de muntá, que ele já era rei do monto. Aí o José atentô, desceu, foi lá na fazenda do Carlos de Paula, e chegô lá, arriô, os otro iscravo chegô lá disse pra ele que num muntava naquele burro, que o burro era muito pirigoso. Ele falô assim:

— Não, eu sô o pião, nasci pra montá nesse bicho, e sô pião e munto.

Eles falô assim:

— Num munta não que cê morre.

Ele falô assim:

— Não, nasci pra muntá, eu vô muntá nele no pêlo.

Aí eles num quisero, num dexô ele muntá no pelo, ele arriô, colocô lumbinho no burro e amontô. Logo que ele cumeçô a muntá o burro já saiu sartano; sartano e os otos iscravo, todo mundo saiu acompanhano, e ele invinha assisti a Festa do Rosário em Milho Verde, e viero os otos iscravo acompanhano; distância de umas 3 o 4 quilômetro, o burro caiu no margeado, todo ispedaçado, morto. O lumbinho saiu, já num tinha mais lumbinho e ele continuô em cima do lombo do bicho; e ele num morreu na hora, mas já tava todo quebrado tamém.

Aí os otros iscravo saiu correno pa pegá socorro ne vários donos de sanzala, aonde tinha o Carlos de Paula, o Alerão Pinhero, tinha mais uns otos de São Gonçalo, mais as otras sanzala lá, que eu num me lembro o nome deles. Aí, ês

---

58 Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral contada por Ivo Silvério, em Milho Verde, 1989.

pegaro esse corpo, isso aí procurô, juntô a turma dos nego, e juntô o corpo, pegaro o corpo, pôs na cuberta, e levaro de São Gonçalo; viajaro 6 ou 7 quilômetro com ele na costa, chegaro lá, colocaro dentro da Igreja.

Nessa época havia um padre por nome Padre Espíndola; esse padre diz que era muito perdooso. Aí o padre ungiu o corpo lá, mas nada do corpo se intregá, morrê; aí o padre virô e falô assim:

— Vai em Milho Verde e traze o caxero co' a caixa do Rosário.

Aí foro, imediatamente, uns 4 quilômetro que nós tamo de Milho Verde, foi lá e pegaro o Vicente do Prego, co' aquela caxa que tá ali, e levô. Quando chegô lá, o Vicente do Prego chegô na porta da Igreja, o padre mandô ele que ele tocasse na caixa. Ele deu o sinal na caxa, o corpo foi se intregano.

Essa caxa tem quase duzentos anos. Ela ficô abandonada, essa caixa, há vários anos, lá pelos grupo lá, da nossa vila lá... agora tá com oito ano que eu peguei ela, e eu falei assim: “Isso é uma coisa de grande futuro”, né? A madeira é de cedro... Tem quase duzentos anos só a madeira; agora arco, o coro, é a gente que sempre troca.

### **C39, N39, M10**

#### **A MULA-SE-CABEÇA<sup>59</sup>**

Minas Novas, tinha uma muiér que virava mula sem cabeça. Puxava a batina sabe, e ela vinha muito aqui, e esse homem conhecia ela. Chamava batistãozinho, trabalhava com padre, um dia ele saiu, ela urrou lá na chapada, ele sabia que ela passava aí né, i el” pegou no freio do padre, do cavalo do padre e veio esperar ela da rua, ele era muito levado, não tinha medo de nada e quando ela vei, ela vei insistindo nele, ele gritou atira, atira na boca dela, e ela virou uma mulher,

---

59 História contada por Américo Gonçalves Medes, 84 anos, 1987, gravada por Vera Lúcia Felício Pereira, transcrição não identificada.

peladinhazinha, sim, sim sem ropa sem nada. É agora que seu padre descobriu... Me leva lá em casa, aí ele foi lá dentro buscou a capa do padre enrolou nela e pegô o cavalo que tava ali arriô, o padre tá durmino sem sabê de nada, e pôs ela na garupa e disatinô foi em Minas Novas e sortô ela lá e veio, quando o dia manheceu ele tava aí. O padre levantô e tava o cavalo moiado de suó, que será isso? Aí foi e perguntou ele. Ele contou o caso. Essa muiér nunca mais ele encantou ela, que tá lá no sobrador em Minas Novas. No sobradão lá tinha um rastro dela e tem um rastro dela lá e nessa época usava isso e hoje acabou né...

### **C40, N40, M10**

#### **CACHORRO PRETO DOS DENTE VERMEI' <sup>60</sup>**

Inclusive aqui na... na base de cinqüenta ano... não, mais. Na base de setenta anos atrás, aqui na comunidade de Barrero era um lugar assim: o povo... levô tempo assim, na maioria, só em brincadeiras, né?, falava o Afonsão, eh... Súcia, que tratava o nome, né?, reunia e ia dançá. E infelizmente aqui no barrero caiu assim uma... grande tipo de prostituição. Num era totalmente um tipo de prostituição, porque naquele tempo era considerado prostituição porque não corria dinheiro. Sabe comé que é. Intão o negócio aqui começô a ficá assim, naquela religião que havia o povo, aquelas mulheres ficavam muito discriminadas, e virô aquele negócio, e aquela brincadera, aquela dançarina... E havia aí um pai de família, que inclusive era até tio de meu pai, e ele, agora, eles fazia muita cumida pra tratá daquele povo que ficava dançano, né? Uns tocano sanfona, otros dançano. Quando eles ia cuá café pra dá o povo, eles juntava um arco de ferro, assim pra pô o cuadô, né?, e esse arco de ferro começava a rodá assim: duuummmm, assim em roda, e num conseguia cuá café. E cumeçô a aparecê no mei' dês cachorro preto de dente vermei', no mei' desse povo. E inclusive deu até muito assim... muito acidente — que o véi' meu pai conta esses caso, né? — que até deu de arma dispará no mei' deles, adonde até... chegô até de matá pessoa nessa época, né? E o que é que ês fez? Aí eles passaro a rezá terço; em vez de fazê a dançarina, né?, passô a rezá terço. Aí fazia aquelas

---

60 Transcrito por Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral contada por Faustino Gonçalves dos Santos, em Turmalina, em 1988.

corrente rezano terço daqui pr'ali, pa tê mão do que deu na época co' eles, desse negócio. Por isso que o pessoal — sabe que o pessoal tem medo desses trem daquele tempo, né? — mas o povo não discriminava, conforme eu acabei de falá, né? Intão havia essas idéia de assombração.

### C41, N41, M10

#### O NEGO DA MANJARRA<sup>61</sup>

Existia um rei que tinha uma fia muito bonita, e ele tinha seus iscravos. Então, muitos iscravo era invocado a querê casá co' a fia do rei, né?, pro vê que num pode mesmo, né?, iscravo casá co' a fia do rei. Aí, todo dia, na frente da casa tinha um alpendre, a moça sentava no alpendre e ficava leno revista. Então, o nego passava entre um serviço, junto co' os oto e cumprimentava ela.

— Bom dia mi'ró — é que ele queria dizê “Bom dia, minha rosa”, mas, como a língua dele num dava, ele falava “miró”.

Então ela respondia:

— Bom dia, nego.

Aí quando foi um dia, ela perguntô o pai dela:

— Papai, o que quer dizê “miró”?

Ele disse:

— Por que, minha fia?

— É porque todo dia passa um nego aqui e me cumprimenta desse jeito: “Bom dia, Miró”. Eu respondo: “Bom dia, nego”.

Aí, quando foi um belo dia, o pai dela falô assim:

— Sabe, o dia que ele passá aqui e te cumprimentá falano “Bom dia, miró”, você responde “Bom dia, meu cravo”, e convida ele pra vim sentá aqui com você e me chama, que eu quero insiná ele.

Assim ela fez. O nego lá ia passano, o nego lá ia passano, aí, quando ele falô “Bom dia, mi' ró”, ela foi e respondeu:

— Bom dia, meu cravo. Vem chegá pra cá; vem sentá aqui comigo...

Aí ele foi. Sentô lá cum ela, aí ela foi e chamô o pai dela:

61 Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de gravação com Francisco Lourenço Borges, em Turmalina, 1988, gravação Reinaldo Martiniano Marques.

— Ó, o nego tá aqui, pai.

Aí, quando o pai dela chega, fala assim:

— Bom dia, nego.

Ele assim:

— Bom dia, sinhô.

Intão você qué mes' casá co' a mia fia, né nego?

— Eu pretendo casá co' ela. (risos)

Aí foi, falô:

— Tá certo.

Era época de moage, eles tava moeno, e falô assim:

— Vamo, pega lá dois copos, minha fia; vão lá pra varanda do engenho pra gente tomá uma garapa.

Aí, certo. Foi lá, passô a mão nos dois copo e foi convidô o nego, e foi o rei co' a fia e o nego foi lá pa varanda do engenho. Chegô lá, o rei incheu um copo de garapa, deu pra filha dele e incheu oto e cumeçaro a tomá a garapa. E chamô o oto nego e falô assim:

— Olha, traz uns dois dos iscravo aí e fura a orelha desse nego, e tira aquele boi da manjarra e coloca ele lá no ingenho, e coloca ele pra ele moê, enchê o cocho — que o cocho tava vazio.

Assim eles fizeram: furaro a oreia do nego, tirô o boi lá da manjarra e colocô o negro, e chegô coro nele; foi bateno, bateno, obrigando ele a moê, até que incheu o cocho. O rei saiu e foi imhora com sua filha, e o negro ficô lá moeno. Quando o cocho incheu, eles tiraro ele da manjarra e o nego saiu e deitô lá no bagacero, e ficô triste chorano lá.

Aí, o nego saiu e foi imhora. Quando foi no oto dia, na hora de i po serviço, o nego passô junto co' os otos de frente o palácio, mas já passô calado; num quis cumprimentá a moça.

Aí, e o rei tinha insinado pra ela:

— Se ele passá calado, você chama ele e bole com ele, cumprimenta ele.

Assim ele fez; aí, passô calado. Quando já tava dano as costa pra ela, ela falô assim:

— Bom dia, meu cravo. Por que cê le vai passano calado? O quê que ‘cunteceu?

Ele foi e virô pra ela, falô assim:

— Cê fala pro seu pai, que quem tem seus canavias grande, que previne de boi, que eu num sô boi não — e pronto. Terminô a estória.

### **C44, N44, M10**

#### **A HISTÓRIA DO BEJA-FLÔ E DA ABELHINHA<sup>62</sup>**

Era uma vez uma casa bunitinha, com um jardim muito bunitinho, muitas flores. E lá naquele jardim ia borboletas, abelhas, beija-flores, né?, e o beija-flor e a abelha, ês ia sugar o nécta das fores, né? Toda noite, todo dia eles ia lá, né?, chupá o nêc’a das flores. Intão, um dia, o beja-flô era mais forte, não dexava pra abelhinha. Aí a abelhinha começô a chorá:

– Ah! Beja-flô, beja-flô, voc’ê ingrato, beja-flô, voc’ê ingrato. Num dexa néctar pra mim, beja-flô...

Aí o beja-flô falô assim:

– Ah... não. Eu sô mais forte, num vô dexá pr’ ocê não abelhinha. De jeito nenhum.

Aí a abelhinha ficava triste, triste; nunca que sobrava nécta pra ela, né? Intão, um dia, a beija..., o beija-flor, né?, que era a mãe, né?, do beija-flor, né?, viu aquilo, chegô e falô assim:

– Ô meu filho, cê tá muito errado. A abelhinha é fraquinha. Cê tem que ajudá a abelhinha; você é forte, cê tem que dexá nécta pra abelhinha também.

Intão ele chegô, a abelhinha tristinha na janela, triste, triste, chorano... Aí o beija-flor chegô de mansinho, beijano as flores, e chegô, falô assim:

– Ô Abelhinha, que que tá acunteceno? Cê tá triste demais Abelhinha... Que que aconteceu?

– Ah, Beija-flor... Você é mau, você é ingrato, você num dexa néctar pra mim...

– Ah, Abelhinha! De hoje em diante eu vô dexá sim. Eu tiro pra mim e dexo pra você.

Intão a abelhinha começô dançano, né?:

– Ai, que delícia! Agora eu vô bebê nêc’ também.

<sup>62</sup> Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Maria Terezinha Orsini Almeida, (Vó Tereza) em Turmalina, 1995, gravada por Rômulo Monte Alto.

Intão ela começô a olhá pro beja-flô, o beja-flô cumeçô a olhá pra ela... e cumeçaro a namorá, cumeçaro a namorá. Intão o beja-flô um dia chegô perto da abelhinha e falô 'sim:

– Abelhinha, eu tô cum vontade de te beijá...

Aí ela falô assim:

– Me beja beja-flô, me beja beja-flô!

Aí o beja-flô chegô: huum!, huum!, huum!

–Beja-flô! Ai beja-flô, que bejo gostoso, que bejo gostoso...

A abelhinha bejava o beja-flor. Intão aquela coisa assim:

– Ô abelhinha, vão casá abelhinha? Vamos casá?

– Ô, beja-flô, vamo sim beja-flô. Vão casá, sim.

Aí casaram... A mãe da abelhinha fez um vistido lliindo pra ela, um vistido branco, bunito! Ela vistiu de noiva, e o beja-flô vistiu aquela ropa chique de noivo, né?: aquele ismoque/smoking muito bunito, muito grã-fino, e foro pa igreja, casaro, fizero um casamento muito bunito. Depois, eles foram durmi juntos; foram, né?, morar juntos, durmiram juntos, e aí surgiu daí uma purção de abelhinha, uma purção de beja-flô. [risos]

### **C45, N45, M10**

#### **A HISTÓRIA DO CUELHO<sup>63</sup>**

Ó: há muitos e muitos anos atrás, houve uma seca muito grande no mundo. Num chuvia; intão os rios secaram, as, as fontes também, né?, os animais ficaro com sede, né?, os homens ficaram preocupado: o que é que fazia?, igual tá 'conteceno agora que num tá chuveno, né? Mas naquel' tempo num tinha jeito mes', e os animais da floresta, preocupado co' aquilo, intão ês ressolvero a fazê um poço lá na floresta, né?, pra dá água pros animais todos, né? Aí, Teresa, sabe?, ês cumeçaro a fazê, fizero uma reunião primero, pra combiná tudo direitin, pra vê os animais que iam ajudá. Aí o cuelho, ó, como sempre levado, caíu fora. O cuelho não quiria ajudá. [voz de criança]

Aí os animais fizero o poço, né? Quando a água ficô limpinha, limpinha, ês falaro:

63 Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Mariza Augusta Orsini Lopes (vó Mariza), em Turmalina, 1995, gravada por Rômulo Monte Alto.

– Agora sim, ma’ nós também num vão dexá o cuelho tomá água não, qu’ele foi muito safado. Ele num ajudô, agora el’ num toma água.

O cachorro falô ‘sim:

– Ó quem vai vim...

E resolvero tamém montá a guarda lá no poço. [Voz de criança: – O macaco! Depois cês vai vê, o macaco é muito safado. Daqui a poco cê vai vê.] Resolvero montá a guarda, e o cachorro, né?, falô ‘sim, primero el’ fez: “Au! au! au!”, né?, e falô assim:

– Eu que vô ficá aqui no poço essa noite, que o cuei’ num vai botá os pés aqui de jeito nenhum! Num vai mes’.

E o cachorro ficô lá, de vez em quando latia, né?, dava aque’s uivos que a floresta toda ficava assim iscutano aquilo, né?

Aí o cuelho, né?, safadin, dexô ficá bem tarde, falô:

– Ah, o cachorro deve tá durmino.

E vei de lá co’ as cabacinha, as cabacinha assim: telelec telelec, telelec telelec.

Chegô no poço, qu’ele viu que o cachorro tava com o oi’ bem aberto, el’ falô assim:

– Ô seu cachorro, me dá um tiquin d’água... que dexa eu inchê minhas cabacinha...

Aí o cachorro falô:

– Não senhor, eu num vô dexá ocê enchê não.

E o cachorro, e o cuelho saiu caladin, colocô o rabinh’entre as perna, ó, e foi caminhano, foi caminhano. Chegô na porta de uma véia – que tirava muito mel de abelha e fazia queijo tamém – Aí, quê que o coelho fez? intrô den’ dum pote de mel, e, quando el’ tava bem sujo, el’ foi dibax’ de/de tarde nu’a árvore, e sujô todo de folha e ficô ‘quel’ bicho mais horroroso do mundo! [voz de criança: – Mais horroroso do mundo!] ‘Quele bicho ó, chei’ de folha no corpo intero, né? Ele virô otro bicho, num era o coelho não. Aí, quando chegô lá perto do poço, né?, o cachorro tava lá sentado. Ele falô assim:

– Uai, mais que bicho istranho é esse chei’ de folha? [voz de criança] Aí o cachorro falô:

– Intão cê pode apanhá. Aqui quem num pode apanhá água, quem num pode apanhá água é só o cuelho. Aí o coelho, né?, safadin, incheu as cabacinha de água e foi imhora bem rino do cachorro.

No otro dia, quando os bichos chegaro, o cachorro falô assim:

– Ah! O cuelho num apanhê água não – e el’ contô a história: quem tinha apanhado água foi só o bicho folharada. [voz de criança: – E ês caçuô do cachorro.]

Aí eles cumeçaro a caçoá do cachorro, falô:

– Bem que foi o cuelho, bem que foi o cuelho [voz de criança]

Aí a onça resolveu ficá, a onça falô:

– Ah! Agora eu que fico. E o cuelho num vai colocá os pés aqui, que ele tem medo de mim!

Mas quando foi lá pelas madrugadas, a lua tava como uma prata no céu, de tão clarão, de tão bonita! [voz de criança: – De bunita.] Maravilhosa mes’, né? E a floresta tava lá brilhando, as folhas, né?, tudo bunito. E a água tava lá branquiiinha, branquinha no poço. E veio o coelho: pelelec pelelec, pelelec pelelec. [risos e voz de criança: pelelec, pelelec] Aí, quando a... – e a onça dano aquês uivos, né?, que a floresta toda retumbava. Quando o cuelho foi chegando, a onça deu aquel’ miado graande, deu aquel’ miado graande e falô assim:

– Coelho não vai ‘panhar água aqui, de jeit... apanhar água aqui, de jeito nenhum num apanha mes’.

Aí o cuelho falô assim:

– Ô dona onça, mas como que a lua tá bonita! Olha que maravilha da lua.

Fez a onça olhá pra lua, a onça ficô lá muito boba, né?, de boca aberta lá olhano a lua, o que que ele fez? Vei’ co’ um punhado de areia ó: [voz de criança: jogô no olho dela] jogô no olho da onça. E a onça ficô doida lá sem sabê, aí o coelho aproveitô e incheu as cabacinha, né? Ele foi imhora.

No oto dia, os bicho caçoaro da onça do mesmo jeito, né?: “Ela foi muit’ boba”. [voz de criança: Agora o macaco é muito isperto.] Aí, no oto dia o macaco falô:

– Eu que vô ficá aqui essa noite. Eu vô ficá – e cumeçô. [voz de criança: o macaco é muito esperto, gente.– risos.– Cês vai vê comé que o macaco vai sê muito isperto. Cês vai vê.]

Aí, quando chegô a noite, né?, o macaco tava lá. Que que o macaco fez?: o macaco fez um buneco de cera e pôs lá, um buneco pretinho, né? Aí chegô o cuei:

– Ô seu buneco, me dá aí um poco d’água aí? [voz de criança: – tá calado, o buneco num falava nada mesmo, né?] Tá calado, tá calado. O macaco tava lá, né? [voz de criança: – Tá veno cum’ê que o macaco é isperto], o macaco tava lá – e o macaco

iscundido – e o buneco lá. Aí o coelho falô assim:

– Ô seu buneco, me dá um tiquin d'água?

O macaco... o muleque tá calado, tá calado, tá calado. [voz de criança: – num falava nada mesmo] Aí o coelho falô co'ele:

– Eu te dô um tapa! – bateu um tapa nele, a mão ficô 'garrada. – Eu vô te dá oto tapa – bateu no tapa, a mão ficô 'garrada. Agora eu vô te dá uma pesada, um coice bem bom!

Pegô e bateu com os dois pés nele e ficô lá, pregadinho; ficô pregadinho no muleque de cera... Aí, quando o macaco viu que el' tava lá bem siguro, el' ó: ele chegô perto e amarrô bem o cuelho, amarrô, e foi e falô:

– Ó, agora eu vô chamá a bicharada toda.

O dia já tava manheceno, o sol já tava cumeçan'abrilhá, né?, e el' foi chamá a bicharada pra o cuei' ficá bem sem-graça. Mas acontece que inquanto el' foi lá chamá, o cuei' ficô lá assim:

– Quem me acode! Quem me acode! – e chorano, e gritano...

Nisso passô um ratin, e o ratin falô assim:

– Uai sô cuelho, mas por que que cê tá gritano tanto?

Ele falô assim:

– Ah, é porque eu tô preso aqui... nesse muleque; el' num que soltá minhas mãos...

Aí o ratin falô assim:

– Ah, intão eu vô imbora. Po' ficá preso aí.

O cueio falô assim:

– Ô ratin, volta aqui... Eu tenho um negoço pra fazê co'cê. Me solta aqui, que eu vô ali na casa daquela véia, e vô buscá um quejo procê. Cê pode ruê, ruê a corda. Pode ruê; vai rueno a corda, rueno, ruendo. Cê me tira daqui que eu te dô um quejo. Aí o rato foi rueno, foi rueno, foi ruendo, até que o cueio soltô do buneco. Aí o macaco... o cuelho foi lá, buscô, comprô um quejo na mão da velha, né? e deu pra o ratinho. Quando os bicho chegaro de lá... lá perto on' tava o buneco, o cuei', cadê cuelho?, ô! el' já tinha ó! [estralar de dedos. Voz de criança: – Cascado fora] Cascado fora; o cuelho já tinha ido imbora. Aí os animais cumeçaro a ri do macaco, né?

E mais... desse dia em diante cumeçô a chuvê, num pricisô de ninguém i lá

buscá mais água lá no poço, intão o cuei' sumiu tamém, que el' num tava pricisano de i lá no poço, mais só que tem uma coisa: ele ficô mal visto entre os bichos. Os bicho acha o coelho priguiçoso, o home tamém acha o cuelho ladrão, pu'que el' roba cenora, el' roba cove.... E o cuelho num é bem visto não, por isso é que el' vive só correno e enfiado nas toca.

### **C47, N47, M10**

#### **HISTÓRIA DA CRISE<sup>64</sup>**

Eu mesmo tem u'a piada que a gente sabe de um, de um moço, a gente, sei d'ua piada d'um moço que tava num tempo du'a crise, igual nós tá nessa era de hoje, dessa seca, né? O cara saiu procurano um serviço, falô: – Vô caçá o distino. – A sorte do cara diz que fica no dedo grande do pé, né? Intão o cara saiu caçano o distino. Chegô na frente, topô um moço arrancano toco, e perguntô pra ele:

– Ô moço, que que cê tá fazeno?

– Tô aqui, tô arrancano toco. Nesse tempo a crise tá dimais, o serviço é poco, num acha serviço, tô 'rancano toco...

– Cumé que cê chama?

– Chamo 'Ranca-Toco.

– Ah, vamo comigo!

Aí, siguiu a viagem. Chegô mais na frente, topô um moço com uvido no chão.

– Ô moço, que que cê tá fazeno aí?

– Tô iscutano u'a missa em Romas.

– Po que que cê tá fa... po que cê tá fazeno isso aqui?

– Ah, nesse tempo o serviço é poco, ninguém acha serviço, intão tô ovino u'a missa em Romas.

Aí:

– Cumé que cê chama?

– Chamo Bom-Adivinhão.

– Vamo cumigo.

Aí siguiu:

---

<sup>64</sup> Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral contada por Onofre Cordeiro de Azevedo, em Turmalina, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

– Vão caçá serviço cumigo.

Siguiu à frente. Chegô mais na frente, topô oto cara cumeno pedra.

– Ô moço, cê tá fazeno aí dibaxo dessa pedra?

– Tô cumeno u'as pedra aqui, nesse tempo, a crise tá dimais, nessa seca, intão a gente num acha aonde se, se mantê, a dispesa pra gente cumê, que eu como muito.

– Cumé que cê chama?

– Chamo, eu chamo Come, Engole-Pedra.

Aí então:

– Vão cumigo.

Aí chegô mais na frente, topô um oto moço co' a ispingardinha atirano, apontano po lado de Grão Mogó, naquela serra, sabe?

– Que cê tá fazeno?

– Ah! Tô dano um tiro lá naquela serra, nesse tempo, ninguém acha nada que matá, intão eu vô, tô atirano naquela serra, vê se mato u'a onça tá atrás daquela serra. Aí ele oiô assim:

– Matá u'a onça?

Falô:

– É.

Aí então ele atirô, matô a onça. Aí chegô mais na frente, falô:

– Mas quem vai buscá essa onça, gente? Nós num acha quem busca ela.

Chegô mais na frente, topô oto cara, piado, co'u'as peia de ferro. Falô pra ele assim:

– Ô moço, o que, o que que cê tá fazeno aqui?

– Ói, eu tô aqui piado, que se me dispiá eu vô em Romas num, num, num sigundo e vorto. Eu, 'sim, eu tô piado, puque pa andá muito nesse tempo, a crise tá dimais, num dá pra gente andá dimais não.

[– Piado é preso, né?

Pre...piado das duas perna. Aí ele, ele falô:

– Ó, intão vão cumigo. Ah, mas nós tá com u'a car..., nós matô u'a onça e

num tem quem busca ela pra nós...

Falô:

– Aonde que ela tá?

Falô:

– Tá lá naquela quina daquela pedra lá.

E o cara pegô dipressa, foi lá, buscô a onça na cacunda, jugô na cacunda, levô o 'Ranca-Toco cum, cum ele, jugô a onça na cacunda e troxe imhora. Aí, foi a cumida qu'ês cumero durante a viagem deles.

Aí eles pegô, chegô num lugar, tinha u'a tarefa nu'a fazenda, quem fizesse treis mandato na fazenda ficaria rico, e se não fizesse, era degolado, era morto. Aí ele falô:

– Qualé o... qualé, o que que é pra fazê?

O moço, o faz..., o rei falô assim:

– Ó, quem cortá aquela peroba cum trinta minuto, eu dô a parte da minha riqueza. E se não cortá é degolado.

Aí ele falô:

– Ó. – o 'Ranca-Toco ficô de lado, falô:

– Ó, manda aí.

Ele, o faz..., o, o cara, o moço que invinha co'ele falô:

– Ó, vão lá cumigo. Vão lá cortá a peroba.

Deu duas machadada no pau, já tinha meiado a metade da madeira. Aí o rei falô assim:

– Ó, vamo em casa, vamo em casa, nós vão tomá um café, depois cê volta cortá o pau.

Quando ele chegô lá, o pau já tinha aumentado o dobro. Ele tinha u'a feiticera, que infeitiçô aquilo lá, aumentô o dobro. Aí o 'Ranca-Toco deu u'a machadada de lá, deu ota de cá, dirrubô, separô as duas tora, dento de pocos minuto, falô:

– Cê qué que 'ranca a raiz?

'Rancô a raiz, tombô pro lado de lá. Era o 'Ranca-Toco.

Aí, ele siguiu pa frente. Mais dipressa, falô:

– Ó, tem o mandato. Um cê fez, quero vê cês fazê o o. Minha nega vai em

Romas cum meia hora e... buscá u'a garrafa d'água. Quero vê se vocês vai.

E pensô assim, falô:

– Ó, vô sigui em frente. Vai você lá, Bom-Corredô.

O Bom-Corredô falô 'sim:

– Tira a peia!

Falô:

– Não, precisa tirá não, que eu vô lá.

Dexô a muié saí, quando é, quando a nega dele saiu, cum dez minuto que tava fartano pa meia hora, cum vinte minuto que a nega saiu, ele saiu. Quando ele chegô lá, que ele pegô a garrafa d'água, que lá ia saíno, topô com ela no caminho, passô por ela, ela falô:

– Ó, perai! Ispera 'i que eu tenho um coisa pa te dá. – Pegô a 'liança, colocô no dedo dele, ele durmiu. Quando ele acordô... ele durmiu, o Adivinhão pensô, o cara falô:

– Ó, nós tão morto.

Aí o Adivinhão perguntô, o oto perguntô:

– Por quê?

– A nega colocô u'a 'liança no dedo do Bom-Corredô e ele tá morto na istrada.

Tá, tá 'terrorizado na istrada.

Aí, o Bom-Atiradô falô:

– Ne qualé o dedo que ela tá?

Levô a ispingardinha, pá! Quebrô a 'liança, dispiô dipressa, vei' cá, buscô ota garrafa, foi lá em Romas, buscô ota garrafa d'água, chegô primero do que a nega. Aí ele falô:

– A coisa agora tá danada. Dois cês fizeram, ma' os três cês num faz.

Mais que dipressa ele falô:

– Ó, minha nega come um boi, de u'a vez. Quero vê qual docês que vai cumê.

Aí o Come-Pedra ficô todo...

– Puxa vida, co' essa crise que nós tá nela, nessa seca, né?, como que nós vão fazê pa cumê um boi? Eu... num... nunca achei nada pa cumê pa enchê...

Mais que dipressa, falô:

– Ó, mata aqueles boi.

Aí o... Engole-Pedra falou assim:

– Mata aquele de lá pra mim!

Mandô o patrão dele mandasse matá o maió pra ele. Aí, mais depressa, a nega começou, falou:

– Pode i cumeno. Quando ele tava fartano a metade do boi pa cumê, o Engole-Pedra começou, comeu o boi dele todo, foi na metade do boi da nega, comeu, a nega falou:

– Cê perdeu a aposta, cê comeu meu boi.

Ele pegô, falou:

– Será que eu perdi mesmo?

– Perdeu.

Intão foi na nega, comeu também, o rei falou:

– Cê perdeu a aposta, cê comeu minha nega.

Falô:

– Ô nei... Rei, agora cumi a nega, agora vô cumê é ocê.

Abriu a boca, taman da boca, falou:

– Agora vem você, seu Rei.

O rei falou:

– Pode fechá a boca. Por inquanto tá, tá terminada a história. Fecha a boca, num precisa me cumê não. A metade das coisa é docês. Aí terminô.

### **C48, N48, M10**

### **OS DOIS CUMPADRE E A VACA MANCHINHA<sup>65</sup>**

Era um cumpade rico e um pobre. O casal pobre tinha uma vaca com nome Manchinha. Agora, o rico tinha inveja daquele cumpade tinha aquela vaca, puque ele não tinha uma igual àquela. Todo dia ia lá na casa do cumpade e falava:

---

<sup>65</sup> Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral contada por Otaviano, em Turmalina, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

– Cumpade, me vende essa vaca?

– Ô cumpade, eu num posso te vendê, puque essa vaca é o pão de cada dia de meu filho.

– Não cumpade, mas o dinheiro é bom! Cum esse dinheiro, cê ganha muito tempo.

Aí ele pensô o caso e disse:

– Entonce eu vendo.

Aí vendeu a vaca. A par de tempo, o dinheiro daquela vaca acabô, ficava passano fome o filho, a mulhé dizia po marido:

– Ô cumé, vão matá a Manchinha?

– Muié, cê num tá doida? Pois nós já cumemo o dinheiro!...

– Não, nós matá ela de noite, de noite nós come.

A vaca chegô, pegô e matô.

Passô um dia, nada. Dois dia, nos treis dia, ele tinha mãe, a mãe era velha, e falô:

– Meu fio, seu cumpade matô essa vaca de noite, e de noite tá cumeno ela.

– Ah, mãe, num pensei nunca no meu cumpade.

– Pois foi que ele fez. Cê qué vê? Leva eu e põe lá den' da casa dele, que eu vô descubri.

– Mãe, mas cum a sinhora lá ele num discobre?

– Mas cê faz um caxão e põe ieu dento.

Ele mandô um fazê um caxão da espécie de guardá trem, pôs a véia dento, furô uns buraco no caxão. E dexô pra levá, dizeno que tinha vendido na cidade, né?, dexô pra levá o caxão de noite. Chegô, pidiu pra guardá o cumpade, disse:

– Ó, esse caxão, eu vendi ele na cidade, mas tá tarde, num posso chegá lá com ele lá.

– Cumpade, chega, vamo guardá. Põe ele aí no terrero.

– Não, no terrero não po' ficá. Que eles pode me robá. Quero é den' de sua casa.

Aí, levô o caxão pôs lá den' de casa. Quando foi lá bem tarde da noite, o mininin gritô na cama:

– Mãe!

– Que é, minino!?

– Tá chegano hora.

– Hora de quê?

– De cumê a carne da Manchinha.

A véia respondeu lá dento do caxão:

– Hum hum? Qué dizê: "num disse?".

Passá' de poco oto minino gritô:

– Ô mãe, tá chegano hora!

– Hora de quê?

– De nós cumê a carne da Manchinha.

A véia respondeu dento do caxão: — "Hum hum!". E em todas as treis vez que ela fez aquilo, o home foi lá e disse:

– O cumpade toxo o capeta e pôs den' de minha casa. Foi lá, pegô ele, tinha um poço d'água muito fundo, levô aquele caxão e jogô, "bal!", lá dento d'água. Já tava furado, a água entrô naquilo, né? 'Fundô. No oto dia o cumpade chegô:

– Ô cumpade, eu risolti a num levá mais aquele caxão; ele foi vindido barato dimais.

– Eh, cumpade! Num isperava essa do sinhô.

– Quê que foi?

– Cê tinha que trazê o capeta den' de minha casa?

– Aquilo num é capeta nenhum, não, cumpade!

– Beeh, vendê aqui um trem que toda hora fazia “hum, hum”. Eu peguei ele, joguei lá den’ daquele poço d’água.

– Ô cumpade, aquilo era o maió rilíquia que eu tenho no mundo! – mais num falô que era a mãe dele.

Virô o quexo pa trás. Chegô lá, tirô a véia do caxão, preparô ela. Pôs n’oto caxão, e mandô chamá o cumpade, que a mãe dele tinha murrido. Aí foi lá. Chegô lá, o cumpade viu aquilo, era aquele monte de jóia, né?, de oro no pescoço, e tal.

"Aquela véia foi interrada com tanto dinhero, e eu numa pobreza danada..." Interraro a véia, ele marcô o lugá. Foi lá, cavô e arranco aquela véia. Falô: "agora, o que é qu’eu faço co’ essa véia? Num vô interrâ essa veia não. Tinha um cavalo, no cerco, ele pegô o cavalo; marrô a véia em riba do cavalo. Marrô as perna dela por baxo, preparô uma xepa de pau, e pôs no cavalo, o cavalo e a véia em cima.

[– Ele preparou uma cepa de pau?

– É uma xepa de pau.]

No oto dia, el’ manda o minino pegá o cavalo; o cavalo lá ia, e agora, pra efetivá, o cavalo e ela em pé.

Nisso, chegô lá no alto, oiano, virô pra trás:

– Ô patrão!

– Que é que é?

– O capeta tá aí no seu cavalo.

– Fal’ isso não, minino.

Ele chegô, olhô, num é que é divera? "O capeta muntado em meu cavalo." Aí, mandô i lá na cidade chamá o padre pa tirá o capeta de cima do cavalo. O padre foi, o padre chegô lá, né?, e mexeu, revirô o caxão, e nada achô. Muntô na potranca, e a potranca que tava lá na posição, né? Quando o cavalo viu aquilo, partiu po lado da potranca. O pade, a véia num cavalo, o pade, a véia pego ele assim por de bai’ do braço e jogô ele no chão. O pade caiu no chão.

Aí o filho laçô e pegô:

– Ô minha mãe, até depois de morta a sinhora ainda me dá trabai!

Recurso que tem é quemá a sinhora. Pegô ela, fez u'a carruage, quemô.

### **C49, N49, M10**

#### **ASSOMBRAÇÕES<sup>66</sup>**

Na época da... da... que o povo falava de quaresma – que hoje, pra mim, num tem esse negócio de quaresma, nada disso, eu num considero essas coisa mais não; intão tudo bem; meu avô morava aqui pa frente, onde nós passô aí em diante, perto daquela lagoa ali – intão, diz eles que apareceu lá um porco muito grande, um lobisome. Um lobisome, e cumia leitão novo, cumia cachorro novo, e inclusive diz que esse home que virava lobisome tinha marcado de í na casa de meu avô. E nesse dia à noite ele passô lá e istralô ferradura nos pedrado da casa, em todo canto, e foi imhora. [Referência ao lobisomem]

Intão o meu avô disse: (Agora cês que mexeu na assombração, tão bulino comigo: só contano mais uma) O meu avô trabaiava num lugar, ali, nós passamo ali perto, chamava Passage... chamava não; chama Passage Alta. É ali naquela, pra cá da lagoa quando vira pra cá ali, né? Aí o meu avô trabalhava ali, arrendava terra, naquele tempo eles arrendava terra baratinha, tinha terra à vontade, e ele trabaiava até tarde. Aí quando foi um dia – e ele era um home assim muito trabalhadô... num era caçadô, mas era um home que tinha uns cachorro muito bõo, e era um véi' assim, que zelava muito das coisa dele, criação dele... um véi' muito zeloso co' as coisa, né? Intão, quando foi um dia, ele chegava.... todo dia ele chegava da casa dele mais o menos sete e meia, oito hora da noite, aí quando ele lá ia per' da casa dele, que ele viu um porco no mei' da istrada. Um porco assim, grande; e ele achô que era uma das porca dele, né não? Aí ele falô assim:

– Qu' é essa porca!!?

Quando el' falô assim, ela fez assim: jhiiiiii – suspendeu pra cima, ficô da

<sup>66</sup> Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral contada por Vicente de Nica, em Turmalina, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

artura dele. E ele tacô um grito de todas artura, e saltô pro cima disso, e no ele gritá, o cachorro iscutô o grito: isso é... isso é que é um amigo, né? O cachorro iscutô o grito dele, e o cachorro vei' que vei' doido, vei' em cima; e só el' chegô e cumeçô a churumingá e andá em roda dele, né? E num 'pariceu nada, pariceu nada.

E tinha um oto home – esse aí que tamém... isso aí é do meu tempo; isso é coisa novata, né?, que eu tô contano, coisas recentes; é contemporânea agora pelo menos, né? –, esse home chamava Pedro Rita. Esse Pedro Rita andava as meia noite; andava às meia noite e contava história diabólica danada, que essas história são diabólica, só pode, né? Intão, o que é que deu? Nesse mesmo lugá dessa lagoa, que a gente... que lá 'paricia muita coisa, ele le vai ino pra casa dele à noite. Aí tinha um peladô grande lá aonde que o gado amaiava naquele tempo, né? – o gado ficava solto; num era manga não – ficava aqueles peladozão... num tinha arma. Aí quando ele chegô lá, tinha uns... pulô um molequizin' adiante dele com olho de fogo, olho de fogo. E ele disimbainhô a inxada nele, disimbainhô a inxada nele, disimbainhô nele; ele com a inxada, tava trabaano fora, foi dano inxadada nele, foi dano inxadada nele... aí ele foi ino, e quando ele parava a vista nele, tirava a vista dele, ele num inxergava nada. Foi ino, chegô nu'a altura, ele moiô a camisa toda de suó, de tanto batê nesse moleque, aí diz ele que quan' chegô... – isso ele me contô – quan' chegô nu'a altura, falô co' ele 'sim:

– Vai po mei' do inferno! – falô co' ele; aí ele sumiu.

Aí, no oto dia ele foi lá vê, tava acavacado assim, moço, distância grande: tudo cavacado. Era ele, né? [– Era o demo?] Era o demo. [risos] Porque naquele tempo o diabo aparicia de uma manera; hoje ele já faz é de otra. A astúcia dele é diferente. Naquele tempo era lubisome, era mula-sem-cabeça, e isso via memo, o povo via, naquele tempo; isso aconteceu. Ele usava essas astúcia. Agora, hoje ele mudô todas astúcia dele. As astúcia do diabo hoje é tudo diferente, né? Num é daquele tempo não. Assim como o povo evoluiu, ele também evoluiu as astúcia dele, né? É diferente agora. O povo já fala em coisa diferente, né?...